

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens

André Luiz Silva

“ESTAMOS AO VIVO”: estratégias discursivas em uma transmissão direta na televisão

Belo Horizonte
2019

André Luiz Silva

“ESTAMOS AO VIVO”: estratégias discursivas em uma transmissão direta na televisão

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos de Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Giani David Silva

Belo Horizonte
CEFET-MG
2019

Silva, André Luiz.
S586e "Estamos ao vivo" : estratégias discursivas em uma transmissão
direta na televisão / André Luiz Silva. - 2019.
283 f. : il.
Orientadora: Giani David Silva

Tese (Doutorado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de
Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de
Linguagens, Belo Horizonte, 2019.
Bibliografia.

1. Acidentes aéreos - Cobertura jornalística. 2. Meios de
comunicação - Análise do discurso. 3. Transmissão ao vivo. 4. Globo
News. I. Silva, Giani David. II. Título.

CDD: 401.41



Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens

Tese intitulada “*Estamos ao vivo*”: *estratégias discursivas em uma transmissão direta na televisão*, de autoria do doutorando André Luiz Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Giani David Silva – CEFET-MG – Orientadora

Profa. Dra. Simone de Paula dos Santos – UFVJM

Profa. Dra. Wiliane Viriato Rolim – IFPB

Prof. Dr. Cláudio Humberto Lessa – CEFET-MG

Prof. Dr. Jerônimo Coura Sobrinho – CEFET-MG

Prof. Dr. Antônio Augusto Braico Andrade (Suplente) – CEFET-MG

Prof. Dr. Renato Caixeta da Silva
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens
CEFET-MG

Belo Horizonte, 5 de abril de 2019
Av. Amazonas, 5.253 – Belo Horizonte, MG – 30.421-169 – Brasil – tel.: (031) 3319-7140

*Dedico àqueles pelos quais meu coração dispara,
Miguel e Val.*

*Dedico ainda à memória de cada um que estava no
avião CP-2933 no dia 29 de novembro de 2016 e a
seus familiares e amigos.*

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pela saúde, estabilidade emocional e perseverança na realização desta pesquisa.

Aos presidentes **Luiz Inácio Lula da Silva** e **Dilma Rousseff** e seus ministros da Educação. Obrigado pela oportunidade de cursar o mestrado (com bolsa) e, agora, o doutorado, algo nem ao menos sonhado por meus pais, um operário e uma dona-de-casa. Que eu, como muitos outros jovens agora inseridos na academia, saiba valorizar e, sobretudo, lutar para que essa oportunidade não seja um hiato na história do nosso país. Sejam resistentes e resilientes!

Aos meus pais, **Margarida** e **Celso**, pela compreensão nos meus momentos de ausência e pelas palavras de incentivo e força quando o cansaço tomava conta de mim. Ainda que esta jornada, desde a graduação até o doutorado, não faça o menor sentido para vocês, tudo isso só foi possível graças a vocês. Meu eterno amor e gratidão por tudo! Muito obrigado!

Ao meu irmão, **Celso**, à minha cunhada, **Nathália**, à minha afilhada, **Maria Clara**, e ao meu sobrinho, **Gabriel**, pela companhia nos almoços de domingo, presenças sempre prazerosas e revigorantes para a cabeça e para a alma. Muito obrigado!

Aos(Às) primxs e tixs das Famílias Chagas Delfino e Silva. Obrigado!

Aos meus amigos, **Dayze**, **Douglas**, **Élton**, **Fernandinha**, **Fla**, **João Lucca**, **Mayra**, **Rafinha** e **Xandy**. Muito especialmente, ao **Zu**, que, mais uma vez, me ajudou com os gráficos desta tese. A caminhada é mais leve com vocês, amigos! Obrigado!

A **Giani David Silva**, que há oitos anos abriu as portas do CEFET-MG para que eu realizasse minha primeira disciplina isolada e, desde então, tem sido mais que uma orientadora. Agradeço pela confiança em meu trabalho, pela amizade e pelo carinho. Muito obrigado!

Aos amigos que o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG me trouxe, entre eles, **Agmar**, **Andrey**, **Júlio**, **Kelly**, **Leila**, **Marcos Maia**, **Rafael** e **Ricardo**. Agradeço especialmente a **Pollyanna**, revisora desta tese, tradutora do *abstract* e amiga que sempre me incentivou mesmo antes do mestrado, a **Letícia**, amiga que compôs a linda capa que abre esta tese, e ao **prof. Antônio**, que, com suas considerações sempre pertinentes e seu

olhar crítico tanto no projeto final, quanto na qualificação, foi fundamental para o rumo que esta tese tomou.

Aos professores do Programa, especialmente, **Ana Elisa, João, Renato, Rogério, Vicente e Wagner**. Cada aula, cada bate-papo estão aqui, senão diretamente, pelo dialogismo. Obrigado!

A **Lília Gomes**, amiga que muito me ensina e ouve minhas inquietações desde muito.

Aos(Às) companheirxs da Secretaria de Comunicação do CEFET-MG, **Bia, Diogo, Eliza, Flávia Dias, Gilberto, Izabela, Loh, Luiz, Mari, Marquinhos e Nívia**. Mais que ótimos profissionais e colegas de trabalho, encontrei em vocês amigos queridos para toda uma vida.

Ao **Pedro Godoy**, pelo belíssimo infográfico que compõe esta tese.

Ao **Júlio Sardinha**, por dar vida e movimento à rotunda midiática.

A **Nina Layotte**, que gentilmente traduziu o *résumé*.

A **Aline Aguiar**, que me abriu portas na *Globo* para obter parte do *corpus* desta tese.

Ao CEFET-MG, nas pessoas do secretário de Comunicação Social, **Luiz Eduardo**, e do diretor-geral, **Flávio Santos**, pela concessão da licença de três meses para realizar parte desta pesquisa. Muito especialmente, agradeço a **Nívia**, que muito gentilmente se dispôs a assumir meu turno no período da licença. Obrigado!

Aos professores, técnicos administrativos e estagiários da Secretaria do POSLING, pela atenção e cortesia sempre que precisei de ajuda.

Aos amigos e membros da banca, **Antônio, Cláudio, Jerônimo, Simone e Wiliane**, pelo aceite gentil em debater esta tese comigo.

À minha melhor amiga, àquela que sempre esteve ao meu lado e, na maioria das vezes, à minha frente nessa caminhada, ao meu amor... **Val!** Você foi decisiva para tudo que sou hoje,

como homem, como pai, como marido. Agradeço por entender e respeitar meus momentos de ausência durante esses quatro anos. Que continuemos com nosso “acordo íntimo, como a mão direita e a esquerda”. Te amo!

Ao meu filho, **Miguel**. Que daqui a alguns anos você leia esse singelo agradecimento e compreenda minha ausência em muitas de suas brincadeiras, quando eu dizia: “Papai não pode, vai lá em cima estudar.”. Que você saiba sempre que sua vinda foi como luz para minha vida, que meus pensamentos estão sempre com você, que graças a você hoje sou completo. Te amo!

Dar um nome humano a algo que acontece no mundo é uma das maneiras de humanizar o monstruoso e o informe que não entendemos. (TAVARES, 2013, p. 155).

RESUMO

Nesta tese, investigamos as estratégias discursivas em transmissões diretas televisivas de grandes acontecimentos noticiosos em situações de tragédia a partir dos pressupostos epistemológicos da Análise do Discurso de vertente francesa, especificamente a que assume uma perspectiva de discurso tal como o fez/faz Patrick Charaudeau. Nosso objeto empírico foi a cobertura “ao vivo” que a *Globo News* realizou sobre o acidente aéreo envolvendo membros da Associação Chapecoense de Futebol, profissionais da imprensa e tripulantes da empresa *LaMia*, ocorrido em 29 de novembro de 2016, próximo a Medellín, na Colômbia. O fato de o grande acontecimento noticioso ser “ao vivo” e não ter sido pré-planejado faz dele um gênero singular dentro dos Estudos de Linguagens, tornando-se um instigante *corpus* de pesquisa. Isso induz a uma realização discursiva mais autêntica em relação àquela que normalmente ocorre em outros gêneros televisuais, gravados e “ao vivo”, por se tratar de um texto em ato, em enunciação. Nesse sentido, buscamos, primeiramente, identificar elementos característicos da transmissão direta, a fim de diferenciá-la de outros sistemas técnicos de representação, para, posteriormente, analisar o processo diegético instituído pela emissora, considerando as estratégias discursivas implementadas e o modo como se dá a cadência sintático-discursiva da transmissão. Para isso, realizamos pesquisa bibliográfica e observamos sistematicamente a transmissão direta da *Globo News*, analisando a grade programática da emissora, os sujeitos (âncora, repórter/correspondente, comentarista e entrevistado) e os dispositivos cênicos (cenário/estúdio, planos/enquadramentos, movimentos/cortes e elementos sintáticos) pertencentes aos espaços midiático e social da cobertura “ao vivo”, de modo a nos aprofundar no todo da diegese narrativa. Entre os resultados obtidos, constatamos que a concepção do TU destinatário se deu não apenas pelas emissões jornalísticas, mas pelas publicidades e propagandas presentes no direto; o grande acontecimento noticioso caracterizou-se por mobilizar uma quantidade considerável de enquadramentos temáticos possíveis; o âncora foi o verdadeiro pivô do jogo proposto pela instância de produção, pois utilizou os modos discursivos, mediou (ou mesmo conduziu) a relação entre o telespectador e seu acesso ao grande acontecimento noticioso e concedeu turnos de fala durante a cobertura “ao vivo”; a participação do repórter e/ou comentarista foi uma estratégia discursiva calcada, ao mesmo tempo, numa visada de credibilidade, mas, sobretudo, de captação, já que boa parte das informações trazidas por eles poderia ser dita da redação pelo âncora; o comentarista, embora lance mão, principalmente, do modo de organização argumentativo, ou do “acontecimento comentado”, definiu-se pela ausência de rigor de seus enunciados, sendo mais uma estratégia

de captação da *Globo News* e de preenchimento dos “vazios” da emissão, momentos em que não houve novas informações sobre o grande acontecimento noticioso; o especialista usou de um engajamento distanciado, externando sua opinião a partir de um notório saber, mas de maneira prudente, por meio de um argumento calcado na hipótese e na suspeita, sua participação esteve ligada ao acontecimento provocado, e não ao acontecimento comentado, como no caso do comentarista; o entrevistado variou entre uma autoridade, uma testemunha ou um parente das vítimas e sua participação se deu por uma estratégia de credibilidade (autoridade e testemunha) ou por uma estratégia de captação (parente das vítimas), tendo um engajamento mais distanciado (autoridade e testemunha) ou um engajamento mais evidente e patêmico (parente das vítimas); a composição cenográfica alternou entre autorreferencial, decorativa e modular no espaço midiático, e hiper-real, autenticada e simulada no espaço social; o plano de maior recorrência foi o médio, em que os sujeitos são enquadrados da cintura para cima, e o primeiro plano, do busto para cima, denotando uma distância social entre a emissora e o telespectador; o movimento de câmera foi raro, mas teve seu lugar em determinadas emissões, como no *Estúdio I*, por seu “tom” menos formal, ou quando se buscou um efeito patêmico, como na entrevista com parentes de vítimas, em que a dor foi realçada; o *crawl* teve como característica o funcionamento modular (blocos de textos), binário (sintático), circular (repete-se) e, em algumas vezes, temático, mas, discursivamente, mostrou-se uma estratégia discursiva de captação e concorrência com outros dispositivos cênicos. Por fim, concluímos que a cobertura “ao vivo” da *Globo News* naquele dia 29 de novembro de 2016, por suas estratégias discursivas (sobretudo captação e mea-culpa), anseia por dar novas informações (lançando mão das mais diversas fontes) aliada à presença de sujeitos para sustentar o vazio da não novidade (comentaristas e especialistas) e uso de materialidades pouco frequentes no discurso midiático de informação (entrevista por telefone, exibição de fotos e de imagens em baixa qualidade), realizou uma cadência sintático-discursiva que nomeamos de “rotunda midiática” para construir sua diegese narrativa.

Palavras-Chave: Grande acontecimento noticioso. Chapecoense. Discurso midiático de informação. Cobertura “ao vivo”. *Globo News*.

ABSTRACT

In this thesis, we investigated the discursive strategies in live television broadcasts of major news events in situations of tragedy. We based our studies on the epistemological assumptions of French Discourse Analysis, specifically the one that assumes a discourse perspective, as Patrick Charaudeau did and still does. Our empirical object was the “live” coverage that the channel Globo News carried out on the airplane crash involving members of the soccer team Associação Chapecoense de Futebol, media professionals and crew of LaMia company, which occurred on November 29, 2016, near to Medellín, Colombia. The fact that the major news event is “live” and not pre-planned makes it a unique genre within Language Studies, making it a compelling corpus of research. It induces a more authentic discursive realization compared to what normally occurs in other TV genres, whether recorded or “live”, because it is a text in act, enunciation. In this sense, we first sought to identify characteristic elements of live television, in order to separate them from other technical systems of representation, to later analyze the diegetic process instituted by the broadcaster, considering the discursive strategies implemented and how the syntactic-discursive cadence of the broadcast takes place. We performed bibliographical research and systematically observed the live broadcast by Globo News, analyzing its programming, subjects (anchor, reporter / correspondent, commentator and interviewee) and the scenic devices (scenery / studio, plans / cuts and syntactic elements) belonging to the media and social spaces of “live” coverage in order to delve into the whole narrative diegesis. Among the results, we found that the choice for the YOU-addressee is not only in the journalistic publications, but also in the advertising presented there. The major news event was characterized by mobilizing a large number of possible thematic frameworks. The anchor was the true pivot of the game proposed by the production instance, as he/she used the discursive modes, mediated (or even led) the relation between the viewer and her/his access to the major news event and granted speech shifts during the “live” coverage. The participation of reporters and / or commentators was a discursive strategy based, at the same time, on a credibility aim (visée), but, above all, on capture, since much of the information they brought could be said by the anchor. The commentator, even though using mainly the mode of argumentative organization, or of the “commented event”, was defined by the lack of rigor of his statements, being another strategy of capture by Globo News channel and filling the “gaps” of the coverage, moments when there was no new information about the great news event. The specialist used a distanced engagement, expressing his opinion from an expertise, but being prudent, through an

argument based on the hypothesis and suspicion. His participation was connected to the event, not to the commented event, as in the case of the commentator. The interviewee ranged from an authority, a witness or a member of the family of the victims and their participation was by a strategy of credibility (authority and witness) or by a strategy of capture (family of victims), having a more distanced engagement (authority and witness) or a more evident and pathetic engagement (family of victims). The scenographic composition alternated among self-referential, decorative and modular in the media space, and hyper-real, authenticated and simulated in social space. The most recurrent plan was the medium, in which the subjects are framed from the waist up, and the first plane, from the bust up, denoting a social distance between the broadcaster and the viewer. The camera movement was rare, but it took its place in certain transmissions, as in *Estúdio I*, because of its less formal “tone”, or when a pathetic effect was sought, as in the interview with relatives of victims, in which the pain was highlighted. The crawl had the following characteristics: modular operation (text blocks), binary (syntactic), circular (repeats itself) and, in some cases, thematic, but, discursively, showed a discursive strategy of capture and competition with other scenical devices. As a result, we concluded that the “live” coverage performed by Globo News on November 29, 2016, due to its discursive strategies (especially capture and mea-culpa), was eager to provide new information (using a variety of sources) along with the presence of subjects to support the emptiness of non-novelty (commentators and specialists) and the use of infrequent materialities in the media discourse of information (telephone interview, low-quality photos and images) performed a syntactic-discursive cadence that we named “media roundabout” in order to build its narrative diegese.

Keywords: Major news event. Chapecoense. Information media discourse. Live coverage. Globo News.

RÉSUMÉ

Dans cette thèse, nous travaillons sur les stratégies discursives présentes dans des transmissions télévisuelles d'événements tragiques en direct. Pour cela, nous nous appuyons sur les présupposés épistémologiques du courant français d'Analyse du Discours et, plus particulièrement, sur la perspective de discours de Patrick Charaudeau. Notre objet d'étude concerne la couverture en direct que *Globo News* a réalisée de l'accident aérien survenu le 29 novembre 2016 près de Medellin en Colombie et ayant touché des membres de l'Association *Chapecoense* de Football, des professionnels de la presse et le personnel navigant de la compagnie *LaMia*. Ce grand événement qui a été couvert en direct n'a donc pas été planifié. Il devient ainsi un corpus intéressant pour notre recherche parce qu'il occupe une place singulière dans le champ des Etudes de Langage. Cette non-planification implique un produit discursif plus authentique par rapport à d'autres genres télévisuels enregistrés en direct. Il s'agit en effet d'un texte en actes, en énonciation. Dans ce sens, nous commençons par identifier les éléments caractéristiques d'une transmission en direct afin de la différencier d'autres systèmes techniques de représentation. Ensuite, nous analysons le processus diégétique à l'œuvre dans l'émission en prenant en compte les stratégies discursives mises en place et la manière dont le rythme syntaxico-discursif de la transmission est amené. Pour ce faire, nous avons effectué une recherche bibliographique et observé la transmission en direct de *Globo News* de manière systématique, en analysant le programme de la chaîne, les sujets (présentatrice, reporter/correspondant, commentateur et interviewé) et les dispositifs scéniques (scène/studio, plans/cadrages, mouvements/coupes et éléments syntaxiques) appartenant aux espaces médiatiques et sociaux de la couverture en direct dans le but de nous plonger dans l'ensemble de la diégèse. Parmi les résultats obtenus, nous avons pu voir que la conception du TU-destinataire ne tient pas seulement au journal en soi mais également aux publicités en direct ou non. L'information principale a été caractérisée par la mobilisation d'un nombre considérable de cadres thématiques possibles. Le présentateur a joué un rôle fondamental dans la proposition de l'instance de production. En effet, il a utilisé divers modes discursifs, il s'est placé en tant que médiateur dans la relation (il l'a presque dirigée) entre le spectateur et son accès à l'information et il a accordé des temps de parole lors du direct. La participation du reporter sur place est une stratégie discursive fondée à la fois sur la crédibilité mais surtout sur la captation du moment car une grande partie de l'information qu'il apportait aurait pu être dite par le présentateur sur le plateau. Même s'il a suivi une logique argumentative propre à ce que l'on appelle « événement commenté », le commentateur s'est

caractérisé par son manque de rigueur dans ses interventions. Il s'agit en fait d'une stratégie propre à *Globo News* visant à remplir le vide lorsqu'il n'y pas de nouvelles informations sur l'événement en cours. L'expert a adopté une attitude distanciée en s'appuyant, de manière prudente, sur des connaissances notoires par le biais de l'hypothèse et de la supposition. Ses interventions étaient liées à l'événement concret et non pas à l'événement commenté comme cela était le cas pour le commentateur. Pour ce qui est des interviewés, leur rôle dans l'événement était divers. Nous retrouvons ainsi une autorité, un témoin de l'incident et un membre de la famille d'une victime. Leur participation reposait soit sur une stratégie de crédibilité (autorité et témoin) soit sur une stratégie de captation d'attention (famille de la victime). Ces derniers ont montré une attitude distante (autorité et témoin) ou plus pathémique (famille des victimes). La composition scénique était changeante et pouvait être tantôt autoréférentielle, décorative ou modulaire dans l'espace médiatique. Dans l'espace social, elle pouvait être hyper-réelle, authentique ou simulée. Le plan rapproché (les sujets sont cadrés au niveau de la ceinture) et le plan poitrine (les sujets sont cadrés au niveau de la poitrine) ont été les plus utilisés. Cela indique la volonté d'établir une distance « sociale » entre l'émetteur et le spectateur. Le mouvement de la caméra s'est fait rare, mais il est intervenu à certains moments, comme dans *Estúdio I*, pour mettre en évidence une atmosphère moins formelle, ou lorsqu'un effet pathémique était recherché. C'est notamment le cas dans un entretien avec des proches des victimes, où la douleur a été soulignée par ce biais. Le *crawl* (défilé d'informations en continu) avait un fonctionnement modulaire (blocs de texte), binaire (syntaxique), circulaire (répétition) et, dans certains cas, thématique. Nous considérons que c'est une stratégie discursive pour capter l'attention en concurrence avec d'autres dispositifs scéniques. Enfin, nous pouvons conclure que la couverture en direct de *Globo News* du 29 novembre 2016, en raison de ses stratégies discursives (notamment la captation d'attention et le mea-culpa), cherche à fournir de nouvelles informations (en utilisant une grande variété de sources). Par ailleurs nous avons remarqué la présence de sujets pour remplir le vide de la non-nouveauté (commentateurs et spécialistes) et l'utilisation de matérialités peu fréquentes dans les discours médiatiques d'informations (entretien téléphonique, photos et images de qualité médiocre). Toutes ces caractéristiques sont le résultat d'un travail syntaxico-discursif que nous avons nommé « rond-point médiatique » (« rotunda midiática ») servant à construire la diégèse.

Mots clés : Événement important. *Chapecoense*. Discours médiatique d'information. Couverture en direct. *Globo News*.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 – Representação do dispositivo de encenação linguageiro	58
Figura 2 – Foto do avião exibida durante transmissão ao vivo	71
Figura 3 – Dispositivo da encenação narrativa.....	80
Figura 4 – Relação triangular da argumentação	85
Figura 5 – A relação argumentativa.....	87
Figura 6 – Discurso midiático de informação	97
Figura 7 – <i>Design</i> de pesquisa.....	105
Figura 8 – <i>Jornal da Globo News – edição das 10h</i>	117
Figura 9 – <i>Arquivo N</i>	118
Figura 10 – <i>Cidades e Soluções</i>	119
Figura 11 – <i>Conta Corrente</i>	119
Figura 12 – <i>Diálogos com Mario Sergio Conti</i>	120
Figura 13 – <i>Entre Aspas</i>	121
Figura 14 – <i>Estúdio I</i>	121
Figura 15 – <i>Fatos e Versões</i>	122
Figura 16 – <i>Fernando Gabeira</i>	123
Figura 17 – <i>Globo News Alexandre Garcia</i>	123
Figura 18 – <i>Globo News Documento</i>	124
Figura 19 – <i>Globo News em Pauta</i>	125
Figura 20 – <i>Globo News Especial</i>	125
Figura 21 – <i>Globo News Internacional</i>	126
Figura 22 – <i>Globo News Literatura</i>	127
Figura 23 – <i>Globo News Miriam Leitão</i>	127
Figura 24 – <i>Globo News Painel</i>	128
Figura 25 – <i>Jornal das Dez</i>	129
Figura 26 – <i>Manhattan Connection</i>	129
Figura 27 – <i>Milênio</i>	130
Figura 28 – <i>Mundo S/A</i>	131
Figura 29 – <i>Ofício em Cena</i>	131
Figura 30 – <i>Pelo Mundo</i>	132
Figura 31 – <i>Roberto D'Ávila</i>	133
Figura 32 – <i>Sem Fronteira</i>	133

Figura 33 – <i>Via Brasil</i>	134
Figura 34 – Chapecoense 1977 (equipe campeã catarinense).....	137
Figura 35 – Chapecoense 1996 (equipe campeã catarinense).....	137
Figura 36 – Chapecoense 2007 (equipe campeã catarinense).....	138
Figura 37 – Chapecoense 2011 (equipe campeã catarinense).....	141
Figura 38 – Chapecoense 2016 (equipe campeã catarinense).....	144
Figura 39 – Tipos de anúncios presentes na programação na <i>Globo News</i> em 29 nov. 2016.	159
Figura 40 – <i>Globo News</i>	160
Figura 41 – <i>Globo News</i>	160
Figura 42 – <i>Globo News</i>	160
Figura 43 – <i>Globo News</i>	161
Figura 44 – <i>Ibmec</i>	162
Figura 45 – <i>Ibmec</i>	163
Figura 46 – <i>Ibmec</i>	163
Figura 47 – <i>Ibmec</i>	163
Figura 48 – <i>Ibmec</i>	163
Figura 49 – <i>Ibmec</i>	164
Figura 50 – <i>Ibmec</i>	164
Figura 51 – <i>Fiat Uno</i>	166
Figura 52 – <i>Fiat Uno</i>	166
Figura 53 – <i>Fiat Uno</i>	166
Figura 54 – <i>Fiat Uno</i>	167
Figura 55 – <i>Fiat Uno</i>	167
Figura 56 – <i>Fiat Uno</i>	167
Figura 57 – <i>Fiat Uno</i>	167
Figura 58 – <i>Fiat Uno</i>	168
Figura 59 – <i>Fiat Uno</i>	168
Figura 60 – <i>Santander – Negócios e Empresas</i>	170
Figura 61 – <i>Santander – Negócios e Empresas</i>	170
Figura 62 – <i>Santander – Negócios e Empresas</i>	170
Figura 63 – <i>Santander – Negócios e Empresas</i>	170
Figura 64 – <i>Santander – Negócios e Empresas</i>	171
Figura 65 – <i>Santander – Negócios e Empresas</i>	171
Figura 66 – <i>Santander – Negócios e Empresas</i>	171

Figura 67 – Santander – Negócios e Empresas	171
Figura 68 – Santander – Negócios e Empresas	172
Figura 69 – Santander – Negócios e Empresas	172
Figura 70 – Globo News.....	178
Figura 71 – Globo News.....	179
Figura 72 – Globo News.....	179
Figura 73 – Globo News.....	179
Figura 74 – Globo News.....	179
Figura 75 – Jornal da Globo News – Edição das 4h	181
Figuras 76 a 79 – Jornal da Globo News – Edição das 18h	189
Figuras 80 a 82 – Estúdio I.....	190
Figuras 83 a 85 – Jornal da Globo News – Edição das 8h	191
Figuras 86 a 88 – Jornal da Globo News – Edição das 10h	192
Figuras 89 a 90 – Jornal da Globo News – Edição das 10h	193
Figuras 91 a 93 – Jornal da Globo News – Edição do meio-dia.....	194
Figuras 94 a 99 – Jornal da Globo News – Edição das 10h	200
Figura 100 – Jornal da Globo News – Edição das 4h	202
Figuras 101 a 104 – Jornal da Globo News – Edição das 13h	205
Figuras 105 a 113 – Jornal da Globo News – Edição das 8h	209
Figura 114 – Mapa-Múndi com repórteres e/ou correspondentes	212
Figuras 115 e 116 – Jornal da Globo News – Edição das 18h	213
Figuras 117 a 120 – Jornal da Globo News – Edição das 9h	214
Figuras 121 a 127 – Jornal da Globo News – Edição das 13h	216
Figuras 128 e 129 – Jornal da Globo News – Edição das 10h	219
Figuras 130 a 133 – Jornal da Globo News – Edição das 13h	222
Figuras 134 a 138 – Entre Aspas	224
Figuras 139 a 144 – Jornal da Globo News – Edição das 10h	228
Figuras 145 a 151 – Estúdio I.....	230
Figuras 152 a 157 – Jornal da Globo News – Edição das 18h	232
Figura 158 – Globo News.....	238
Figura 159 – Globo News.....	239
Figura 160 – Globo News.....	242
Figura 161 – Globo News.....	243
Figura 162 – Estúdio I.....	244

Figura 163 – <i>Jornal da Globo News – Edição das 18h</i>	245
Figura 164 – <i>Jornal da Globo News – Edição das 7h</i>	246
Figura 165 – <i>Jornal da Globo News – Edição das 10h</i>	249
Figura 166 – <i>Jornal da Globo News – Edição das 7h</i>	252
Figuras 167 e 168– <i>Jornal da Globo News – Edição das 7h</i>	253
Figura 169 – <i>Jornal da Globo News – Edição das 7h</i>	254
Figuras 170 e 171– <i>Jornal da Globo News – Edição do meio-dia</i>	254
Figuras 172 a 177 – <i>Jornal da Globo News – Edição das 16h</i>	257
Figura 178 – Rotunda midiática	260

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tempo total – cobertura x publicidade e/ou propaganda	157
Gráfico 2 – Tempo total – publicidade x propaganda.....	158
Gráfico 3 – Tempo total – cobertura x tempo de aparição e/ou voz dos âncoras.....	199

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Procedimentos discursivos da construção descritiva.....	69
Quadro 2 – Procedimentos linguísticos da construção descritiva	71
Quadro 3 – Questionário sobre os actantes narrativos.....	75
Quadro 4 – Questionário sobre os processos narrativos	77
Quadro 5 – Relações entre as premissas A1 – A2	88
Quadro 6 – Resumo dos modos de raciocínio	89
Quadro 7 – Resumo do dispositivo argumentativo.....	92
Quadro 8 – Resumo dos componentes da encenação argumentativa	94
Quadro 9 – Modos de organização do discurso.....	94
Quadro 10 – Programação regular <i>Globo News</i> (20 a 26 nov. 2016).....	111
Quadro 11 – Programação regular	147
Quadro 12 – Programação na cobertura “ao vivo”	149
Quadro 13 – Comparação entre as programações	151
Quadro 14 – Anúncios exibidos na <i>Globo News</i>	174
Quadro 15 – Âncoras (capital visual e capital sonoro).....	198
Quadro 16 – Agências de notícias e outras mídias citadas durante a cobertura “ao vivo”	204
Quadro 17 – Repórteres e/ou correspondentes	208
Quadro 18 – Comentaristas	216
Quadro 19 – Times catarinenses disputando a Série A do Campeonato Brasileiro (2001-2015)...	218
Quadro 20 – Especialistas convocados pela <i>Globo News</i>	221
Quadro 21 – Entrevistados ouvidos pela <i>Globo News</i>	227
Quadro 22 – Informações levadas à rotunda midiática.....	262

ABREVIATURAS

ACF	Associação Chapecoense de Futebol
AD	Análise do Discurso
Anac	Agência Nacional de Aviação Civil
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
Cenipa	Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos
CNN	Cable News Network
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FIFA	Federação Internacional de Futebol
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LaMia	Linea Aerea Merida Internacional de Aviacion
MEC	Ministério da Educação
MTV	Music Television
NTICs	Novas Tecnologias de Informação e Comunicação
Pnad	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
SBA	Sistema de Belas Artes
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
SBTVD	Sistema Brasileiro de Televisão Digital
SPC	Situação potencialmente comunicativa
STI	Sistema Técnico Indicial
TV	Televisão
UHF	Ultra High Frequency

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
1 “AO VIVO”: GÊNERO E HISTÓRIA	32
1.1 A transmissão direta na TV brasileira: uma, entre muitas, hi(e)stória	35
2 DISCURSO DA TRANSMISSÃO DIRETA TELEVISIVA	51
2.1 Semiolinguística.....	55
2.1.1 <i>O ser social</i>	57
2.1.2 <i>O ser de fala</i>	63
2.1.2.1 <i>Modo enunciativo</i>	64
2.1.2.2 <i>Modo de organização descritivo</i>	65
2.1.2.3 <i>Modo de organização narrativo</i>	72
2.1.2.4 <i>Modo de organização argumentativo</i>	84
2.2 Discurso midiático de informação	95
3 METODOLOGIA	98
3.1 A <i>Globo News</i>	106
3.1.1 <i>A programação da Globo News</i>	108
3.2 A Associação Chapecoense de Futebol	135
4 GLOBO NEWS, ENTRE O DIA A DIA E O “AO VIVO”	147
4.1 Situações de comunicação em uma emissora <i>all news</i>	147
4.2 A publicidade na programação “ao vivo”	155
5 “FICA DIRETO!”	181
5.1 Temáticas.....	184
5.2 Dia 29 de novembro de 2016: a cobertura “ao vivo”	195
5.2.1 <i>Sujeitos do “ao vivo”</i>	196
5.2.1.1 <i>Âncora, pivô da encenação “ao vivo”</i>	196
5.2.1.2 <i>Repórter e/ou correspondente, estratégia de captação do “ao vivo”</i>	207
5.2.1.3 <i>Comentaristas</i>	215
5.2.1.4 <i>Especialistas</i>	220

5.2.1.5 Entrevistados.....	226
5.2.2 <i>Imagens do “ao vivo”</i>	234
5.2.2.1 <i>Espaço midiático e espaço social, lugares da encenação do “ao vivo”</i>	236
5.2.3 <i>Peculiaridades do discurso de informação “ao vivo”</i>	251
5.3 Todos os caminhos levam à rotunda.....	258
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 266
 REFERÊNCIAS	 272

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, assisti (testemunhei, tele-presenciei) a um sem-número de grandes acontecimentos midiáticos transmitidos “ao vivo”, em que o fluxo programático das emissoras foi/é interrompido para dar lugar a um plantão jornalístico de última hora, ou mesmo a uma cobertura mais prolongada de um fato trágico, catastrófico, desastroso¹. Nesse sentido, muito me instigou (e instiga) as estratégias discursivas desse tipo específico de enunciação midiática, a denominada transmissão direta televisiva² de grandes acontecimentos midiáticos, como em situações de tragédia, catástrofe e desastre; daí, portanto, emerge o tema desta pesquisa cujo objeto empírico é a cobertura “ao vivo” da Globo News sobre o acidente³ aéreo envolvendo jogadores, comissão técnica, dirigentes e convidados da Associação Chapecoense de Futebol, profissionais da imprensa brasileira e tripulantes da empresa Linea Aerea Merida Internacional de Aviacion (LaMia), ocorrido no dia 29 de novembro de 2016⁴, nas proximidades da cidade de Medellín, na Colômbia.

Quando falo em transmissão direta ou “ao vivo” em se tratando de televisão, uma quantidade razoável de gêneros midiáticos vem à tona: telejornal (especificamente o espaço midiático do estúdio), eventos esportivos (ex. Jogos Olímpicos), cerimônias e festividades (visita papal, casamento monárquico, Carnaval). No entanto, o *corpus* de maior relevância para esta pesquisa está situado nos grandes acontecimentos midiáticos, aqueles cuja natureza acontecimental⁵ não é pré-planejada pela instância de produção; não há passado, tampouco futuro, só ilações para sustentar a diegese⁶ acontecimental⁷.

¹ Esta tese foi normalizada segundo o *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*, ed. 9. (FRANÇA; VASCONCELLOS, 2013).

² Por “transmissão direta televisiva”, tomamos o conceito de Brito (2001): produção, transmissão e recepção de um acontecimento simultaneamente. E, embora a autora diferencie “transmissão direta” de “ao vivo” (fenômeno semiótico capaz de provocar certos efeitos de sentido), nesta tese, iremos utilizar esses termos como sinônimos.

³ No relatório final sobre a queda da aeronave, emitido no dia 27 de abril de 2018, a Unidade Administrativa Especial de Aeronáutica Civil da Colômbia (órgão regulador de voos civis daquele país) afirmou que a falta de combustível foi o principal motivo para a queda (COLÔMBIA, 2018). Não obstante, usamos, ao longo da tese, “acidente” não no sentido de acontecimento casual, fortuito, inesperado, mas na acepção de acontecimento envolvendo dano, perda, morte; nesse sentido, acreditamos não estar nos isentando de atribuir responsabilidade a possíveis envolvidos pelo ocorrido, mas apenas nos colocando no lugar de analistas do discurso, de analistas de uma narrativa midiática possível desse acontecimento.

⁴ O acidente ocorreu no dia 28, às 22h30, horário de Bogotá, mas à 1h30, do dia 29, pelo horário de Brasília. Como a cobertura se deu ao longo do dia 29, vamos tratar o acontecimento como sendo dia 29 nesta tese.

⁵ Com Quéré (2005), entendemos essa natureza acontecimental como sendo o acontecimento em seu estado ontológico, sendo, pois, irrecuperável e inalcançável, ato contínuo de constantes e sucessivas mudanças. Sua estabilização só é possível pelo linguístico, a partir do momento em que o indivíduo institui uma narrativa sobre ele, com o faz os *media*.

⁶ Entendemos diegese, ou *diegesis*, como relato, exposição. Sendo entendido ainda como sinônimo de história, ou mais precisamente, do universo espaçotemporal instituído pela narrativa (MOISÉS, 2004a).

O fato de o grande acontecimento midiático ser “ao vivo” e não ter sido pré-planejado faz dele, acredito, um gênero singular dentro dos Estudos de Linguagens e da Comunicação, tornando-se um instigante *corpus* de pesquisa. Isso, creio, induz a uma realização discursiva mais autêntica ou espontânea em relação àquela normalmente ocorrida em outros gêneros de “ao vivo”⁸, por se tratar de um texto em ato, enunciação⁹.

Tomando como base o Banco de Dissertações e Teses da Capes (BRASIL, 2004), não é muito comum pesquisas em relação à transmissão direta televisiva. Ao buscar pelo termo “ao vivo”, por exemplo, obtive 99 registros¹⁰; em seis dessas pesquisas – quatro dissertações e duas teses –, em maior ou menor grau, havia uma discussão em relação ao direto televisivo.

Em *As transmissões de jogos de futebol em um ambiente de convergência midiática: uma análise a partir do Esporte Interativo*, a partir da perspectiva da narrativa transmídia, de Henry Jenkins, Nascimento Silva (2013) analisa como se dão as transmissões diretas de jogos de futebol na emissora *Esporte Interativo* em concomitância com o que é produzido pela mesma emissora em seu portal, nos aplicativos para *smartphones* e nas redes sociais digitais. Embora o autor admita haver uma mudança nas estratégias narrativa e argumentativa e nas

⁷ São grandes acontecimentos midiáticos, nesse sentido, o acidente nuclear de Fukushima (2011), o desabamento de dois prédios no Centro do Rio de Janeiro (2012), o incêndio na boate *Kiss* (2013), a morte do candidato à Presidência Eduardo Campos (2014), os atentados em Paris (2015), o atentado à boate *Pulse* nos EUA (2016), a morte do ministro do Supremo Tribunal Federal, Teori Zavascki, (2017), a execução da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, (2018), o crime ambiental em Brumadinho, Minas Gerais (2019).

⁸ No caso do Carnaval, por exemplo, “A cerimônia que o telespectador recebe em casa com a suposição de imprevisto é minuciosamente planejada. A pré-produção envolve a realização de videoclipes sobre as escolas, a produção da bolha de transmissão no Sambódromo, a compra de camarotes e frisas para [...] os artistas que serão entrevistados durante o evento, a realização de pesquisa do IBOPE sobre as escolas favoritas, entre dezenas de outras ações. [...] Apesar do planejamento, constrói-se uma narrativa que é feita para que o público tenha a impressão de que tudo se desenrola no instante mesmo do desfile.” (BARBOSA, 2006, p. 22). Em um grande acontecimento midiático, por outro lado, há, geralmente, poucas câmeras no local do incidente (em certas ocasiões, somente uma), o que implica planos e ângulos poucos favoráveis em muitos casos; repórter, quando há, é um (geralmente, o acontecimento é narrado por um apresentador distante espacialmente do ocorrido); as informações, sobretudo nos primeiros momentos, são repetitivas, truncadas e até mesmo contraditórias, oriundas de agências de notícias.

⁹ De acordo com Carlón (2012), na transmissão direta televisiva, a instância de produção não tem o mesmo controle sobre o discurso como no gravado (em que se pode editá-lo integralmente). Ademais, conforme Oliveira e Rublescki (2013), o “ao vivo” pré-planejado só é “[...] ‘imprevisível’ apenas no aspecto de sua realização no local. Por estar ao vivo, em tempo real, o repórter e a transmissão estão sujeitos a falhas de som, na locução do jornalista [...] enfim, algo não planejado pode ocorrer. Contudo, em coberturas ao vivo em situações de normalidade, geralmente, tudo é programado.” (p. 5). “A característica de imprevisibilidade instaura, do ponto de vista do telespectador, o regime da surpresa do que está por vir e, portanto, uma expectativa aberta permanentemente em direção ao futuro.” (BARBOSA, 2006, p. 21).

¹⁰ Usando o termo “transmissão direta televisiva”, não encontrei trabalhos.

linguagens televisivas com o advento desses novos meios, ele não discute a perspectiva diegética do jogo na perspectiva do direto televisivo.

Como na dissertação de Nascimento Silva (2013), na de Souza (2014), discute-se a inter-relação entre o televisivo e as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), representadas no estudo pela rede social digital *Twitter*. Souza (2014) busca compreender um fenômeno recente desse universo: o hábito de assistir TV e, concomitantemente, estar conectado à *Internet* em um conteúdo relacionado àquele exibido na TV. Para o autor, esse movimento (TV + *Internet*) propicia uma experiência mais complexa para a audiência; ele, porém, embora discuta o valor do fluxo televisivo, da grade programática, não aborda a narrativa do “ao vivo”.

Ushinohama (2014), em sua dissertação – *Comparação da narrativa audiovisual da transmissão direta e ao vivo da Copa do Mundo da FIFA na televisão analógica e digital* –, compara três edições da competição esportiva (1970, 1998 e 2010) do ponto de vista das estruturas representativas do espaço-tempo na TV. Segundo a autora, ao longo do tempo, as transmissões televisivas da Copa do Mundo vão de natural (1970) a hiper-realista (2010), passando por um real (1998). A autora, não obstante leve em consideração as linguagens e as composições da TV, não discute o processo diegético do direto televisivo.

O “ao vivo” no estúdio do telejornal é o objeto empírico da tese de Maggioni (2015) – *Estrutura básica da representação visual nas construções discursivas da apresentação do telejornal*. A partir desse *corpus*, o autor discute o modo como se dá essa narrativa do estúdio, levando em consideração as proposições da teoria imagética e da semiologia discursiva. Conforme o autor, há nesse espaço uma força icônica para produzir sentido, com uma dimensão plástica e outra semântica. Ainda de acordo com Maggioni (2015), tais recursos dão origem a efeitos de verdade, realidade, centralidade, transitoriedade e ubiquidade durante a exibição do telejornal. Isso, todavia, não se assemelha àquilo almejado aqui, nesta pesquisa, pois a apresentação do telejornal, apesar de direta, é planejada com antecedência, ao longo do dia, e redigida para ser lida.

As duas últimas pesquisas encontradas no Banco de Dissertações e Teses da Capes, descritas a seguir, têm, cada uma a seu modo, certos traços em comum com a proposta desta pesquisa. A primeira delas, a dissertação de Albani (2007) – *Ao vivo em São Paulo: a produção de*

sentidos nas transmissões dos ataques ao PCC –, trata de examinar o contrato comunicacional entre enunciador e enunciatário durante um evento “ao vivo” (boletins extraordinários sobre os ataques do Primeiro Comando da Capital em São Paulo, em 2005). E, embora aborde questões caras à discussão da transmissão direta televisiva, como a produção de sentido e a patemização do fato, o autor pouco explora a maneira como se dá o processo diegético acontecimental. A outra pesquisa – *Televisão e presença: semiótica da transmissão direta em gêneros informativos* –, tese de Brito (2001), ocupa-se de entender, a partir da sociosemiótica, os efeitos de presença da transmissão direta televisiva. Muitas das proposições instauradas por Brito (2001) – o “ao vivo” como uma organização em ato e o sentido de presença produzido pelo direto ter a ver com a relação entre o tempo da TV e o tempo do acontecimento – vão ser de grande valia para a pesquisa aqui proposta. Porém, como noutras pesquisas aqui descritas, a autora aborda o “ao vivo” do espaço midiático e não o do espaço social.

Pesquisamos, ainda, no Portal de Periódicos da Capes/MEC¹¹ (BRASIL, 2017) e na Plataforma Sucupira¹² (BRASIL, 2016) artigos, em revistas avaliadas como qualis A1, A2, B1 e B2 no Qualis-Periódicos, por meio dos termos “ao vivo” e “cobertura ao vivo”, com temáticas relacionadas à proposta que aqui empreendemos. Dessa maneira, encontramos os trabalhos de Barbosa (2006) sobre os usos do passado e do esquecimento nas coberturas empreendidas pelos meios de comunicação; Matsumoto, Santos e Vaz da Costa (2006) acerca do uso do discurso indireto na cobertura “ao vivo” do atentado ao *World Trade Center*; Antunes (2009) sobre as perspectivas para as temporalidades da notícia; Bucci (2009), que trata as imagens “ao vivo” como instância mais relevante da Comunicação Social de hoje; Amaral (2011; 2013) referente aos testemunhos de catástrofes nas revistas brasileiras, à patemização e à noção de enquadramento em catástrofes; Carvalho (2011) relativo à edição do “ao vivo” como performance no cinema contemporâneo; Esperidião (2011) sobre as agências de notícias internacionais e seus funcionamentos; Kuhn Júnior e Martins (2011) sobre a cobertura da imprensa sobre a queda do voo 447 da *Air France*; Oliveria e Rublescki (2013) acerca do imprevisto e do testemunho em situações de tragédia; Reis, Zucco e Darolt (2013) sobre a relação entre mídia e gabinete de crise em situações de tragédia; Becker (2014) referente a medições de audiência em tempo real e consolidadas para a programação “ao

¹¹ Disponível em: <<https://bit.ly/2AW1VPh>>.

¹² Disponível em: <<https://bit.ly/1iK28d6>>.

vivo”; Buonanno (2015), que trata do fim da TV a partir das noções de *broadcasting* e *narrowcasting*; Orrico e Ferreira (2016) sobre a cobertura de grandes acidentes tecnológicos.

Ciente de tais perspectivas adotadas e pesquisas realizadas, tento, adiante, estabelecer alguns parâmetros, na forma de questionamentos, a fim de balizar a(s) problemática(s)¹³ cujo resultado é a materialização desta tese. Nesse sentido, busco responder a uma problemática comunicativa e descritiva de um objeto empírico manifesto no mundo fenomênico (CHARAUDEAU, 2011). Em outras palavras, como foi caracterizado por Marconi e Lakatos (2010), um problema de caráter informacional: “Coleta de dados a respeito de estruturas e condutas observáveis, dentro de uma área de fenômenos.” (p. 144). Dessa forma, proponho as seguintes questões: como se dá a construção do processo diegético em uma transmissão direta televisiva? Quais as estratégias discursivas emergentes dessa diegese acontecimental, cujo referente é fugidio, fluido e movente?

Com o propósito de, se não responder a todos os aspectos concernentes a esses questionamentos, ao menos perscrutar o sem-número de vieses inerentes a essa(s) problemática(s), proponho, a seguir, alguns objetivos específicos no sentido de traçar um provável percurso teórico-metodológico para esta tese, a saber: 1) identificar e analisar os elementos característicos da transmissão direta televisiva, diferenciado-a de outros sistemas técnicos de representação; 2) analisar o processo diegético na transmissão direta da *Globo News* no dia 29 de novembro de 2016, considerando as estratégias discursivas implementadas pela emissora; 3) analisar como se dá a cadência sintático-discursiva da transmissão direta realizada pela *Globo News* a fim de identificar a estabilização da diegese acontecimental, transformada em diegese narrativa.

A problemática (ou problemáticas) em relação à transmissão direta televisiva como aqui a coloco é pertinente, penso, por abordar a televisão como *corpus* de estudo¹⁴, dispositivo de relevância no cotidiano dos brasileiros, seja para se informar, para se entreter, para passar o tempo ou como companhia¹⁵. Segundo dados da *Pesquisa Brasileira de Mídia* (BRASIL, 2015), sobre os hábitos de consumo de mídia pela população brasileira, a televisão é o meio

¹³ A noção de “problemática” à que nos filiamos é aquela proposta por Charaudeau (2011), cuja definição e desdobramentos vamos nos aprofundar no Capítulo 3.

¹⁴ Todo e qualquer gênero televisual impõe certos sentidos para a instância de recepção, que muitas vezes desconhece as rotinas produtivas e as estratégias por trás dessas emissões.

¹⁵ O brasileiro assiste à TV, em média, 4h31 durante a semana e 4h14 nos finais de semana (BRASIL, 2015).

de comunicação mais utilizado no País (por 66% das pessoas). A presença da televisão como bem doméstico é outro fator a ser considerado. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) (BRASIL, 2011), 96,9% dos domicílios do País têm pelo menos um televisor em cores, número superior ao de geladeiras (95,8%).

Outro ponto pertinente para a realização desta pesquisa é o fato de a transmissão direta televisiva ser um gênero singular entre os sistemas técnicos de representação, pois sua maior força (e sua fraqueza) reside no seu caráter temporal imediato. Outros dispositivos icônico-indiciais de imagens em movimento, como o cinema e a própria televisão (gravada), têm a possibilidade de instituir narrativas, por meio das montagens/edições, entre passado, presente e futuro dentro da emissão; não obstante, o direto, por exibir um “acontecendo”, está subordinado a um presente contínuo, o que implica uma série de restrições (e possibilidades) comuns tão-somente à transmissão direta televisiva.

Vale ressaltar ainda que essa proposta de pesquisa se vincula, a partir de uma perspectiva endógena, à linha de pesquisa dois (*Discurso, mídia e tecnologia*) do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, por contemplar a reflexão sobre os mecanismos de produção de sentido da mídia televisiva. Do ponto de vista exógeno, destaco os 85 grupos cadastrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil¹⁶, do CNPq (BRASIL, 2018), os quais, em menor ou maior grau, têm pesquisado sobre televisão¹⁷.

Esta tese está dividida em seis seções, sendo esta *Introdução* a primeira delas, e as *Considerações finais*, a última. No Capítulo 1, exponho, a partir de pesquisa bibliográfica, alguns conceitos e pressupostos-chave para esta tese, entre os quais, uma hi(e)stória da transmissão direta na televisão brasileira, o “ao vivo” como gênero televisual e algumas peculiaridades da transmissão direta não planejada em se tratando de televisão.

Em seguida, no Capítulo 2, apresento, inicialmente, o que vem a ser discurso, bem como sua concepção segundo os dicionários de definição. Em seguida, traço um paralelo entre algumas vertentes da análise do (ou de) discurso para, então, posteriormente, definir o conceito de discurso conforme a semiolinguística de Patrick Charaudeau – base desta tese –, detalhando

¹⁶ Disponível em: <<https://bit.ly/1GoMXeY>>.

¹⁷ Em nenhum dos grupos, no entanto, observei propostas de pesquisa sobre a transmissão televisiva direta como objeto nos moldes aqui propostos. Não obstante, dezesseis dos grupos têm o telejornal como objeto de estudo, gênero em que há, em parte, transmissão direta televisiva (sobretudo no espaço midiático do estúdio).

seus pormenores e, quando possível, realizando análises do *corpus*. Por fim, aponto características e particularidades discursivas do discurso midiático de informação e seus pressupostos, com o intuito de usá-los na análise do “ao vivo”.

No Capítulo 3, abordo os caminhos desta pesquisa, dando a ver os percalços políticos e financeiros e, sobretudo, as escolhas feitas na constituição do *corpus* e a problemática que se impõe a este trabalho. Depois, apresento o “*design* da pesquisa” e as chaves de leitura que vão guiar o capítulo analítico. Encerrando o capítulo, trato de apresentar a história da emissora *Globo News*, bem como sua programação regular e seus programas, e a da Associação Chapecoense de Futebol, desde a fundação até o ano do acidente em Medellín.

O quarto e último capítulo antes das *Considerações finais* é, certamente, o de maior esforço desta pesquisa. Nele, analiso a situação de comunicação que se impõe à cobertura realizada pela *Globo News* naquele dia 29 de novembro de 2016, as publicidades e propagandas da programação “ao vivo”, as temáticas da transmissão direta, os sujeitos e seus papéis linguageiros durante a transmissão, as imagens fotográficas e pós-fotográficas mobilizadas e, por fim, as peculiaridades do discurso de informação “ao vivo”.

1 “AO VIVO”: GÊNERO E HISTÓRIA

Partindo de uma pesquisa do tipo bibliográfica, neste capítulo, tratamos de conceitos e pressupostos sobre a transmissão direta televisiva. Inicialmente, fazemos uma delimitação do gênero¹⁸ “ao vivo” (BAKHTIN, 2000; MARTÍN-BARBERO, 1997), bem como seu surgimento e usos na televisão brasileira.

Ao pesquisar em dicionários de definição acepções para o termo “ao vivo”, encontramos, entre outras possibilidades: “[...] ao vivo. 1. Com aparência de realidade; sem ficção. 2. No exato momento em que ocorre, ou se executa: televisionar uma cena ao vivo; transmitir um programa radiofônico ao vivo. [...]” (FERREIRA, 1999, p. 2.082). Ou ainda: “[...] ao v. 1 transmitido no momento mesmo em que está ocorrendo <matéria ao v. sobre um incêndio>. 2 que se apresenta diante dos espectadores <o coro se apresentou ao v. na praia> [...]”. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 2.876, grifos dos autores).

Em ambos os dicionários fica patente a ênfase dada ao “momento de ocorrência” de um dado acontecimento. Dessa maneira, pensar a transmissão direta televisiva como gênero midiático é considerar o fato de ela se suceder em regime de simultaneidade ao acontecimento. Destarte, o que se sobressai, de acordo com Bucci (2009), em se tratando do “ao vivo”, é sua própria condição de ser a qualquer momento, tornando-se uma instância. “Entende-se a condição imediata e permanente de estar ao vivo a qualquer instante: ‘a instância da imagem ao vivo’ não é a imagem ao vivo, em si, mas o lugar social que lhe serve de sede, a partir do qual ela se irradia e para o qual ela converge.” (p. 71).

Para Dayan e Katz (1999), o direto televisivo criou um gênero de narrativa único, capaz de mobilizar todo o mundo de modo simultâneo, dando ao aparelho televisivo certa aura¹⁹. Ainda de acordo com os autores, um acontecimento midiático transmitido “ao vivo” é, por definição, uma quebra no fluxo programático da televisão, provocando uma interrupção da rotina; traz “[...] algo de excepcional para se pensar, para testemunhar e para fazer”. (p. 20).

¹⁸ Nosso conceito de gênero baseia-se tanto na produção, alicerçados na clássica definição de Bakhtin (2000, p. 279), proposto ainda no início do século XX (cada campo de utilização da língua “[...] elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”), quanto na recepção, sustentados em Martín-Barbero (1997, p. 64): “O gênero não é só uma estratégia de produção, de escritura, é tanto ou mais uma estratégia de leitura”.

¹⁹ Para Machado (1988, p. 76), “[...] diante da emissão simultânea, o espectador se sente co-participante de um processo em andamento.”

Brito (2001), por sua vez, reforçou esse argumento ao destacar a presença do elemento sintático “ao vivo” no canto superior direito da tela, o que intensificaria a sensação de importância, veracidade e urgência daquela transmissão. Ademais, para a autora, o telespectador não apenas assiste à transmissão direta televisiva, mas participa, presencia o acontecimento. “[...] a transmissão constrói um tempo e um espaço cuja existência se dá unicamente no momento em que o espectador estabelece com a TV ligada um regime qualquer de interação baseado na co-presença”. (p. 118). Até por isso esse recurso técnico-enunciativo só se dá em certos momentos e para algumas ocasiões²⁰.

No grande acontecimento noticioso²¹, por seu caráter surpresa, as imagens têm um peso excessivamente superior ao das palavras, pois a imprevisibilidade do ocorrido impede a preparação de um *script*, roteiro ou algo nesse sentido, o que não acontece, por exemplo, nos telejornais, porque há um espelho²² previamente elaborado. Até por isso, segundo Matsumoto, Santos e Vaz da Costa (2006), em coberturas “ao vivo” – sobretudo as de longa duração –, são utilizadas diversas estratégias para preencher as várias lacunas e dar sentido à transmissão, como criar diálogos entre jornalistas e entre jornalistas e especialistas, repetir informações dadas anteriormente, reexibir imagens já exibidas, entre outras. Em se tratando de coberturas de catástrofes, Amaral (2013) afirmou que há uma tendência “[...] ao catastrofismo, ao sensacionalismo e pela preponderância das imagens sobre a análise. Outra característica também chama a atenção: a personalização. A catástrofe midiática baseia-se crescentemente no relato pormenorizado das vítimas.” (p. 76).

O caráter de instabilidade comum à transmissão direta televisiva reflete-se na própria práxis do “ao vivo”, conforme apontou Machado (1988):

²⁰ Em relação a esse uso estratégico, segundo Becker (2014), a *Rede Globo*, emissora líder de audiência no Brasil, seja em programas gravados, seja nos “ao vivo”, transmite cerca de 30% de sua programação em direto.

²¹ Para Dayan e Katz (1999), o acontecimento midiático difere do acontecimento da notícia; o primeiro seria o acontecimento “ao vivo” planejado, já o segundo seria aquele que quebra a grade programática e que, em muitas vezes, a instância de produção não está preparada para reportá-lo num primeiro momento. Como esta pesquisa se refere ao segundo, vamos usar o termo “grande acontecimento noticioso”.

²² Espelho: relação de entrada das matérias nos telejornais, sua divisão por blocos, previsão dos comerciais, chamadas e encerramento.

Na transmissão direta de tevê, a tentativa se confunde com o resultado, o ensaio com o produto final. A disposição das câmeras, seus movimentos sobre *dolly* ou sobre o próprio eixo, o campo visível recortado pelo quadro, as aberturas e fechamentos de *zoom*, a duração de cada tomada, o corte, a substituição de uma tomada por outra e todas as outras decisões necessárias para a construção do enunciado televisual [são] tomadas já com o programa no ar. Como consequência, [...] o resultado sempre denuncia uma impossibilidade de se obter nexos ou qualquer coerência estrutural predeterminada. (p. 68).

Dessa maneira, câmeras, repórteres, apresentadores, operadores de VT estão à mercê da natureza acontecimental e de todas as suas possibilidades (in)certas. E, embora o operador de VT²³ (cujo trabalho é escolher, dentre as imagens dispostas nos monitores, aquela mais representativa para dado instante) queira dar uma coerência sintática e, sobretudo, semântica ao acontecimento do direto, a própria natureza de devir desse acontecimento o impede de realizar a edição desse “real” em trânsito. Inclusive, em certo sentido, creio, o operador de VT desenvolve uma operação quase performática nos grandes acontecimentos noticiosos, quase como no *live cinema*²⁴.

Para Carlón (2012), a transmissão direta televisiva pertence ao Sistema Técnico Indicial (STI), inaugurado com a emergência da fotografia²⁵ no século XIX, alterando práticas, dispositivos e linguagens. Tal sistema surge em contraposição ao Sistema de Belas Artes (SBA), que abriga pintura, arquitetura, literatura, música, entre outras produções artísticas surgidas, sobretudo durante e após o Renascimento. Segundo o autor, o discurso do direto televisivo ainda é um mistério se comparado a outras formas expressivas cujas possibilidades têm sido discutidas em diversas pesquisas desde há muito, como, por exemplo, o cinematográfico.

Ademais, Carlón (2012) justificou por que estudar a transmissão direta televisiva e aponta as diferenças desta em relação a outros discursos, tanto os do SBA, quanto os do STI. Primeiramente, a representação do “real” no direto é superior ao da fotografia, do cinematográfico e do televisivo gravado, embora menor em relação às práticas sociais. Segundo, o interlocutor ou telespectador, por intermédio da câmera, experiencia um “acontecendo”, um contínuo, semelhantemente à experiência com o “real”. Nesse sentido, o

²³ VT ou videoteipe: matérias já editadas, ou equipamento que grava áudio e vídeo gerado por uma câmera.

²⁴ “[...] o que importa, em nosso âmbito, é [...] a concomitância temporal entre o ato de editar ao vivo e o espetáculo [...] onde o público experimenta uma imersão na visibilidade e na auditividade do espetáculo”. (CARVALHO, 2011, p. 87).

²⁵ “[...] a emergência de um dispositivo como o fotográfico [...] gerou uma verdadeira *ruptura enunciativa*, por ter dado origem a um fenômeno inédito na história da produção de imagens, a *enunciação automática*”. (CARLÓN, 2012, p. 47-48, grifos do autor).

sujeito se identifica com um dispositivo cuja função é registrar “[...] os acontecimentos do mundo em seu próprio desenvolvimento temporal, a partir de um *presente da enunciação [...] simultâneo e semelhante ao da sua percepção*, fenômeno [equivalente] ao espelho e à experiência humana” (p. 53, grifos nossos). Por último (e como nós já havíamos advertido anteriormente), a instância de produção tem um controle limitado da edição, operando as seleções das imagens no transcorrer do acontecimento.

Em sentido análogo, Charaudeau (2010b) disse haver, na maioria dos casos, um lapso entre o acontecimento e sua divulgação, em razão do deslocamento de equipamentos e de pessoas²⁶; mas, quando se trata de um acontecimento “ao vivo”, tem-se a impressão de eterna presentidade do acontecimento. Ademais, tem-se a sensação de abolição da distância entre instância de produção e instância de recepção, ali colocadas face a face. Afirmção compartilhada por Albani (2007), que define a transmissão direta como uma estratégia enunciativa fundamental para produzir um efeito de proximidade entre as instâncias de produção e recepção. “[...] nessa herança histórica da concomitância de produção e recepção, o meio televisual oferece ao telespectador o espaço para, se não interagir, pelo menos ter a sensação de participar como um integrante do evento transmitido [...]” (p. 8). Nesse sentido é que Bucci (2009) acredita que, se no século XIX, a verdade factual era dada a conhecer por meio da palavra impressa nos jornais diários, na segunda metade do século XX, sobretudo, as imagens “ao vivo” são o principal elemento da Comunicação Social. “A instância das imagens ao vivo instaurou-se como o oráculo da sociedade, um oráculo massificado que se apresenta como a mais alta forma de registro da dita realidade para uma civilização que terá em seus olhos o principal critério de verificação da verdade.” (BUCCI, 2009, p. 69).

1.1 A transmissão direta na TV brasileira: uma, entre muitas, hi(e)stória

A fim de tentar compreender o modo como se deu a consolidação do gênero “ao vivo” na televisão brasileira²⁷, mais especificamente aquele característico do discurso midiático de informação, propomos, neste ponto da tese, lançar luz a uma (entre muitas possíveis) história

²⁶ Dessa maneira, baseados em Orrico e Ferreira (2016), temos que um acontecimento “[...] é noticiado de uma forma mais sucinta, e menos completa, quanto mais recente seja a cronologia entre sua realização e sua divulgação. Isso se dá porque imediatamente após um fato ocorrer, as origens, causas, testemunhos, teses, tudo ainda é muito impreciso e vai se detalhando conforme, ao longo do tempo, mais conhecimento sobre ele vai sendo construído.” (p. 40).

²⁷ Parte das discussões aqui apresentadas está em Silva (2014).

da transmissão direta na televisão brasileira²⁸. Não espero, dessa forma, dar a entender a existência de um único percurso²⁹, tampouco desconsiderar outros vieses para a transmissão direta televisiva no país, porque não é essa a natureza desta tese. Nesse sentido, o objetivo é, então, apresentar iniciativas significativas para a história do discurso midiático de informação “ao vivo” no país, seja pela precariedade dos sistemas técnicos de outrora, seja por ações pioneiras, desde as primeiras coberturas jornalísticas até as atuais.

Com base nas fases da televisão brasileira proposta por Mattos (2002), as quais consideramos pertinentes para contar uma história da TV no país, neste primeiro capítulo, pinçamos, dentro desse macropercurso histórico, o quinhão da transmissão direta televisiva. Esperamos, com isso, delinear como, em longo prazo, deu-se, como dito anteriormente, a consolidação do gênero e suas linguagens. Importante ter ciência, contudo, o quão sinuoso foi o caminho não só do “ao vivo”, mas da própria televisão desde a “fase elitista” até os dias de hoje, período marcado pela digitalização e ascensão da TV por assinatura.

Embora a televisão tenha sido “inventada”³⁰ em 1923, quando Vladimir Zworykin descobriu os raios catódicos, a ideia de transmitir informações pelo tubo iconoscópio só se deu 20 anos depois. Não obstante, segundo Vianna (2003), o primeiro jornal em imagens foi produzido em 1909, pelos irmãos Lumière. Essa pré-história do telejornalismo, na verdade, são filmes a respeito de acontecimentos históricos³¹.

Na década de 1930, como mostrou Ignacio Ramonet (1995), algo semelhante foi feito na Alemanha, onde a TV era utilizada para divulgar “info-propagandas” nazistas. De acordo com o sociólogo hispânico, o telejornalismo como se conhece hoje só surgiu no fim da década de 1940, nos Estados Unidos.

²⁸ Daremos ênfase às emissões cuja característica predominante remeta ao campo do discurso midiático de informação, deixando em segundo plano programas de variedade, telenovelas, entre outros gêneros televisuais. Cremos, com isso, poder delimitar e aprofundar o cerne da discussão proposta nesta tese. Ademais, esta história da TV brasileira diz respeito, exclusivamente, à mídia comercial, e não à pública, muito embora a concessão dos canais, como um todo, seja pública.

²⁹ Percurso, como quaisquer outros, marcado por tensionamentos, rupturas, “avanços” e “retrocessos”.

³⁰ Para Paternostro (1999), a invenção da TV foi fruto de descobertas iniciadas ainda no século XIX. Esta tese, no entanto, não discorrerá sobre os experimentos cujo resultado foi a invenção da televisão; todavia, sugere-se o site *Histoire de la télévision* (<http://histv2.free.fr>), onde há um sem-número de textos sobre o assunto.

³¹ Em Vianna (2003), há mais informações sobre esse “cinejornalismo”.

O significado da palavra “televisão” é mais ou menos regular entre os dicionários de definição, seja ao falar da tecnologia (ondas eletromagnéticas), da sua capacidade como meio de comunicação, ou do seu caráter físico (eletrodoméstico) (SILVEIRA BUENO, 1968; MUNIZ, 2005; FERREIRA, 2009; HOUAISS; VILLAR, 2009). O consenso é menos evidente, contudo, em relação à etimologia da palavra. Se, para todos, “tele” se origina do grego (*téle* – longe, ao longe, de longe), o outro termo, “visão”, vem do latim (*visu* – visto) (SILVA DIONÍSIO, 2002), do inglês (*vision* – visão, vista) (MANSUR GUÉRIOS, 1979), da influência francesa (*télévision*) (HOUAISS; VILLAR, 2009).

Dessa maneira, seu significado (“visão ao longe”, “visão do distante”) representa, em parte, sua importância política, social e cultural. No Brasil, por exemplo, um país de extenso território, essa possibilidade de ver (e ir) longe da televisão serviu ao Regime Militar, por exemplo, para sua política de integração por meio da televisão (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010). Em termos sociais e culturais, pode-se dizer da influência da televisão no dia a dia das pessoas; Fischer (2006), por exemplo, comparou a prática de leitura em voz alta realizada durante as noites das famílias europeias no século XIX ao hábito das famílias modernas de assistir à TV em grupo, sobretudo na América Latina, onde o hábito de ler não se disseminou tal como na Europa³². Particularmente no Brasil, há exemplos da influência da TV não só no cotidiano das pessoas, mas em outros setores sociais. É o caso do número significativo de canções sobre a televisão – quase sempre críticas ao meio; mais uma demonstração de força da TV está na sua capacidade de mobilizar outras mídias, as quais vão comentar emissões televisuais como novelas, *reality shows*, programas de auditórios etc.

Mattos (2002) dividiu sua história da televisão brasileira em seis fases com base em aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. Nesse sentido, a primeira fase, intitulada “fase elitista”, vai de 1950 a 1964. Em tal período, segundo o autor, o televisor era um luxo para poucos, com preço semelhante a um carro da época. Esse aspecto socioeconômico, inclusive, refletiu no próprio conteúdo das primeiras emissoras brasileiras. Não era rara a exibição de espetáculos de *ballet* ou orquestras pela TV. “Nos primeiros anos, a televisão não passou de um brinquedo de luxo das elites do país [...]” (MATTOS, 2002, p. 89). Duas outras

³² Com a “popularização” da TV por assinatura e, conseqüentemente, o acesso aos canais segmentados, essa prática tende a diminuir, pois cada membro da família passa a assistir aos canais de seu interesse em detrimento das emissoras generalistas.

características dessa fase são a formação do oligopólio do *Diários dos Associados* e a produção/exibição exclusivamente local dos programas.

O “ao vivo” era, quase sempre, o único recurso de transmissão nessa primeira fase, pois a gravação em cinescópio³³, por exemplo, tinha um alto custo (pouco viável para a época) e requeria o transporte e o manuseio de equipamentos pesados e inapropriados para gravações rápidas. Ademais, a edição dava-se em rolos filmicos, o que exigia profissionais especializados e recursos financeiros consideráveis, sobretudo para um meio ainda incipiente.

A primeira emissora do país, a *TV Tupi Difusora*, de São Paulo, foi inaugurada em 18 de setembro de 1950 por Assis Chateaubriand, proprietário do *Diários dos Associados*³⁴; dois anos antes, ele trouxera técnicos e equipamentos dos Estados Unidos para montar a emissora³⁵. Naquele mesmo mês, foi exibido “ao vivo” o *Imagens do Dia*, primeiro “telejornal” brasileiro. A primeira notícia³⁶ exibida pelo *Imagens* foi um desfile militar pelas ruas paulistanas (REZENDE, 1999). Segundo Barbosa (2010), como os demais programas da emissora, o *Imagens* era marcado por improviso e vez por outra sofria com problemas de instabilidade³⁷, implicando atrasos na programação da *TV Tupi Difusora*. A programação, nas palavras de Brandão (2010, p. 38), era “[...] uma verdadeira caixinha de surpresas”, pois não havia uma rotina de exibição das atrações da emissora.

O *Imagens do Dia* saiu de cena dois anos após sua estreia, dando lugar ao *Telenotícias Panair*. Este teve vida mais curta ainda e, em 1953, deu lugar ao *Repórter Esso*³⁸, um dos telejornais de maior sucesso da história da TV brasileira, ficando no ar por 20 anos (VIANNA, 2003). O *Repórter Esso* adotou o modelo norte-americano de apresentação. Nessa fase, o telejornal da *Tupi* teve como âncora, primeiramente, Khalil Filho e, em seguida, Gontijo Teodoro. Este se notabilizou pela frase: “*Repórter Esso*, o testemunho ocular dos fatos”.

³³ Cinescópio: câmera cinematográfica que registrava imagens para repetição posterior na televisão.

³⁴ Para Brandão (2010), Chateaubriand foi dono do primeiro oligopólio de comunicação do País.

³⁵ Ver Barbosa (2010).

³⁶ Relato de um fato de interesse público. Pode se dar por meio de notas, reportagens, entrevistas etc.

³⁷ “[...] não era apenas a imagem que se ressentia das possibilidades tecnológicas: sendo o som também precário e quase inaudível, requeria uma atenção suplementar, que incluía a ausência do mínimo barulho durante as transmissões.” (BARBOSA, 2010, p. 32).

³⁸ Para Rezende (1999), o *Repórter Esso* era caracteristicamente marcado pelo estilo do rádio e pela subordinação ao patrocinador, algo corriqueiro na época.

Em 4 de agosto de 1952, a TV Tupi veio a fechar importante contrato com a Esso para a apresentação do “Repórter Esso”. O prestígio do programa já vinha do rádio, no qual se tornou o noticioso de maior evidência. Fora lançado em 20 de agosto de 1941 na Rádio Nacional [...] Na TV, eram programas de cinco minutos, várias vezes ao dia e contendo as últimas e mais destacadas notícias [...]. (ARONCHI DE SOUZA, 2005, p. 79).

O estilo norte-americano no telejornalismo brasileiro ganhou regras extremamente rígidas, segundo Vianna (2003): frases com até trinta palavras; notícias com duração de, no máximo, 16 segundos; coloquialismo da língua; atribuição da fonte; 40% de notícias regionais, 40% nacionais e 20% internacionais, entre outras. Exceção desse período foi o *Jornal de Vanguarda*, da TV Excelsior; que revolucionou o telejornalismo no início da década de 1960. Criou um modelo alternativo ao estilo norte-americano, com notícias críticas, mais profundas e comentadas. De acordo com Paternostro (1999), o *Vanguarda* foi o divisor de águas entre radiojornalismo e telejornalismo no Brasil³⁹. “[...] o texto jornalístico ganhava força na locução de Luís Jatobá e Cid Moreira. O cuidado com a imagem refletia no visual dinâmico [...]” (REZENDE, 1999, p. 107).

O *Vanguarda*, dirigido por Fernando Barbosa Lima, foi, de fato, o primeiro TELEjornal do país. Entre as novidades, ressalta-se a presença do repórter e dos comentaristas, bem como o dinamismo das notícias, em muitos casos com entradas “ao vivo” dos repórteres *in loco* durante o jornal. Por tudo isso, o *Vanguarda* (fazendo jus ao nome) criou linguagens estritamente televisuais. Conforme Mota (2010, p. 142), seu diferencial era: “[...] a notícia dada com criatividade, o comentário inteligente, a entrevista humana, as grandes reportagens e os debates em profundidade”.

Não só pelo pioneirismo do *Jornal de Vanguarda*, mas o surgimento da TV Excelsior, do Grupo Simosen, foi salutar para a profissionalização e desenvolvimento da televisão brasileira, superando o improvisado e o amadorismo até então vigentes. Ela criou a programação tal como é hoje, o *slogan*, o logotipo e alguns dos gêneros televisivos de sucesso da TV brasileira, como os festivais de MPB e as telenovelas (BRANDÃO, 2010; RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010), gêneros, linguagens e modos de fazer copiados paulatinamente por todas as outras emissoras nacionais, inclusive pela *Rede Globo*.

³⁹ “Em 1963, [o *Jornal de Vanguarda*] recebeu na Espanha o Prêmio Ondas de melhor telejornal do mundo.” (PATERNOSTRO, 1999, p. 36)

A década de 1960 inaugura uma nova fase da televisão, com o advento do videoteipe⁴⁰, em 1962, e dos satélites de telecomunicações. Com isso, o telejornalismo se tornou dinâmico, ágil e ganhou em mobilidade. “[...] o surgimento de um equipamento mais leve, portátil [...] facilitou o trabalho de gravação externa, criando novos caminhos para a televisão, tanto no telejornalismo quanto na linha dramática.” (BECKER, 2010, p. 246-247).

Ainda em um âmbito muito incipiente, a grade de programação foi outra inovação pensada ainda nos anos 1960. De acordo com Bergamo (2010), a princípio, a ideia foi adequar os programas à rotina da família nuclear. “A pioneira, nesse caso, foi a TV *Excelsior*, do Rio de Janeiro, que, em 1963, passou a combinar uma programação vertical (diferentes programas em um mesmo dia) com uma horizontal (um mesmo programa exibido todos os dias no mesmo horário).” (p. 64). A *Excelsior* inovou nesse período com os telejornais *Jornal de Vanguarda* (1962) e *Show de Notícias* (1963); de acordo com Ribeiro e Sacramento (2010), essa emissora foi a primeira a pensar o telejornal como um gênero com características próprias, linguagens mais complexas, não mais um “rádio com imagens”.

Para Bergamo (2010), a grade representa a ideia de público-alvo das emissoras⁴¹, isto é, se pela manhã são exibidos programas infantis, à tarde variedades e à noite telejornais e dramaturgias, essa é, na ótica do canal, o interesse e a rotina do seu público-alvo.

A “fase populista” (1964-1975) iniciou-se com o Golpe de 64 e a deposição do presidente João Goulart. Esta se caracterizou ainda pelo início da profissionalização da TV, pela nacionalização dos programas, pelo surgimento e ascensão da *Rede Globo*, pela consolidação das telenovelas e do telejornalismo.

No aspecto político, durante os sucessivos governos militares, por um lado, houve um sem-número de investimentos na tecnologia para a telecomunicação brasileira, visando, sobretudo, à integração do país; por outro, houve várias medidas com o intuito de controlar, ou mesmo censurar, os meios de informação (incluindo, claro, a televisão)⁴².

⁴⁰ De acordo com Jost (2007), só com o advento do videoteipe, pôde-se criar uma memória televisiva. Antes disso, somente a emissão que fosse considerada obra era filmada e registrada, o restante (como debates, apresentações de telejornais, mesas-redondas etc.) era descartado.

⁴¹ O que vamos nos aprofundar quando formos analisar a *Globo News* como emissora nos capítulos três e quatro.

⁴² Destaque para os Atos Institucionais n. 4 e n. 5 – o primeiro alterou, entre outras coisas, as normas de concessões para rádio e TV; o segundo instaurou a censura prévia (MATTOS, 2002).

Apesar das novas tecnologias, o telejornalismo brasileiro não pôde gozar de toda a criatividade em razão, sobretudo, do Golpe de 1964. Talvez a emissora mais prejudicada com a ascensão dos militares ao poder foi a *Excelsior* e seu crítico e combativo *Jornal de Vanguarda*, principalmente após a publicação do Ato Institucional n. 5 (AI-5), em 1968. “A *Excelsior* se pautava editorialmente por um ‘nacionalismo democrático’ e, diante da possibilidade de golpe militar, apoiou a manutenção do presidente João Goulart no poder. Com a consolidação da Ditadura, a emissora sofreu boicotes e uma censura bastante rígida.” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 110). A concessão da emissora foi cassada pelos militares em outubro de 1970.

O governo militar não chegou a cassar as concessões de outras emissoras, mas a censura se instalou em toda e qualquer produção televisiva, seja de informação, seja de entretenimento. Nesse período, surgiu, em 26 de abril de 1965, a *Rede Globo*, do jornalista Roberto Marinho. No início, a *Globo* concentrou sua programação em programas populares, como Chacrinha e Dercy Gonçalves (PATERNOSTRO, 1999).

O telejornalismo na *Globo* começou ainda em 1966, quando a emissora de Roberto Marinho trouxe, da *Excelsior*, o *Jornal de Vanguarda*, bem como sua equipe. A experiência foi malsucedida e o *Vanguarda* retornou à *Excelsior*. No seu lugar, a *Globo* passou a exibir o *Jornal de Verdade* e, posteriormente, o *Ultratôcias*; este, todavia, saiu do ar com a chegada de Armando Nogueira, novo diretor de jornalismo da emissora carioca. Nogueira, então, criou o *Jornal da Globo*, exibido por cerca de dois anos, chegando ao fim um dia antes de estreiar o *Jornal Nacional* (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010).

Em 1º de setembro de 1969, o *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, entrou no ar⁴³. Esse foi o primeiro programa transmitido simultaneamente (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba e Porto Alegre)⁴⁴. Segundo Vianna (2003), o *JN* só ganhou credibilidade entre os telespectadores ao longo dos anos; seu formato pouco se alterou desde a sua estreia, só mesmo por razões econômicas e pelo surgimento de outras emissoras.

⁴³ “O estilo de linguagem e narrativa e a figura do repórter de vídeo tinham os telejornais americanos como modelo.” (PATERNOSTRO, 1999, p. 36).

⁴⁴ Segundo Ribeiro e Sacramento (2010), isso só foi viável com o apoio do governo militar; em 1965, fundou-se a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), visando à integração do país, o que permitiu a transmissão em micro-ondas e, conseqüentemente, a ampliação do mercado consumidor.

[...] não foi apenas por ser exibido em rede que o “Jornal Nacional” se diferenciou de outros telejornais. O telejornal adotava um conceito de jornalismo diferente. Era produzido para a família brasileira, reunida no ambiente doméstico, e usava uma linguagem mais direta e coloquial, bastante distante do modelo radiofônico dos primeiros programas, caracterizada por uma locução em voz grave e em tom sério. Suas manchetes eram, em geral, curtas e rápidas. O texto era lido alternadamente por dois apresentadores de forma ágil e dinâmica. [...] O “Jornal Nacional”, além disso, apresentava mais matérias testemunhais, com a voz dos entrevistados. Além das imagens cobertas com o áudio do locutor, o telejornal também inseria o chamado “som direto”, o depoimento das pessoas falando, praticamente inexistente no “Repórter Esso” e nos noticiários das outras emissoras. (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 115)

Nesse início, o *JN* foi marcado por um paradoxo: mostrar aos telespectadores sua autonomia em relação ao Regime Militar, mas conviver com a censura do governo. Dessa forma, de acordo com Rezende (1999), a originalidade do *JN* estava no uso da tecnologia, pois o conteúdo sofria intervenção direta dos militares.

O telejornalismo de polícia – conhecido como “mundo cão” – tomou conta de algumas emissoras nessa época, inclusive da própria *Globo*, abusando de elementos sensacionalistas⁴⁵. Entre esses teleinformativos policiais, destaque para: *Polícia às suas ordens (Excelsior)*, *Patrulha da cidade (Tupi)*, *Plantão policial canal 13 (TV Rio)* e *Cidade contra o crime (Globo)*. Como mostraremos adiante, esse jornalismo “mundo cão” retornaria à telinha no fim da década de 1980, no *SBT*.

A década de 1970 marca o fim do *Repórter Esso* – por problemas financeiros e em razão do surgimento da *Globo* – e o início das transmissões em cores na TV brasileira. De acordo com Paternostro (1999), a *TV Difusora* de Porto Alegre foi primeira a transmitir em cores e “ao vivo”, durante a Festa da Uva, em 1972. Contudo, a *Rede Globo* soube melhor explorar as possibilidades da televisão em cores: “[...] abusava de videografismo, de edições velozes baseadas em planos curtos, de *chromakey* para realizar pirotecnias visuais e de figurinos bastante coloridos”. (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 123).

Nesse período, a *Rede Globo*, já há muito a emissora mais assistida do país, começa a estabelecer o “padrão *Globo* de qualidade”⁴⁶, em 1973. De acordo com Décio Pignatari

⁴⁵ “Sensacionalista”, para efeito de definição, será tomado conforme as proposições de Martín-Barbero (1997); o termo diz respeito a uso deliberado de elementos a fim de dialogar com certas linguagens marginalizadas e distintas do modelo hegemônico.

⁴⁶ “[...] um repertório direcionado para o gosto da classe média, visualmente limpo e tecnicamente benfeito.” (FECHINE; FIGUEIRÔA, 2010, p. 287).

(1984), a *Globo* deu novo visual ao cenário e aos locutores. O mais importante âncora da emissora então era Cid Moreira, saído do *Jornal Vanguarda*.

[...] Cid é um exemplo raro de neutralidade no sentido de constância, homogeneidade e monotonia (i. e., um único tom, sempre o mesmo) que ele “imprime” a qualquer notícia, ressaltando o tom pela rigidez de postura à leitura, olhos postos no miolo da lente da câmera, ou seja no telespectador em casa. (GLEISER, 1983 apud REZENDE, 1999, p. 114)

Uma das armas utilizadas pela *TV Globo* para obter esse “padrão de qualidade” era o videoteipe; ele possibilitava “[...] imprimir nos produtos finais recursos gráficos, voz em *off* e um ritmo mais acelerado e dinâmico, assim como também era possível suprimir equívocos e imperfeições” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 119). Essa medida (entre outras) foi criando um modelo, tal como um manual de redação, para garantir a unicidade dos programas.

A terceira das sete fases a “do desenvolvimento tecnológico” (1975-1985) trouxe a consolidação da programação televisiva no país e da noção de rede, o fim da *TV Tupi* e o surgimento do *Sistema Brasileiro de Televisão* (SBT) e da *Rede Manchete*, o fim do Ato Institucional n. 5 (de censura prévia aos meios de comunicação) (MATTOS, 2002). Ademais, a fase marcou, conforme Mattos (2002), o início da expansão das emissoras, com a exportação de programas para outros países. “Em 1979, a *Globo* já estava exportando seus programas para mais de noventa países.” (p. 115). Essa exportação cultural era, sobretudo, de novelas e musicais.

O início dos anos 1980 é marcante para a TV brasileira. “[...] chega ao fim a história da primeira emissora do país: por causa de problemas financeiros, a *Rede Tupi de Televisão* é cassada pelo governo. E suas emissoras são divididas em dois grupos empresariais – Sílvia Santos e Adolfo Bloch” (PATERNOSTRO, 1999, p. 33).

Um ano depois, Sílvia Santos funda o *Sistema Brasileiro de Televisão* (SBT), uma emissora de programas populares⁴⁷ e, em certa medida, com bons índices de audiência. Nos dois primeiros anos, o *SBT* levou ao ar boa parte dos programas de sucesso das décadas de 1960 e 1970 em outras emissoras. “Apesar dos inúmeros problemas internos, a entrada em cena do *SBT* causou grande impacto na televisão dos anos 1980, a ponto de mudar seus rumos dali em

⁴⁷ O “brega” marcava boa parte das produções do *SBT*, isto é, havia abuso no uso de cor, brilho, luz, som estrondoso, efeitos especiais (MIRA, 2010).

diante. Naquela década assistiu-se à volta dos auditórios em todas as emissoras de TV.” (MIRA, 2010, p. 169). Em 1983, surge a *Rede Manchete de Televisão*. A TV do grupo Bloch especializou-se na exibição de documentários e produções independentes.

Nesse período, com a ideia de programação mais consolidada entre as emissoras brasileiras (e com a maioria delas seguindo o modelo perpetrado pela *Rede Globo*), o telejornalismo passa a ser um gênero-chave na busca por credibilidade e maior índice de audiência. “O telejornalismo recebeu expressivos investimentos e passou a estar cada vez mais envolvido com algumas das principais decisões do país [...]” (BECKER, 2010, p. 239). Entre os casos de maior implicação dos telejornais nessa fase estão a cobertura da internação e morte de Tancredo Neves, o debate entre Collor e Lula e o *impeachment* de Collor – esses dois últimos já no início da década de 1990.

O marco da quarta fase da televisão brasileira – “da transição e da expansão mundo afora” (1985-1990) –, de acordo com Mattos (2002), foi a abertura política. A saída dos militares do poder foi uma das muitas mudanças para o país e, conseqüentemente, para o setor de comunicação. A Constituição de 1988 trouxe as mudanças de maior impacto para os meios. Liberdade de informação, propriedade de veículos de comunicação, regime de concessão e renovação de rádio e TV estão entre as principais alterações introduzidas pela Carta Magna.

Para o telejornalismo, a quarta fase foi de mudanças, sobretudo, da figura do âncora. Na segunda metade da década de 1980, o *SBT*, segundo Rezende (1999, p. 126), era visto com “[...] uma emissora incapaz de produzir um jornalismo de qualidade”. A mudança ocorreu quando Sílvio Santos decidiu reformular o telejornalismo, adquiriu novos equipamentos e contratou o jornalista Boris Casoy, ex-editor-chefe da *Folha de S.Paulo*. Sua inexperiência em TV não foi problema, pelo contrário. Casoy inovou (SQUIRRA, 1993a; 1993b) na apresentação do *Telejornal Brasil*⁴⁸.

Casoy, no entanto, não conformou a sua função ao modelo norte-americano de ancoragem. De forma singular, além de ler as notícias e conduzir o noticiário, ele passou a fazer entrevistas e emitir comentários pessoais sobre os fatos noticiados, o que para alguns críticos e profissionais de outras emissoras era uma deturpação do trabalho do âncora. (REZENDE, 1999, p. 127).

⁴⁸ “Boris Casoy exerceu atuação opinativa no conteúdo desse programa e desse modo direcionou editorialmente o telejornal. [...] escolhia ele mesmo os principais assuntos e redigia os próprios comentários apresentados no TJ Brasil [...]”. (BECKER, 2010, p. 253; 256).

A resposta a esse modelo criado por Casoy e pela direção de jornalismo do *SBT* logo repercutiu. O *TJ Brasil* teve grande aceitação entre os telespectadores e chegou a ser o segundo produto de maior audiência da emissora, só atrás do *Programa Sílvio Santos*.

Inovação por um lado, retrocesso por outro. Embora tenha repensado o papel do âncora e criado um telejornal até hoje lembrado por muitos, o *SBT*, em pleno período de redemocratização brasileira, ressuscitou o “jornalismo cão” na TV, com a volta do *Aqui Agora*⁴⁹ em 1991.

Em sua primeira versão, o *Aqui e Agora*⁵⁰ foi exibido pela *TV Tupi* entre junho de 1979 e maio de 1980, quando a emissora teve a concessão cassada. O *Aqui e Agora* durava cerca de quatro horas e tinha como objetivo “[...] ‘retratar a vida diária da cidade’ e produzir ‘notícias interessantes’ de todos os lugares do Rio de Janeiro para o ‘esclarecimento do público’, bem como ‘sugerir soluções para os problemas da cidade’” (ROXO, 2010, p. 180).

Em oposição ao “padrão *Globo* de qualidade”, o *Aqui e Agora* ousou ao enveredar pelo caminho contrário – o improvisado era bem-vindo, e o cidadão marginalizado estava na pauta do dia. Nesse sentido, segundo Roxo (2010), era um híbrido entre jornalismo e programas de auditório.

O fim da *TV Tupi*, no entanto, não foi o fim do *Aqui e Agora* – pelo menos não totalmente –, pois *O Povo na TV*, do recém-criado *SBT*, acolheu sua equipe de profissionais e manteve, quase na íntegra, seu formato até 1984, quando o programa saiu do ar. “O programa embaralhava realidade e ficção para tornar seus quadros atraentes para o público, acentuando o debate entre ‘o bem e o mal’.” (ROXO, 2010, p. 185).

Sete anos depois, contudo, o *SBT* levou ao ar um novo *Aqui Agora*, inspirado no *Nuevodiário*, um telejornal argentino. Diferentemente do *Aqui e Agora*, da *TV Tupi* – e depois da *TV Bandeirantes* –, e de *O Povo na TV*, esse “novo” *Aqui Agora* se apresentava como um programa estritamente jornalístico e feito por jornalistas, pois contava com profissionais recém-saídos de grandes veículos nacionais, como Marcos Wilson e Luís Fernando Emediato

⁴⁹ Conforme explica Roxo (2010), o programa *Aqui Agora* do *SBT* manteve o mesmo formato do *Aqui e Agora* exibido na extinta *TV Tupi* e, posteriormente, na *TV Bandeirantes*, mas, como a emissora de Sílvio Santos não detinha os direitos do programa, alterou o nome, tirando a conjunção “e”.

⁵⁰ Este com a conjunção “e”.

(ex-repórteres de *O Estado de S.Paulo*) e Albino de Castro (ex-correspondente de *O Globo* e ex-diretor da *Rede Gazeta de Televisão*) (ROXO, 2010).

Nem mesmo a presença de jornalistas com passagens marcantes por outros veículos brasileiros foi capaz de ofuscar a presença de Gil Gomes, decerto a figura mais destacada nessa nova fase do *Aqui Agora*. “Gil Gomes não fazia *script*, nem usava teipes. Entrava em cena ao vivo, no calor dos acontecimentos. O relato de Gil Gomes dotava de rosto, situação e cotidianidade os anônimos personagens da vida real.” (ROXO, 2010, p. 190). As linguagens produzidas pelo *Aqui Agora* nesse período, plano-sequência, som direto, imagens ao vivo etc. – guardadas as devidas diferenças –, vão se assemelhar à produção de Glauber Rocha no programa *Abertura*, da *TV Tupi*, de 1979 a 1980⁵¹.

Em 1993, *Aqui Agora* passou por uma reformulação, por causa das críticas a seu conteúdo e os processos judiciais movidos contra o *SBT* por conta das matérias sobre suicídio, vítimas de queimadura, pirataria etc. Com isso, tornou-se um telejornal “[...] mais sóbrio com o uso de terno e gravata. Diminuíram também as reportagens externas relacionadas à investigação policial e se passou a dar mais ênfase ao noticiário informativo diário” (ROXO, 2010, p. 192). Seu fim, de fato, se deu em 1997, quando já havia outras emissoras com telejornais policiais semelhantes ao *Aqui Agora*.

Segundo Mattos (2002), a “Fase da globalização e da TV paga” (1990-2000), iniciada na última década do século XX, deu início às primeiras discussões acerca da implantação de um sistema de TV por assinatura, bem como da alta definição. Nesse sentido, o autor destacou duas leis fundamentais para esses processos ainda incipientes: a Lei n. 8.389, de 30 de dezembro de 1991, que regulamenta o Conselho de Comunicação Social, e a Lei n. 8.977, de 6 de janeiro de 1995, que regulamenta o serviço de TV paga no país.

Em relação aos gêneros, a “Fase da globalização e da TV paga” deu início aos primeiros programas interativos. Para Mattos (2002), o destaque dessa empreitada foi o *Você Decide*, da *Rede Globo*, no ar em 1992. O telespectador, por meio de voto por telefone ao longo do programa, escolhia um entre dois finais possíveis⁵² para cada episódio. O formato chegou a

⁵¹ Mais sobre o *Abertura*, ver Mota (2010).

⁵² O *Intercine* foi outra atração decidida pelo voto popular. Nele, o telespectador escolhia, por meio do telefone, um entre dois filmes possíveis para exibição.

ser exportado para dez países, entre eles: Alemanha, Espanha e Suécia. Ainda segundo o autor, esse período (1990-2000) marcou o *boom* nas vendas de videocassetes e o surgimento das TVs regionais.

A década de 1990 marcou ainda o início da pré-digitalização da TV, possibilitada pelas políticas neoliberais de internacionalização e, consequentemente, o aumento do fluxo de novas tecnologias de comunicação no país. Do mesmo modo, tal política possibilitou os primeiros acordos firmados entre emissoras brasileiras e conglomerados midiáticos internacionais, bem como a “multiplicidade de ofertas de produtos midiáticos”, como, por exemplo, os canais da TV paga. “Na busca de recursos financeiros e tecnológicos, a convergência como um todo, e a TV por assinatura em específico, seguiu em um processo de associações entre corporações transnacionais, proporcionando cooperações, fusões e formação de conglomerados.” (BRITTOS; SIMÕES, 2010, p. 227).

Ainda de acordo com os autores, a oferta de programas televisivos é repensada a partir dessas parcerias entre empresas de comunicação nacionais e internacionais, sobretudo, buscando criar programas específicos para públicos específicos. Aquela lógica de uma programação generalista da década de 1960, voltada para atender a família nuclear, já não se sustentava, ainda mais após a segmentação dos canais proporcionada pela TV paga⁵³. A primeira emissora fruto dessa fase de segmentação foi a *MTV*, ainda em 1990. Especializada em programas de músicas (sobretudo exibição de videocliques), a emissora não pertencia à TV paga, mas ao sistema de transmissão via sinal UHF (*Ultra High Frequency*, em inglês).

Uma alternativa encontrada pelas emissoras generalistas em meio a essa segmentação dos canais foi dar mais espaço às produções regionais. A *TV Globo*, por exemplo, deu mais força e autonomia aos telejornais locais, de maneira a criar maior identificação entre público-matérias-emissora – nos telejornais nacionais, todavia, tem permanecido a ênfase em notícias, sobretudo de São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro.

A gama de canais segmentados introduzida pela TV por assinatura (de desenhos animados, de filmes e séries, de esporte, de música e, é claro, de notícias) criou alterações econômicas e

⁵³ “[...] embora a multiplicação de emissoras torne possível usufruir de uma ampla variedade de programas mais ou menos majoritários, a rede de TVs generalistas continua a ocupar um lugar central no palco da TV, atraindo a maioria das audiências.” (BUONANNO, 2015, p. 71).

estéticas. Economicamente, o setor possibilitou às emissoras outra fonte de renda ademais das publicidades: as assinaturas. O crescimento da TV paga no país ocorreu em dois momentos de 1993 a 1997, período em que atinge cerca de 2,5 milhões de domicílios; depois, de 2004 em diante.

Ainda nesse aspecto econômico, é importante ressaltar como a segmentação favoreceu os anunciantes, pois, com isso, pode-se pensar uma campanha direcionada aos canais de preferência do público-alvo. Na TV aberta, isso tem sido pensado em termos de programação; por exemplo, o anúncio de um brinquedo no horário da manhã, historicamente na TV brasileira voltado para o entretenimento das crianças.

Esteticamente, houve um aumento na qualidade dos programas produzidos na TV paga, e isso se deve por dois motivos mais especificamente. O primeiro é em função da internacionalização dos canais. Fazia-se necessário melhorar a qualidade dos programas, pois qualquer telespectador, do país ou de fora, poderia estar assistindo. Dessa forma, buscou-se atender a um gosto médio dos *media* internacionais (BRITTOS; SIMÕES, 2010). No Brasil, a dramaturgia, sobretudo as novelas, é o mais importante produto de exportação. Em segundo lugar, a qualidade dos programas tem sido elevada justamente em razão da segmentação dos canais. Ao atuar apenas em um determinado segmento, como jornalismo, por exemplo, a emissora, bem como os funcionários, especializa-se naquele gênero em específico.

A sexta fase – “da convergência e da qualidade digital” (2000-2010) – descrita por Mattos (2002), iniciou-se em 2000, com o período da integração entre televisão e internet. Diante disso, ademais das mudanças no formato das televisões, agora mais finas e leves, o autor mencionou novas possibilidades para os telespectadores, como assistir aos programas por novos ângulos e uma maior segmentação do público diante dos inúmeros canais. “A televisão será cada vez mais segmentada, com programações voltadas a grupos étnicos, associações, jovens, velhos.” (MATTOS, 2002, p. 160).

Essa fase marca a escolha do sistema digital da TV brasileira. A princípio havia três padrões possíveis: (1) o norte-americano (ATSC); (2) o europeu (DVB-T); e o japonês (ISDB-T). Depois de 14 anos de estudos e negociações, desde 1999, escolheu-se o padrão japonês, muito em função do baixo custo, capacidade de mobilidade e portabilidade. A implantação do

Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD), entretanto, só se iniciou em 2007, na cidade de São Paulo. A internet banda larga foi outra novidade dessa fase.

Mattos (2002) mencionou, muito brevemente, uma sétima fase, “da portabilidade, mobilidade, interatividade digital”, iniciada em 2010. Para o autor, a convergência das mídias e a produção de conteúdos multimídias (áudio, vídeo e texto) são as principais características do atual período da TV brasileira (e da telecomunicação de uma maneira geral)⁵⁴.

Da quinta e sexta fases, destacamos o surgimento das emissoras *all news* (exclusivamente de notícias) no Brasil⁵⁵, cujo modelo é utilizado pela *CNN* desde a década de 1980⁵⁶: sucessão de jornais de hora em hora “ao vivo” com as principais informações do dia, sempre buscando atualizar e aprofundar as temáticas de maior relevância.

[...] é uma espécie de *jornal em cascata*: um espelho é feito para o jornal das sete da manhã, e ao longo do dia ele se transforma, com a inclusão de novas reportagens e a atualização dos assuntos do Brasil e do mundo. [...] A cada jornal, os temas principais do dia são ampliados, aprofundados e comentados de forma que o assinante receba sempre uma informação a mais, com vários enfoques e visões diferenciadas. Algumas reportagens são reapresentadas propositalmente em todos os jornais, para que o assinante que estiver ligando a televisão naquele momento possa receber um jornal completo, de política e economia a internacional e esportes. É assim que funcionam as TVs por assinatura de notícias. (PATERNOSTRO, 1999, p. 44, grifo da autora).

Essa programação cíclica, contudo, pode ser interrompida a qualquer momento caso haja um acontecimento relevante no entender da emissora; foi o caso, por exemplo, da morte da princesa Diana, em 1997, do incêndio na boate *Kiss*, em 2013, da morte do candidato à presidência Eduardo Campos, em 2014, e da queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol, em 2016⁵⁷, ocasiões nas quais a *Globo News* se dedicou exclusivamente a esses fatos, abdicando de sua grade programática regular.

⁵⁴ Não podemos deixar de mencionar a forte concorrência que a TV tradicional, seja as emissoras abertas ou as pagas, vem enfrentando desde o surgimento das plataformas via streaming, como a *Netflix*, e de compartilhamento de vídeos, como o *YouTube*.

⁵⁵ A *Globo News* foi a primeira, tendo sido criada em 15 de outubro de 1996. O caminho trilhado pela *Globo News* logo foi seguido pela *Rede Bandeirantes*, com a *TV Band News* (criada em março de 2001) e pela *Rede Record*, com a *Record News* (criada em setembro 2007).

⁵⁶ “A *CNN* foi a única rede a mandar sinais ao vivo de Bagdá na primeira noite do conflito. [...] A Guerra do Golfo foi chamada por muitos jornalistas e estudiosos de Comunicação de ‘guerra da televisão’ porque foi transmitida em tempo real. [...] A *CNN* provocou a criação de outros canais exclusivos de notícias pelas principais redes abertas em todo o mundo [...]” (BECKER, 2010, p. 256).

⁵⁷ Objeto empírico desta tese.

A partir deste percurso (entre muitos outros possíveis), percebemos três períodos para o “ao vivo” como gênero televisual do discurso midiático de informação no Brasil: 1) nos primeiros anos da TV, até mesmo em razão de seu caráter incipiente como meio, o “ao vivo” era fruto da conjuntura posta; 2) posteriormente, sobretudo com o advento do videoteipe – o que possibilitou gravar e editar de modo ágil –, o “ao vivo” passou a ser utilizado somente em algumas situações (apresentação dos telejornais, coberturas de última hora), mas priorizando-se o “gravado”, por permitir, como dito, “corrigir” equívocos e imperfeições; 3) por fim, as emissoras *all news* têm feito um uso estratégico do “ao vivo” na cobertura de grandes acontecimentos noticiosos, como veremos adiante nesta pesquisa. Temos, então, nesses três momentos sócio-históricos o “ao vivo” como (1) condição, (2) exceção e (3) distinção.

Concluído o primeiro capítulo desta tese, em que buscamos, num primeiro momento, delimitar as características e efeitos de sentido do gênero “ao vivo” e, posteriormente, propusemos um percurso histórico-social para o modo como se deu a consolidação desse gênero no discurso midiático de informação na televisão brasileira, passamos ao segundo capítulo, em que vamos dar a conhecer o escopo teórico que sustentou nossa pesquisa, a saber: a semiolinguística.

2 DISCURSO DA TRANSMISSÃO DIRETA TELEVISIVA

Fui nomeado diretor dos serviços informativos da “televisão”. Era divertido: ao princípio ainda tentamos reproduzir a realidade, ou aquilo que supúnhamos que seria a realidade. Construíamos o telejornal com base em informação trazidas pelos guardas, pelos familiares e amigos que nos visitavam, ou retiradas dos raros jornais e revistas que conseguíamos obter. Pouco a pouco começamos a inventar breves notícias, e logo outras de maior impacto, enredando os restantes presos num universo de ficção. Noticiamos uma revolta na União Soviética, o fim do Bloco de Leste e a queda do muro de Berlim. (AGUALUSA, 2012, p. 190).

Neste capítulo, apresentamos, inicialmente, o que vem a ser discurso, bem como sua concepção segundo os dicionários de definição. Em seguida, traçamos um paralelo entre algumas vertentes da análise do (ou de) discurso para, então, posteriormente, definirmos o conceito de discurso conforme a teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau – teoria-base desta tese. Por fim, apontamos características e particularidades discursivas da transmissão direta televisiva, com o intuito de usá-las cooperativamente no capítulo quatro, durante a análise do “ao vivo” que realizou a *Globo News* sobre o acidente com o avião da LaMia que transportava a delegação da Associação Chapecoense de Futebol, convidados, profissionais da imprensa brasileira e tripulantes nas proximidades da cidade de Medellín, na Colômbia, no dia 29 de novembro de 2016.

De acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, entre outras acepções, o termo “discurso” é

[...] **1** mensagem oral, ger. solene e prolongada, que um orador profere perante uma assistência <d. de formatura> **2** LIT peça de oratória ger. para ser proferida em público, ou escrita como se fosse para esse fim; sermão, oração **3** série de enunciados significativos que expressam a maneira de pensar e de agir e/ou as circunstâncias identificadas como um certo assunto, meio ou grupo <d. psicanalítico> **4** FIL raciocínio que se realiza pela sequência que vai de uma formulação conceitual a outra, segundo um encadeamento lógico e ordenado **5** p. meta exposição do raciocínio assim conduzido **6** LING a língua em ação, tal como é realizada pelo falante [Muitos linguistas substituem discurso por fala, na dicotomia língua/discurso.] **7** LING segmento contínuo de fala maior do que uma sentença **8** Enunciado oral e escrito que supõe, numa situação de comunicação, um locutor e um interlocutor [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 693, grifo no original)

No *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, há concepções semelhantes e divergentes sobre o termo, a saber:

discurso. [Do lat. *discursu*] **S.m.** 1. Peça oratória proferida em público ou escrita como se tivesse de o ser. 2. Exposição metódica sobre certo assunto; arrazoado. 3. Oração, fala. 4. *E. Ling.* Qualquer manifestação concreta da língua. [Sin, nesta acepç.: *fala* e (fr.) *parole*.] 5. *E. Ling.* Unidade linguística maior do que a frase; enunciado, fala. 6. *Ant.* Raciocínio, discernimento. 7. *Fam.* Palavreado vão, e/ou ostentoso: *Nada de discurso, vá direto ao assunto.* 8. *Fam.* Fala longa e fastidiosa, de natureza ger. moralizante: *Toda vez que chega tarde, o pai faz-lhe um discurso.* 9. Qualquer manifestação por meio da linguagem, em que há predomínio da função poética (q. v.): “*O estatuto americano dos textos borgeanos não invalida o fato de ele pertencer ao discurso do sistema cultural universal.*” (Bella Jozef, Jorge Luis Borges, p. 41) [...]. (FERREIRA, 2009, p. 687, grifo no original)

Interessante observarmos as duas primeiras acepções do *Houaiss* e as três primeiras do *Aurélio*. Nelas “discurso” está expresso em seu sentido mais corriqueiro, ligado à ideia de oratória, pronunciamento. Outras acepções vão evocar a Psicanálise, a Literatura, a Filologia e mais algumas áreas do conhecimento. Relevante ressaltar, no entanto, as definições ligadas aos Estudos de Linguagens. O tópico seis do *Dicionário Houaiss* considera o discurso como língua em ação, retomando a clássica dicotomia proposta nas aulas de Saussure entre língua (*langue*) e discurso (*parole*) (SAUSSURE, 2006); algo semelhante é apresentado pelo *Aurélio* no tópico quatro. Tal perspectiva diz respeito ainda à definição de Benveniste (2006) sobre a ideia de enunciação, isto é, a língua em funcionamento por um ato individual.

A mais interessante entre todas as conceituações a esta tese é, certamente, a descrita no tópico oito do *Houaiss*, em razão, sobretudo, da presença de alguns conceitos-chave, a saber: “enunciado”, “situação de comunicação”, “locutor”, “interlocutor”⁵⁸. Apesar de restringir a ideia de discurso a enunciados orais e escritos apenas (desconsiderando gestos, imagens etc.), tal concepção vai ao encontro da noção de discurso perpetrada, por exemplo, pela semiolinguística.

Ainda com a ideia de buscar a noção de discurso em dicionários, voltamos nossa atenção a um dicionário mais próprio dos Estudos de Linguagens, o *Dicionário de Análise do Discurso*, organizado por Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2008). A noção de discurso é oriunda da filosofia clássica, e seu valor se aproxima da ideia de *logos*. Para esses mesmos autores, pode-se, a partir da noção de discurso, pensar em algumas oposições possíveis: 1) “discurso x frase” – nessa acepção, várias frases vão compor um discurso (ideia mais próxima das prerrogativas da linguística textual); 2) “discurso x língua” – aqui, tem-se uma concepção semelhante à distinção proposta por Saussure (2006) entre *langue* e *parole*, isto é, língua e

⁵⁸ Mais adiante, esses conceitos vão ser mais bem detalhados.

fala ou discurso (sendo a primeira uma espécie de acervo linguístico e a(o) segunda(o) o uso mais individualizado e efetivo da língua); 3) “discurso x texto” – remete-se a uma perspectiva de texto e contexto; e, por fim, 4) “discurso x enunciado” – talvez essa seja a oposição de maior relevância (juntamente com a anterior) para esta tese, pois “permite opor *dois modos de apreensão* das unidades transfrásticas: como unidade lingüística (‘enunciado’) e como traço de um ato de comunicação sócio-historicamente determinado” (MAINGUENEAU, 2008, p. 169, grifo no original).

Ainda de acordo com Maingueneau (2008), essa concepção de discurso (especialmente três e quatro) tomou corpo, sobretudo, a partir dos anos 1980, muito devido às proposições pragmáticas, causando certa mudança de percepção em relação às ciências das linguagens. A primeira citada pelo autor é a ideia de organização transfrástica, isto é, uma ordenação, por vezes, superior à frase; é o caso de se pensar, por exemplo, na questão do gênero: dificilmente o âncora de um telejornal contaria uma piada em vez de ler/dizer uma informação do âmbito do discurso jornalístico durante a exibição do programa (a não ser uma transgressão propositada de uma emissão televisiva visando divertir o telespectador). Outra possibilidade é se pensar no próprio suporte: um programa radiofônico não poderia lançar mão de imagens em movimento em razão de sua circunstância material ser limitada nesse sentido.

Outra noção dos estudos pragmáticos favorável ao desenvolvimento do discurso é a orientação. Em outras palavras, o que se diz é de certa maneira direcionado, visa-se⁵⁹ algo. Em seguida, tem-se o discurso como forma de ação, conforme foi proposto por Austin e, posteriormente, Searle com os estudos dos atos de fala⁶⁰, ou seja, enunciar é um ato (ex.: prometer). Nesse sentido, o telejornal, ao exibir uma matéria sobre uma feira gastronômica, por exemplo, pode estar sugerindo ao telespectador: “Vá!”.

Ainda em relação à herança das correntes pragmáticas, há a interatividade produzida por quaisquer discursos, seja monolucativo ou não. Nesses termos, mesmo o telejornal (monolucativo por essência) tem interatividade com o telespectador, e não é pela possibilidade de este interagir com os conteúdos, mas pelo fato de o telespectador ser pensado como instância de recepção. Dentro dessa ideia de instância, pode-se dizer que o discurso é

⁵⁹ No sentido das visadas charaudianas mesmo. Esse conceito será aprofundado ainda neste capítulo.

⁶⁰ Mais sobre os atos de fala, ver Searle (1995).

assumido. O telejornal, como instância de produção, assume (ou não) uma posição em relação ao seu conteúdo diário de maneira manifesta, modalizada, subentendida etc.

Outras três constatações, para finalizar a menção aos legados deixados pelos pragmáticos, são: o discurso é contextualizado – um enunciado tem sentido dentro do contexto onde foi proferido/escrito/dito; o discurso é regido por normas – ao dar uma notícia, o telejornal pressupõe a ignorância do telespectador acerca daquela informação; o discurso é assumido em um interdiscurso – ou seja, como outros discursos vão ali aparecer, como são colocados etc.

O processo de constituição do “discurso” como campo de estudo, segundo Brandão (1996), deu-se primeiramente com os formalistas russos no início do século XX, mas de maneira tímida; o formalismo russo propunha-se a estudar ademais da frase, embora ficasse preso a ela. Só com os trabalhos de Harris, Jakobson e Benveniste, conforme a autora, o “discurso” se tornou, de fato, disciplina. Harris, por um lado, apesar de pensar ademais da frase, não levava em conta “[...] qualquer reflexão sobre a significação e as considerações sócio-históricas de produção” (p. 15). Jakobson e Benveniste, por outro lado, vão dar ênfase aos estudos sobre enunciação. Este, inclusive, eleva o sujeito à condição de protagonista no discurso a partir das marcas dêiticas “eu, aqui, agora”⁶¹. Isso cria, de acordo com Brandão (1996), duas vertentes de análise do discurso: uma norte-americana, preocupada com uma questão mais linguística, e outra europeia, dedicada ao dizer e às condições de produção desse dizer.

Apesar dessa divisão inicial Estados Unidos e Europa, Gill (2011) disse haver, no mínimo, 57 variedades de análise “de” discurso: “[...] é o nome dado a uma variedade de diferentes enfoques no estudo de textos, desenvolvida a partir de diferentes tradições teóricas e diversos tratamentos em diferentes disciplinas. [...] não existe uma única ‘análise de discurso’, mas muitos estilos diferentes de análise” (p. 244).

Pensando nessas variedades, diferentes tradições teóricas e tratamentos diversos, recorreremos ao livro *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*, organizado por Oliveira (2013). Nele, estão reunidos doze teóricos, os quais, segundo o autor, são referências para os diferentes estudos relacionados ao discurso; uns indiretamente⁶² (Gramsci, Bakhtin, Althusser, Lacan,

⁶¹ Essa concepção de Benveniste influenciou a semiolinguística e será retomada mais adiante.

⁶² Indiretamente pois não são estudiosos do discurso propriamente.

Foucault, Bourdieu e Ducrot), outros diretamente (Pêcheux, Charaudeau, Maingueneau, Fairclough e Van Dijk).

Segundo Oliveira (2013), embora haja divergências entre alguns desses teóricos (o sujeito é assujeitado ou tem autonomia, mesmo relativa, para pensar suas ações?; produzimos sentido sempre de maneira consciente ou o inconsciente age em nós?; a noção de estrutura e superestrutura é relevante para a produção discursiva? etc.), algumas noções são, se não unânimes, ao menos mais consensuais: um discurso é sempre político, no sentido de ter intenções, ter fins almejados; nesse sentido, não é neutro.

2.1 Semiologia

Para realizar uma análise discursiva acerca da cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News* sobre o acidente aéreo envolvendo jogadores e comissão técnica da Associação Chapecoense de Futebol, profissionais da imprensa brasileira e tripulantes da empresa *Linea Aerea Merida Internacional de Aviacion (LaMia)*, optamos por utilizar os pressupostos teórico-metodológicos procedentes da semiologia, perspectiva discursiva pensada por Patrick Charaudeau a partir de 1978 e materializada em 1983 com a publicação de *Langage et discours*, livro oriundo de sua tese. Desde então, Charaudeau, bem como seus leitores-multiplicadores, tem conseguido aprofundar e ampliar os conceitos formulados nos idos dos anos 1980⁶³.

Antes de adentrar propriamente na semiologia e suas proposições, acreditamos ser pertinente diferenciá-la de outros estudos discursivos. Para isso, apoiamo-nos, sobretudo, em uma questão de suma importância para a proposição charaudiana: o ponto de vista comunicacional. Segundo Charaudeau (2002), há quatro perspectivas languageiras a partir das quais se pode pensar um discurso, a saber: (1) de representação; (2) pragmática; (3) de interação; e (4) comunicacional – essa última sendo a base da semiologia.

⁶³ Cito, nesse sentido, os trabalhos do Centro de Pesquisa do Discurso (CAD) da Universidade de Paris XIII, do Núcleo de Análise do Discurso (NAD) da UFMG e dos trabalhos desenvolvidos na UFRJ, UFF, UFV, UFSJ, UFOP e CEFET-MG. Para ler a respeito da adoção, “tropicalização” e uso da teoria semiológica entre os pesquisadores brasileiros, sobretudo no NAD, ler: MACHADO, Ida Lúcia; MENDES, Emilia. A análise semiológica: seu percurso e sua efetiva tropicalização. *Revista Latinoamericana de Estudos do Discurso*, V. 13, n. 2, p. 7-20, 2013.

A primeira delas, a perspectiva de representação, considera as linguagens por um viés representativo, isto é, o objetivo é representar uma ação por meio de uma narrativa; nesse sentido, o dizer, o narrar algo, estaria sempre no âmbito da representação (por exemplo, nas coberturas “ao vivo” ou nas reportagens, quando se propõe uma hi(e)stória com começo, meio e fim para um acontecimento que é puro devir). Já na perspectiva pragmática, as linguagens têm força de ação; a partir dela, um dado locutor, de maneira direta ou indireta, incita seu interlocutor a se posicionar languageiramente (por exemplo: quando, mesmo antes do rito processual do julgamento, exibe-se um suspeito de um crime, pode-se induzir o telespectador a condená-lo). A terceira perspectiva, a de interação, é aquela cujos interlocutores envolvidos no processo de comunicação são influenciados mutuamente; nesse espectro, ambos os coenunciadores estão em busca de um objetivo, isto é, um fim, e, para isso, vão elaborar estratégias (planos de ação) para atingir seu objetivo – aqui, os sujeitos estão envoltos por diversas regras e convenções sociais (por exemplo: em um debate político-midiático que ocorre antes da eleição de candidatos a um cargo público qualquer).

A quarta e última perspectiva languageira apresentada pelo autor é a comunicacional – formulada e adotada por Charaudeau na semiolinguística. Ele, contudo, não ignorou as outras três perspectivas descritas anteriormente; pelo contrário, integrou e ampliou tais proposições. Todavia, a diferença, de acordo com o autor, está na dupla dimensão – interna e externa – presente em todos e quaisquer processos discursivos. A dimensão externa diz respeito aos atributos psicossociais dos sujeitos do discurso⁶⁴; não é levado em consideração, nesse momento, o aspecto discursivo, mas a identidade, a finalidade, o propósito e a circunstância de comunicação⁶⁵. Internamente, a partir das “maneiras de dizer” e das escolhas linguísticas (num sentido amplo), os coenunciadores vão construir uma identidade discursiva com a intenção de influenciar o outro parceiro; este é o lugar da *mise en scène*.

Apresentadas todas as perspectivas languageiras para se pensar o discurso na concepção de Charaudeau (2002) (de representação, pragmática, de interação e comunicacional), noto, mais especificamente, uma diferença entre elas: a sobredeterminação e/ou a individuação do sujeito. Sobre isso, Charaudeau (2010a) vai mostrar como o conceito de sujeito⁶⁶ foi construído e é percebido por diferentes perspectivas teóricas (Psicologia, Sociologia,

⁶⁴ Sujeito comunicante e sujeito interpretante (externo); sujeito enunciador e sujeito destinatário (interno).

⁶⁵ Isso será detalhado adiante.

⁶⁶ De acordo com Charaudeau (2002), o conceito de sujeito é um ponto-chave de quaisquer teorias do discurso.

Semiótica, Antropologia, Análise do Discurso etc.). No estruturalismo de Saussure, lembra Charaudeau (2010a), o sujeito desaparece no sistema de idioma. O mesmo ocorre no gerativismo de Chomsky; o sujeito é uma entidade mecânica, um ator de operações abstratas. Para o pensador francês, mesmo na análise do discurso, há exemplos de um sujeito coadjuvante; é o caso dos estudos de Pêcheux e de Foucault, em que o sujeito é um ser sobredeterminado pelos discursos sociais, ou discursos institucionais⁶⁷.

Esse conceito começa a mudar, sobretudo, para Charaudeau (2010a), com os estudos de Benveniste e Ducrot. O primeiro coloca o sujeito no centro do ato de comunicação ao estabelecer o conceito de enunciação – “eu, aqui, agora”; o segundo defende uma discursividade polifônica permeada de inúmeras vozes⁶⁸. Nesse mesmo sentido, há os estudos em Etnografia, Sociolinguística, Etnometodologia, Conversação, entre outros. Todos estes evocando um sujeito protagonista. O próprio Charaudeau é um defensor dessa ideia, quando propõe a duplicidade do sujeito:

No meu caso, há muito tempo trabalho com essa problemática de duplicidade do sujeito, sujeito comunicante (de identidade social) e sujeito enunciador (de identidade discursiva); essa duplicidade permite dar conta dos contratos e estratégias dos discursos midiáticos e políticos. (CHARAUDEAU, 2010a, n. p., tradução nossa)⁶⁹.

Em última instância, Charaudeau (2011) concebe o sujeito como um indivíduo, possuidor de um “eu”, ainda que esteja sobredeterminado pelas restrições da troca languageira.

2.1.1 O ser social

A duplicidade do sujeito é composta, como dito anteriormente, por uma dimensão externa, em que estão o sujeito comunicante (locutor) e o sujeito interpretante (interlocutor), e por uma dimensão interna, permeada pelo sujeito enunciador (enunciador) e pelo sujeito destinatário (coenunciador). Nesse espectro, David-Silva (2005) comparou essa duplicidade à divisão platônica de mundo real *versus* mundo da representação. “No entanto, para Charaudeau, o

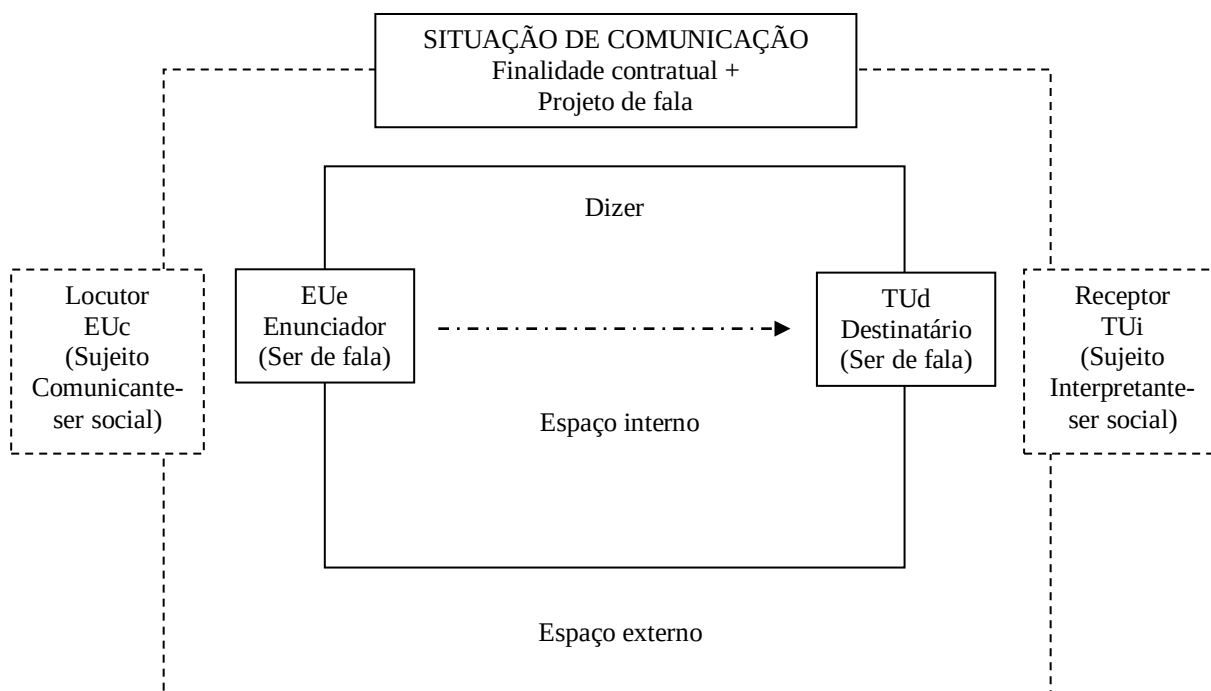
⁶⁷ Embora Charaudeau (2010a) não cite, há ainda a concepção de sujeito em Lacan, um sujeito sobredeterminado pelo inconsciente.

⁶⁸ Vale lembrar, embora Charaudeau não mencione isto nesse ponto da obra, a perspectiva dialógica proposta por Bakhtin muito antes dos estudos de Benveniste e Ducrot.

⁶⁹ Tradução nossa para: “*Pour ce qui me concerne, je travaille depuis longtemps avec cette problématique de dédoublement du sujet, sujet communiquant ayant une identité sociale et sujet énonciateur ayant une identité discursive, dédoublement qui permet de rendre compte des contrats et stratégies des discours médiatiques et politiques.*”

mundo ‘real’ é o espaço do fazer onde [estão] os seres com suas respectivas identidades psicossociais, lidando com circunstâncias materiais. O mundo da representação, ou circuito interno, é o espaço da encenação linguageira [...]”. (p. 36).

Figura 1 – Representação do dispositivo de encenação linguageiro



Fonte: CHARAUDEAU, 2009, p. 77.

O espaço externo refere-se aos atributos psicossociais dos parceiros da troca; é constituído por quatro categorias, as quais, para Charaudeau (2010b, p. 68, grifo no original), têm correspondência em “[...] um tipo de condição de enunciação da produção linguageira: *condição de identidade, condição de finalidade, condição de propósito e condição de dispositivo*”.

a) A identidade diz respeito aos traços psicossociais dos parceiros da troca (idade, sexo, etnia, hierarquia etc.), resumidos à pergunta: “Que pessoa fala a que pessoa?” – ou, em se tratando de discurso midiático de informação: “Que pessoa informa a que pessoa?”. Disso, de acordo com Charaudeau (2010b), resulta a dicotomia instância de produção e instância de recepção no ato de comunicação midiática. É importante salientar, no caso da instância de produção, seu caráter compósito, pois seu discurso é fruto de um grupo heterogêneo de pessoas: administradores, editores, repórteres, comentaristas, revisores etc. Conforme o autor, essa mescla de indivíduos dificulta a responsabilização de uma notícia. Ainda dentro da

identidade, segundo Charaudeau (2010b), os dois papéis do jornalista são “pesquisador-fornecedor” e “descritor-comentador” da informação. Na condição de “pesquisador-fornecedor”, há, para o autor, problemas acerca das fontes (origens) da informação, a saber: a escolha de um acontecimento a ser noticiado em detrimento de outros, pois não se pode falar de tudo – os critérios de seleção (“isso é notícia, isso não é”), bem como o modo de tratar os acontecimentos, vão definir a linha editorial de cada veículo⁷⁰; há uma necessidade de dar a notícia em primeira mão (“furo jornalístico”), mas há uma exigência em se verificar a informação antes de divulgá-la (credibilidade); a descontextualização de uma informação retirada de um determinado contexto e inserido, em parte, em outro⁷¹. Na condição de “descritor-comentador”, o problema está na ausência de rigor e coerência, pois o discurso midiático de informação, diz Charaudeau (2010b, p. 76, grifo no original), “[...] não pode pretender nem à *cientificidade*, nem à *historicidade*, nem à *didaticidade*”. De acordo com o autor, nessa condição, o sujeito pode apenas fazer algumas asserções acerca de um dado acontecimento e vulgarizar algumas questões, de maneira rasa.

A instância de recepção, semelhantemente à de produção, sofre com alguns problemas, como o fato de ser instável e heterogênea, um supercompósito com um sem-número de particularidades. Primeiramente, há diferenças em relação aos públicos de cada um dos suportes (impresso, rádio, TV, internet etc.); em segundo lugar, o indivíduo-receptor é uma incógnita para a instância midiática. Dessa forma, a instância de recepção se divide em “destinatário-alvo” (idealizado) e “receptor-público” (exterior à influência).

b) A finalidade, como explicou Charaudeau (2010b), constitui o objetivo do ato de comunicação, isto é, “Está-se aqui para dizer o quê?”; nesse ponto, especificamente, o autor formula outra noção-chave da semiolinguística, a ideia de visada (*visée*); corresponde à cointencionalidade dos sujeitos durante o ato de comunicação⁷². Inicialmente, Charaudeau (2004) subdividiu as visadas em seis⁷³; posteriormente (CHARAUDEAU, 2010b), esse

⁷⁰ De acordo com Duarte (2004), tal seleção segue lógicas “mercadológicas, tecnológicas e discursivas” – em Charaudeau, poderíamos dizer uma lógica de captação (concorrência) e de informação (credibilidade).

⁷¹ Dentro dessa ideia de “descontextualização”, há interessantes discussões, entre elas o conceito de aforização proposta por Maingueneau. Para isso, ver: MAINGUENEAU, Dominique. *Frases sem texto*. Tradução Sírío Possenti et. al. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

⁷² Como explicou Charaudeau (2004), essa influência é recíproca, pois a intencionalidade exercida pelo “Eu” deve ser reconhecida pelo “Tu”; dessa maneira, ambos vão “jogar” com tais visadas.

⁷³ De prescrição (mandar fazer – ordenar), de solicitação (querer saber), de incitação (fazer acreditar – convencer), de informação (fazer saber), de instrução (fazer saber-fazer) e de demonstração (fazer saber por meio de provas).

número foi reduzido para quatro: (1) na visada prescritiva, o Eu está em posição de “mandar fazer” em razão da sua autoridade – o Tu deve fazer sob pena de sofrer retaliação caso não obedeça (ex. relação entre chefe e empregado); (2) a visada incitativa tem por objetivo “fazer acreditar”, mas, pelo fato de o Eu não estar em posição de autoridade, ele busca convencer o Tu por meio de argumentação ou persuasão – nesse caso, o Tu o faz por acreditar no benefício desse ato para si (ex. relação entre candidato e eleitor); (3) a visada do *pathos* é aquela do “fazer sentir”, ou seja, o Eu almeja provocar sensações (sentimentos) agradáveis ou não no Tu – este, por sua vez, está em posição de se emocionar (ex. relação entre ator e espectador); e, por fim, (4) a visada informativa diz respeito ao “fazer saber” – o Eu está em posição de sabedor em relação ao Tu; este está no lugar de dever saber (ex. relação entre jornalista e leitor/ouvinte/telespectador)⁷⁴.

O discurso midiático de informação, de acordo com Charaudeau (2010b), é composto por essas duas últimas visadas: “fazer sentir” (ou visada de captação) e “fazer saber” (ou visada de informação). A princípio, são as mesmas visadas do discurso publicitário. A diferença, todavia, se dá na ordem de importância; se na publicidade a visada de captação tende a dominar, no jornalismo é a de informação (pelo menos, em tese). Essa dita “diferença”, entretanto, não é tão nítida quanto se pensa. Para David-Silva (2005), em algumas emissões televisivas, vem ocorrendo um processo de hibridização dessas visadas. “Em função de se atingir tanto a credibilidade como a captação, programas como os telejornais têm utilizado estratégias de ficção e, por outro lado, programas de caráter fictício, como as telenovelas, têm recorrido a estratégias de autentificação do seu discurso.” (p. 50).

Torna-se salutar, todavia, apresentar algumas características dessas visadas (de informação e de captação), as quais vão compor o discurso midiático de informação⁷⁵. A visada informativa, conforme Charaudeau (2010b), busca, por meio da “descrição-narração” e da “explicação”, reportar e esclarecer, respectivamente, os fatos do mundo. Essa visada tem relação direta com a problemática da “verdade”, não no sentido filosófico, mas de correspondência entre o dito e sua relação com o acontecido. A visada de captação, por sua vez, está calcada na necessidade de sobrepor a concorrência; para isso, busca-se diminuir o aspecto racionalizante e aumentar o dramatizante, almejando conquistar uma maioria. Para

⁷⁴ “Cada situação de comunicação seleciona, para definir sua finalidade, uma ou várias visadas dentre as quais geralmente uma (às vezes duas) é dominante.” (CHARAUDEAU, 2004, n. p.).

⁷⁵ Isso não exclui a presença de outras visadas, como a prescritiva e a incitativa.

Charaudeau (2010b, p. 93), “[...] [o] jogo [das mídias] consiste em navegar entre esses dois polos [informação/captação] ao sabor de sua ideologia e da natureza dos acontecimentos”.

c) O propósito é representado pela pergunta “Do que se trata?”. De acordo com Charaudeau (2010b), todo discurso está imbricado em um universo de saber mais amplo (uma espécie de macrotema); se os interlocutores não têm ciência desse macrotema, há risco de haver mal-entendidos (ex. os telejornais são um ato de comunicação do universo do discurso midiático de informação).

Ainda em relação ao propósito, o autor ressaltou uma questão de suma importância para os estudos do discurso, “o acontecimento é sempre construído”⁷⁶. Nesse sentido, um fenômeno ganha existência a partir da percepção-captura-sistematização-estruturação por um sujeito linguageiro – aqui seria o jornalista transformando o “mundo a descrever e a comentar” em “mundo descrito e comentado”.

O universo da informação midiática é efetivamente um universo construído. Não é, como se diz às vezes, o reflexo do que acontece no espaço público, mas sim o resultado de uma construção. O acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois, antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos. Assim, a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo. (CHARAUDEAU, 2010b, p. 151).

Sobre esse processo (percepção-captura-sistematização-estruturação), vale uma observação nossa no artigo *Jornalismo online e a realidade reempacotada*⁷⁷, em que percebemos, sobretudo no jornalismo *online*, somente o movimento de sistematização-estruturação, pois, em função da urgência, os veículos têm aberto mão da percepção-captura, delegando essa tarefa às agências de notícias, tornando-se, dessa maneira, “reempacotadores” de conteúdo. Independentemente disso, contudo, o propósito, como elemento do espaço externo do dispositivo de encenação linguageiro, diz respeito a esse processo de construção evenemencial que passa pela percepção-captura-sistematização-estruturação a partir da atualidade (tempo entre o acontecimento e a informação), socialidade/pregnância (divisão em

⁷⁶ Segundo Bucci (2009), “[...] a realidade é, sim, uma construção discursiva; ela não é uma coisa, não é algo que se pegue com as mãos, mas uma representação que adquire capacidade de nomear as coisas [...]”. (p. 66).

⁷⁷ Ver: SILVA, André Luiz. Jornalismo online e a realidade reempacotada. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 6, p. 37-45, jun. 2014a.

seções: política, economia etc.) e imprevisibilidade/saliência (quebra ou reforço da expectativa).

d) O dispositivo está em conformidade com a circunstância de realização do ato comunicativo. “Que canal de transmissão é utilizado?”, é uma das perguntas esclarecedoras acerca desse dispositivo. Dependendo das condições materiais, o ato de comunicação vai se dar desta ou daquela forma (ex. um mesmo fato será explorado de maneiras distintas pelo impresso, pelo rádio e pela televisão).

Nesse espectro, para Charaudeau (2010b, p. 105, grifo no original), dispositivo “[...] compreende um ou vários tipos de *materiais* e se constitui como *suporte* com o auxílio de uma certa *tecnologia*”. Sendo a “tecnologia” a mediadora entre os “materiais” e o “suporte”, dispositivo, então, é um suporte físico (materiais) contendo mensagens⁷⁸.

A televisão, segundo o autor, é composta, necessariamente, de imagens e palavras. Dessa maneira, a relação entre imagens e palavras é interdependente, não sendo viável afirmar a supremacia de uma sobre a outra. “[...] o telejornal pode ser ouvido sem ser olhado, como se se tratasse de informações do rádio, e no fato de que, se fizermos uma comparação entre os canais, as mesmas imagens tomam sentido diferente conforme o comentário que as acompanha.” (CHARAUDEAU, 2010b, p. 110).

Em relação às imagens televisivas, o autor lembra seus três possíveis efeitos: de “realidade” (ao reportar diretamente o mundo – caráter de indiciabilidade), de “ficção” (ao reconstituir um acontecimento), e de “verdade” (ao mostrar o invisível por meio de *close-up*, mapas, gráficos etc.). Acerca do tempo, geralmente, há um lapso entre o acontecimento e sua divulgação, em razão do deslocamento de equipamentos e de pessoas; mas, quando se trata de um acontecimento transmitido “ao vivo”, tem-se a impressão de eterna presentidade do acontecimento. Ademais, tem-se a sensação de abolição da distância entre instância de produção e instância de recepção, ali colocadas face a face.

⁷⁸ A noção de “dispositivo”, desde Foucault até os autores mais recentes, suscita muita discussão. Para uma introdução ao tema em diversos autores, ver: BRUCK, Mozahir Salomão. Palavra: Dispositivo. *Dispositiva, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 39-44, 2012.

Descritas as quatro características do espaço externo do ato de comunicação, pode-se dizer, com base em Charaudeau (2010b), que toda e qualquer troca linguageira é regida por certos princípios e regras. Os interlocutores “[estão] na situação de dever subscrever, antes de qualquer intenção e estratégia particular, a um contrato de reconhecimento das condições de realização da troca linguageira em que estão envolvidos: um *contrato de comunicação*.” (p. 68, grifo no original).

2.1.2 O ser de fala

Descrito o primeiro nível de organização do ato linguageiro (externo), cabe agora darmos atenção ao espaço interno, em que estão os mecanismos de funcionamento de todos e quaisquer gêneros. Charaudeau (2004), para definir a noção de gênero, apoia-se na noção de memória, mais especificamente três tipos de memórias, as quais vão compor o sujeito sociopsicológico: a) dos discursos; b) das situações de comunicação; e c) das formas de signos. A primeira é constituída pelos saberes de conhecimento e de crença⁷⁹ em circulação socialmente – eles vão criar representações do “real”; a partir desses conhecimentos, o sujeito constrói-se como entidade individual e coletiva (ex. considerar um filme bom ou ruim do ponto de vista estético). A segunda memória (a das situações de comunicação) refere-se justamente ao reconhecimento, por parte dos sujeitos sociais, dos diferentes contratos de comunicação e das condições as quais cada um desses contratos está submetido, podendo, dessa maneira, criar determinadas expectativas (*enjeu*) sobre certos atos de comunicação (ex. um debate pressupõe, no mínimo, duas pessoas com ideias distintas – de preferência opostas – digladiando-se). A memória das formas de signos cria certos padrões comportamentais e de linguagens a partir do uso de determinados signos (verbal, textual, gestual, visual etc.) ou de maneiras de dizer (ex. os jargões profissionais).

Portanto, essas três memórias (dos discursos, das situações de comunicação e das formas de signos) associadas às inúmeras situações de comunicação as quais o sujeito social apre(e)nde e experiencia ao longo da vida vão criar “normas de conformidade” e “lugares de prática mais ou menos institucionalizados”, isto é, os gêneros (CHARAUDEAU, 2004).

⁷⁹ Grosso modo, o saber de conhecimento está calcado na “objetividade”, na estruturação do mundo; já o saber de crença está no âmbito do subjetivo, da avaliação do mundo. Ver: CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c’est bien, les imaginaires, c’est mieux. In : BOYER, H. *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Langue(s), discours. Vol. 4. Paris: Harmattan, 2007. p. 49-63.

Entendido isso, vamos nos aprofundar no espaço interno da situação de comunicação a partir dos modos de organização discursivos. Como expusemos anteriormente, é aí (no espaço interno) o lugar de o sujeito se construir discursivamente para influenciar seu interlocutor, usando de “maneiras de dizer” e escolhas linguísticas (visuais, gestuais etc.).

2.1.2.1 Modo enunciativo

Entramos, agora, na parte interna do discurso, lugar em que o sujeito lança mão de certas escolhas para construir seu discurso – logicamente, com base nas restrições do ato de comunicação e nos quatro elementos externos ao discurso (identidade, finalidade, propósito e circunstância). Dessa forma, em se tratando da identidade dos parceiros envolvidos no ato de comunicação, o locutor pode considerar o interlocutor e lhe impor (superioridade) ou lhe solicitar (inferioridade) o propósito do discurso (componente alocutivo), o locutor coloca o propósito em relação a si mesmo (elocutivo) e o locutor não projeta o propósito, mas o deixa se impor, numa relação de apagamento (delocutivo). Isso pode ser resumido da seguinte maneira: alocutivo (relação de influência entre os interlocutores) – é o caso, por exemplo, quando o telejornal lança mão de uma enquete para saber a opinião do telespectador, numa relação de petição; elocutivo (ponto de vista do locutor sobre o mundo) – quando, suponhamos, o âncora de um telejornal expõe o “seu” ponto de vista em uma nota-pé⁸⁰ sem necessariamente implicar o telespectador; e delocutivo (retomar a fala de um terceiro) – situação em que o âncora diz relatar a fala de um outro, geralmente com as expressões “abre aspas” e “fecha aspas”, por exemplo.

Esses três componentes (alocutivo, elocutivo, delocutivo) são descritos no primeiro dos quatro modos de organização do discurso, o enunciativo; este perpassa todos os outros três (descritivo, narrativo e argumentativo), pois se refere ao ponto de vista do enunciador e exerce função de organizar o discurso. “[...] sua vocação essencial é a de dar conta da posição do locutor com relação ao interlocutor, a si mesmo e aos outros – o que resulta na construção de um aparelho enunciativo; [...] esse Modo intervém na encenação de cada um dos três outros Modos [...]”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 74, grifo no original).

⁸⁰ Nota-Pé: nota “ao vivo” lida no fim de uma matéria trazendo informações complementares.

2.1.2.2 Modo de organização descritivo

Charaudeau (2009), antes mesmo de conjecturar acerca do modo de organização descritivo, bem como de seus aspectos, características e *modus operandi*, trouxe à tona três reflexões, as quais denomina como “problemas” (p. 107). A primeira diz respeito ao impasse existente entre o descritivo (o visto) e o narrativo (o vivido), ou o que caberia a cada um deles⁸¹. Nesse ponto, o autor advertiu: “[...] num relato, *descrição* e *narração* se acham intimamente ligadas, mas isso não impede que se considere que cada um destes modos de organização tenha a sua especificidade”. (p. 107, grifos no original). Dessa maneira, o repórter, ao relatar ao telespectador como (hipoteticamente) se dera o acidente aéreo envolvendo a Chapecoense, lança mão de aspectos da descrição e da narração. A segunda reflexão trata de compreender a diferença entre a finalidade de um texto/discurso e o seu modo de organização. Ou seja, quando no relato jornalístico se descrevia, por exemplo, características do avião utilizado pela empresa aérea *LaMia* (modelo Avro Regional Jet 85, 17 anos de uso, capacidade de transportar 95 pessoas etc.), estava-se a fazer uso do modo de organização descritivo (qualificação), mas a finalidade era a de informar, explicar, entre outras possíveis.

Essa observação remete ao fato de que um texto é sempre *heterogêneo*, do ponto de vista de sua organização. Ele depende, por um lado, da *situação de comunicação* na qual e para a qual foi concebido e, por outro lado, das diversas *ordens de organização do discurso* que foram utilizadas para construí-lo. (CHARAUDEAU, 2009, p. 109, grifos no original).

A terceira consideração proposta por Charaudeau (2009) deu-se no sentido de esclarecer a relação língua e texto num ponto específico: a presença de uma (ou várias) categoria de língua em determinado texto (e mesmo sua cumulação) não é o suficiente para determinar o modo de organização do discurso em questão. “As categorias de língua não são, enquanto tais, operatórias para determinar um modo de discurso. Pode-se dizer que as marcas que compõem um texto constituem, em combinação com as marcas de outras categorias, os traços de uma possível caracterização discursiva.” (CHARAUDEAU, 2009, p. 110, grifo no original).

⁸¹ “Contar” (de âmbito do narrativo), isto é, expor uma sucessão de fatos no espaço-tempo, e “descrever” (da ordem do descritivo), ou seja, ver o mundo, dando a existir os seres, são atividades languageiras autossuficientes, porém possíveis e quase sempre presentes em um mesmo texto/discurso, pois não é a mesma coisa: “Um avião caiu na Colômbia”; e: “Um avião modelo Avro Regional Jet 85, da empresa aérea boliviana Lamia Corporação, que transportava os jogadores da Chapecoense até a Colômbia para a disputa da primeira partida da final da Copa Sul-Americana 2016, caiu nas proximidades de Medellín na madrugada desta segunda-feira” (GLOBO NEWS, 29 nov. 2016).

Ademais dessas dicotomias (descritivo/narrativo, finalidade/modo de organização e categoria de língua/modo de organização), outra, de suma importância para a caracterização do modo de organização descritivo, diz respeito à diferença entre descrição e descritivo na semiolinguística. Este corresponde a um processo, um procedimento (pode estar presente na narração e na argumentação), já a descrição é o resultado de um texto.

Entrando propriamente no modo de organização descritivo, Charaudeau (2009) disse haver três componentes da construção descritiva, responsáveis por dar existência aos seres e objetos do mundo, a saber: nomear, localizar-situar e qualificar.

(1) Nomear é fazer existir os seres e os objetos do mundo a partir de um processo dicotômico, a saber: “[...] *perceber uma diferença* na continuidade do universo e simultaneamente *relacionar essa diferença a uma semelhança*, o que constitui o princípio de *classificação*”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 112, grifos no original). Um exemplo disso pode ser percebido na matéria *Veja acidentes aéreos de times de futebol e o mundo do esporte*, divulgada no *G1*⁸², no dia seguinte ao acidente envolvendo a equipe da Chapecoense; ali, a queda do avião do time catarinense é “uma diferença na continuidade do universo” (por se tratar de uma ocorrência implicando muitas vítimas, por se tratar de uma equipe do esporte de maior prestígio no país e no mundo, por se tratar de uma agremiação sem chances aparentes de conquistar um título continental etc.), mas há uma tentativa de se relacionar “essa diferença a uma semelhança”, outros acidentes aéreos com equipes desportivas, de futebol ou não. Ao fazer isso, o compósito midiático *G1* traz à tona a queda do avião com a Chapecoense e coloca-a num rol de acidentes aéreos envolvendo equipes desportivas. “Perceber” e “classificar” seres e objetos, no entanto, não é algo tácito, um estar-aí-no-mundo para ser visto e categorizado, mas depende da ação do sujeito (imerso nos códigos sociais), conforme afirma Charaudeau (2009): “Essa identificação é limitada, e mesmo coagida pela finalidade das Situações de comunicação nas quais se inscreve, e relativizada, tornando-se até mesmo subjetiva, pela decisão do sujeito descritor.” (p. 113).

(2) Localizar-Situar, por sua vez, é um componente para enfatizar descrições dos seres e dos objetos em relação ao espaço-tempo. Dessa maneira, busca-se, por exemplo, dar um caráter objetivo ao relato, como o é no caso do discurso midiático de informação.

⁸² Disponível em: <goo.gl/77XJ1k>. Acesso em: 16 jun. 2017.

*A gente volta a falar sobre o acidente com o avião que transportava a delegação da Chapecoense para **Medellín, na Colômbia**. Esse avião sofreu um acidente **na madrugada dessa terça-feira**, segundo autoridades colombianas. O prefeito, Frederico Gutiérrez, disse que esse acidente matou, pelo menos, 25 pessoas, mas há sobreviventes. Esse avião da LaMia decolou de **Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia**, com 81 pessoas a bordo – 72 passageiros e 9 tripulantes – [...] (GLOBO NEWS, 29 nov. 2016, 7h02, grifos meus).*

Como no componente “nomear”, no “localizar-situar”, “[...] o recorte depende da visão que um grupo cultural projeta sobre esse mundo” (CHARAUDEAU, 2009, p. 114).

O (3) qualificar, terceiro componente da construção descritiva, corresponde a salientar as características intrínsecas aos seres e objetos do mundo; esse componente particulariza, de maneira mais objetiva (visões sociais) ou mais subjetiva (visões do sujeito), seres e objetos. Se o componente “nomear” distingue os seres e os objetos do mundo em função de suas semelhanças e diferenças, por meio de classificações, listas, inventários, o “qualificar” o faz de maneira equivalente, mas individualiza, a partir das qualidades desses seres e objetos. Nesse sentido, Charaudeau (2009) afirmou:

*A descrição pela qualificação pode ser considerada a ferramenta que permite ao sujeito falante satisfazer seu desejo de *posse do mundo*: é ele que o singulariza, que o especifica, dando-lhe uma substância e uma forma particulares, em função da sua própria visão das coisas, visão essa que depende não só de sua racionalidade, mas também de seus sentidos e sentimentos. (p. 115, grifo no original).*

Quando, por exemplo, o repórter Rafael Junks aparece ao vivo trazendo informações sobre a presença de torcedores e familiares na Arena Condá (estádio da Chapecoense em Chapecó, SC), podemos perceber, em boa parte das suas palavras, um qualificar em relação à cidade, ao time e, especificamente aqui, ao momento pós-acidente: “*O clima aqui é de **muita emoção, de luto, de muita tristeza**.*” (GLOBO NEWS, 29 nov., 9h, grifo meu). Há, nesse relato, uma descrição ora objetiva (uma visão social ocidental para um momento de luto), ora subjetiva (como ele, sujeito-repórter, vê e descreve a presença e as reações daquelas pessoas ali).

A partir da tripartição nomear, localizar-situar e qualificar, Charaudeau (2009) dividiu esses componentes descritivos em dois procedimentos da construção descritiva: um discursivo e um linguístico. Tomando, primeiramente, o procedimento discursivo, podemos perceber, de acordo com o autor, como componente da construção descritiva é utilizado para determinado fim, isto é, “nomear” com o intuito de identificar, “localizar-situar” buscando construir

objetivamente o mundo e “qualificar” para conceber o mundo ora explicitamente (objetivo), ora implicitamente (subjetivo).

Como procedimento discursivo, nomear equivale a identificar. E essa identificação pode se dar de maneira genérica, específica ou para caracterizar grupos⁸³, com a finalidade de recensear ou informar. No caso do nosso *corpus*, constatamos, por exemplo, que há uma identificação específica com fins de recenseamento quando da divulgação dos sobreviventes à queda do avião: “*A gente vai ver, agora, imagens dos sobreviventes. A gente vê aí, então, o lateral Alan Ruschel, e os goleiros... O goleiro Danilo⁸⁴ e o goleiro reserva Jackson Follman. Esses, então, são três dos cinco sobreviventes [...]*” (GLOBO NEWS, 29 nov., 7h52, grifos meus). Em relação à caracterização identificatória, notamos aparições diversas ao longo da cobertura jornalística: “*O avião saiu ontem à tarde do aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, com 81 pessoas a bordo – 72 passageiros e 9 tripulantes. Ele fez uma parada em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia [...]*” (GLOBO NEWS, 29 nov., 10h04, grifos meus)⁸⁵.

Localizar-Situar como procedimento de construção objetivo do mundo, de acordo com Charaudeau (2009, p. 120, grifos no original), consiste em “[...] construir uma *visão de verdade* sobre o mundo, *qualificando* os seres com a ajuda de traços que possam ser verificados por qualquer outro sujeito além do sujeito falante”. Nesse sentido, essa construção objetiva do mundo dá-se por meio de organização sistematizada ou de observação compartilhada socialmente, a fim de definir, explicar, incitar e contar. Tal procedimento é utilizado repetidamente pela *Globo News* ao longo da cobertura jornalística sobre o acidente do avião onde estava o time da Chapecoense com intuito de contar o acontecimento, dando um efeito de “verossimilhança realista” (CHARAUDEAU, 2009), por meio de características da aeronave utilizada, trajeto do voo desde o Brasil, imagens (fotos e vídeos) do lugar onde ocorreu a queda etc.

O componente “qualificar”, por sua vez, concebe a construção subjetiva do mundo, por meio de um procedimento discursivo, sobretudo subjetivo, construções calcadas em visões pessoais. Isso se faz presente em textos com a finalidade de incitar ou contar. É o caso,

⁸³ Nesse ponto, não devemos nos confundir com o componente “qualificar”, pois essa caracterização identificatória comum ao “nomear” é bem mais ampla e genérica: Alan Ruschel, lateral-esquerdo da Chapecoense; prefeito de Medellín, Frederico Gutiérrez etc.

⁸⁴ Como se soube depois, o goleiro Danilo faleceu a caminho do hospital.

⁸⁵ Aqui são apenas exemplos no âmbito verbo-textual. No capítulo de análise, darei maior ênfase ao aspecto imagético, capital em se tratando de um meio audiovisual.

percebemos, do *corpus* desta tese, principalmente quando da participação dos comentaristas e especialistas sobre o acidente. “É a **maior** tragédia do futebol mundial!” (GLOBO NEWS, 29 nov., 11h46, grifo meu). “Essa investigação vai ser **relativamente rápida**, porque você tem todos os vestígios ali postos [...] Então, **eu acho...** Dentro de 30 dias tenha um relatório preliminar com uma **boa** definição [...]” (GLOBO NEWS, 29 nov., 11h52, grifos meus).

Quadro 1 – Procedimentos discursivos da construção descritiva

COMPONENTES	PROCEDIMENTOS DISCURSIVOS	FINALIDADE (da Situação de Comunicação)	GÊNEROS DE TEXTO
NOMEAR LOCALIZAR- SITUAR QUALIFICAR	Identificação	recensear	– Inventário – Listas recapitulativas – Listas identificatórias – Nomenclaturas
		informar	– Artigos da Imprensa – Romances
	Construção Objetiva do mundo	definir	– Textos de lei – Textos didáticos
		explicar	– Textos científicos – Crônicas
		incitar	– Modos de usar – Anúncios
		contar	– Relatos literários – Resumos
	Construção Subjetiva do mundo	incitar	– Publicidades – Declarações – Anúncios-bilhetes – Catálogos
		contar	– Relatos jornalísticos – Canções – Histórias em quadrinhos – Textos literários

Fonte: CHARAUDEAU, 2009, p. 131.

Após detalhar o procedimento discursivo, passo, agora, ao procedimento linguístico. Este, como aquele, usa de determinadas estratégias para servir aos componentes de organização descritiva (nomear, localizar-situar e qualificar). Porém, se no procedimento discursivo o fim ou a intencionalidade predomina (nomear para identificar, localizar-situar para construir o mundo de maneira objetiva e qualificar para conceber o mundo ora objetiva, ora subjetivamente), no linguístico, Charaudeau (2009) trouxe as categorias de língua, sobretudo

as classes de palavras, como procedimentos determinantes para nomear, localizar-situar e qualificar seres e objetos do mundo.

Nesse sentido, o componente nomear usa, por exemplo, da denominação para conferir existência a seres ou objetos, por meio dos substantivos comuns (lateral-esquerdo, goleiro, jornalista etc.), e próprios (Alan Ruschel, Jackson Follman, Rafael Henzel etc.). A atualização, outra categoria do componente nomear, tem nos artigos, por exemplo, o efeito discursivo de familiaridade (**a** Chapecoense, **o** Danilo etc.). Há ainda o efeito de apreciação com o uso de pronomes possessivos (**sua** torcida, **seus** jogadores etc.), de tipificação (**este** estádio), de subjetividade, entre outros.

Em se tratando do componente localizar-situar, pode-se usar de categorias de língua para conferir precisão espaço-temporal ao relato, ou, do contrário, deixá-lo vago e incerto: “Por volta das 10h15 da noite, horário local [...] o piloto perdeu contato com a torre de controle **entre as cidades La Ceja e Abejorral**. A queda foi numa região montanhosa, ao se aproximar do **aeroporto José María Córdova**, em **Rionegro**, perto de **Medellín**.” (GLOBO NEWS, 29 nov., 12h12, grifos meus). Nesse fragmento do *corpus*, temos precisão (negrito) e imprecisão (sublinhado) lado a lado.

De acordo com Charaudeau (2009), os procedimentos linguísticos para qualificar dão a existir visões objetivas e subjetivas de mundo, a partir de efeitos de realidade e ficção. E isso se dá por meio “[...] da descrição dos *seres humanos*, em seu aspecto físico, gestual, de indumentária, em suas posturas, gostos, identidade (idade, sexo, altura, peso, endereço, etc.), [...] e com relação aos *seres não humanos*, objetos, meio ambiente (paisagens, lugares, épocas etc.) [...]” (p. 138, grifos no original). Nesse sentido, dois procedimentos menores são destacados pelo autor: a acumulação de detalhes e precisões, e a utilização de analogia. O primeiro procedimento, por exemplo, podemos perceber duplamente quando a jornalista descreve características do avião da *LaMia* e, ao mesmo tempo, são exibidas fotos do avião na tela (FIGURA 2). “O modelo do avião que levava a Chapecoense é o Avro Regional Jet 85, conhecido como ‘Jumbolino’, de matrícula CP2933, produzido pela British Aerospace. O avião tem lugar para 95 pessoas. De acordo com agências de notícias, o avião tinha 17 anos de uso [...]” (GLOBO NEWS, 29 nov. 2016, 10h46).

Figura 2 – Foto do avião exibida durante transmissão ao vivo



Fonte: GLOBO NEWS, 29 nov., 10h46.

Tendo apresentado parte dos procedimentos linguísticos, fizemos a seguir (QUADRO 2) um resumo de cada um deles, seus componentes, suas categorias e seus efeitos.

Quadro 2 – Procedimentos linguísticos da construção descritiva

COMPONENTES	PROCEDIMENTOS LINGÜÍSTICOS	CATEGORIAS DE LÍNGUA	EFEITOS PRETENDIDOS
NOMEAR	Denominação	nomes comuns ou próprios	identificação dos seres, de modo geral ou particular
	Indeterminação	nomes comuns, só a inicial de um nome próprio (abreviações)	mistério, suspense
	Atualização (ou concretização)	artigos	singularidade, insólito, familiaridade, evidência, idealização
	Dependência	pronomes possessivos	apreciação
	Designação	pronomes demonstrativos	tipificação
	Quantificação	adjetivos, pronomes indefinidos, advérbios	subjetividade
	Enumeração	dêiticos, artigos, nomes no plural	diversos
LOCALIZAR-SITUAR	Precisão	nomes próprios, numerais	identificação espaçotemporal
	Indefinição	verbos no presente e no pretérito imperfeito, artigos indefinidos,	Indeterminação, incerteza

COMPONENTES	PROCEDIMENTOS LINGÜÍSTICOS	CATEGORIAS DE LÍNGUA	EFEITOS PRETENDIDOS
QUALIFICAR	Acumulação de detalhes	advérbios etc. adjetivos, numerais, advérbios etc.	coerência realista (verismo)
	Utilização da analogia	artigos, pronomes, advérbios etc.	comparação

Fonte: Elaborado pelo autor com base em CHARAUDEAU, 2009.

Posteriormente, Charaudeau (2009) tratou ainda da encenação descritiva. “[...] é ordenada pelo sujeito falante, o qual se torna um *descriptor* [...] [que] pode intervir de maneira explícita ou não, e em todos os casos ele produz um certo número de *efeitos* [...]” (p. 139). Entre esses efeitos (possíveis), o autor detalhou o de saber, de realidade/ficção, o de confiança e o de gênero. A seguir, passo por esses quatro efeitos, os quais serão importantes quando da análise do *corpus*.

a) O efeito de saber está calcado numa dada informação conhecida pelo enunciador e desconhecida pelo coenunciador; dessa maneira, aquele apresenta dados minuciosos obtidos por observação ou estudo, os quais vão reforçar ou mesmo comprovar certo argumento. b) O efeito de realidade/ficção integra os relatos de maneira simultânea à descrição, ora ao evidenciar detalhes de caráter realista, ora ao dar ênfase a pormenores ficcionais. c) O efeito de confiança tem a ver com uma intervenção, explícita ou não, feita pelo descriptor em um dado momento para exprimir comentários pessoais, interpelar o coenunciador, entre outras possibilidades. d) O efeito de gênero consiste em utilizar fórmulas, estruturas e tipos comuns a certos gêneros em outros.

2.1.2.3 Modo de organização narrativo

Como fez no descritivo, Charaudeau (2009), ao abordar o modo de organização narrativo, propôs algumas reflexões críticas. A primeira delas é no sentido de evidenciar a importância deste modo, seja pelos inúmeros estudos científicos dedicados a analisá-lo, seja pelo seu uso pedagógico por parte da tradição escolar⁸⁶. A segunda é, na verdade, um posicionamento do autor em relação às diversas correntes teóricas a respeito da narrativa, concebendo, ao mesmo tempo, como pretendeu tratar a questão: “[...] Não se trata de elaborar uma tipologia dos

⁸⁶ A presença do modo de organização narrativo na tradição escolar, para o autor, dá-se de três formas: 1) prática de redações com a finalidade de descrever e contar situações hipotéticas de comunicação; 2) classificações de textos por agrupamento de gêneros; e 3) exercício de crítica literária.

textos narrativos, mas de pôr em evidência os componentes e os procedimentos de um modo de organização cuja combinação deve permitir compreender melhor as múltiplas significações de um texto particular.” (CHARAUDEAU, 2009, p. 153, grifos no original).

Feito isso, o autor propôs uma definição para o que vem a ser uma narrativa, ademais de fatos e acontecimentos descritos em sequência. Nesse ponto, remeteu-nos à situação de comunicação, pois, para ele, contar (narrar) pressupõe um narrador com intenção de transmitir algo a um destinatário, levando em consideração todos os sentidos possíveis para essa narrativa, inclusive os não previstos por esse narrador anteriormente.

Na sequência, Charaudeau (2009) apresenta uma questão de suma importância para esta tese acerca do “contar”:

Contar é uma atividade *posterior* à existência de uma realidade que se apresenta necessariamente como *passada* (mesmo quando é pura invenção), e, ao mesmo tempo, essa atividade tem a propriedade de fazer surgir, em seu conjunto, um universo, *o universo contado*, que predomina sobre a outra realidade, a qual passa a existir somente através desse universo. Nessas condições, como pretender que uma narrativa possa ser o reflexo fiel de uma realidade passada (mesmo que essa realidade tenha sido efetivamente vivida pelo sujeito que narra)? (CHARAUDEAU, 2009, p. 154, grifos no original).

Nesse sentido, o quão complexo pode ser a atividade de “contar” no caso de coberturas jornalísticas “ao vivo”, situações nas quais o acontecimento é um acontecendo e o “universo contado” está por se (re)constituir a todo instante, a partir de novas informações, pedidos de desculpas, reconsiderações de informações já dadas? Ademais, a materialização desse “contar”, nessas circunstâncias, é um processo de lapidação cujo *modus operandi* dá-se sob olhar e a (co)presença do telespectador, ali, em direto.

Outra vez, como fizera no modo de organização descritivo, Charaudeau (2009) foi cuidadoso em explicar as especificidades de “narrativa” e (o modo) “narrativo”. Para ele, este, juntamente com o “descritivo”, vai integrar aquela, isto é, para “contar” (narrativa), o sujeito-locutor lança mão dos modos descritivo e narrativo, constituindo, então, a narrativa. Do mesmo modo, o autor distinguiu o que é próprio do descritivo e o do narrativo com base na visão de mundo e nos papéis desempenhados pelos sujeitos nos respectivos modos. De acordo com Charaudeau (2009), o descritivo concebe o mundo como um “estar-aí” para ser reconhecido e nomeado, já o narrativo propõe esse mundo, a partir do desenrolar das ações;

em relação aos papéis dos sujeitos, no descritivo, percebe-se um sujeito observador, e no narrativo, por sua vez, o sujeito é testemunha e contador de um determinado acontecimento.

Dito isso, Charaudeau (2009) propôs uma organização para o modo de organização narrativo:

[...] o discurso construído pelo **Narrativo** dá-se em dois níveis: uma *estrutura lógica* subjacente à manifestação, espécie de espinha dorsal narrativa, e uma *superfície semantizada* que se baseia na estrutura lógica e, ao mesmo tempo, joga com ela, a ponto de transformá-la. Esse discurso obedece a um princípio de *fechamento* e de *lógica sintática* que permite fazer operações de *redução* ou de *amplificação* em torno da espinha dorsal narrativa. (CHARAUDEAU, 2009, p. 157, grifos no original).

Como exemplo, utilizamos o próprio *corpus* desta tese. A “estrutura lógica” seria a narrativa-base de uma emissora jornalística sobre o fato de um avião levando a delegação de um time de futebol brasileiro para a Colômbia ter caído pouco antes de chegar ao destino; já a “superfície semantizada” é a representação narrativa em si (o universo narrado), a cobertura jornalística da *Globo News*, emissora ligada a um telespectador a partir de um contrato de comunicação. Por fins taxonômicos, Charaudeau (2009) denominou a “estrutura lógica” de organização da lógica narrativa, e a “superfície semantizada” de organização da encenação narrativa. Em seguida, o autor detalhou cada uma dessas organizações, o que do mesmo modo faremos, tendo em vista nosso interesse em utilizá-las nesta tese.

A organização da lógica narrativa, segundo Charaudeau (2009), “[...] é apenas uma hipótese de construção do que constitui a trama de uma *história* que se supõe despojada de suas particularidades semânticas, e que se julga existir fora (aquém) da configuração enunciativa.” (p. 159, grifo no original). Embora se trate de um arquétipo, uma projeção, a lógica narrativa contém em si componentes e procedimentos próprios, como o modo de organização descritivo e a encenação narrativa. Os componentes da lógica narrativa, conforme o autor, são três, a saber: actantes (papéis desempenhados na ação narrativa), processos (une os actantes em uma ou várias unidade(s) de ação), sequências (dão coesão à organização narrativa por meio de certos princípios).

Mais detidamente, os actantes são aqueles ligados à ação, ou seja, vão desempenhar papéis em dada ação⁸⁷. Conforme Charaudeau (2009), os actantes narrativos estão divididos em dois tipos de hierarquia: um primeiro está ligado à natureza (é um actante humano?) e ao desempenho (ele age, sofre a ação ou somente compõe a narrativa?) dele na ação; um segundo diz da importância desse actante para a trama (protagonista ou coadjuvante?). Ainda sobre esse componente, não há, consoante o autor, actante narrativo em estado puro; conforme esse actante é qualificado ao longo da ação narrativa, vai-se estabelecendo, de fato, seu papel narrativo. A seguir (QUADRO 3), apresentamos um questionário actancial proposto por Charaudeau (2009) para uma análise prática de uma narrativa.

Quadro 3 – Questionário sobre os actantes narrativos

QUESTIONÁRIO SOBRE OS ACTANTES NARRATIVOS

Verificar se o actante:

1. **Age:** é o iniciador, o responsável e o executante da ação.
2. **Sofre a ação:** a ação recai sobre ele. Ele a recebe de maneira mais ou menos passiva, é mais ou menos afetado por ela, é mais ou menos a ela submisso.
 1. Se o actante age: ele o faz como:
 - 1.1. **Agressor:** comete um malefício.
 - 1.2. **Benfeitor:** transmite um *benefício* (ver também 1.5).
 - 1.3. **Aliado:** associa-se a um outro actante para auxiliá-lo ou defendê-lo, seja agindo diretamente sobre o adversário de outro actante, seja agindo ao mesmo tempo que este.
 - 1.4. **Oponente:** contraria os projetos e as ações de um outro actante.
 - 1.5. **Retribuidor:** dá a um outro actante ou uma recompensa (ver. 1.2), ou uma punição (castigo).
 - ele o faz de maneira:
 - 1.a. **Voluntária:** ele é consciente, ele decidiu (ato intencional).
 - 1.b. **Involuntária:** não é consciente, não decidiu (não intencional).
 - 1.c. **Direta:** afrontamento direto.
 - 1.d. **Indireta:** por meio de fingimento ou de intermediário.
2. Se o actante sofre a ação, ele o faz como:
 - 2.1. **Vítima:** é afetado negativamente pela ação de um outro actante.

⁸⁷ Charaudeau (2009) disse ser importante diferenciar actante linguístico de actante narrativo. Este diz respeito aos papéis desempenhados em uma situação de comunicação específica; o outro não desempenha nenhum papel narrativo, por isso é apenas agente, paciente ou destinatário de determinada ação.

2.2. **Beneficiário:** é afetado positivamente pela ação de um outro actante.

Se o actante-vítima reage, ele o faz por:

2.1.1. **Fuga:** ele evita o afrontamento.

2.1.2. **Resposta:** age contra seu agressor.

2.1.3. **Negociação:** tenta neutralizar a agressão.

Se o actante-beneficiário reage, ele o faz por:

2.2.1. **Retribuição:** ele age retribuindo de maneira benéfica o outro actante.

2.2.2. **Recusa:** ele recusa o benefício.

Q. Os tipos de qualificações

Q1. **Qualificações positivas:** prestígio, virtude, força, inteligência, destreza etc.

Q2. **Qualificações negativas:** desconsideração (má reputação), vício (imoralidade, desonestidade), pusilanimidade, imbecilidade (estupidez), inabilidade etc.

Fonte: CHARAUDEAU, 2009, p. 162-163.

Como exemplo, podemos citar parte do que foi dito em relação ao piloto da *LaMia*, Miguel Quiroga, durante a cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News*. Inicialmente, Quiroga foi dado como um actante que age, responsável por despejar o combustível do avião antes da queda. Dessa maneira, foi actante que agiu como benfeitor, pois, ao despejar o combustível, evitou a explosão da aeronave, o que foi essencial para haver seis sobreviventes. Ele o fez de maneira voluntária, isto é, esvaziou o tanque de combustível de maneira deliberada, consciente de seu ato. Nesse sentido, foi qualificado positivamente pela transmissão direta da *Globo News* como herói⁸⁸, piloto com destreza etc.

O processo, segundo elemento da lógica narrativa, é uma unidade de ação. Vários processos agrupados (isto é, unidades de ação), com determinada intenção, vão formar a função narrativa ou um processo narrativo. Charaudeau (2009) ressaltou duas questões significativas em se tratando dos processos. A primeira diz respeito à relação entre o processo (ou função) narrativo e a ação: a) um processo narrativo pode se dar a partir de um sem-número de ações possíveis (ex.: o processo de compaixão em relação aos mortos na queda do avião pode se dar por meio do choro, do silêncio, do abraço etc.); b) uma ação pode relacionar-se a outra ação num mesmo processo narrativo (ex.: a ação abraçar outra pessoa pode equivaler a cumprimento, despedida, afetuosidade etc.). A segunda versa sobre a hierarquização do

⁸⁸ Posteriormente, com a continuidade da transmissão, Miguel Quiroga passou a ser tratado como um actante agressor, pois surgiu a hipótese de a queda ter ocorrido em função da ausência de combustível suficiente para realizar o trajeto de Santa Cruz de la Sierra a Medellín.

processo narrativo, isto é, em uma narrativa, em que há várias funções, pode-se hierarquizá-las, de maneira a haver uma função condutora e outras complementares. Dessa forma, haveria uma função narrativa principal (ex.: a queda do avião da Chapecoense) e a função(ões) narrativa(s) secundária(s) (ex.: futuro do clube, como a Conmebol vai se posicionar em relação à final da Copa Sul-Americana, o impacto do acidente para os moradores da cidade de Chapecó etc.).

Como proposto em relação aos actantes narrativos, Charaudeau (2009) sugere um questionário pragmático a fim de auxiliar na localização dos “arquétipos processuais” (QUADRO 4).

Quadro 4 – Questionário sobre os processos narrativos

QUESTIONÁRIO SOBRE OS PROCESSOS NARRATIVOS

Verificar se a realização do ato recai principalmente:

- (1) **sobre si** (o agente é seu próprio beneficiário ou sua própria vítima)
- (2) **sobre o outro** (o outro é beneficiário ou vítima)

Verificar se o ato tem por função:

- (1) **melhorar** um estado inicial
- (2) **conservar** um estado inicial
- (3) **degradar** um estado inicial

Se a realização do ato recai sobre si, ele tem por função:

-) *eliminação* (de um adversário ou de uma ameaça)
-) *resolução* de um problema
-) *transgressão* (de uma regra, de uma proibição)
-) *negociação* (com adversário ou oponente)
-) *embuste* (esperteza, cilada para sair de uma situação perigosa)
-) *resposta* (a um ato de agressão por um outro ato de agressão)
-) *vingança* (como auto-reparação)

1.2. A **Conservação** de seu estado inicial, por:

-) *eliminação* (de um adversário ou de uma ameaça)
-) *prevenção* (de um conflito, de um encontro), fuga
-) *neutralização* (de uma ameaça)
-) negociação
-) embuste

1.3. A **Degradação** do estado inicial, por:

-) *submissão* (à dominação do outro)
-) *sacrifício* (autodegradação voluntária)
-) *transgressão* (que desrespeita a lei)

Se a realização do ato recai sobre o outro, ele tem por função:

2.1. O **Melhoramento** do estado inicial do outro, por:

-) *eliminação* (do adversário do outro)
-) *intervenção* (em favor do outro, auxílio)
-) *negociação* (em favor do outro)
-) *retribuição* (positiva – presente)

2.2. A **Conservação** do estado inicial do outro, por:

-) *eliminação* (da ameaça sobre o outro)
-) *intervenção* (em favor do outro – proteção)
-) *neutralização* (de uma ameaça)

2.3. A **Degradação** do estado inicial do outro, por:

-) *agressão* (realização de um malfeito sobre o outro)
-) *eliminação* (do outro como adversário, ameaça)
-) *embuste* (o outro é traído)
-) *vingança* (como punição do outro)
-) *retribuição* (como justiça – castigo)
-) *intervenção* (contra o outro)

Quais são os tipos de atos de fala que podem ter uma influência sobre os atos potenciais do outro?

-) **informação/dissimulação** (como um “poder” dado (revelação) ou oculto ao outro)
-) **conselho/desaconselhamento** (como modelo de comportamento a seguir/ a não seguir)
-) **encorajamento/dissuasão** (como estímulo à esperança/ aos medos – à intimidação)
-) **proibição/autorização** (de realizar um ato)
-) **pedido** (de ajuda ou de informação)

Fonte: CHARAUDEAU, 2009, p. 165-166.

Ainda tomando como exemplo o piloto Miguel Quiroga do modo como a narrativa do *Globo News* o expôs na cobertura “ao vivo” realizada, temos que o ato de despejar o combustível da aeronave recai contra si próprio e contra os outros (passageiros e tripulantes). Sua ação é no

sentido de melhorar um estado inicial, por meio de uma intervenção em auxílio de si próprio e dos outros.

O último elemento da lógica narrativa, as sequências, está distribuído em quatro princípios, os quais dão unidade à organização narrativa, a saber: de coerência, de intencionalidade, de sequência e de localização, os quais Charaudeau (2009) justificou:

[...] – *uma sucessão de acontecimentos ligados* por uma relação de solidariedade tal que cada um pressupõe os outros numa estrutura que se deve imaginar *intemporal*. É por essa razão que esses acontecimentos se organizam segundo um *princípio de coerência*. [...] – a narrativa só tem sentido por estar relacionada a um encadeamento de motivos dirigidos a um fim, o qual se inscreve num *projeto humano*. É por essa razão que os acontecimentos se definem segundo um *princípio de intencionalidade* (ou de motivação). [...] – essas ações ou acontecimentos reagrupam-se em sequências, as quais se ordenam segundo um *princípio de encadeamento*. [...] – enfim, essa sucessão de acontecimentos coerente e motivada deve poder ocorrer num *enquadramento espaço-temporal*, segundo um *princípio de localização*. (p. 166, grifos no original).

Dessa maneira, o primeiro princípio é o de coerência, encarregado de dar uma sucessão lógica às ações com base numa ideia de princípio e fim. “Em um ponto qualquer da sequência, deve-se poder compreender uma ação em função de sua *origem* (abertura) e de uma *perspectiva finalizada* (fechamento).” (CHARAUDEAU, 2009, p. 167, grifos no original).

O princípio dois, de intencionalidade, postula uma motivação para encadear um determinado grupo de sequências deste ou daquele modo. Essa intenção, para Charaudeau (2009), ocorre, pois é fruto de um “projeto de fazer” do sujeito. Tal princípio ordena toda a sequência a partir de três momentos: estado inicial (falta) > estado de atualização (busca) > estado final (resultado).

O encadeamento, soma dos princípios de coerência e de intencionalidade, subdivide-se em quatro: (1) sucessão – as sequências são colocadas de maneira linear; (2) paralelismo – as sequências são desenvolvidas por actantes diferentes e, posteriormente, vão se ligar, ou não; (3) simetria – são duas sequências distintas, mas uma influencia a outra; e (4) encaixe – dentro de uma sequência maior pode haver uma sequência menor para ressaltar determinados aspectos.

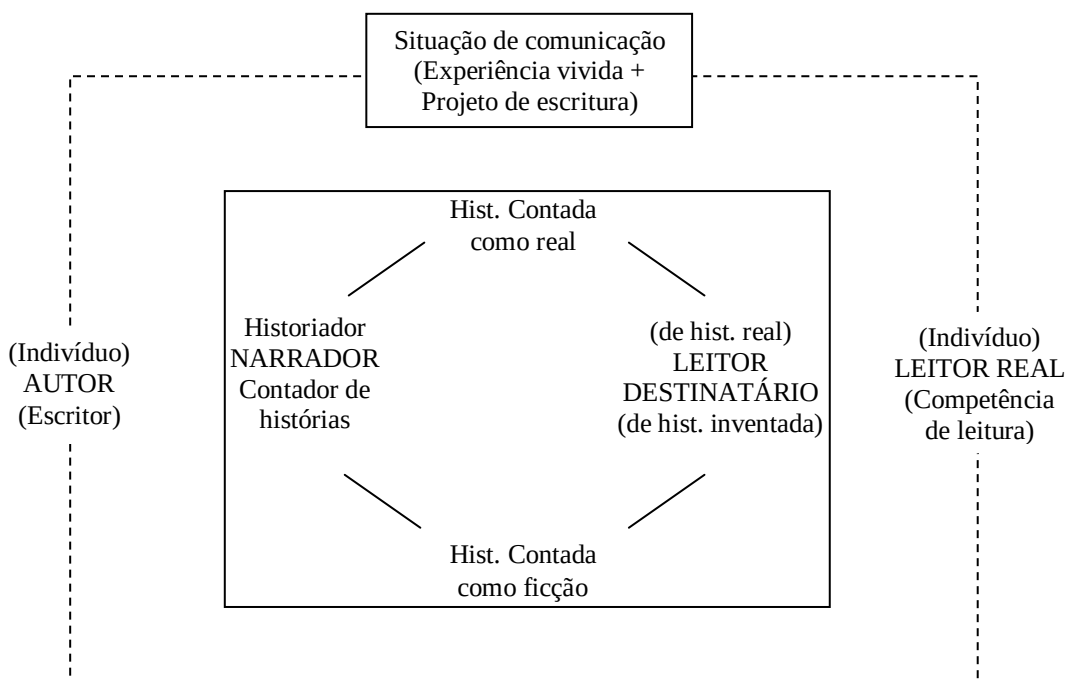
Por fim, o quarto princípio é o de localização. Como ressalta Charaudeau (2009, p. 172), mesmo sendo a organização narrativa um arquétipo e, por isso, sem a noção de tempo e

espaço, “[...] este princípio tem uma forte incidência sobre a organização lógica (isso porque, como já foi dito, não existe estrutura lógica em estado puro) [...]”. Dessa forma, esse princípio fornece importantes referências aos outros três princípios, como: localização (mudanças de lugares), situação (nomes, datas etc.) e caracterização (forte/fraco, alto/baixo etc.)⁸⁹.

Em muitos momentos do *corpus*, podemos identificar a presença desses quatro princípios, sobretudo, quando a emissora, por meio de seus âncoras, estabelece uma sequência com início, meio e fim para a viagem da Chapecoense desde Guarulhos até a queda da aeronave próximo a Medellín, especialmente em determinados passagens da transmissão direta em que utiliza, por exemplo, infográficos e mapas, conforme vamos expor no capítulo quatro.

Após descrever, minuciosamente, a organização da lógica narrativa, parto agora para uma explanação acerca da organização da encenação narrativa (ou “superfície semantizada”). Os componentes dessa encenação narrativa, segundo Charaudeau (2009), são, na verdade, um grupo de indivíduos “reais” e pressupostos imersos em uma situação de comunicação específica, conforme se vê na FIGURA 3.

Figura 3 – Dispositivo da encenação narrativa



Fonte: CHARAUDEAU, 2009, p. 184.

⁸⁹ No capítulo dedicado à análise do *corpus*, darei ênfase especial aos procedimentos de configuração da lógica narrativa dentro da cobertura “ao vivo”, observando aspectos específicos deste gênero, e não situações arquetípicas e intemporais.

No âmbito externo dessa encenação narrativa, estão os indivíduos psicossociais autor (locutor) e leitor real (interlocutor), os quais são “reais” e estão ligados por um discurso, ou uma narrativa. Internamente, há os seres pressupostos da narrativa em si, o narrador (enunciador) e o leitor destinatário (coenunciador), sendo estes dois projeções do autor (locutor).

Nesse ponto, Charaudeau (2009) empreendeu esforços para caracterizar esses sujeitos reais (externos) e os de papel (internos). O autor (sujeito empírico), para Charaudeau (2009), pode ter dois tipos de identidade na encenação narrativa. 1) A de autor-indivíduo: tem personalidade própria, biografia pública ou não e experiencia as práticas sociais de maneira individual e coletiva; nessa perspectiva, pode estar presente na narrativa, sendo, nesse caso, testemunha de uma história vivida, ou estar ausente. E 2) a de autor-escriptor: tem um nome próprio de escritor, biografia pública de autor e revela-se por meio de um “projeto de escritura”

No caso de uma cobertura “ao vivo” narrada por um compósito midiático, como a da *Globo News* sobre o acidente aéreo com a Chapecoense, tem-se, ao longo dessa jornada noticiosa, a participação de um sem-número de profissionais, desde aqueles vinculados diretamente à emissora (âncoras, repórteres, correspondentes, comentaristas etc.) até os convidados por ocasião do acidente (especialistas, testemunhas etc.). Dessa maneira, a identidade de “autor” é, pois, heterogênea, híbrida e complexa.

Pensando, contudo, o compósito midiático (*Globo News*) como “autor maior”, nesse caso, podemos considerá-lo como sendo um “autor” ao mesmo tempo indivíduo e escritor, pois participa, vive e age na vida social, tem nome próprio (embora como emissora), uma biografia pública e liga-se ao leitor real a partir de um processo de narração⁹⁰. Ademais de autor, consideramos esse compósito um maestro a reger toda a encenação, conforme proposto por Rabatel (2013) a partir da noção de “gestão do ponto de vista” ou “gestão do dialogismo interno”, o que vamos explorar detalhadamente nas análises do direto.

⁹⁰ A partir desse processo de narração, temos ciência do “projeto de escritura”. Mesmo em se tratando de uma cobertura “ao vivo”, defendemos a existência desse projeto, o que iremos detalhar no capítulo de análise.

Ainda no âmbito dos sujeitos reais, o leitor real é aquele “[...] convocado a receber e verificar a veracidade dos fatos em função da sua própria experiência”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 185). Este deverá reconhecer o projeto de escritura dessa narrativa, a partir de sua própria experiência de mundo e competência de leitura – isso inclui, por suposto, o reconhecimento do gênero em questão, isto é, história contada como real (discurso midiático de informação, por exemplo), ou história contada como ficção (discurso literário, por exemplo).

Os sujeitos de papel, por sua vez, como expusemos anteriormente, são aqueles cuja existência se dá somente no mundo da “história contada”, independentemente se esta história é mais objetiva, factual, baseada em documentos, ou se é mais subjetiva, menos factual, fruto de um “mundo inventado”. Para ambos os casos (história factual x história criada), Charaudeau (2009) denominou a instância de produção como “narrador”. Se recolhe os fatos da realidade histórica e constrói uma narrativa fiel a essa realidade, ele dá o nome de “narrador-historiador”, mas, se cria uma história segundo sua própria fantasia e seu saber artístico, este é “narrador-contador”. Nesta tese, contudo, defendemos haver a presença desses dois tipos de narradores aqui descritos na cobertura “ao vivo” do acidente da Chapecoense, pois o narrador-historiador, ao se enveredar por uma representação objetiva do mundo, carece de elementos, se não ficcionais, coesivos e coerentes para dar sentido à narrativa de uma natureza acontecimental já pretérita.

A instância de recepção, no caso desses sujeitos de papel, é o leitor-destinatário. Trata-se de um leitor ideal criado pelo autor (instância externa) para direcionar sua história contada, uma espécie de sujeito prototípico daquela narrativa.

Entendida a organização da encenação narrativa e os sujeitos presentes nessa concepção (autor, narrador, leitor destinatário e leitor real), parto agora para os procedimentos de configuração manifestos na “superfície semantizada”. De acordo com Charaudeau (2009), tais procedimentos “[...] dizem respeito à *identidade*, ao *estatuto* e aos *pontos de vista* do narrador textual.” (p. 188, grifos no original). Dessa maneira, o autor propôs analisar detalhadamente cada um desses três procedimentos, o que vou do mesmo modo fazê-lo, dada a importância deles para a análise do direto.

Em relação às identidades do narrador, Charaudeau (2009) descreveu com se dá a presença e intervenção de quatro tipos de sujeitos (autor-indivíduo, autor-escritor, narrador-historiador e

narrador-contador). 1) o autor-indivíduo é aquele cuja intervenção na narrativa traz um efeito de realidade, por meio de uma experiência vivida ou de um pensamento próprio; dessa maneira, ele coloca-se na condição de observador, testemunha de sua época. 2) as intervenções e presenças do autor-escritor, ademais de efeito de verismo, traz ainda um efeito de cumplicidade com o leitor, ao enunciar o projeto de escritura, seja a partir de um prefácio, da fonte de “inspiração” para a narrativa, das circunstâncias de origem de um fato e como ele estava presente, ou de documentos, cartas. 3) O narrador-historiador, por sua vez, é aquele cuja presença e intervenção se dá por uma tentativa de apagamento de si; isto é, sua narrativa está embasada em documentos e testemunhos para evitar aspectos subjetivos, criando um efeito de credibilidade histórica. 4) Oposto ao narrador-historiador, o narrador-contador é aquele cuja presença é clara e manifesta, por meio de atos elocutivos, interpelações ao leitor.

O segundo procedimento de configuração da encenação narrativa tem a ver com o estatuto do narrador, a saber: ele conta a história de um outro, ele conta a sua própria história ou há, na verdade, muitos narradores. 1) Quando conta a história de um outro, o narrador é externo à história, isto é, não é uma das personagens em questão; nesse caso, embora possa ser testemunha de um acontecimento, estando no interior da narrativa, ele nunca será herói, protagonista, sempre um observador, um figurante; nesse estatuto, o narrador respeita um dado princípio de delocutividade. 2) Quando conta a sua própria história, o narrador é sempre o protagonista, herói, mesmo quando há outras histórias ligadas à dele; aqui, a narrativa segue um princípio de elocutividade, de presença marcada do escritor, por meio do narrador. 3) Quando há muitos narradores, ocorre uma sobreposição ou encaixamento de narrativas, cada uma com narrador próprio; nesse caso, sempre há uma totalidade de narrativas interligadas a uma narrativa primeira.

O ponto de vista do narrador, terceiro procedimento de configuração da encenação narrativa, diz respeito ao conhecimento do narrador sobre as personagens, e como expõe isso aos leitores. Charaudeau (2009) dividiu o ponto de vista em dois, um externo e outro interno. O externo, mais objetivo, diz da “*exterioridade da personagem*, sobre sua aparência física, seus fatos e gestos visíveis, todas as coisas que seriam suscetíveis de serem *percebidas* (o Ver) ou *verificadas* (o Saber) por um outro sujeito diferente do *narrador* achando-se no lugar deste.” (p. 199, grifos no original). O interno, por sua vez, mais subjetivo, traz à tona: “[...] o interior da personagem, seus sentimentos, seus pensamentos e seus impulsos interiores [...] os quais não seriam necessariamente percebidos como tais, nem verificados por um outro sujeito

diferente do narrador, que estivesse no lugar deste.” (p. 199, grifos no original). Essa qualificação mais subjetiva, portanto, depende apenas da decisão do narrador.

2.1.2.4 Modo de organização argumentativo

Para tratar do modo de organização argumentativo, Charaudeau (2009) usou da mesma estratégia didático-discursiva utilizada para explicar os modos anteriores, apresentando, primeiramente, uma proposta crítica para, em seguida, detalhar os componentes e os procedimentos comuns a este modo. Dessa maneira, o autor afirmou que o argumentativo, embora exista uma longa tradição de estudo, desde os gregos até os mais contemporâneos, suscitando um sem-número de vertentes e propostas conceituais (retórica, lógica formal, argumentação, demonstração, nova retórica, mensagens persuasivas etc.), é o modo mais difícil de tratar. “[...] o Narrativo, levando em conta as ações humanas, confronta-se com uma forma da realidade, visível e tangível. O argumentativo, ao contrário, está em contato apenas com um saber que tenta levar em conta a experiência humana, através de certas operações do pensamento.” (CHARAUDEAU, 2009, p. 201).

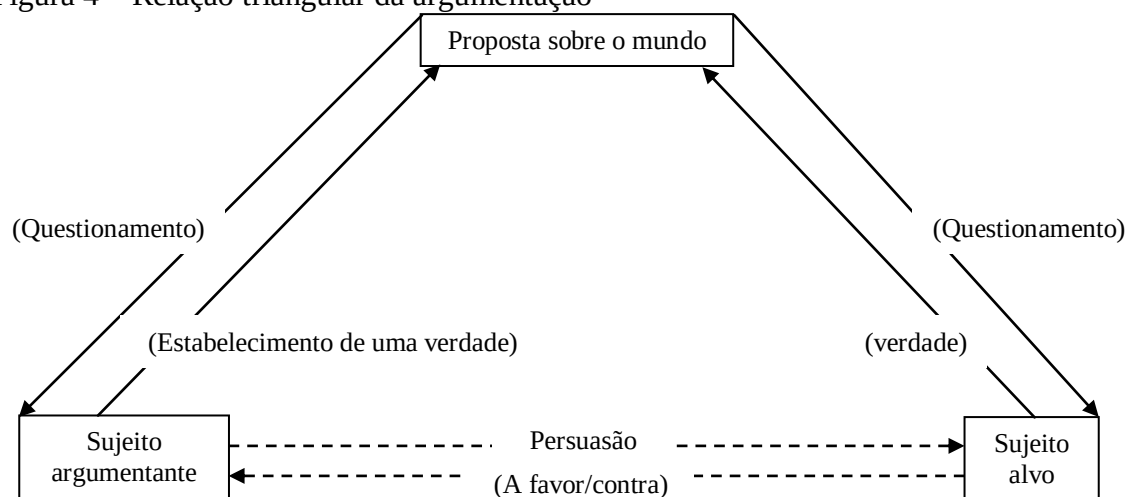
Dito isso, o autor, antes de apresentar propriamente a mecânica de funcionamento do discurso argumentativo, lançou-se no intuito de apresentar algumas definições e funções do argumentativo. Dessa maneira, para Charaudeau (2009), argumentar “[...] *não se limita a uma seqüência lógica de frases ou de proposições ligadas por conectores lógicos.*” (p. 203, grifo no original). Isso porque em boa parte dos casos a particularidade do argumento pode estar implícita, num ponto transfrástico⁹¹. Da mesma maneira, disse o autor, a presença da negação ou da proibição, por exemplo, caracteriza uma materialidade linguística como argumentativa, ou não, já que argumentar tem a ver com a capacidade de raciocinar e compreender.

Feitas essas ressalvas, Charaudeau (2009), enfim, disse o que é preciso haver, na opinião dele, para que exista argumentação: “[...] [uma] relação triangular entre *sujeito argumentante*, uma *proposta sobre o mundo* e um *sujeito-alvo* [...]” (p. 205, grifos no original). Conforme está posto na FIGURA 4, o sujeito argumentante é aquele que desenvolve um raciocínio, a fim de

⁹¹ Isto, por exemplo, está presente no conceito de posto, pressuposto e subentendido estabelecido por Ducrot (1987) em sua Teoria da Argumentação. A partir dela, inclusive, publicamos o artigo *Teoria da Argumentação Linguística e estratégia discursiva em blogs* (SILVA, 2014c), em que analiso como Vitor Knijnik compõe os enunciados no *Blogs do Além* e, dessa maneira, constrói sua estratégia discursiva. Nos capítulos 4 e 5, lançamos mão de tal conceito para analisar nosso *corpus*.

estabelecer uma verdade, buscando que esta seja aceita; a proposta sobre o mundo diz respeito à ideia posta que suscita questionamento e busca se legitimar; e o sujeito-alvo é a instância abstrata da argumentação proposta a que o sujeito argumentante se dirige.

Figura 4 – Relação triangular da argumentação



Fonte: CHARAUDEAU, 2009, p. 205.

Tomando o *corpus* que adiante será analisado, por exemplo, temos o especialista (sujeito externo aos *media*), ou um jornalista como comentarista, ou “descritor-comentador”, na condição de sujeito argumentante tentando estabelecer uma verdade sobre o acidente envolvendo a Chapecoense e demais passageiros e tripulantes e, para isso, criando uma proposta de mundo para persuadir o sujeito-alvo, no caso o telespectador ideal (TU destinatário); no entanto, o TU interpretante irá aceitar ou refutar essa proposta de mundo⁹².

Ainda no intuito de definir o modo de organização argumentativo, Charaudeau (2009) afirmou que argumentar, da ótica do sujeito argumentante, é uma atividade discursiva que perpassa a racionalidade e a influência. Racionalidade no sentido de dar sentido, racionalizar os fenômenos do mundo. Nesse sentido, ele diz: “[...] essa busca do verdadeiro torna-se uma busca [...] do verossímil (o verdadeiro não sendo graduável), de um verossímil que depende das representações sócio-culturais compartilhadas pelos membros de um determinado grupo, em nome da experiência ou do conhecimento” (p. 206, grifos no original).

E a influência decorre do intento do sujeito argumentante em fazer com que o sujeito-alvo adira às propostas de mundo daquele a partir de uma proposição argumentativa.

⁹² No capítulo dedicado à análise, analisamos ambos os sujeitos argumentantes, especialista e comentarista.

Feitas essas considerações, Charaudeau (2009), enfim, tomou posição acerca do que entende como argumentação, diferenciando-a dos modos de organização descritivo e narrativo:

[...] argumentar é [...] [uma] *finalidade racionalizante* [...] [um] jogo de raciocínio que é marcado por uma lógica e um *princípio de não contradição*. Os procedimentos de outros modos (Descritivo, Narrativo) [...] [têm uma] *finalidade descritiva e mimética* das percepções do mundo e das ações humanas. (p. 207, grifos no original).

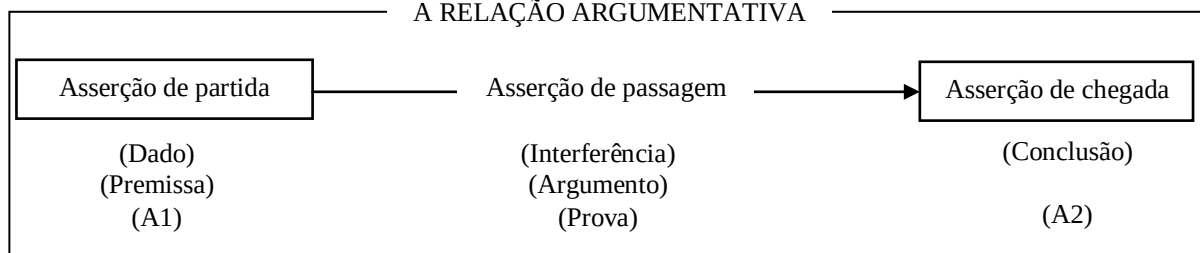
Como o faz com a descrição e a narração, o autor distinguiu a “argumentação” e o “argumentativo”, sendo aquela uma totalidade, fruto de combinações de diferentes componentes discursivos e (extra)linguísticos, e este o modo discursivo propriamente, que divide em razão demonstrativa e razão persuasiva. Essa divisão, como propôs Charaudeau (2009) nos outros dois modos discursivos (descritivo e narrativo), corresponde à organização da lógica argumentativa (razão demonstrativa) e à encenação argumentativa (razão persuasiva), as quais vamos detalhar a seguir.

A organização da lógica argumentativa, ou razão demonstrativa, do mesmo modo, divide-se em componentes e procedimentos. Os componentes da lógica argumentativa estão fundamentados entre três⁹³ asserções de base: 1) dado ou premissa (asserção de partida); 2) conclusão (asserção de chegada); e 3) prova, inferência ou argumento (asserções intermediárias). Um exemplo disso no *corpus* está na seguinte asserção: “A distância entre Santa Cruz de la Sierra e Medellín é de três mil quilômetros, e a autonomia (capacidade máxima de combustível) dessa aeronave é de três mil quilômetros”. Infere-se que o avião voou no seu limite de combustível e, por consequência, que isso possa ter sido a causa da queda.

Nesse sentido, Charaudeau (2009), propôs a FIGURA 5 para demonstrar esses elementos de base da relação argumentativa:

⁹³ Como se verá adiante, a asserção intermediária pode conter dentro dela uma série de outras asserções ligando a asserção de partida à asserção de chegada.

Figura 5 – A relação argumentativa



Fonte: CHARAUDEAU, 2009, p. 210.

Apresentadas as premissas como componentes de base da lógica argumentativa, o autor, daí por diante, empenhou-se em demonstrar as relações entre essas premissas do ponto de vista dos modos de encadeamento, das condições de realização e do valor de verdade (QUADRO 5). Sobre os modos de encadeamento, Charaudeau (2009) disse haver uma relação de causalidades, ou articulações lógicas, e cita alguns casos para justificar sua proposição. “**e) A causa** [...] Essa operação se inscreve, evidentemente, numa relação de ‘causalidade explicativa’. É expressa tipicamente por ‘A1 **porque** A2’ (e algumas outras marcas).” (p. 211, grifos no original). Ex.: A Anac não autorizou que a companhia aérea boliviana buscasse a delegação da Chapecoense no Brasil e a transportasse para Colômbia, **porque** isso iria infringir o Código Brasileiro de Aeronáutica e a Convenção de Chicago.

Em relação às condições de realização, elas têm a ver com o modo como se dá o vínculo entre as premissas de partida e de chegada, se no domínio do possível, do provável, do necessário, do indiscutível, ou do exclusivo. Nesse sentido, pensar a ligação entre A1 e A2 no eixo do possível é considerar A2 como uma asserção dentre outras. “Se o tempo estiver bom (A1), talvez eu vá à praia (A2).” O vínculo provável é quando A2 corresponde a uma conclusão que se impõe a partir de dados probabilísticos. “Há 80% de chances de que a causa da doença (A1) seja um vírus (A2).” A ligação entre as premissas é do âmbito do necessário quando a conclusão (A2) é obrigatória, ainda que haja outras. “Se você quiser entrar nesta boate (A1), tem que pagar 50 reais.” O vínculo indiscutível quando A2 impõe-se a A1; negando a conclusão, nega-se a premissa. “Tudo o que você encontrar nesta escrivania (A1) é para jogar no lixo (A2)”. O nexos entre A1 e A2 é exclusivo na ocasião em que A2 não apenas se impõe a A1, mas é a única conclusão admissível. “Para ser feliz (A1), preciso de amor (A2)”.

O valor de verdade das premissas, por sua vez, está, segundo Charaudeau (2009), relacionado à proposta em sua totalidade, podendo generalizar, quando a proposta $A1 \rightarrow A2$ vale para um

grande número de casos; particularizar, situação em que $A1 \rightarrow A2$ compreende uma situação particular; e supor, em que a premissa (A1) é uma hipótese e a conclusão (A2) é do âmbito do necessário ou do possível.

Quadro 5 – Relações entre as premissas $A1 \rightarrow A2$

Modos de encadeamento	– conjunção
	– disjunção
	– restrição
	– oposição
	– causa
	– consequência
	– finalidade
Condições de realização	– possível
	– provável
	– presumível
	– necessário
	– indiscutível
Valor de verdade	– exclusivo
	– generalização
	– particularização
	– hipótese

Fonte: Elaborado pelo autor com base em CHARAUDEAU, 2009.

Apresentados os componentes da razão demonstrativa, parto, agora, para os procedimentos, o que Charaudeau (2009) nominou de “modos de raciocínio”, que é a combinação desses componentes quando da encenação discursiva propriamente. O autor, para fins didáticos, dividiu esses modos de raciocínio em cinco categorias, como se vê no QUADRO 6.

Quadro 6 – Resumo dos modos de raciocínio

“DEDUÇÃO”	– por silogismo – pragmática – condicional
“EXPLICAÇÃO”	– por silogismo – pragmática – por cálculo – hipotética
“ASSOCIAÇÃO”	– dos contrários – do idêntico
“ESCOLHA ALTERNATIVA”	– incompatibilidade – escolha entre positivo/negativo – escolha entre duas negativas – escolha entre duas positivas
“CONCESSÃO RESTRITIVA”	

Fonte: CHARAUDEAU, 2009, p. 220.

O modo de raciocínio por dedução se dá por meio de inferência da causa (A1) para a consequência (A2). Charaudeau (2009) dividiu a dedução em muitos tipos, entre eles: a) por silogismo (se isto, logo aquilo) – As flores são plantas, uma tulipa é uma flor, a tulipa é uma planta; b) por pragmática (portanto) – Chove, eu levo guarda-chuva; c) por cálculo (se isto... então) – A maior parte das mulheres escolheu o produto X; faça como as brasileiras, adote o produto X; d) por condicional (Se... então) – Se acabar o dever, pode brincar.

O segundo modo de raciocínio, a explicação, tem certa semelhança com a dedução, ou seja, o sujeito argumentante baseia-se em A1 para chegar a A2, mas neste modo A2 é a origem, a causa. Essa explicação, do mesmo modo, é dividida em tipos: a) por silogismo (X, porque...) – Ele engordou porque comeu muito carboidrato e porque carboidrato em excesso engorda; b) por pragmática (encadeamento causal) – Eu sei que ela é linda, porque eu a vi; c) por cálculo

(casual) – Isso é assim, porque sempre foi assim; d) por hipótese (suposição) – Não fui à casa dele, talvez porque pensei que ele não queria receber visitas.

A associação é o terceiro modo de raciocínio apresentado por Charadeau (2009). Segundo o autor, o encadeamento nesse modo tem a ver com o uso da consequência, da causa ou mesmo da conjunção, e caracteriza-se pela associação dos contrários ou pela associação dos idênticos⁹⁴: a) a associação dos contrários tem a ver com a estratégia de sedução – “Se você não sabe ganhar dinheiro com as **mãos**, saiba, pelo menos, gastá-lo com os **pés**” (p. 217, grifos no original); b) a associação do idêntico refere-se a procedimentos da tautologia, apresentando significados diferentes para um mesmo significante: “O **Brasil** nunca é tão **Brasil** quando é **ele mesmo**” (p. 217, grifos no original).

O quarto modo de raciocínio apresentado por Charadeau (2009) foi a escolha alternativa, que põe em oposição duas argumentações, a partir das quais se pode escolher uma. Entre os tipos de escolhas alternativas, há: a) simples incompatibilidade – “Ou se é juiz, ou se é réu”; b) escolha entre positivo/negativo – “Ou eu, ou o caos”; c) escolha entre duas negativas – “Ou continuamos a perder dinheiro, ou declaramos falência”; e d) escolha entre duas positivas – “Ou eu aumento seu salário, ou eu reduzo sua jornada”.

A última categoria que propôs Charadeau (2009) dentro dos modos de raciocínio é a concessão restritiva. Segundo o autor, nesse modo considera-se a asserção de partida (A1) como verdadeira, mas modifica-se a asserção de conclusão (A2): “A1, certamente, mas em lugar de A2, A’2”. “Encontra-se esse *modo de raciocínio* em situações de troca polêmicas, nas quais se concorda (ou se finge concordar) com certas asserções do outro para melhor invalidá-las ou retificá-las (procedimento menos agressivo que uma negação brutal) [...]” (p. 219, grifo no original). Ex.: “Admito que seu argumento é inteligente, mas você sabe muito bem que é pura demagogia.”

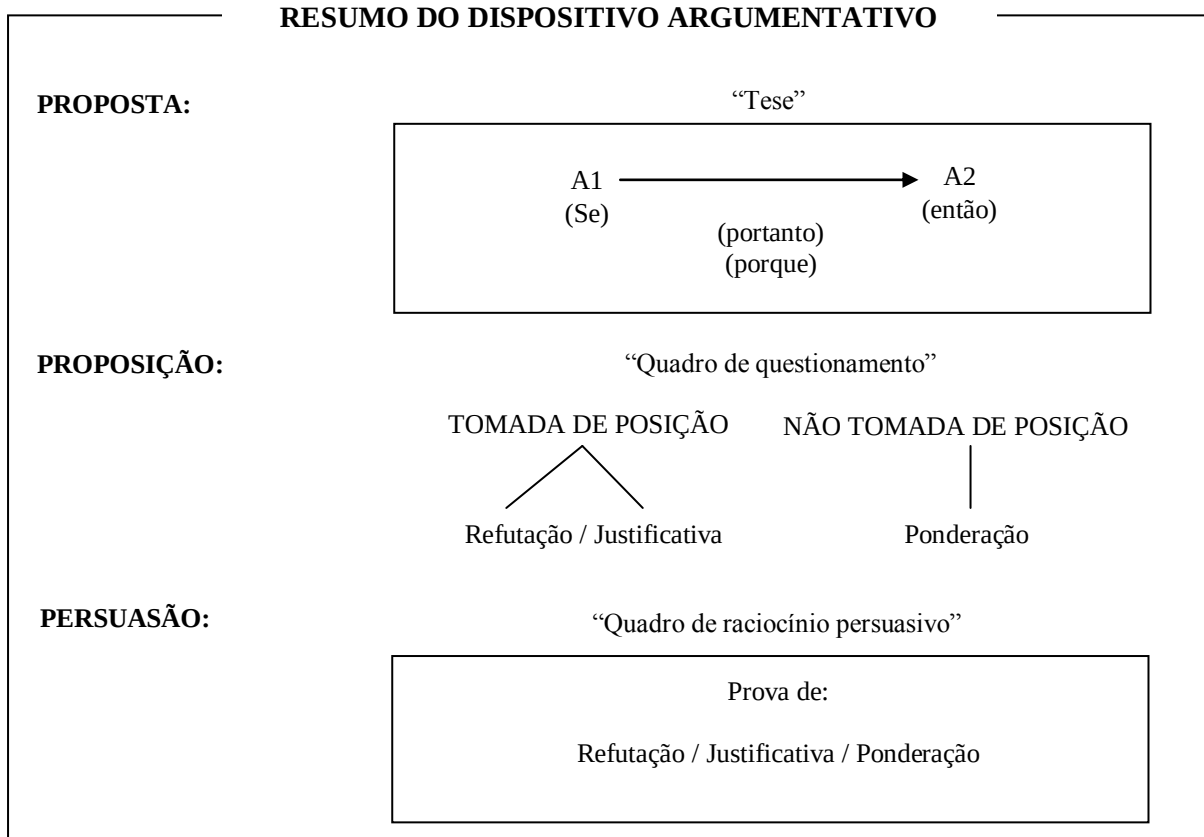
Tendo exposto a organização da lógica argumentativa (ou razão demonstrativa) como a concebeu Charadeau (2009), parto agora para a encenação argumentativa (ou razão persuasiva), que, do mesmo modo, está dividida em componentes e procedimentos. Segundo o

⁹⁴ Nenhuma das duas, para Charadeau (2009), deveria ser um procedimento de argumentação; a primeira por não atender ao princípio de não contradição, e a segunda por ser redundante.

autor, essa razão persuasiva pressupõe, necessariamente, a presença de um sujeito, em uma dada situação, ligado a um interlocutor por um contrato de comunicação.

Ademais desses requisitos, para que haja, de fato, um processo argumentativo (ou dispositivo argumentativo) são necessários três elementos indissociáveis: proposta, proposição e persuasão. De acordo com Charaudeau (2009), a proposta (ou tese) constitui-se de duas ou mais asserções (relacionadas entre si) que vão dizer algo dos fenômenos do mundo – “O avião caiu (A1) por falta de combustível (A2).” A proposição, por sua vez, tem a ver com a tomada de posição do sujeito argumentante afiançando ou desabonando a proposta em questão, ou com a não tomada de posição desse mesmo sujeito. Segundo o autor, quando o sujeito argumentante toma posição, ele pode concordar ou não com a proposta, e isso pode se dar de maneira parcial, sendo a favor ou contra de parte da proposta – “A falta de combustível foi **apenas** um dos motivos da queda” (discorda em parte); “**Talvez** a queda **tenha ocorrido** por outro motivo, a ser descoberto pelas autoridades colombianas” (não toma posição). Por fim, a persuasão (ou controvérsia) evidencia o que Charaudeau denominou “quadro de raciocínio persuasivo”, em que se expõe a prova adotada na proposição.

Quadro 7 – Resumo do dispositivo argumentativo



Fonte: CHARAUDEAU, 2009, p. 225.

Ainda em se tratando dos componentes da razão persuasiva, Charaudeau (2009) delimitou dois fatores situacionais, os quais vão influenciar o dispositivo argumentativo: a situação de troca e o contrato de comunicação. A situação de troca pode ser monologal – quando apenas o sujeito argumentante desenvolve proposta, proposição e persuasão, sem, necessariamente haver um coenunciador que goze de turno de fala; ou pode ser dialogal – circunstância em que proposta, proposição e persuasão se dão ao longo de um debate, das réplicas e trélicas. A cobertura da *Globo News* sobre o acidente com o avião da Chapecoense, a princípio, corresponde à situação de troca monologal em relação à instância de recepção; porém, no capítulo dedicado à análise, pretendo avaliar, mais detidamente, a composição do dispositivo argumentativo, sobretudo, em relação à materialidade discursiva dos especialistas chamados a comentar sobre o acidente. O contrato de comunicação tem a ver com o quanto o dispositivo argumentativo (proposta, proposição e persuasão) se mostra explícito, ou não. É explícito quando a argumentação é manifesta e, dessa forma, faz jus ao contrato; é implícita quando a argumentação não é evidente.

Outro componente para entendermos a razão persuasiva, diz Charaudeau (2009, p. 228), são as posições assumidas pelo sujeito: “Efetivamente, em toda argumentação o sujeito é instado a tomar posição: com relação à Proposta, com relação ao sujeito que emitiu a Proposta e com relação a sua própria argumentação.”⁹⁵ No primeiro caso – posição em relação à proposta –, como já abordamos, refere-se ao fato de o sujeito tomar, ou não, partido da proposta, e, em caso de tomar, colocar-se a favor ou contra ela. O segundo caso – posição em relação ao sujeito – divide-se em a) rejeição do *status* do emissor, b) aceitação do estatuto do emissor e c) autojustificativa do estatuto⁹⁶. O terceiro caso corresponde à posição em relação à própria argumentação, em que o sujeito pode se implicar pessoalmente (argumentação polêmica) – tomando posição, denunciando algo, sendo irônico etc. –, ou não se engajar (argumentação demonstrativa) – usando qualificações objetivas, frases impessoais, referências etc. Charaudeau (2009) resumiu os componentes da razão persuasiva no QUADRO 8.

⁹⁵ Para fim de esclarecimento, vamos analisar a posição dos sujeitos vinculados direta (âncora, repórter, correspondente, comentarista etc.) ou indiretamente (especialistas, testemunhas etc.) ao acontecimento, e não as posições dos sujeitos da instância de recepção (sujeito interpretante), o que só seria possível, talvez, com os Estudos de Recepção e Audiência.

⁹⁶ Embora o autor não mencione o termo, essa posição em relação ao emissor da proposta tem a ver com a noção de *ethos*, oriunda da *Retórica*, de Aristóteles, e amplamente discutida em estudos mais contemporâneos, como os empreendidos por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e Amossy (2014) para citar alguns.

Quadro 8 – Resumo dos componentes da encenação argumentativa

O dispositivo argumentativo	– Proposta – Proposição – Persuasão	– “Tese” – “Quadro de questionamento” – “Quadro de raciocínio”
Os tipos de configuração	– Situações de troca – Contrato de comunicação	– “Monological” – “Dialogal” – “Explícito” – “Implícito”
As posições do sujeito	– Com relação à Proposta – Com relação ao emissor (E) da Proposta – Com relação a sua própria argumentação	– “Tomada de posição” (A favor/Contra) – “Não tomada de posição” – “Rejeição do estatuto” – “Aceitação do estatuto” – “Autojustificativa” – “Engajamento e argumentação polêmica” – “Não engajamento e argumentação racional”

Fonte: CHARAUDEAU, 2009, p. 231.

Por fim, tendo concluído o ponto de vista interno da teoria semiolinguística, com a descrição dos modos de organização do discurso (enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo), apresentamos, de maneira resumida, no QUADRO 9, cada um dos modos:

Quadro 9 – Modos de organização do discurso

MODO DE ORGANIZAÇÃO	FUNÇÃO DE BASE	PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO
ENUNCIATIVO	Relação de influência (EU > TU) Ponto de vista do sujeito (EU > ELE) Retomada do que já foi dito (ELE)	Posição em relação ao interlocutor (alocutivo) Posição em relação ao mundo (elocutivo) Posição em relação a outros discursos (delocutivo)
DESCRITIVO	Identificar e qualificar seres de maneira objetiva / subjetiva	Organização da construção descritiva (Nomear-Localizar-Qualificar) Encenação descritiva

MODO DE ORGANIZAÇÃO	FUNÇÃO DE BASE	PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO
NARRATIVO	Construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato	Organização da lógica narrativa (actantes e processos) Encenação narrativa
ARGUMENTATIVO	Expor e provar causalidades numa visada racionalizante para influenciar o interlocutor	Organização da lógica argumentativa Encenação argumentativa

Fonte: CHARAUDEAU, 2009, p. 75.

Os modos de organização do discurso, na maior parte dos casos, vão estar numa relação de justaposição, de diálogo, em que um pode prevalecer sobre os outros, mas não será absoluto. “Em resumo, diremos que os três modos de organização contribuem igualmente para construir textos, **contar** o fato *testemunhando* uma experiência, **argumentar** *demonstrando* relações, **descrever** *identificando* e *qualificando* os seres.” (CHARAUDEAU, 2009, p. 112, grifos no original).

Em relação ao discurso de informação, Charaudeau (2009) afirmou que, para a constituição do texto jornalístico, são utilizados comumente os modos descritivo e narrativo, sendo o argumentativo somente como contraponto. Durante a cobertura “ao vivo” empreendida pela *Globo News* no dia 29 de novembro de 2016, como pode ser observado no capítulo 5, constatamos a presença dos três modos de organização (además do enunciativo que se faz presente em todos), mas o argumentativo é normalmente característico dos comentaristas e dos especialistas.

2.2 Discurso midiático de informação

O discurso midiático de informação é um gênero discursivamente complexo, com possibilidades de leituras multissemióticas, em razão da presença de textos escrito/falado, imagens em movimento e estáticas, som etc. (DAVID-SILVA; COURA-SOBRINHO, 2012). Mais detalhadamente, Martins (2006) nomeou como “recursos expressivos” (p. 126) todos esses elementos que vão constituir o discurso televisivo, dividindo-os em dois grupos: 1) é formado pelos aparatos técnico-eletrônicos (roteiro, figurino, cenário, modos de apresentação, enquadramento, iluminação etc.), os quais, quase sempre, são pensados e preparados

previamente; 2) é concebido por figuras de tratamento e finalização audiovisual (edição, cortes, montagens, planos, ângulos, movimentos de câmera, sonorização etc.). Para Albani (2007), esse discurso funda um texto sincrético que se forma da conjugação de três códigos: 1) verbal-oral (voz dos âncoras, comentaristas, entrevistados), 2) o visual (imagens, inserções gráficas etc.) e 3) verbal-escrito (chamadas e outros textos apresentados na forma escrita).

Charaudeau (2010, p. 227) lembrou ainda o sem-número de formas (subgêneros?) integradas a esse tipo de discurso: “[...] anúncios, reportagens, resultados de pesquisas de investigações, entrevistas, minidebates, análises de especialistas etc.”. Duarte (2004) recordou, por sua vez, o fato de haver uma enorme abrangência temática em relação aos acontecimentos noticiados (culturais, políticos, econômicos etc.), bem como a dimensão (local, regional, nacional etc.). Tudo isso mostra-nos o quão diversas são as partes cuja união (intencional, arbitrária, encenada, direcionada para um fim) resulta no discurso midiático de informação como um produto construído discursivamente.

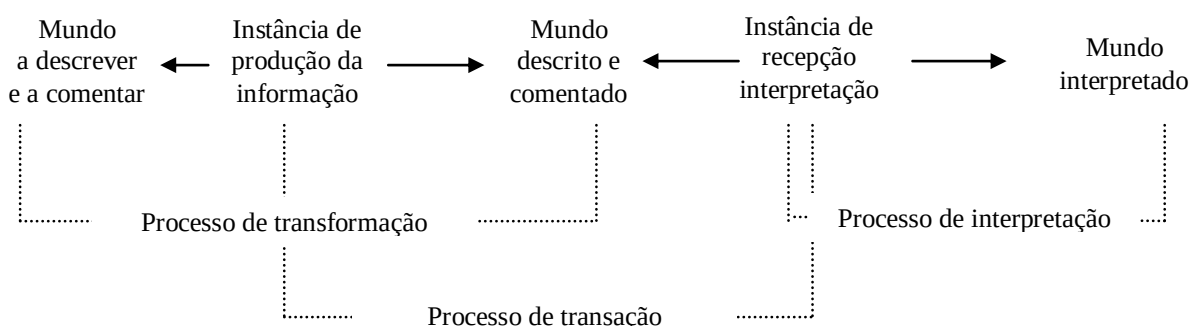
Em se tratando do discurso midiático de informação, é importante ressaltar a proposição de Charaudeau (2010b) em relação à ideia de notícia; para ele, independentemente do suporte (impresso, rádio, TV etc.), a notícia é construída a partir de um processo de transformação e de transação. “O processo de transformação consiste em transformar o ‘mundo a significar’ em ‘mundo significado’, estruturando-o segundo um certo número de categorias que são, elas próprias, expressas por formas.” (CHARAUDEAU, 2010b, p. 41).

E essa transformação do acontecimento bruto em notícia se dá por meio dos modos de organização, isto é, por um posicionamento enunciativo (alocutivo, elocutivo, delocutivo) do compósito midiático e por meio de elementos comuns aos modos descritivo, narrativo ou argumentativo. Ademais, informar um acontecimento passa por descrever, contar e explicar.

O processo de transação, por seu turno, diz respeito a uma gama de suposições da instância midiática em relação à instância de recepção, a saber: que público é esse (sociopsicológico), o que lhe interessa saber, como lhe deve ser dito etc. Ademais, a transação pressupõe o saber de um e a ignorância do outro, isto é, “[...] um deles [está] encarregado de transmitir e o outro de receber, compreender, interpretar, sofrendo ao mesmo tempo uma modificação com relação ao seu estado inicial de conhecimento”. (CHARAUDEAU, 2010b, p. 41).

Sobre essa díade transformação-transação, pode-se dizer, então, que a transação molda a transformação, pois, definido o público-alvo, o compósito midiático vai tratar um acontecimento desta ou daquela maneira. Essa duplicidade no âmbito do discurso midiático de informação pode ser vista na FIGURA 6:

Figura 6 – Discurso midiático de informação



Fonte: CHARAUDEAU, 2010b, p. 42.

Conforme abordamos no início deste capítulo, para Charaudeau (2010b), cada situação de comunicação possui certos “modos discursivos”; no caso do discurso midiático de informação, são 1) relatar o acontecimento; 2) comentar o acontecimento; e 3) provocar o acontecimento. O “acontecimento relatado” se divide em “fato relatado” (quando se trata de relatar fatos e ações) e “dito relatado” (quando se relata declarações de indivíduos de dimensão pública). Já o “acontecimento comentado” está no âmbito da explicação do porquê e do como de determinado acontecimento midiático, podendo ser um fato ou um dito relatado. Por fim, o “acontecimento provocado” diz respeito à “criação” de acontecimentos, a partir da inserção de subgêneros de informação midiática (tribunas de opinião, entrevistas, debates) pensados previamente. No capítulo quatro, esses modos discursivos vão ser de suma importância para analisarmos a cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News* naquele dia 29 de novembro de 2016, sobretudo, o relato do acontecimento pelo repórter e/ou correspondente, o comentário dos especialistas ou comentaristas e a provocação aos entrevistados, testemunhas, autoridades ou parentes de vítimas, aos quais a emissora deu voz.

3 METODOLOGIA

[...] a impregnação televisual não é suficiente para compreender a mídia [...] é necessário pesquisa, ademais do sensível, modelos de inteligibilidade. (JOST, 2007, p. 26).

Esta pesquisa situa-se dentro dos pressupostos epistemológicos das Ciências de Linguagens; desse modo, embora lancemos mão de discussões correlatas a áreas das Ciências Sociais, Humanas e da Comunicação (o que é próprio e bem-vindo), temos como guia nossa filiação primeira com a Análise do Discurso de vertente francesa, especificamente a que assume uma perspectiva de discurso tal como o fez/faz Patrick Charaudeau. Nesta pesquisa, do ponto de vista metodológico, optamos por analisar a cobertura televisiva de um grande acontecimento noticioso a partir de duas abordagens singulares, mas complementares e, por isso, interdependentes: uma de caráter “empírico-descritivo” e outra de viés “hipotético-dedutivo”. A primeira delas é de tipo quantitativo⁹⁷, sendo necessário utilizar, dessa maneira, instrumentos de anotações e escalas; a segunda, por seu turno, de tipo qualitativo, respalda-se em conceitos fundadores, categorias explicativas e chaves de leitura propostos, sobretudo, nos capítulos 1, 2 e 3⁹⁸. Dessas abordagens, cremos, será possível não apenas descrever as estratégias comunicativas e discursivas presentes nesse direto televisivo, mas compreender e explicar o jogo midiático em questão. Como técnica de pesquisa, utilizamos, inicialmente, a pesquisa bibliográfica, para, posteriormente, procedermos à observação sistemática da transmissão direta televisiva de um grande acontecimento noticioso, a cobertura “ao vivo” da *Globo News* sobre a queda do avião da empresa *LaMia*, com jogadores, comissão técnica, dirigentes e convidados da Associação Chapecoense de Futebol, profissionais da imprensa brasileira e tripulantes, ocorrido no dia 29 de novembro de 2016, nas proximidades da cidade de Medellín, na Colômbia.

A transmissão direta televisiva por nós escolhida como *corpus* de discurso⁹⁹ desta tese foi a realizada pela *Globo News*, uma emissora exclusivamente de notícias e que, no dia do acidente com a aeronave que levava o time brasileiro, fez uma cobertura que se iniciou às

⁹⁷ “[...] o estudo quantitativo faz sentido em si, mas um sentido provisório que deve ser confirmado, corrigido ou mesmo contradito e, em todo caso, estendido e aprofundado pela análise qualitativa.” (CHARAUDEAU, 2011, p. 20).

⁹⁸ Não haverá, necessariamente, uma ordem de análise do tipo quantitativo seguido do qualitativo; a ideia é, sobretudo, agir de acordo com a complexidade e as facetas do *corpus* em análise.

⁹⁹ Nominamos como “*corpus* de discurso” a cobertura em direto da *Globo News* sobre o acidente aéreo por se tratar de uma produção linguageira em situação de uso.

3h28, com o primeiro plantão “ao vivo” informando sobre o desaparecimento da aeronave, e seguiu durante todo o dia com uma sucessão de programas em direto. Em consequência disso, vale fazermos uma ressalva que irá reafirmar a finalidade de pesquisa deste trabalho, bem como salientar o quão laborioso (e muitas vezes dispendioso) é ser pesquisador no Brasil.

Ao longo do texto, sobretudo das análises, lançamos mão de citações verbais e visuais da cobertura empreendida pela *Globo News* no dia 29 de novembro de 2016, sempre mencionando nominalmente a emissora e o horário de exibição dos textos (sonoros e visuais) e das imagens. Ainda que não tenhamos uma autorização expressa da emissora para reproduzir nesta tese textos e imagens por ela transmitidos naquele dia, baseamo-nos na Lei de Direitos Autorais, de 19 de fevereiro de 1998 (Lei 9.610), que, a certa altura, chancela:

Art. 46. Não constitui ofensa aos direitos autorais:

[...] III – a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, *para fins de estudo, crítica ou polêmica*, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra; [...] (BRASIL, 1998, *on-line*, grifo nosso).

Mesmo que caiba discutir se a noção de “obra” se aplica a uma emissão televisiva desse tipo, frisamos, ainda, que a exibição se deu em caráter público, bem como o fato de a *Globo News* utilizar-se de uma concessão pública, autorizada pela União, conforme dispõe a Constituição:

Art. 21. Compete à União:

[...] XI – explorar, diretamente ou mediante autorização, concessão ou permissão, os serviços de telecomunicações, nos termos da lei, que disporá sobre a organização dos serviços, a criação de um órgão regulador e outros aspectos institucionais; [...] (BRASIL, 1988, *on-line*).

Ademais da justificativa legal, trazemos à tona os percalços técnicos e financeiros da proposta aqui transformada em tese. Para realizar a observação sistemática a que nos propomos, foi necessário, obviamente, gravar a cobertura realizada pela *Globo News*. Uma vez que se trata de uma cobertura de um dia inteiro, era necessário dispor de um equipamento profissional para gravar as quase 24 horas da transmissão. Não dispondo de nenhum recurso nesse sentido, foi necessário pagarmos R\$ 1.120,00 à Ícone Informação, empresa de monitoramento de informações veiculadas em emissoras de sinal aberto e por assinatura¹⁰⁰.

¹⁰⁰ Tentamos obter uma cópia com a gravação da cobertura com a própria *Globo News*, ou mesmo com o Centro de Documentação (Cedoc) da *TV Globo*, mas não obtivemos sucesso.

O fato de não haver um local específico, ou mesmo um órgão governamental, para armazenar e gerir as produções televisuais brasileiras¹⁰¹, como o é, por exemplo, o *Inathèque de France*, órgão francês criado em 1995, conforme lemos em David-Silva (2005) e Jost (2007), para registrar, arquivar, classificar, descrever e disponibilizar toda a produção radiofônica e televisiva da França, dificulta o acesso para fins de pesquisa, ou mesmo para uma “memória audiovisual”¹⁰².

O *Inathèque*, então, não exerce apenas o papel de repositório de documentos audiovisuais, mas se ocupa da preservação da memória, arquivando e conservando esse acervo audiovisual, bem como promovendo sua difusão para fins de pesquisa e contribuindo para a construção de conhecimento em diversas áreas (DAVID-SILVA, 2005).

Tendo como inspiração o modelo francês, há oito anos, foi criado o Centro de Apoio a Pesquisas sobre Televisão (CAPTE), coordenado pela professora Giani David-Silva. O Centro é um projeto que conta com uma parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens e o Programa de Pós-Graduação em Modelagem Matemática e Computacional do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

O CAPTE busca arquivar, classificar e descrever os materiais audiovisuais, bem como disponibilizá-los em uma plataforma (em fase de desenvolvimento), facilitando o acesso ao acervo televisivo de modo a contribuir para as pesquisas a respeito das emissões televisuais.

Embora pioneira, a proposta de constituição de um centro nos moldes do CAPTE carece de apoio governamental não apenas no âmbito financeiro, mas de segurança jurídica, de maneira a, por um lado, respaldar os pesquisadores para livre utilização da produção televisual e, por outro, exigir das emissoras, comerciais ou públicas, a cessão de seus programas para fins de pesquisa e constituição de um acervo histórico de acesso público e irrestrito, já que, em princípio, são organizações que têm canais fruto de concessão pública.

¹⁰¹ A televisão, em seus inúmeros gêneros, consolidou-se como o meio de maior abrangência cultural no Brasil, onde, por inúmeras singularidades, o acesso a outros sistemas técnicos foi restrito. Por isso, a TV está intrinsecamente ligada à nossa história e ao nosso cotidiano, sendo extremamente significativas as pesquisas acerca desse veículo, bem como a necessária instituição, gestão e disponibilização de um acervo televisual. “[...] precisamos ter ao nosso dispor esses produtos que são diariamente colocados no ar, mas que, uma vez exibidos, frequentemente [não estão] disponíveis aos pesquisadores.” (DUARTE; CASTRO, 2006, p. 11).

¹⁰² Para Jost (1999), podemos reviver o passado por meio das imagens.

Um pequeno avanço nesse sentido chegou a ser aventado pelo Ministério da Cultura, quando das gestões dos ex-ministros Gilberto Gil e Juca Ferreira, quando houve uma proposta de anteprojeto para modernização da Lei de Direitos Autorais que foi amplamente discutida com a sociedade civil, antes de ser enviada à Casa Civil e, posteriormente, ao Congresso Nacional para votação. A proposta, todavia, já na Casa Civil, foi enviada a um grupo interministerial para discussão e, desde então, não foi adiante. Um ponto específico deste anteprojeto diz respeito ao uso de exibições para fins de pesquisa:

Outro ponto interessante é o uso de representações, recitações, declamações, exposições, exibições e execuções públicas realizadas no recesso familiar ou quando usadas como recurso didático-pedagógico, a título de ilustração, *em atividades educativas ou de pesquisa*, no âmbito da educação formal, sem finalidade comercial ou intuito de lucro (BRASIL, 2009, p. 1, grifo nosso).

Os percalços descritos, sobretudo os que expusemos relativo a esta pesquisa tão-somente, têm relação, segundo Charaudeau (2011), com um dos quatros problemas que implica a constituição de um *corpus* em se tratando dos estudos de linguagens: a coleta de dados. No nosso caso, vale mais uma ressalva sobre esta coleta, no que tange à totalidade do objeto empírico. A transmissão “ao vivo” da *Globo News* inicia-se às 3h28, como dissemos, e segue até à meia-noite do dia 29 de novembro de 2016, constituindo-se, então, 20h32 de materialidade discursiva. O segundo problema em relação ao *corpus* diz respeito à sua representatividade. Charaudeau (2011) afirmou que um *corpus* pode ser considerado exaustivo e fechado, parcial e aberto, um objeto em si, ou uma simples ferramenta. Consideramos nosso *corpus* parcial e aberto¹⁰³ não no sentido de ser pouco representativo do discurso do direto televisivo, pelo contrário; ao escolhermos a semiolinguística e seus pressupostos teórico-metodológicos, buscamos dar a conhecer as estratégias discursivas adotadas pela *Globo News* em toda a cobertura “ao vivo” exibida ao longo do dia 29 de novembro de 2016. Nesse sentido, cremos que nosso objeto empírico é significativo¹⁰⁴.

O terceiro problema ligado ao *corpus* tem a ver com a escolha das categorias de análise, o que iremos nos aprofundar mais adiante, quando expusermos nosso “*design* de pesquisa”. Por fim,

¹⁰³ Nem por isso consideramos esta pesquisa um estudo de caso, já que o fato de analisarmos, especificamente, uma cobertura televisiva “ao vivo” não faz dela um estudo de caso, até porque, embora a maior parte dos casos os estudos de caso tenha por opção analisar um único objeto, é possível, a título de comparação, confrontar casos múltiplos (YIN, 2005; ALVES-MAZZOTTI, 2006).

¹⁰⁴ Para esta tese, optamos por não contrastar a cobertura em direto realizada pela *Globo News* com a de outra emissora brasileira (*Record News* e *Band News*, sobretudo), porque em outros canais a cobertura do acidente não se deu nas mesmas proporções.

o quarto e último problema descrito por Charaudeau (2011) é concernente às ferramentas de tratamento dos dados, como uso de *softwares* ou outros instrumentos informatizados, ou mesmo bases de dados. No tocante a nossa pesquisa, iremos, de maneira pontual, lançar mão de um ou outro *software* para mensuração de dados quantitativos, mais precisamente o editor de planilhas *Microsoft Office Excel*, e para captura de *frames*, o *software* de edição de vídeos *Windows Movie Maker*.

Ainda em se tratando da constituição do *corpus* em Análise do Discurso, o autor adverte para a importância de se levar em consideração a complexidade discursiva em si, isto é, o *corpus* em relação à situação de comunicação (locutores, finalidade, propósito, circunstância materiais), ao paratexto (no caso da televisão: imagens, sons, textos), ao nível discursivo (modos de enunciação, estratégias do dizer), entre outras particularidades características daquela situação de comunicação; o que esperamos contemplar quando da descrição e, sobretudo, análise do *corpus* por nós compreendida.

Tendo exposto nosso ponto de vista em relação ao estabelecimento de um *corpus* do discurso, daqui por diante daremos especial atenção à problemática que se impõe a este trabalho, para, em seguida, darmos a conhecer as chaves de leitura que nos guiarão no capítulo 5, o de análise da transmissão direta televisiva da *Globo News*. Para Charaudeau (2011), a problemática caracteriza-se como sendo “[...] um conjunto coerente de proposições hipotéticas (ou de postulados) que, no interior de um campo de estudo, determina ao mesmo tempo um objeto, um ponto de vista de análise e um questionamento por oposição a outros questionamentos possíveis.” (p. 9). Nesse sentido, apresentamos, a seguir, nossa(s) proposição(ões) para determinar, então: a) o objeto, b) o ponto de vista de análise e c) questionamento(s) a essa(s) proposição(ões).

Denominamos transmissão direta televisiva ou “ao vivo” uma enunciação que uma instância de produção transmite a uma instância de recepção sobre um dado acontecimento-referência simultaneamente a sua ocorrência. Nesse sentido, vem à tona uma quantidade razoável de gêneros característicos do discurso midiático televisual: telejornal (especificamente o espaço midiático do estúdio), eventos esportivos (ex. uma partida de futebol), cerimônias e festividades (visita papal, casamento monárquico, Carnaval). No entanto, o objeto de maior relevância para esta pesquisa está situado nos grandes acontecimentos noticiosos, aqueles cuja

natureza acontecimental não é pré-planejada; tanto o passado, quanto o futuro são ilações para sustentar uma diegese acontecimental¹⁰⁵.

O fato de a diegese de um grande acontecimento noticioso ser “ao vivo” e não ter sido pré-planejada faz da transmissão direta, acreditamos, um gênero singular dentro dos Estudos de Linguagens, tornando-se um instigante objeto de pesquisa. Isso, cremos, induz a uma realização discursiva mais “autêntica” ou “espontânea” em relação àquela que normalmente ocorre em outros gêneros de “ao vivo”, por se tratar de um texto em ato, em enunciação. Não obstante, sabemos que a instância de produção usa de recursos e técnicas para operar sobre o material captado mesmo nos grandes acontecimentos noticiosos transmitidos simultaneamente, mas decerto que o tempo para intervenção é menor nesses casos. Ademais, não podemos deixar de considerar os próprios critérios de noticiabilidade ou valores-notícia (ERBOLATO, 1991; WOLF, 1999; RODRIGUES, 2016) adotados pelas emissoras e que vão, decerto, condicionar as coberturas realizadas, primeiro porque nem todo acontecimento se torna um “grande acontecimento noticioso”, sendo, por isso, digno de ser transmitido em direto, é o caso de tragédias em países da África, ou mesmo na América Latina, por exemplo; segundo, pois, ao transmitir em direto acontecimentos semelhantes (no caso da *Globo News*, quedas de avião, por exemplo: Fokker 100 da TAM (1996), candidato à presidência Eduardo Campos (2014), Chapecoense (2016), ministro do Supremo Tribunal Federal Teori Zavascki (2017)), cria-se, pressupomos, uma práxis para coberturas “ao vivo”, ainda que parcial.

Feita essa ressalva, tão importante quanto necessária, retornamos à problemática, expondo alguns questionamentos propositivos, os quais, em maior ou menor grau, vão trazer à tona nosso ponto de vista de análise. Como se dá a construção do processo diegético em uma transmissão direta televisiva de um grande acontecimento noticioso? Mesmo que o acontecimento-referência, em sua gênese, já tenha ocorrido, o processo de construção evenemencial, que consiste na percepção-captura-sistematização-estruturação, bem como sua enunciação, oscila, sobretudo, em seu início, em que as informações de que dispõe a instância de produção ainda são truncadas e calcadas em especulações e possibilidades. Nesse sentido é que nos parece instigante pesquisar o modo como se dá a estabilização do acontecimento-referência, a partir de uma narrativa credível e confortadora, calcada em arranjos verbo-

¹⁰⁵ Em contraposição à diegese narrativa, aquela que é feita sobre o acontecimento, com início, meio e fim.

visuais mais ou menos explícitos. Nesse sentido, quais as estratégias discursivas emergentes da diegese cujo referente é fugidio, fluido e movente?

Para fins de coleta e análise dos dados, será necessário sistematizarmos a transmissão direta televisiva, gênero permeado por inter-relações, mesmo sabendo os riscos inerentes a esse processo. Não obstante, Rose (2011, p. 344) ressaltou: “[...] não há um modo de coletar, transcrever e codificar um conjunto de dados [...] ‘verdadeiro’ com referência ao texto original. A questão, então, é ser o mais explícito, a respeito dos recursos empregados pelos vários modos de translação e simplificação”.

O procedimento de análise dos dados deve ser coerente com os objetivos específicos do projeto, de maneira a mostrar o caminho traçado para cumpri-los (SANTOS, 2006; DESLANDES, 2010). Para identificar e analisar os elementos característicos da transmissão direta televisiva, diferenciado-a de outros sistemas técnicos de representação (primeiro objetivo específico), recorreremos, no primeiro capítulo, a uma pesquisa bibliográfica de autores com obras sobre transmissão direta televisiva e “ao vivo”; em um segundo momento, a partir da própria análise da cobertura realizada pela *Globo News* sobre o acidente com o avião da *LaMia*, vamos propor constatações sobre esses elementos da transmissão direta, tentando identificar o que nosso *corpus* suscita em relação a esse “ao vivo” especificamente.

Tendo em vista o que propusemos para o segundo objetivo específico – analisar o processo diegético na transmissão direta da *Globo News* no dia 29 de novembro de 2016, considerando as estratégias discursivas implementadas pela emissora –, pretendemos desdobrar o direto em dois espaços (midiático e social), considerando os sujeitos e os signos pertencentes a esses espaços, de modo a nos aprofundarmos no todo da diegese narrativa. Dessa maneira, vamos analisar os papéis sociais e discursivos dos sujeitos (âncora, repórter/correspondente, comentarista e entrevistado) e as imagens (cenário/estúdio, planos/enquadramentos, movimentos/cortes e os elementos sintáticos¹⁰⁶).

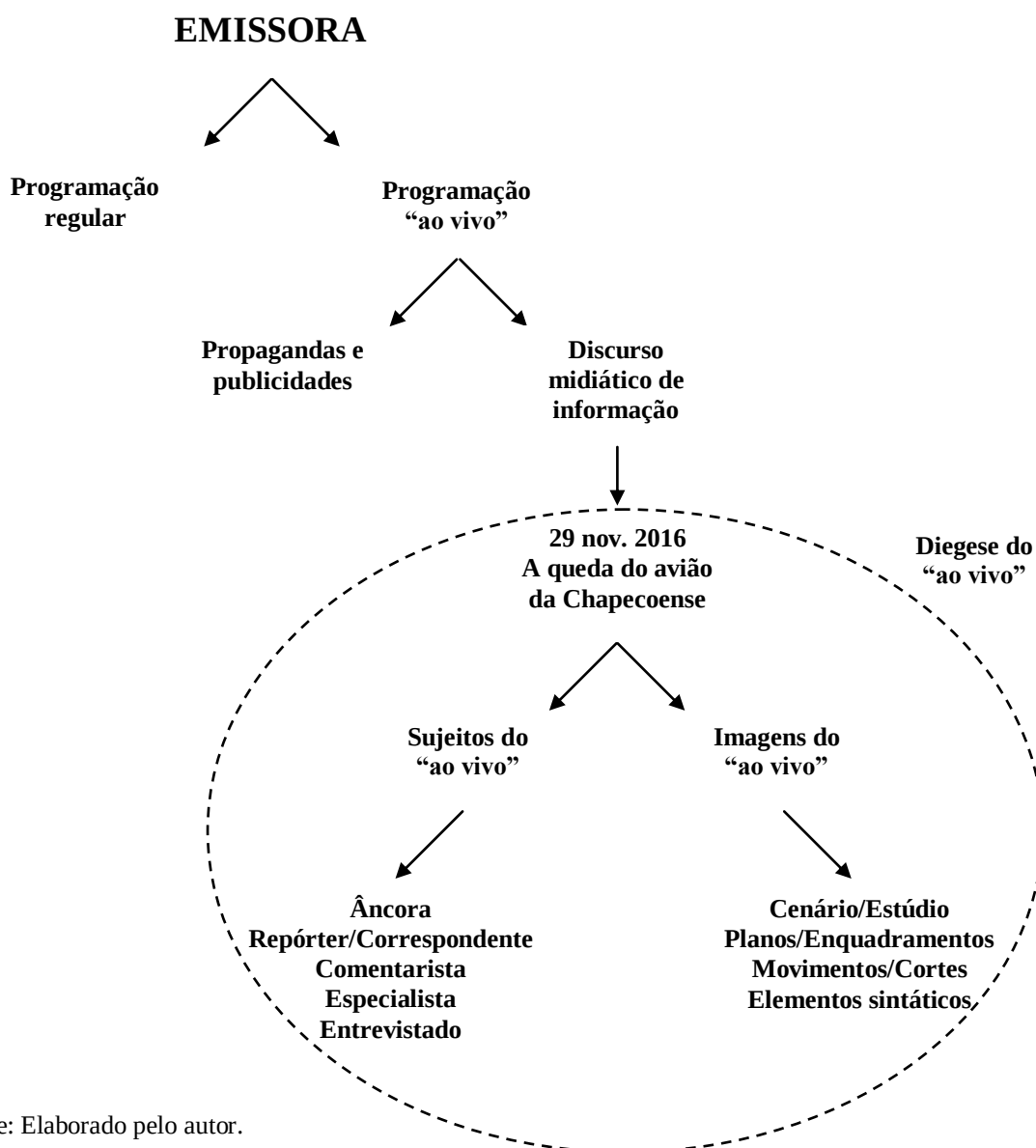
A fim de cumprir o terceiro objetivo específico – analisar como se dá a cadência sintático-discursiva da transmissão direta realizada pela *Globo News* a fim de identificar a estabilização

¹⁰⁶ Quer no espaço midiático, quer no social, é significativa a presença de diversos elementos “fabricados por computação” na cobertura da *Globo News*, desde o logotipo da emissora até os textos no vídeo. Dessa maneira, vamos analisá-los levando em consideração seu caráter textual, imagético e discursivo a partir da semiolinguística. A ideia é estabelecer possíveis interpretantes para os diversos elementos sintáticos.

da diegese acontecimental, transformada em diegese narrativa –, vamos analisar a progressão da cobertura “ao vivo” desde as primeiras transmissões daquele dia, até a estabilização narrativa, ocasionando na transformação da diegese acontecimental em diegese narrativa.

Nesse sentido, para melhor demonstrar nossa proposta de coleta e análise dos dados, propomos “*design* de pesquisa”, representado pela FIGURA 7, conforme a conceituação de Alves-Mazzotti (1999): “O ‘design’ corresponde ao plano e às estratégias utilizadas pelo pesquisador para responder às questões propostas pelo estudo, incluindo os procedimentos e instrumentos de coleta, análise e interpretação dos dados, bem como a lógica [...] [entre os diversos] aspectos da pesquisa” (p. 147).

Figura 7 – *Design* de pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor.

3.1 A *Globo News*

Essas duas vertentes, jornalismo em tempo real e jornalismo já tratado, já decodificado, são o que define uma emissora como a *Globo News*, dedicada exclusivamente à informação. (PATERNOSTRO, 2006, p. 7).

A *Globo News* é um canal que pertence à *Globosat*, maior programadora¹⁰⁷ de TV da América Latina. Criada em 19 de outubro de 1991, a *Globosat* é uma subsidiária do *Grupo Globo*, o maior conglomerado midiático do Brasil e um dos vinte maiores do mundo, formado por *Editora Globo*, *Globo Filmes*, *Globosat*, *Globo.com*, *Infoglobo*, *Sistema Globo de Rádio*, *Som Livre*, *TV Globo*¹⁰⁸, entre outras subsidiárias ou empresas parceiras. De início, a *Globosat* contava com quatro canais – *Globosat News Television* (posteriormente, só *GNT*), *Multishow*, *Telecine* e *Top Sports* (rebatizado de *SporTV* em 1994) – e era destinada a um número ínfimo de assinantes, aqueles com condições de comprar e instalar uma antena parabólica e um receptor. Atualmente, a subsidiária do *Grupo Globo* conta com 57 canais dos mais variados gêneros e voltados para diversos públicos-alvo: variedades (música, documentário, culinária, construção e reforma, *reality show* etc.), infantis, esportes, notícias, adultos, filmes e séries¹⁰⁹ e pode ser assistida por mais de 17 milhões (BRASIL, 2018) de assinantes.

Embora a *Globo News* tenha sido criada somente em 1996, a primeira experiência da *Globosat* com um canal de notícias (pelo menos parcialmente) foi com a *Globosat News Television* (ou, *GNT*), já em 1991. À época, a *GNT* exibia, ao longo de sua programação, pequenas notícias retransmitidas da *CNN*, em inglês ou espanhol, sem tradução. A partir de maio de 1993, o canal passou por reformulação, criando o telejornal *O Mundo Hoje*, exibido em duas edições, manhã e noite, de segunda a sexta-feira, e transmitindo pequenos boletins ao longo do dia. Segundo Antenore (1993, n. p.):

¹⁰⁷ Uma programadora fornece conteúdo à TV paga. Pode produzir programação própria, representar canais estrangeiros em um determinado país ou comprar programas e reformatá-los para transmiti-los para o público local. A operadora paga à programadora, responsável pelo conteúdo, pela exibição de seus canais, sempre em base mensal por número de assinantes. (ARONCHI DE SOUZA, 2005).

¹⁰⁸ Com essas subsidiárias, o *Grupo Globo* atua na área de mídia por meio de publicação de jornais, revistas, livros, gravação musical, emissoras de TV (aberta e por assinatura) e de rádio, *sites* na internet, entre outros meios.

¹⁰⁹ Disponível em: <<https://bit.ly/2OBtkvn>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

A Globosat lança dentro de 15 dias o primeiro canal por assinatura do Brasil que só transmitirá informações jornalísticas em português. Trata-se do GNT. Na verdade, a emissora já o exibe desde 91. A diferença é que, hoje, quase metade das notícias que o canal apresenta vem da rede norte-americana CNN e chega até os assinantes brasileiros em inglês, sem tradução. [...] O “novo” canal terá 11 boletins noticiosos por dia, cada um com cinco minutos de duração. A Rede Globo e afiliadas irão ceder as imagens nacionais. As internacionais virão de redes estrangeiras, incluindo a CNN. Um narrador em “off” descreverá o que se passa na tela. [...] O GNT vai dedicar, ainda, 15 horas por dia para documentários – sempre com legendas. A Globosat comprará os programas de TVs européias (como a TF 1 francesa) ou norte-americanas (como a CBS).

Nesse mesmo período, a *GNT* realizou algumas coberturas “ao vivo” semelhantes às que, hoje, assistimos na *Globo News*, entre elas: a posse do primeiro mandato de Bill Clinton (1993) e a morte do piloto brasileiro Ayrton Senna (1994).

Criada em 15 de outubro de 1996, a *Globo News* opera por meio de uma lógica de programação semelhante ao formato utilizado pela *CNN* desde a década de 1980: sucessão de jornais de hora em hora ao vivo com as principais informações do dia, sempre buscando atualizar e aprofundar as temáticas de maior relevância¹¹⁰. Segundo João Roberto Marinho, então vice-presidente do *Grupo Globo*, “[...] o impacto da *Globo News* em nosso país pode ser comparado [ao da] *CNN* [...] na sociedade americana e, depois, em todo o mundo. Uma revolução no jornalismo”. (PATERNOSTRO, 2006, p. 7). Nesse sentido, para concepção do canal brasileiro, houve sucessivas visitas a emissoras de notícias que não apenas a *CNN*, mas o *New York One* e mesmo emissoras na Argentina.

Segundo o vice-presidente da *Rede Globo* à época, Roberto Irineu, com a *Globo News*, o telespectador transformou-se em testemunha do fato, em razão de haver uma cobertura ininterrupta dos fatos e uma dedicação exclusiva a fatos considerados de relevância para a emissora. “Todo fato [de] repercussão na vida do País e do mundo pode ser acompanhado, integralmente, sem edição, por espectadores cada vez mais ávidos por informação.” (PATERNOSTRO, 2006, p. 7).

¹¹⁰ “O investimento no empreendimento de televisão mais audacioso e de maior cobertura do globo veio de um jovem empresário norte-americano, Ted Turner, que já possuía negócios na área da comunicação. Turner acabou entrando para a história da globalização da TV com a implantação da rede de televisão *CNN* (Cable News Network, ou rede de notícias por cabo), transmitindo sua programação jornalística via satélite, ao vivo, para todo o planeta. Desde o início, a transmissão não se limitou às imagens gravadas e de estúdio – ela já nasceu com o propósito de cobrir os acontecimentos do mundo, com repórteres espalhados pelas principais cidades e com a colaboração das maiores redes de televisão do planeta [...]” (ARONCHI DE SOUZA, 2005, p. 11).

A *Globo News*, conforme consta na obra em comemoração aos dez anos da emissora (*Globo News: 10 anos: 24 horas no ar*), foi um projeto pensado e posto em operação por Roberto Irineu Marinho (presidente do *Grupo Globo*), Marluce Dias da Silva (superintendente-executiva da *Rede Globo*), Evandro Carlos de Andrade (diretor da *Central Globo de Jornalismo*) e a jornalista Alice-Maria, em nove meses.

Segundo dados do Kantar Ibope Media, de março de 2018 (dado mais recente), a *Globo News* é o 11º canal mais assistido do país entre emissoras abertas e por assinatura, com 0,51% de audiência média, empatada com a *Rede TV!* (um canal aberto). Entre os canais por assinatura, a *Globo News* aparece na sexta posição, atrás de *Discovery Kids* (1,18%), *Cartoon Network* (1,10%), *SporTV* (0,75), *Megapix* (0,56%) e *AXN* (0,54%).

3.1.1 A programação da *Globo News*

De acordo com Aronchi de Souza (2005), podemos entender a programação, ou grade, de uma emissora de TV como sendo “[...] o conjunto de programas transmitidos por uma rede de televisão. O principal elemento para a programação é o horário de transmissão de cada programa.” (p. 76). A constituição da grade, para Jost (2007), dá-se por interferência da emissora como empresa, regida por uma lógica econômica; como instância cidadã, voltada ao público e ao espaço público; e como marca, em concorrência com outras emissoras. Essas três facetas, empresarial, cidadã e de marca, vão definir a identidade de uma emissora, a partir, por exemplo, da escolha dos programas presentes na grade, pois eles têm que ser economicamente rentáveis, informativos (no sentido de mobilizar a opinião pública de alguma maneira) e singulares em relação à concorrência.

Em se tratando da grade, propriamente, há, por um lado, uma programação vertical, com programas sucessivos ao longo do dia, por outro, uma programação horizontal¹¹¹, em que determinados programas têm horários fixos ao longo da semana, de maneira a fidelizar a

¹¹¹ A programação horizontal e, sobretudo, a vertical são, para Jost (2010), formas de delimitar o tempo social dos telespectadores, especialmente na TV aberta. Um exemplo disso é que logo no início da manhã, normalmente, há programas de caráter informativo, com notícias sobre situação do trânsito nas grandes cidades, previsão do tempo, o que vai ser assunto ao longo do dia (normalmente com a agenda política); em seguida, há desenhos para as crianças, ou programas de variedades para os que em casa estão (culinária, saúde, celebridades etc.); depois, há mais programas informativos e/ou entretenimento esportivo visando os que estão em horário de almoço, em casa ou, principalmente, no trabalho; o período da tarde é marcado por programas de auditório, telenovelas e de entretenimento, sobretudo para os que estão em casa; a noite é momento de saber as principais notícias do dia, nos telejornais, e, posteriormente, relaxar com telenovelas, filmes ou séries.

audiência, tornando-se um hábito, para o telespectador, assistir àquela emissão naquele determinado horário.

A distribuição dos programas em horários planejados e previamente divulgados pela emissora, desde o início da programação até o encerramento das transmissões, cria um plano conhecido como *grade horária semanal*. A grade horária de uma emissora é o resultado das pesquisas de audiência e da estratégia de cada rede. Sua elaboração gráfica permite a visualização da programação semanal num único quadro. (ARONCHI DE SOUZA, 2005, p. 76 – grifos do autor).

Aronchi (2005), porém, mencionou, no caso dos canais segmentados da TV por assinatura, como o é a *Globo News*, uma programação diagonal, isto é, certos programas são reexibidos em diferentes horários, visando alcançar uma audiência diversa – o que veremos adiante, quando expusermos a grade da *Globo News*.

Ao propor uma grade de programação, a emissora atua em duas frentes: 1) adéqua seus gêneros e formatos ao telespectador que crê ser o público-alvo disponível e adequado a determinada emissão, ou, em termos discursivos, ao sujeito destinatário idealizado; 2) institui certa rotina a esses mesmos telespectadores, isso desde a *TV Excelsior*, como expusemos no capítulo 1, até mais recentemente, buscando fidelizar sua audiência. Dessa maneira, concordamos em parte com Jost (2007), quando disse que o cinema suspende o tempo social e a televisão, por sua vez, estrutura a temporalidade do espectador. Isso porque, para nós, a grade é imposta pela emissora, mas pode ser revista caso dado gênero ou formato não coincida com o público-alvo. Ademais, com o advento da internet, das plataformas com *streaming* (inclusive das próprias emissoras, vide o *Globoplay*¹¹²) e das TVs sob demanda, o telespectador tem a opção de assistir a determinada emissão quando desejar.

Jost (2007) observou três técnicas utilizadas pelas emissoras para manter a audiência, sendo duas relativas ao eixo vertical da programação e uma ao horizontal. 1) O *stripping* é característico do eixo horizontal, pois consiste em estabelecer determinado horário para uma mesma emissão televisiva, diariamente, de segunda a sexta, ou, às vezes, mais dias da semana. 2) O *lead in* caracteriza-se por colocar um programa reconhecido e de audiência consolidada antes de outro, a fim de criar um efeito de “locomotiva”, de maneira que o telespectador continua a assistir à emissora; a *Rede Globo*, por vezes, já utilizou dessa técnica ao exibir o último episódio de uma telenovela de sucesso, seguido do primeiro episódio de

¹¹² Disponível em: <<https://bit.ly/1XhhAhc>>. Acesso em: 20 set. 2018.

uma nova telenovela. 3) O *hammocking* ocorre quando a emissora insere nova emissão entre duas atrações consolidadas, a fim de garantir certa audiência àquele novo gênero ou formato. Porém, vale ressaltar, com Jost (2007), que “[...] a programação não visa colocar, na grade, a cada instante, um programa de alta qualidade, que reuniria todos os públicos, mas um programa que atinge a maioria do público disponível naquela faixa horária e ao melhor custo.” (p. 86).

Com base QUADRO 10, referente à grade programática da *Globo News* na semana anterior à queda do avião da *LaMia*, podemos identificar dois aspectos alusivos ao que até agora dissemos em relação à programação das emissoras. Primeiramente, a horizontalidade da grade, que concebe, inclusive, a técnica de *stripping* (é o caso, por exemplo, do *Jornal das Dez*, transmitido de segunda a domingo, às 22h); em segundo lugar, um movimento em diagonal, quando das reprises¹¹³ de programas em diferentes horários (*Mundo S/A*, por exemplo, é um programa gravado, exibido em versão inédita segunda-feira, às 23h; mas é reprisado outras sete vezes na mesma semana em horários diferentes: terça 6h30, quarta 4h05, sexta 12h30, sábado 10h30 e 18h30 e domingo 1h30 e 15h30). Essa transversalidade de um mesmo programa durante a grade horária semanal da *Globo News* (sendo repetido, em alguns casos, como vimos, sete vezes) pode significar, de um lado, uma tentativa de a emissora, como instância de produção, captar uma parcela maior da instância de recepção, posto que os dias e horários alternativos da emissão vão atingir outros TU destinatários, mas, de outro lado, que o canal, embora tenha como um dos *slogans* “Globo News, há 20 anos nunca desliga”, não é só jornalismo “ao vivo”, “*hard news*”¹¹⁴, com cobertura de grandes acontecimentos noticiosos, mas o é, do mesmo modo, rotina, monotonia e marasmo, sendo necessário, por isso, preencher a grade com reprises. Nesse sentido, há, inclusive, o depoimento de Evandro Carlos de Andrade ao projeto “Memória Globo”:

“[...] o *Em Cima da Hora* [não é] repetitivo. Ele é necessariamente repetitivo para aquele que está com a televisão permanentemente ligada, porque a cada meia hora informa os principais acontecimentos do dia. A *Globo News* não é um canal para se manter ligado o tempo todo. A pessoa liga a televisão no *Em Cima da Hora*, vê o que está acontecendo, assiste à notícia, e pronto! [...]”. (PATERNOSTRO, 2006, p. 99).

¹¹³ Reprise: repetição de programa televisual já exibido.

¹¹⁴ *Hard news*: termo originário do inglês foi absorvido pelas redações jornalísticas brasileiras com o mesmo sentido do original americano, ou seja, refere-se a uma notícia factual, urgente. É o contrário de *soft news*.

Quadro 10 – Programação regular *Globo News* (20 a 26 nov. 2016)

Programação regular <i>Globo News</i> (20-26 nov. 2016)							
Hora	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
0h	0h – <i>Jornal Globo News</i>	0h – <i>Jornal Globo News</i>	0h – <i>Jornal Globo News</i>	0h – <i>Jornal Globo News</i>	0h – <i>Jornal Globo News</i>	0h – <i>Jornal Globo News</i>	0h – <i>Jornal Globo News</i>
	0h05 – <i>Roberto D'Ávila</i>	0h5 – <i>Fantástico</i>					
	0h30 – <i>Fatos e Versões</i>		0h30 – <i>Conta Corrente</i>	0h30 – <i>Conta Corrente</i>	0h30 – <i>Conta Corrente</i>	0h30 – <i>Conta Corrente</i>	0h30 – <i>Conta Corrente</i>
1h	1h – <i>Boletim de Notícias</i>		1h – <i>Jornal Globo News</i>	1h – <i>Jornal Globo News</i>	1h – <i>Jornal Globo News</i>	1h – <i>Jornal Globo News</i>	1h – <i>Jornal Globo News</i>
	1h05 – <i>Que Mundo é Esse?</i>						
	1h30 – <i>Mundo S/A</i>		1h30 – <i>Globo News em Pauta</i>	1h30 – <i>Globo News em Pauta</i>	1h30 – <i>Globo News em Pauta</i>	1h30 – <i>Globo News em Pauta</i>	1h30 – <i>Globo News em Pauta</i>
2h	2h – <i>Boletim de Notícias</i>	2h – <i>Boletim de Notícias</i>					
	2h05 – <i>Ofício em Cena</i>	2h05 – <i>Fernando Gabeira</i>					
			2h30 – <i>Jornal Globo News</i>	2h30 – <i>Jornal Globo News</i>	2h30 – <i>Jornal Globo News</i>	2h30 – <i>Jornal Globo News</i>	2h30 – <i>Jornal Globo News</i>
	2h35 – <i>Jornal das Dez</i>	2h35 – <i>Jornal das Dez</i>	2h35 – <i>Jornal das Dez</i>	2h35 – <i>Jornal das Dez</i>	2h35h – <i>Jornal das Dez</i>	2h35h – <i>Jornal das Dez</i>	2h35h – <i>Jornal das Dez</i>
3h		3h – <i>Boletim de Notícias</i>					
	3h30 – <i>Globo News Literatura</i>	3h30 – <i>Globo News Especial</i>	3h30 – <i>Milênio</i>	3h30 – <i>Entre Aspas</i>	3h30 – <i>Globo News Alexandre Garcia</i>	3h30 – <i>Globo News Miriam Leitão</i>	3h30 – <i>Sem Fronteiras</i>
4h	4h – <i>Boletim de Notícias</i>	4h – <i>Boletim de Notícias</i>	4h – <i>Jornal Globo News</i>	4h – <i>Jornal Globo News</i>	4h – <i>Jornal Globo News</i>	4h – <i>Jornal Globo News</i>	4h – <i>Jornal Globo News</i>

Programação regular *Globo News* (20-26 nov. 2016)

Hora	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
	4h05 – <i>Globo News Painei</i>	4h05 – <i>Cidades e Soluções</i>	4h05 – <i>Globo News Especial</i>	4h05 – <i>Mundo S/A</i>	4h05 – <i>Via Brasil</i>	4h05 – <i>Arquivo N</i>	4h05 – <i>Roberto D'Ávila</i>
		4h30 – <i>Sem Fronteiras</i>	4h30 – <i>Arquivo N</i>	4h30 – <i>Pequenas Empresas & Grandes Negócios</i>		4h30 – <i>Diálogos com Mario Sergio Conti</i>	4h30 – <i>Pelo Mundo</i>
5h	5h – <i>Boletim de Notícias</i>	5h – <i>Boletim de Notícias</i>	5h – <i>Jornal Globo News</i>	5h – <i>Jornal Globo News</i>	5h – <i>Jornal Globo News</i>	5h – <i>Jornal Globo News</i>	5h – <i>Jornal Globo News</i>
	5h05 – <i>Globo News Miriam Leitão</i>	5h05 – <i>Manhattan Connection</i>	5h05 – <i>Via Brasil</i>	5h05 – <i>Cidades e Soluções</i>	5h05 – <i>Ofício em Cena</i>	5h05 – <i>Globo News Alexandre Garcia</i>	5h05 – <i>Fernando Gabeira</i>
	5h30 – <i>Conta Corrente</i>			5h30 – <i>Que Mundo é Esse?</i>	5h30 – <i>Globo News Literatura</i>	5h30 – <i>Roberto D'Ávila</i>	5h30 – <i>Milênio</i>
6h	6h – <i>Boletim de notícias</i>	6h – <i>Jornal Globo News</i>	6h – <i>Jornal Globo News</i>	6h – <i>Jornal Globo News</i>	6h – <i>Jornal Globo News</i>	6h – <i>Jornal Globo News</i>	6h – <i>Boletim de Notícias</i>
	6h05 – <i>Como Será?</i>						6h05 – <i>Ofício em Cena</i>
		6h30 – <i>Conta Corrente</i>	6h30 – <i>Mundo S/A</i>	6h30 – <i>Ofício em Cena</i>	6h30 – <i>Milênio</i>	6h30 – <i>Sem Fronteiras</i>	6h30 – <i>Globo News Especial</i>
7h		7h – <i>Jornal Globo News</i>	7h – <i>Jornal Globo News</i>	7h – <i>Jornal Globo News</i>	7h – <i>Jornal Globo News</i>	7h – <i>Jornal Globo News</i>	7h – <i>Boletim de Notícias</i>
							7h05 – <i>Via Brasil</i>
		7h30 – <i>Fatos e Versões</i>	7h30 – <i>Sem Fronteiras</i>	7h30 – <i>Entre Aspas</i>	7h30 – <i>Globo News Especial</i>	7h30 – <i>Diálogos com Mario Sergio Conti</i>	
8h	8h – <i>Jornal Globo News</i>	8h – <i>Jornal Globo News</i>	8h – <i>Jornal Globo News</i>	8h – <i>Jornal Globo News</i>	8h – <i>Jornal Globo News</i>	8h – <i>Jornal Globo News</i>	8h – <i>Jornal Globo News</i>
	8h30 – <i>Pequenas Empresas & Grandes Negócios</i>	8h30 – <i>Roberto D'Ávila</i>	8h30 – <i>Cidades e Soluções</i>	8h30 – <i>Fernando Gabeira</i>	8h30 – <i>Globo News Alexandre Garcia</i>	8h30 – <i>Globo News Miriam Leitão</i>	8h30 – <i>Globo News Literatura</i>

Programação regular *Globo News* (20-26 nov. 2016)

Hora	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
9h	9h – <i>Boletim de Notícias</i> 9h05 – <i>Globo Rural</i>	9h – <i>Bom Dia Brasil</i>	9h – <i>Bom Dia Brasil</i>	9h – <i>Bom Dia Brasil</i>	9h – <i>Bom Dia Brasil</i>	9h – <i>Bom Dia Brasil</i>	9h – <i>Boletim de Notícias</i> 9h05 – <i>Globo Repórter</i>
10h	10h – <i>Jornal Globo News</i> 10h30 – <i>Fatos e Versões</i>	10h – <i>Jornal Globo News</i>	10h – <i>Jornal Globo News</i>	10h – <i>Jornal Globo News</i>	10h – <i>Jornal Globo News</i>	10h – <i>Jornal Globo News</i>	10h – <i>Jornal Globo News</i> 10h30 – <i>Mundo S/A</i>
11h	11h – <i>Boletim de Notícias</i> 11h05 – <i>Globo News Painei</i>						11h – <i>Boletim de Notícias</i> 11h05 – <i>Globo News Especial</i> 11h30 – <i>Pelo Mundo</i>
12h	12h – <i>Jornal Globo News</i> 12h30 – <i>Roberto D'Ávila</i>	12h – <i>Jornal Globo News</i> 12h05 – <i>Manhattan Connection</i>	12h – <i>Jornal Globo News</i> 12h05 – <i>Diálogos com Mario Sergio Conti</i> 12h30 – <i>Fernando Gabeira</i>	12h – <i>Jornal Globo News</i> 12h05 – <i>Globo News Especial</i> 12h30 – <i>Entre Aspas</i>	12h – <i>Jornal Globo News</i> 12h05 – <i>Cidades e Soluções</i> 12h30 – <i>Milênio</i>	12h – <i>Jornal Globo News</i> 12h05 – <i>Globo News Alexandre Garcia</i> 12h30 – <i>Mundo S/A</i>	12h – <i>Jornal Globo News</i> 12h30 – <i>Ofício em Cena</i>
13h	13h – <i>Boletim de Notícias</i> 13h05 – <i>Sem Fronteiras</i> 13h30 – <i>Diálogos com Mario Sergio Conti</i>	13h – <i>Jornal Globo News</i>	13h – <i>Jornal Globo News</i>	13h – <i>Jornal Globo News</i>	13h – <i>Jornal Globo News</i>	13h – <i>Jornal Globo News</i>	13h – <i>Boletim de Notícias</i> 13h05 – <i>Via Brasil</i>

Programação regular <i>Globo News</i> (20-26 nov. 2016)							
Hora	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
19h	19h – <i>Boletim de Notícias</i> 19h05 – <i>Globo News Painel</i>						19h – <i>Boletim de Notícias</i> 19h30 – <i>Fatos e Versões</i>
20h	20h – <i>Jornal Globo News</i> 20h30 – <i>Globo News Especial</i>	20h – <i>Globo News em Pauta</i>	20h – <i>Globo News em Pauta</i>	20h – <i>Globo News em Pauta</i>	20h – <i>Globo News em Pauta</i>	20h – <i>Globo News em Pauta</i>	20h – <i>Jornal Globo News</i> 20h30 – <i>Cidades e Soluções</i>
21h	21h – <i>Boletim de Notícias</i> 21h05 – <i>Arquivo N</i> 21h30 – <i>Que Mundo é Esse?</i>	21h – <i>Conta Corrente</i> 21h30 – <i>Cidades e Soluções</i>	21h – <i>Conta Corrente</i> 21h30 – <i>Fernando Gabeira</i>	21h – <i>Conta Corrente</i> 21h30 – <i>Globo News Alexandre Garcia</i>	21h – <i>Conta Corrente</i> 21h30 – <i>Globo News Miriam Leitão</i>	21h – <i>Conta Corrente</i> 21h30 – <i>Globo News Literatura</i>	21h – <i>Boletim de Notícias</i> 21h05 – <i>Globo News Documento</i>
22h	22h – <i>Jornal das Dez</i> 22h30 – <i>Sem Fronteiras</i>	22h – <i>Jornal das Dez</i>	22h – <i>Jornal das Dez</i>	22h – <i>Jornal das Dez</i>	22h – <i>Jornal das Dez</i>	22h – <i>Jornal das Dez</i>	22h – <i>Jornal das Dez</i>
23h	23h – <i>Manhattan Connection</i>	23h – <i>Mundo S/A</i> 23h30 – <i>Milênio</i>	23h – <i>Entre Aspas</i> 23h30 – <i>Ofício em Cena</i>	23h – <i>Arquivo N</i> 23h30 – <i>Roberto D'Ávila</i>	23h – <i>Diálogos com Mario Sergio Conti</i> 23h30 – <i>Sem Fronteiras</i>	23h – <i>Fernando Gabeira</i> 23h30 – <i>Pelo Mundo</i>	23h – <i>Globo News Painel</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ademais dos inúmeros gêneros e formatos exibidos ao longo do dia na programação das emissoras, não podemos nos esquecer da publicidade, presença certa nas TVs comerciais; lembremos a faceta empresarial-econômica aventada por Jost (2007). Essa publicidade, igualmente, diz da identidade da emissora, já que caracteriza o tipo de TU destinatário a que se dirige, senão, qual parcela da população, por exemplo, teria condições de adquirir um Volkswagen Amarok por R\$ 187.710,00 como o que é exibido em um dos intervalos da *Globo News* no dia em que analisamos a programação da emissora?

Ainda sobre a publicidade, Jost (2007) fez um adendo interessante a esta pesquisa: cada programa relaciona-se de uma maneira específica com as mensagens publicitárias e de autopromoção (por exemplo, “Credibilidade é diferente de tomar partido. *Globo News*, há 20 anos nunca desliga.” (GLOBO NEWS, 29 nov. 2016)) e no modo que isso impacta na própria estrutura do programa, a partir do número de interrupções (blocos) cabíveis sem que se quebre a continuidade semântica; ademais, vale ressaltar algumas estratégias utilizadas pela emissora e, mais especificamente, pelos programas para manutenção da audiência: a) utilizar fórmulas como “a seguir”, “no próximo bloco” etc.; b) jogar com a expectativa do telespectador, deixando-o esperando por certo conteúdo da emissão¹¹⁵. “[...] os programas são concebidos em função de faixas horárias específicas, às vezes para um certo tipo de público e, quase sempre, para ligar-se à publicidade que contribui para financiá-los.”

A programação regular, ou grade, da *Globo News*¹¹⁶ é composta, basicamente, por 22 edições do *Jornal da Globo News*¹¹⁷, que é exibido “ao vivo” a cada hora, levando como subtítulo no nome o horário correspondente a cada exibição, ex.: *Jornal da Globo News – Edição das 06h*, *Jornal da Globo News – Edição das 07h*, *Jornal da Globo News – Edição das 08h* etc. (FIGURA 8). Cada edição dura, aproximadamente, 30 minutos, com exceção das edições da madrugada e de alguns horários no fim de semana, com cinco minutos de duração, rápidos

¹¹⁵ Embora a publicidade enquadre-se como um discurso de informação de outra natureza que não o jornalístico, achamos válido observar como a publicidade compõe a grade da *Globo News*, mesmo que de maneira pontual.

¹¹⁶ Faremos uma descrição da programação da *Globo News* quando do acidente com o voo da Chapecoense; nesse sentido, alterações dessa grade para os dias de hoje não serão contempladas neste estudo especificamente.

¹¹⁷ Foi o primeiro programa exibido quando do surgimento da emissora, em 15 de outubro de 1996, e ficou no ar com este nome até 17 de outubro de 2010, quando passou a se chamar *Jornal da Globo News*. “Para os telejornais de meia em meia hora, surge a proposta de *Em Cima da Hora*, não sem certa discussão: afinal, era o mesmo nome de uma antiga escola de samba tradicional do Rio de Janeiro. Como um telejornal poderia ter o nome de escola de samba? Batido o martelo, o *Em Cima da Hora* torna-se, com o tempo, marca registrada de um jornalismo ágil, atuante e permanente.” (PATERNOSTRO, 2006, p. 47).

boletins só com os assuntos considerados mais relevantes para a emissora naquele dia¹¹⁸, e das edições das 10h, 16h e 18h, que são mais longas – em média têm duas horas de duração, com debates, presença de convidados, maior número de reportagens, participação de jornalistas de Brasília e São Paulo (edições menores são transmitidas apenas do Rio de Janeiro).

Figura 8 – *Jornal da Globo News – edição das 10h*



Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

O *Em Cima da Hora* é como se fosse um jornal só, que atravessa a programação ao longo do dia, com notícias atualizadas, acrescidas de novos enfoques, em cada edição da hora cheia [...]

- às 07h00, uma notícia entra no ar em nota ao vivo;
- às 08h00, a notícia é acrescida de novas informações;
- às 09h00, já se transforma em nota coberta, com as primeiras imagens;
- às 10h00, a nota coberta é substituída por um *audiotape*¹¹⁹ do repórter no local;
- às 11h00, o *audiotape* é atualizado, com novas informações e/ou imagens;
- às 12h00...
- às 13h00... (PATERNOSTRO, 2006, p. 102).

Entre uma edição e outra do *Jornal Globo News*, são exibidos programas próprios da *Globo News* (*Globo News em Pauta*, *Estúdio I*, *Conta Corrente*, *Espaço Aberto*, *Entre Aspas*, *Via Brasil*, *Pelo Mundo* etc.), a maior parte deles gravada, bem como atrações da *Rede Globo*, que são reexibidas na *Globo News*, a saber: *Como Será?*, *Globo Rural*, *Fantástico*, *Bom Dia Brasil*, *Globo Repórter*, *Pequenas Empresas & Grandes Negócios*. Dada a importância de

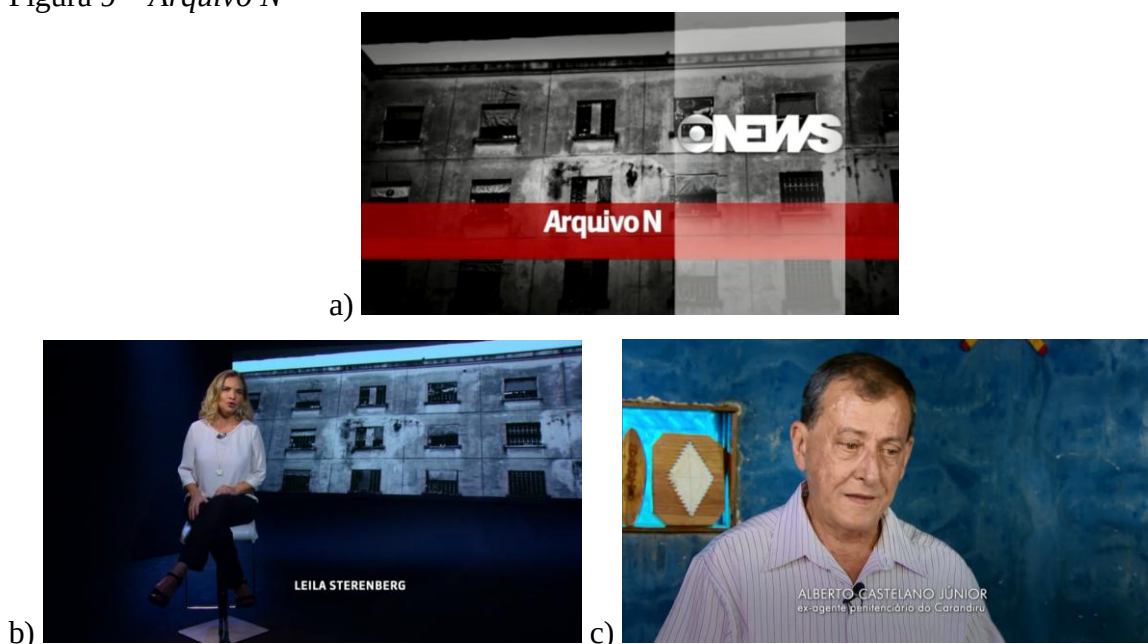
¹¹⁸ Nessas ocasiões, inclusive, o nome do programa deixa de ser *Jornal da Globo News* e passa a se chamar *Boletim de Notícias*.

¹¹⁹ *Audiotape*: termo usado para identificar a gravação feita por repórter ou correspondente por telefone.

conhecermos não apenas a emissora, mas, sobretudo, o conteúdo por ela veiculado, trazemos, a seguir, cada um dos programas produzidos e exibidos pela *Globo News* em sua programação regular, bem como suas características e peculiaridades¹²⁰:

Arquivo N – exibido, em edição inédita, às quartas-feiras, às 23h, o programa é gravado, tem duração de trinta minutos e resgata algum fato ou personalidade que tenha marcado, de alguma maneira, a história recente ou de outrora. Utiliza-se, sobretudo, de imagens e áudios obtidos no Centro de Documentação da *Rede Globo* (Cedoc) e de outras fontes e conta com a participação de fontes dos temas em questão. Sua narrativa assemelha-se às das grandes reportagens. Está na grade da *Globo News* desde o início da emissora.

Figura 9 – *Arquivo N*



Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa (fundo se altera de acordo com o tema)
 b) Cenário e apresentadora do *Arquivo N*, Leila Sterenberg
 c) Entrevistado

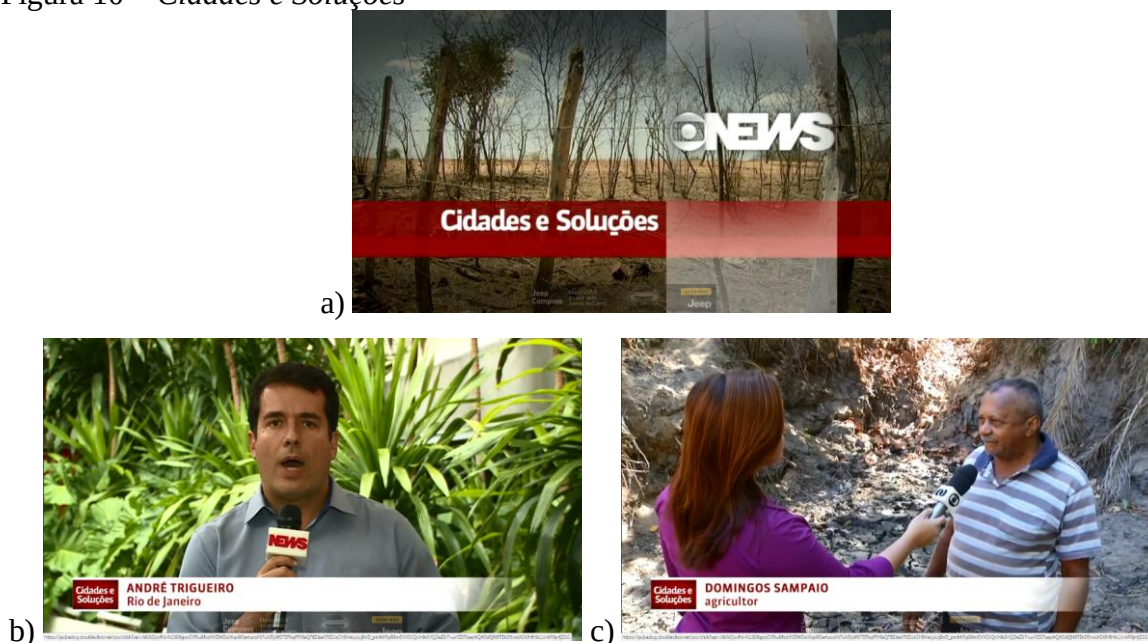
Fonte: *Globo News*, 5 out. 2016.

Cidades e Soluções – O programa gravado que aborda questões relacionadas ao meio ambiente, dando ênfase específica aos problemas das grandes cidades do Brasil e do mundo e às soluções possíveis, especialmente as de baixo custo, inteligentes e sustentáveis, que têm transformado o cotidiano das pessoas. Exibido às segundas-feiras, às 21h30, tem duração de 30 minutos. Está na grade da emissora desde 2006. Como o *Arquivo N*, sua narrativa

¹²⁰ Por já ter sido descrito, não abordaremos o *Jornal da Globo News*.

assemelha-se às das grandes reportagens, com participação de especialistas nas temáticas abordadas, políticos e cidadãos.

Figura 10 – *Cidades e Soluções*



Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa (o fundo se altera de acordo com o tema)
 b) Apresentador do *Cidades e Soluções*, André Trigueiro (não é feito em estúdio)
 c) Repórter e entrevistado

Fonte: *Globo News*, 3 out. 2016.

Conta Corrente – Exibido “ao vivo” de segunda a sexta-feira, às 21h, o programa assemelha-se a um telejornal com foco em assuntos econômicos: mercado financeiro, empreendedorismo, macroeconomia, novos negócios, finanças pessoais etc. Ao logo do programa, há participação de convidados, debates, exibição de reportagens etc. Está na grade da emissora desde a sua fundação.

Figura 11 – *Conta Corrente*



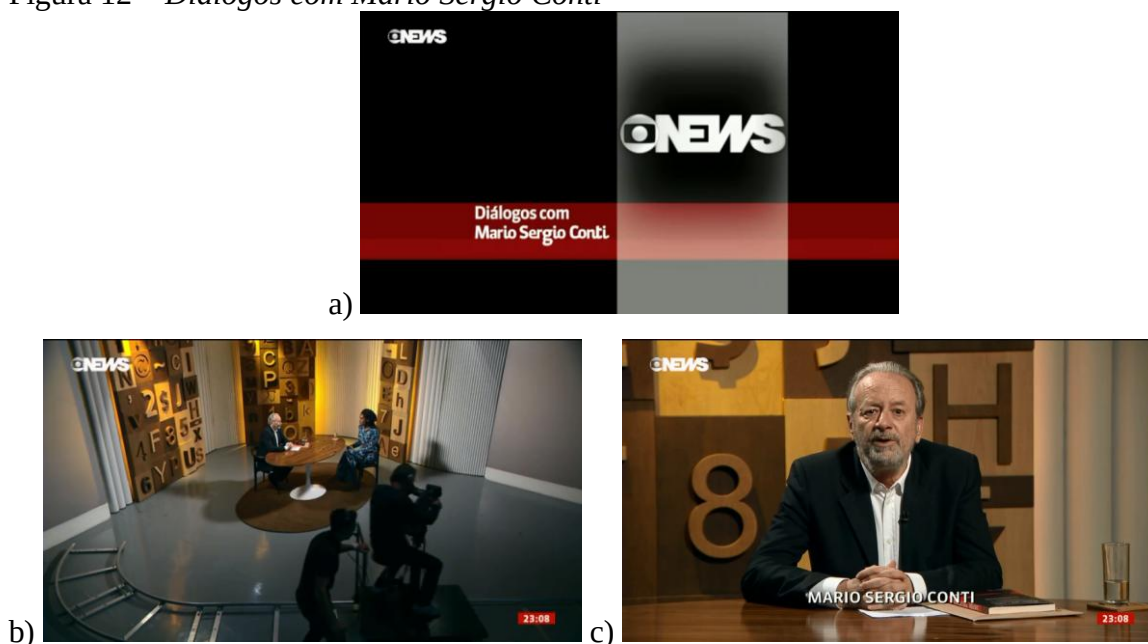


Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa
b) Apresentadora do *Conta Corrente*, Juliana Rosa
c) Entrevistados no estúdio

Fonte: *Globo News*, 27 fev. 2017.

Diálogos com Mario Sergio Conti – Trata-se de um programa “ao vivo” de entrevistas sobre temas atuais, com personalidades, estudiosos, políticos etc. Durante 30 minutos, o jornalista Mario Sergio Conti entrevista um convidado acerca de uma temática específica, que pode ser de âmbito político, cultural, artístico, científico etc. Todas as quintas-feiras, às 23h, a *Globo News* exibe uma nova edição do programa.

Figura 12 – *Diálogos com Mario Sergio Conti*



Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa
b) Apresentador, entrevistada e cenário
c) Apresentador em estúdio, Mario Sergio Conti

Fonte: *Globo News*, 27 out. 2016.

Entre Aspas – Programa gravado de debates, com duração de 30 minutos, exibido, em edição inédita, às terças-feiras, às 23h. Conta com a presença de dois debatedores, os quais vão dialogar ou digladiar em torno de um assunto atual sobre qualquer área do conhecimento.

Figura 13 – *Entre Aspas*



Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa (o fundo se altera de acordo com o tema)
 b) Apresentadora, debatedores e cenário
 c) Apresentadora, Mônica Waldvogel

Fonte: *Globo News*, 22 nov. 2016.

Estúdio I – Programa “ao vivo”, que é exibido de segunda à sexta-feira, das 13h às 16h. Assemelha-se a um *talk-show*, mesclando informação e entretenimento. Combina bate-papo descontraído com a participação de atores, escritores, músicos etc. e a participação de repórteres e correspondentes entrando “ao vivo” de diferentes lugares do Brasil e do mundo. Em dados momentos, fomenta a participação do público telespectador, por meio das redes sociais digitais.

Figura 14 – *Estúdio I*





Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa

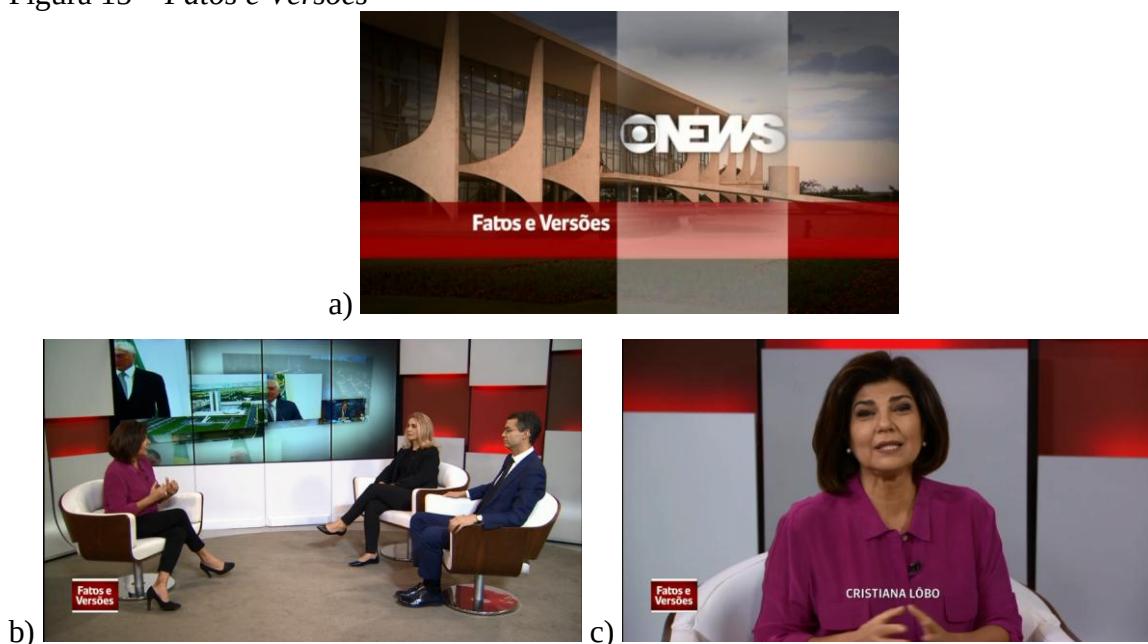
b) Apresentadora, Maria Beltrão

c) Apresentadora, convidados e cenário

Fonte: *Globo News*, 13 dez. 2017.

Fatos e Versões – Gravado e exibido, em edição inédita, às sextas-feiras, às 23h, o programa, ancorado pela jornalista Cristiana Lôbo, consiste no diálogo entre a apresentadora e dois outros jornalistas de veículos diferentes (pode ser impresso, ou mesmo digital) sobre os bastidores da semana política no Brasil, com destaque para as decisões do Congresso, do Planalto e dos Ministérios de Governo e do STF.

Figura 15 – *Fatos e Versões*



Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa (a cada edição, no fundo, há um local de Brasília)

b) Apresentadora, convidados e cenário

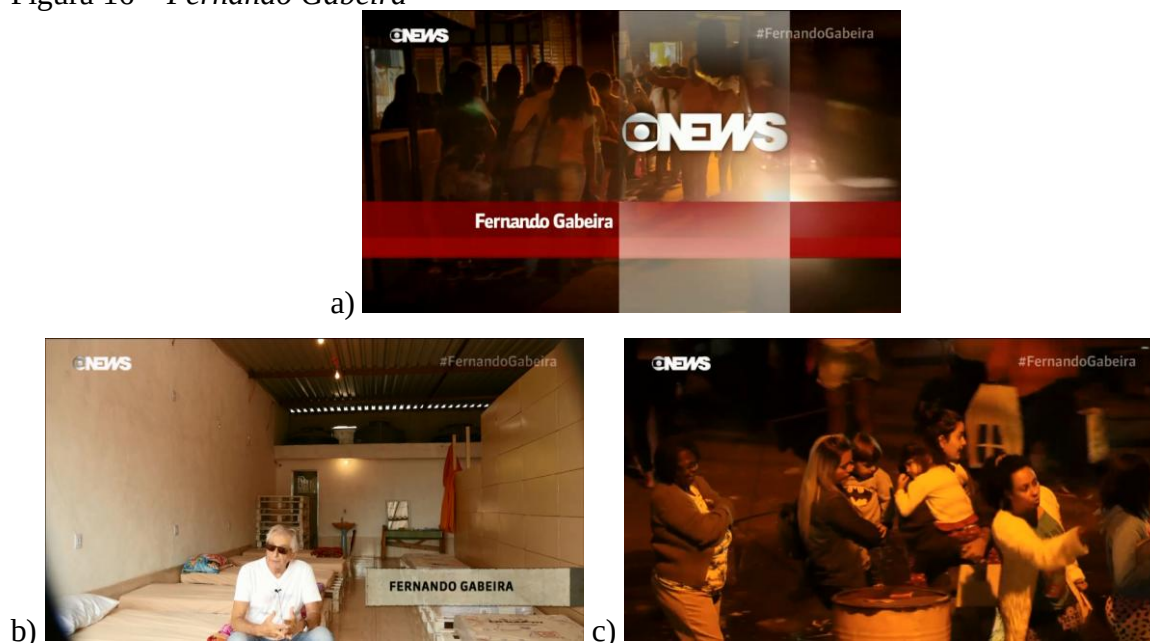
c) Apresentadora, Cristiana Lôbo

Fonte: *Globo News*, 17 jun. 2017.

Fernando Gabeira – Trata-se de um programa gravado de reportagens e entrevistas com Fernando Gabeira, jornalista, escritor e político brasileiro. Exibido, em edição inédita, terças-feiras, às 21h30, o programa trata de temas diversos, como cultura, comportamento, arte. A

cada semana, num formato que lembra as grandes reportagens, Gabeira vai a uma região do país e aborda uma questão específica, conversando com a população local.

Figura 16 – *Fernando Gabeira*



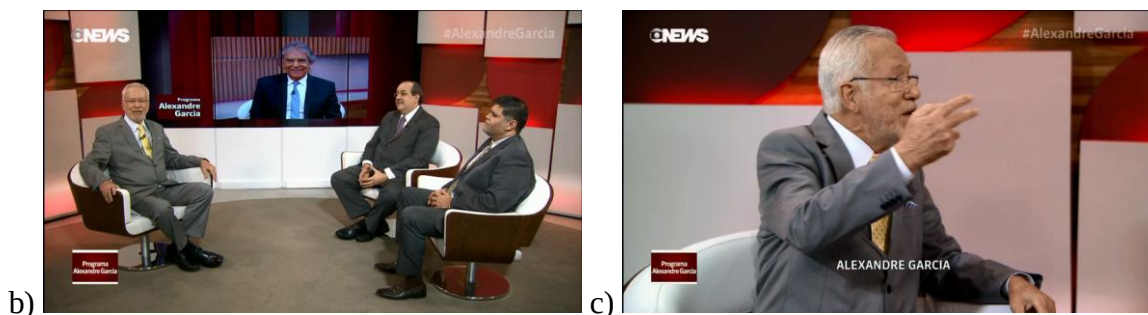
Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa (o fundo se altera de acordo com o tema)
 b) Apresentador, Fernando Gabeira
 c) Imagens com som em off

Fonte: *Globo News*, 27 nov. 2016.

Globo News Alexandre Garcia – Programa gravado de entrevistas ancorado pelo jornalista Alexandre Garcia, que recebe no estúdio, ou não, da *Globo News*, deputados, senadores, ministros para um diálogo sobre a política nacional. Todas as quartas-feiras, às 21h30, vai ao ar uma nova edição do programa.

Figura 17 – *Globo News Alexandre Garcia*





Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa (o fundo se altera de acordo com o tema)
 b) Apresentador, convidados no estúdio e no telão
 c) Apresentador, Alexandre Garcia

Fonte: *Globo News*, 27 nov. 2016.

Globo News Documento – O programa, exibido em versão inédita, aos sábados, às 21h, apresenta um tema por edição, normalmente assuntos da atualidade com contornos sociais, políticos e sócio-históricos do Brasil e do mundo.

Figura 18 – *Globo News Documento*

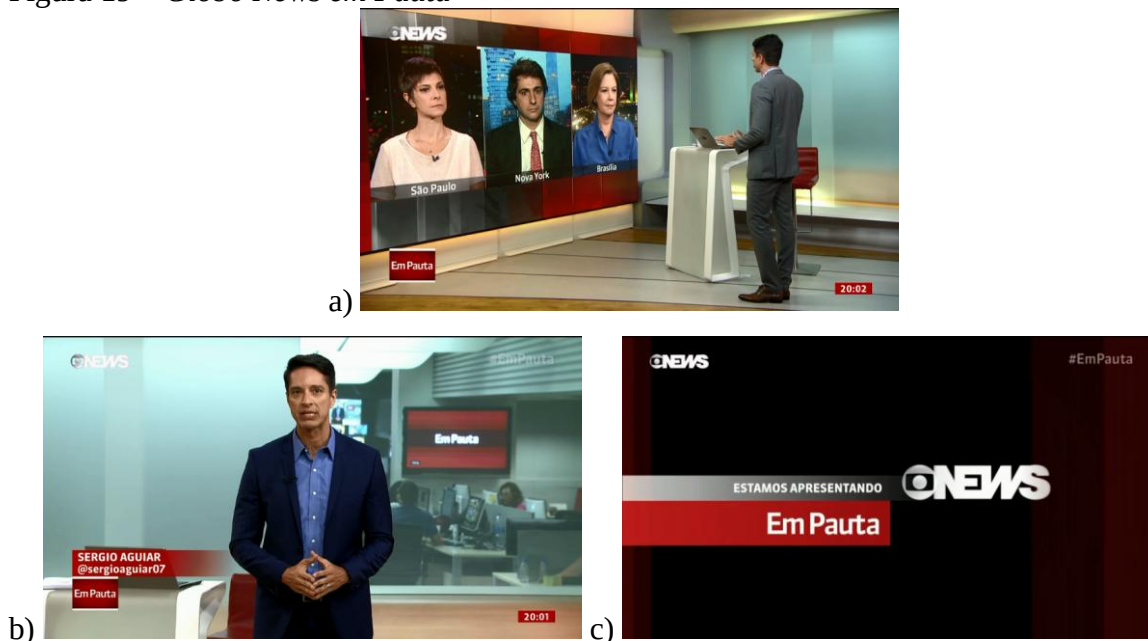


Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa (o fundo se altera de acordo com o tema)
 b) Entrevistador e entrevistada
 c) Um dos especialistas entrevistado

Fonte: *Globo News*, 26 nov. 2016.

Globo News em Pauta – telejornal “ao vivo”, exibido de segunda a sexta-feira, das 20h às 21h30, com participação de três jornalistas da *Globo News*, geralmente baseados em São Paulo, Brasília e Nova York, sobre os principais assuntos do dia. Diferentemente de outros telejornais da emissora, o foco é o comentário e o diálogo entre os jornalistas, com as repercussões de cada localidade.

Figura 19 – *Globo News em Pauta*



Legenda: a) Apresentador, jornalistas no telão e cenário
 b) Apresentador, Sérgio Aguiar
 c) Vinheta entre os blocos

Fonte: *Globo News*, 7 set. 2017.

Globo News Especial – O programa gravado vai ao ar, em edição inédita, às quartas-feiras, às 23h30. Com um formato semelhante às grandes reportagens, o programa, a cada semana, aborda um assunto atual em específico, com a participação de personagens que são afetados diretamente pelo tema em questão, como sonho de ser jogador, exploração sexual, crise na ciência brasileira, primeiro emprego etc. Diferentemente de outros programas, este não é conduzido por um apresentador.

Figura 20 – *Globo News Especial*





Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa (o fundo se altera de acordo com o tema)
 b) Imagens com som em off
 c) Entrevistada

Fonte: *Globo News*, 7 set. 2017.

Globo News Internacional – Exibido semanalmente às terças-feiras, na faixa das 23h30 (edição inédita), o programa gravado aborda os principais assuntos internacionais e sua repercussão no Brasil. Conta com a participação de correspondentes internacionais, por meio de teleconferência, ou de jornalistas no estúdio do programa.

Figura 21 – *Globo News Internacional*



Legenda: a) Apresentador, Dony de Nuccio
 b) Vinheta de abertura com logotipo do programa
 c) Apresentador e jornalista-comentarista

Fonte: *Globo News*, 21 jan. 2017.

Globo News Literatura – A edição inédita vai ao ar aos sábados, às 18h30. Sempre gravado, o programa varia, ora como programa de entrevistas (com escritores, sobretudo), ora como um telejornal sobre literatura, com reportagens, entrevistas e informações sobre lançamentos

de livros, feiras de livros etc. Não há, necessariamente, um estúdio de onde o programa é apresentado, como um telejornal.

Figura 22 – *Globo News Literatura*

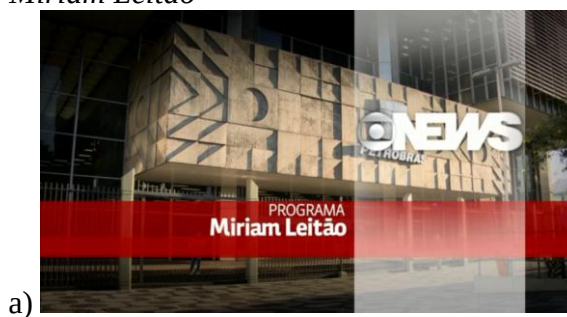


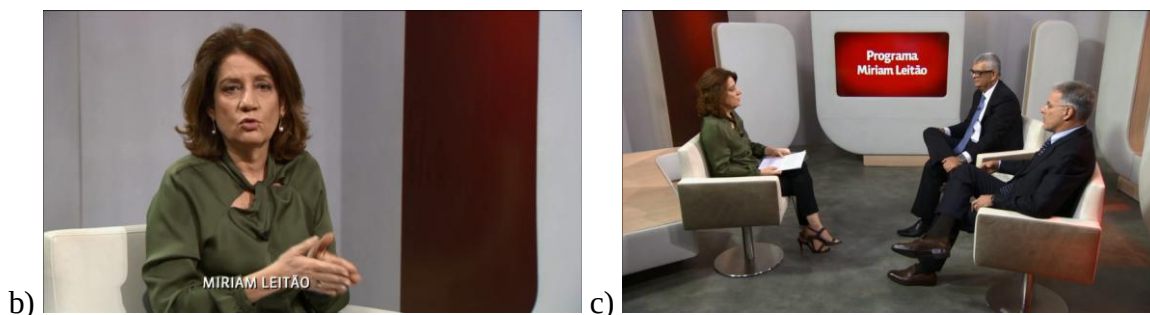
Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa (o fundo se altera de acordo com o tema)
 b) Entrevistado
 c) Entrevistado e entrevistador

Fonte: *Globo News*, 28 out. 2016.

Globo News Miriam Leitão – Exibido em edição inédita todas as quintas-feiras, às 21h30, o programa trata, sobretudo, da política econômica brasileira e seus impactos, por meio de entrevistas com especialistas. É ancorado pela jornalista Miriam Leitão.

Figura 23 – *Globo News Miriam Leitão*





Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa (o fundo se altera de acordo com o tema)
 b) Apresentadora, Miriam Leitão
 c) Apresentadora, entrevistados e cenário

Fonte: *Globo News*, 1 dez. 2016.

Globo News Painel – Trata-se de um programa de entrevistas com filósofos, cientistas políticos, diplomatas, empresários e sociólogos sobre os temas de relevância da semana. A edição inédita vai ao ar aos sábados, às 23h. Com apresentação de William Waack, aborda, sobretudo, temas ligados à economia, política e relações internacionais.

Figura 24 – *Globo News Painel*



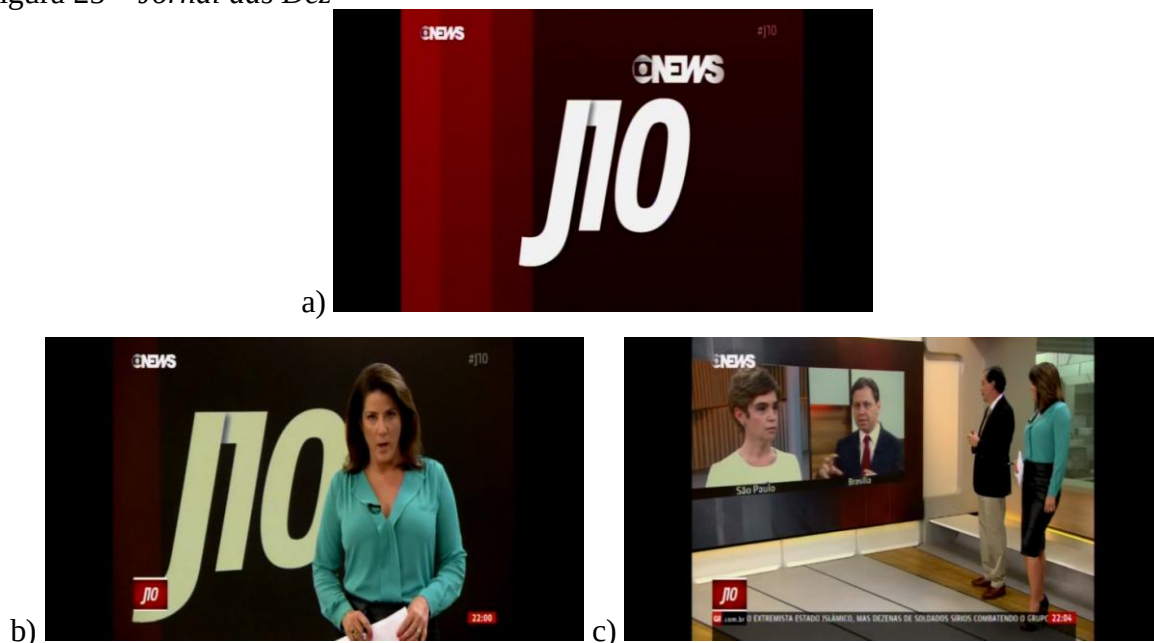
Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa
 b) Apresentador, William Waack
 c) Apresentador, entrevistados e cenário

Fonte: *Globo News*, 3 dez. 2016.

Jornal das Dez – Exibido das 22h às 23h, de segunda a domingo, é o principal telejornal da emissora. Traz as notícias de maior repercussão do dia na *Globo News*, normalmente aquelas ligadas à política, economia e assuntos internacionais, e conta com a participação de

comentaristas. Normalmente, conta com a presença de mais de um âncora, distribuídos por São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro. Vez por outra, quando há um acontecimento de grandes proporções, o *Jornal* se estende até as 23h30.

Figura 25 – *Jornal das Dez*



Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa
b) Âncora, Christiane Pelajo
c) Âncora, comentaristas e cenário

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Manhattan Connection – Com duração de uma hora, o programa vai ao ar no domingo às 23h, em edição inédita, e trata-se de um bate-papo entre jornalistas e comentaristas sobre política, economia e comportamento, bem como de dicas culturais de Nova York. O programa surgiu em 1993 e, até 2011 era transmitido em outra emissora da *Globosat*, a *GNT*, passando, posteriormente, para a *Globo News*.

Figura 26 – *Manhattan Connection*





- Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa
 b) Apresentador, Lucas Mendes
 c) Apresentador e jornalista-comentarista

Fonte: *Globo News*, 5 dez. 2016.

Milênio – Programa gravado de entrevistas que, a cada semana, recebe um entrevistado (cineasta, filósofo, cientista etc.), geralmente internacional, para tratar de um tema pontual, ou de um conjunto de acontecimentos. Vai ao ar, em edição inédita, às segundas-feiras, às 23h30.

Figura 27 – *Milênio*



- Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa (o fundo se altera de acordo com o tema)
 b) Apresentador, Marcelo Lins
 c) Entrevistado

Fonte: *Globo News*, 12 dez. 2016.

Mundo S/A – A edição inédita do programa, que é gravado, é exibida às segundas-feiras, às 23h. Trata-se de um telejornal sobre negócios: grandes marcas, iniciativas inovadoras, soluções inesperadas, ousadias de empresários etc. Geralmente, aborda um mesmo tema a cada nova edição. Conta com a participação de repórteres no Brasil e correspondentes internacionais. Nele, há entrevistas, reportagens etc.

Figura 28 – *Mundo S/A*



Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa
 b) Apresentadora, Maria Prata
 c) Apresentadora e entrevistado (não é feito em estúdio)

Fonte: *Globo News*, 17 out. 2016.

Ofício em Cena – Programa gravado, exibido às terças-feiras, às 23h30, em edição inédita. Trata-se de um bate-papo com atores, diretores e outros agentes das artes cênicas sobre processo criativo, bastidores, teatro etc. É gravado em um teatro com a presença de uma plateia, que participa com perguntas.

Figura 29 – *Ofício em Cena*





Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa
 b) Apresentadora, Bianca Ramoneda
 c) Entrevistado com plateia ao fundo

Fonte: *Globo News*, 13 dez. 2016.

Pelo Mundo – Em versão inédita às sextas-feiras, 23h30, o programa apresenta notícias curiosas dos mais diversos países, seus hábitos, culinária, belezas naturais, pontos turísticos etc. Apresentado por Luciano Cabral e Luiza Zveiter, a atração teve fim em janeiro de 2017.

Figura 30 – *Pelo Mundo*



Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa
 b) Apresentadores, Luciano Cabral e Luiza Zveiter
 c) Uma das reportagens do programa

Fonte: *Globo News*, 25 nov. 2016.

Roberto D'Ávila – Exibido às sextas-feiras, às 21h30, o programa consiste em uma entrevista com uma personalidade pública sobre política, economia, cultura ou outro tema relevante para o programa. É capitaneado pelo apresentador Roberto D'Ávila e tem duração de 30 minutos.

Figura 31 – *Roberto D'Ávila*



Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa (o fundo se altera de acordo com o tema)

b) Apresentador, Roberto D'Ávila

c) Entrevistada

Fonte: *Globo News*, 7 dez. 2016.

Sem Fronteiras – O programa vai ao ar às quintas-feiras, 23h30, em edição inédita. Trata-se de uma emissão televisiva semelhante às grandes reportagens, com entrevistas, repórter *in loco* sobre assuntos internacionais e seus impactos não apenas no Brasil, mas em todo o mundo.

Figura 32 – *Sem Fronteira*





Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa (o fundo se altera de acordo com o tema)

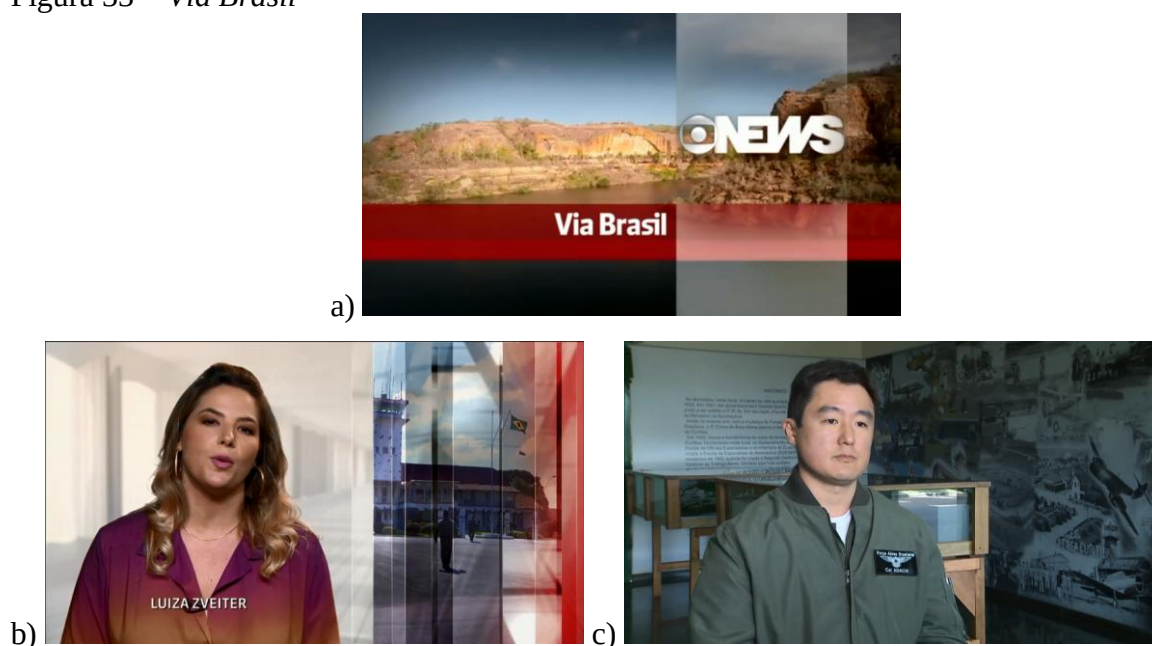
b) Apresentador, Marcelo Lins

c) Apresentador e entrevistado

Fonte: *Globo News*, 1 dez. 2016.

Via Brasil – Trata-se de um telejornal gravado exibido, em edição inédita, aos sábados, às 7h05, sobre diferentes cidades brasileiras, suas festas folclóricas, seu artesanato, sua arquitetura, suas comidas típicas, sua música. O programa conta com a participação das emissoras afiliadas à *Rede Globo*, responsáveis por enviar as matérias que vão compor o *Via Brasil*.

Figura 33 – *Via Brasil*



Legenda: a) Vinheta de abertura com logotipo do programa (o fundo se altera de acordo com o tema)

b) Apresentadora, Luiza Zveiter

c) Entrevistado

Fonte: *Globo News*, 3 dez. 2016.

3.2 A Associação Chapecoense de Futebol

Saiu do acampamento dos filisteus um campeão chamado **Golias**, de Get, cujo talhe era de seis côvados e um palmo.
 Trazia na cabeça um capacete de bronze e no corpo uma couraça de escamas, cujo peso era de cinco mil siclos de bronze.
 Tinha perneiras de bronze e um dardo de bronze entre os ombros.
 O cabo de sua lança era como o cilindro de um tear, e sua ponta pesava seiscentos siclos de ferro. [...]
Davi [...] era jovem, louro e de delicado aspecto (1 Samuel 17: 4-7; 41-42, grifos nossos).

A parábola sobre Davi e Golias, descrita no *Livro de Samuel*, talvez possa simbolizar, em parte, o que representava aquela final de Copa Sul-Americana entre Atlético Nacional (Golias) – que havia conquistado o Campeonato Colombiano de 2015 (Torneio Clausura), a Copa Libertadores¹²¹ da América de 2016 (torneio mais importante do continente sul-americano) – e Chapecoense (Davi) – que havia conquistado o acesso à Série A do Campeonato Brasileiro há apenas dois anos e chegava à primeira final de um torneio internacional. O desfecho dessa “batalha”, porém, nunca saberemos se seria como a da narrativa bíblica, em razão da queda do avião envolvendo jogadores, comissão técnica, dirigentes e convidados da Chapecoense, profissionais da imprensa e tripulantes da *LaMia*.

Antes de iniciar a análise da transmissão direta televisiva sobre o acidente aéreo, cremos ser salutar caracterizar e dar a conhecer a história da Associação Chapecoense de Futebol, sua relação com a cidade de Chapecó (SC)¹²² e o momento por que passava quando do acidente. Isso porque tais minúcias têm impacto nos componentes e procedimentos discursivos postos em prática na enunciação midiática instituída pela *Globo News*.

Fundada há 45 anos, em 10 de maio de 1973¹²³, a partir da fusão de dois times da cidade de Chapecó – Atlético Clube Chapecó e Independente Futebol Clube (NEDEL, 2017) –, a Associação Chapecoense de Futebol (ACF), conhecida como “Chape”, “Verdão do Oeste”

¹²¹ A competição leva esse nome a fim de homenagear os principais líderes responsáveis pelas independências dos países da América do Sul, sobretudo, Simón Bolívar e José de San Martín.

¹²² Fundado em 25 de agosto de 1917, o município de Chapecó está localizado no Oeste de Santa Catarina, a 552 km de Florianópolis. Sua população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de 213.279 pessoas. A economia está baseada, principalmente, na agroindústria, sobretudo, processamento e exportação de carnes de suínos, aves e derivados. Disponível em: <goo.gl/ZJ35f3>. Acesso em: 31 jan. 2018.

¹²³ “[...] o primeiro jogo como profissional: ‘Foi contra o São José de Porto Alegre, no campo do Colégio São Francisco, Chapecoense 1 x 0 São José.’” (PELISSER apud NOSSA HISTÓRIA..., 2018, *on-line*).

(RODRIGUES, 2016), é uma equipe de futebol relativamente nova no cenário esportivo nacional, e mesmo regional¹²⁴.

Entre os principais títulos desportivos da equipe estão as seis conquistas do Campeonato Estadual de Santa Catarina (1977, 1996, 2007, 2011, 2016 e 2017), uma Copa Santa Catarina (2006), duas Taças Santa Catarina (1979, 2014) e a Copa Sul-Americana (2016)¹²⁵. Ademais dos títulos, dois componentes, em específico, são fundamentais para entendermos a história do clube: o apoio e participação dos moradores de Chapecó, desde sempre, e a ascensão recente da equipe rumo à divisão de elite do futebol nacional.

A epopeia da qual a Chapecoense foi protagonista ao alcançar a elite do futebol nacional, de forma meteórica – iniciando sua trajetória em 2009, quando ainda estava fora da Série D, e alcançando a Série A cinco anos depois, em 2013 – transcende, a meu ver, o futebol e o próprio esporte. Trata-se da única equipe dentre todas as que já disputaram a Série A que passou por todas as séries precedentes até atingir o topo. [...] Qual a explicação para uma cidade de apenas duzentos mil habitantes alcançar a elite do esporte mais popular do povo brasileiro, enquanto metrópoles e capitais esperam algum dia atingir idêntico patamar? E, mais do que isso, mantendo-se na elite do esporte por quatro anos ou mais? [...] Quando homens e mulheres livres e de bons costumes, empresários, profissionais liberais e trabalhadores, de forma desinteressada, afastam seus interesses privados, individuais e resolvem se unir em torno de um objetivo coletivo notável, mesmo que aparentemente inatingível, o resultado pode ser a conquista de um propósito inusitado e imaginado por poucos. (NEDEL, 2017, p. 11).

O primeiro título da Chapecoense, quatro anos após a fundação da entidade, diz muito sobre como o clube se estabeleceu ao longo dos anos, contando sempre com o apoio de empresários¹²⁶, da Prefeitura de Chapecó e de outros entusiastas da equipe nos momentos de crise, sobretudo, financeira, como foi o caso de Plínio Arlindo de Nes (NEDEL, 2017), que, em 1977, garantiu a vinda e a permanência de oito jogadores vindos do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico, de Erechim (RS), para a disputa e conquista do Campeonato Catarinense; o gol do título, inclusive, foi marcado por um desses jogadores trazidos do Atlântico Erechim, o atacante Jaime.

¹²⁴ No Brasil, há clubes, como o Esporte Clube Vitória (1899), a Associação Atlética Ponte Preta (1900), o Fluminense Football Club (1903), entre outros, fundados há mais de cem anos. No próprio Estado de Santa Catarina, inclusive, alguns dos principais adversários da Chapecoense – Figueirense Futebol Clube (1921) e Avaí Futebol Clube (1923) – estão próximos do centenário.

¹²⁵ Após o acidente aéreo envolvendo a equipe da Chapecoense, que iria disputar o primeiro jogo da final da Copa Sul-Americana em Medellín, na Colômbia, a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) declarou a equipe catarinense campeã da competição; antes disso, o adversário da final, o Club Atlético Nacional, já havia protocolado pedido na Conmebol pedindo que o título fosse dado ao clube brasileiro.

¹²⁶ “[...] um dos fatores de sucesso do clube é o fato de que, desde sua fundação, a associação sempre pode contar com o apoio dos empresários da cidade e da região.” (NOSSA HISTÓRIA..., 2018, *on-line*).

Figura 34 – Chapecoense 1977 (equipe campeã catarinense)



Fonte: NEDEL, 2017, p. 13.

O segundo Campeonato Estadual viria somente dezenove anos depois do primeiro, em 1996. Um ano antes, conforme conta Nedel (2017), um grupo de empresários da cidade se reuniu para criar o Conselho Deliberativo da Chapecoense: “[...] esse grupo conseguiu formar um conselho com cerca de cento e cinquenta conselheiros associados, sendo que a contribuição financeira dos membros desse conselho se constituía na maior receita do clube” (p. 18). Ao organizar a gestão do clube, por meio do Conselho, e garantir um mínimo de recurso fixo para o futebol, o resultado se deu em campo, com a conquista do segundo Campeonato Estadual, no ano seguinte¹²⁷.

Figura 35 – Chapecoense 1996 (equipe campeã catarinense)



Fonte: NEDEL, 2017, p. 17.

¹²⁷ O título de 1996, vale ressaltar, só veio em 18 de dezembro, embora o Campeonato Estadual fosse disputado no primeiro semestre daquele ano. Isso porque o segundo jogo da final, entre Chapecoense e Joinville, não terminou por invasão de campo da torcida. Depois de um longo imbróglia jurídico, a Justiça Desportiva da Federação Catarinense de Futebol decidiu marcar uma terceira partida para decidir o campeão daquele ano.

A conquista do terceiro Campeonato Estadual, em 2007, talvez tenha sido a mais consistente da Chapecoense dos seis títulos estaduais, já que perdeu apenas um jogo em toda a competição (para o Criciúma por um a zero). Apesar daquele título, o ano de 2007 ficou marcado em razão das dívidas acumuladas pela Chapecoense, chegando ao ponto de o prefeito da cidade à época, João Rodrigues, convocar uma reunião na Associação Comercial do município com empresários e integrantes da direção do clube. “A situação era tão caótica que foi levantada até a possibilidade de troca de nome da Chapecoense. Como participante do clube desde a sua fundação, fiz ver aos demais que o nome da Chapecoense valia mais que todas as suas dívidas.” (EDIR DE MARCO apud NEDEL, 2017, p. 34).

Figura 36 – Chapecoense 2007 (equipe campeã catarinense)



Fonte: NEDEL, 2017, p. 33.

Nos anos seguintes àquela nova conquista Estadual houve momentos de alegria, como o acesso da Série D para a Série C, em 2009, e de tristeza, como o rebaixamento no Estadual de 2010. No ano de 2008, a Chapecoense teve um desempenho muito abaixo do esperado no Estadual, ficando apenas na oitava colocação, a duas posições da zona de rebaixamento para a Divisão Especial, nome dado à segunda divisão do catarinense. Na Copa do Brasil, competição que o time conquistou o direito de disputar por ter sido campeão catarinense de 2007, saiu na segunda fase; depois de eliminar o Guarani Futebol Clube, de Campinas (SP), na primeira fase, perdeu para o Sport Club Internacional (RS) por dois a zero jogando em Chapecó, sendo eliminada sem sequer disputar o jogo de volta, em Porto Alegre.

O ano de 2009, embora parecesse pouco promissor, tendo em vista o corte de recursos destinados à Chapecoense pela prefeitura de Chapecó¹²⁸, foi um ano de significativas conquistas, a maior delas o acesso à Série C do Campeonato Brasileiro. No Campeonato Estadual, a Chapecoense foi vice-campeã, perdendo a final para o Avaí; depois de vencer o primeiro jogo, em casa, por três a um, o time do Oeste de Santa Catarina perdeu pelo mesmo placar no jogo de volta, levando a partida para a prorrogação, quando o time da capital fez mais três gols e se sagrou campeão. A segunda colocação no Estadual, no entanto, garantiu uma vaga para a disputa do Campeonato Brasileiro da Série D naquele mesmo ano.

Essa vaga para a Série D seria de crucial importância para o crescimento da Chapecoense. A partir daí, a equipe teria competição para o segundo semestre e seria possível contratar atletas por períodos mais longos, bem como planejar melhor o clube sob todos os aspectos, desde o financeiro até o futebol. [...] o maior título que a Chapecoense poderia obter seria a conquista de um calendário – calendário para todo o ano. Era impossível atrair atletas diferenciados com a perspectiva de atuar apenas por um semestre do ano. (NEDEL, 2017, p. 54; 59-60).

Para ascender à Série C do Campeonato Brasileiro, a Chapecoense foi líder no grupo A9 da primeira fase, classificando-se com treze de dezoito pontos possíveis, eliminando na segunda fase o Corinthians Paranaense (hoje J.Malucelli Futebol) e, na terceira, o Londrina Esporte Clube (PR). Nas quartas de final, eliminou o Araguaia Atlético Clube, do Mato Grosso, chegou à semifinal da Série D, condição que já garantia uma vaga na Série C do ano seguinte. “O primeiro jogo foi em Mato Grosso e o percurso até lá, de 1.500 quilômetros, foi realizado de ônibus. O jogo de ida foi vencido pela Chapecoense por dois a um. Em Chapecó, derrota por uma a zero, mas o gol qualificado¹²⁹ em Mato Grosso classificou a equipe [...]” (NEDEL, 2017, p. 54)¹³⁰.

Para o ano de 2010, o time foi reformulado, com a chegada de novos jogadores e a dispensa de outros atletas com desempenho abaixo do esperado pela Diretoria. A motivação para a

¹²⁸ “[...] através da Prefeitura de Chapecó, o prefeito João Rodrigues destinava mensalmente uma verba para o clube, ajudando muito na sua manutenção. Em 2009, diante da falta de recursos, foi montada uma equipe modesta, sob o comando técnico de Mauro Ovelha. Apesar disso, a equipe chegou ao vice-campeonato estadual, perdendo a final para o Avaí.” (NEDEL, 2017, p. 53). O apoio da Prefeitura à Chapecoense deu-se inclusive na reforma e ampliação do Estádio Regional Índio Condá, onde a equipe mandava seus jogos e que, a partir de maio de 2009, passou a ser denominado Arena Condá, com a Lei Municipal nº 5.560, de 28 de maio.

¹²⁹ Regra para desempate usado em torneios de futebol com fases eliminatórias em dois jogos, sendo um mando de campo de cada time. Nele, se o resultado agregado (soma dos placares dos dois jogos) der empate, vence o confronto o time que tiver marcado o maior número de gols no campo do adversário, ou seja, como visitante. (WIKIPÉDIA, 2007, *on-line*).

¹³⁰ Na semifinal, a Chapecoense foi eliminada pelo Macaé Esporte Futebol Clube (RJ), que perderia a final para o São Raimundo Esporte Clube (PA), campeão da Série D do Campeonato Brasileiro de 2009.

disputa da Série C do Campeonato Brasileiro, que ocorreria no segundo semestre daquele ano, não foi a mesma para o Campeonato Estadual; isso porque a equipe do Oeste catarinense teve um péssimo desempenho e terminou em penúltimo lugar, sendo rebaixada para a Divisão Especial. Com isso, “[...] foi inevitável a demissão do técnico Mauro Ovelha.” (NEDEL, 2017, p. 55). Ademais, a pressão da imprensa local foi tamanha que, em maio de 2010, o então presidente da Chapecoense, Nei Maidana, renunciou ao cargo, em vez de demitir membros do Departamento de Futebol: “[...] exigia-se a demissão de todo o Departamento de Futebol, liderado por Jandir Bordignon e Sandro Pallaoro. O presidente Nei Maidana não cedeu às pressões pela relação de amizade mantida com os membros do Departamento de Futebol [...]” (p. 55)¹³¹. Dessa maneira, assumiu a presidência da Chapecoense o vice à época, Cleimar João Spessatto, até o fim daquele mandato. Houve outras mudanças decorrentes do mau desempenho no Estadual, como a contratação de um diretor-executivo, de uma equipe especializada em orçamento e fluxo de caixa, e um diretor de Futebol remunerado, ações para profissionalizar ainda mais o futebol da equipe.

O desempenho na Série C do Campeonato Brasileiro de 2010 foi considerado bom, a Chapecoense classificou-se para a fase final da competição após ficar em segundo lugar no grupo D, atrás apenas do Criciúma Esporte Clube (SC). Nas quartas de final, a equipe do Oeste de Santa Catarina enfrentou o Ituiutaba (MG) (hoje Boa Esporte Clube), e precisava vencer o confronto para garantir uma vaga na Série B do Campeonato Brasileiro. Todavia, depois de empatar o primeiro jogo em Chapecó em um a um e, novamente, empatar em Minas Gerais em zero a zero, a Chapecoense foi eliminada pelo gol qualificado.

No fim de 2010, houve eleição para a presidência da Chapecoense, sendo eleito Sandro Pallaoro, que já no seu primeiro ano de trabalho conquistou o quarto título da Chapecoense no Campeonato Estadual. A conquista veio após uma derrota e uma vitória por um a zero para o Criciúma, dando ao time de Chapecó o título por ter tido melhor campanha na soma dos dois turnos do campeonato.

¹³¹ A Chapecoense foi rebaixada para a segunda divisão do Estadual de 2010, mas não disputou a Divisão Especial no ano seguinte, pois herdou a vaga do Atlético Ibirama (Clube Atlético Hermann Aichinger), que se licenciou do futebol por dificuldades financeiras.

Figura 37 – Chapecoense 2011 (equipe campeã catarinense)



Fonte: NEDEL, 2017, p. 149.

O triunfo, porém, não significou ausência de conflitos na gestão de Sandro Pallaoro à frente da Administração. De acordo com Nedel (2017), o novo presidente conflitou com parte dos conselheiros do clube, que pediu o afastamento daquele. O afastamento não ocorreu, mas:

[...] teve início um trabalho de modernização muito importante para o clube. Para criar e implantar um orçamento, foi contratado o profissional Antoninho Baldissera; este e o tesoureiro Décio Burtet (vitimado na tragédia de novembro de 2016) realizaram tal implementação, dando à Chapecoense uma estabilidade financeira que poucos clubes de futebol no Brasil possuem. Desde então, nenhuma ação no futebol é levada a efeito sem que esteja perfeitamente enquadrada na capacidade financeira do clube e no seu fluxo de caixa. (p. 147)¹³².

A campanha na Série C do Campeonato Brasileiro daquele ano não refletiu o bom desempenho do Estadual. Depois de fazer uma ótima primeira fase, classificando-se em primeiro lugar no grupo D, a Chapecoense terminou a segunda fase na terceira posição do grupo F, cinco pontos atrás do Ipatinga Futebol Clube (MG), o que foi insuficiente para o acesso.

Em 2012, a Chapecoense não conseguiu o quinto Campeonato Estadual, ficando em terceiro, atrás do Avaí Futebol Clube (campeão) e do Figueirense Futebol Clube (vice). Na Copa do Brasil, torneio que ganhou o direito de disputar por ter conquistado o Estadual de 2011, a equipe foi eliminada na segunda fase pelo Cruzeiro Esporte Clube (MG), depois de eliminar o Centro Educativo Recreativo Associação Atlética São Mateus (ES) na primeira fase. O segundo semestre, porém, foi de conquista; mesmo com problemas financeiros¹³³, o time do Oeste catarinense conseguiu o acesso à Série B do Campeonato Brasileiro. Depois de se

¹³² Nessa mesma época foi criado o Conselho Gestor, para tomar decisões colegiadas com a Diretoria Executiva e o Conselho Deliberativo (NEDEL, 2017).

¹³³ “[...] o início da Série C daquele ano atrasou em dois meses porque o Rio Branco, do Acre, entrou na justiça e conseguiu atrasar o início da competição. Sem a renda na bilheteria, o salário dos jogadores atrasou [...]” (NEDEL, 2017, p. 156).

classificar para a segunda fase em terceiro lugar no grupo B, a Chapecoense precisava vencer o Luverdense Esporte Clube (MT) nas quartas de final para ficar entre os quatro melhores times da Série C daquele ano e conseguir o acesso à Série B do ano seguinte. E dessa forma aconteceu. Jogando em Chapecó, a equipe venceu a equipe mato-grossense por três a zero; no jogo da volta, o Luverdense venceu por um a zero, mas esse placar foi insuficiente para levar a equipe de Lucas de Rio Verde às semifinais, dando a vaga à Série B à Chapecoense¹³⁴. “[...] naquele dia, a cidade de Chapecó parou. A população se reuniu na praça para comemorar.’ [...]” (PALLAORO apud NEDEL, 2017, p. 157).

2013, ano em que a Chapecoense completava 40 anos, foi o da glória máxima até então. Apesar de ter ficado com o vice-campeonato Estadual, depois de perder para o Criciúma por dois a zero a primeira partida da final, fora de casa, e vencer apenas por um a zero em Chapecó, o “Verdão do Oeste” conquistou o acesso à elite do futebol brasileiro, ao terminar em segundo lugar na Série B do Campeonato Brasileiro. “Em 2013, o acesso à Série A era imaginado por poucos, mas Sandro [Pallaoro] lembra que em apenas uma rodada a Chapecoense ficou em terceiro lugar na competição. No restante do campeonato, sempre figurou entre a primeira e a segunda colocações.” (NEDEL, 2017, p. 157). A campanha do acesso à Série A foi irretocável, sendo o time que menos sofreu derrotas em toda a competição, apenas seis em 38 jogos, ficou nove pontos à frente do terceiro colocado e garantiu o acesso com duas rodadas de antecedência.

O ano seguinte foi o da estreia da Chapecoense na elite do futebol brasileiro. A meta principal era não ser rebaixada na Série A do Campeonato Brasileiro. O objetivo de se manter na competição nacional talvez tenha tirado o foco da equipe nas outras duas competições que disputou em 2014. No Campeonato Catarinense daquele ano, fez uma campanha inferior à esperada, terminando em quinto lugar e precisando, inclusive, disputar o Hexagonal do Rebaixamento para evitar a queda à segunda divisão do Estadual. Na Copa do Brasil, competição que ganhou o direito de disputar por terminar como o vice-campeonato do Campeonato Catarinense de 2013, mais uma vez a Chapecoense foi eliminada na segunda fase. Depois de eliminar o Rio Branco Football Club (AC) na primeira fase, o time do Oeste catarinense foi eliminado pelo Ceará Sporting Club (CE), após perder o primeiro jogo em Fortaleza por dois a um e empatar em Chapecó em um a um.

¹³⁴ Nas semifinais, a Chapecoense foi eliminada pelo Oeste Futebol Clube (SP), que viria a ser campeão sobre a Associação Desportiva Recreativa Cultural Icasa (BA) na final.

Na Série A do Campeonato Brasileiro, no entanto, o objetivo foi cumprido: a Chapecoense não foi rebaixada – terminou com 43 pontos, cinco à frente do Esporte Clube Vitória (BA), primeiro clube dentro da zona de rebaixamento. “Em 2014, já disputando o Campeonato Brasileiro da Série A, não foi possível montar uma equipe mais qualificada porque a receita ainda era baixa, tanto da televisão¹³⁵ quanto do patrocínio de camisa. Muitos apostavam que a passagem da Chapecoense seria fugaz.” (PALLAORO apud NEDEL, 2017, p. 157).

Em 2015, a Chapecoense disputou seu primeiro jogo em uma competição internacional, a Copa Sul-Americana. Antes, porém, no primeiro semestre daquele ano, a equipe jogou o Campeonato Estadual Catarinense, em que acabou na terceira posição – embora tenha liderado a primeira fase, ficou em terceiro no Hexagonal Final, não se classificando para a final. Na Copa do Brasil, o time catarinense parou mais uma vez na segunda fase, eliminado nos pênaltis pelo Sport Clube do Recife (PE) – na primeira fase, a equipe de Chapecó havia eliminado o Interporto Futebol Clube (TO)¹³⁶.

Na Série A do Campeonato Brasileiro 2015, o segundo “Brasileirão” da história da Chapecoense, o time catarinense não só se manteve mais uma vez na elite do futebol nacional, como melhorou sua campanha em relação ao ano anterior, terminando na 14ª posição, com 47 pontos. Na Copa Sul-Americana de 2015, a Chapecoense teve um desempenho acima do esperado. Na primeira fase, eliminou a Associação Atlética Ponte Preta (SP), depois de empatar em Campinas em um a um e vencer em Chapecó por três a zero. Nas oitavas de final, desclassificou o Club Libertad, time paraguaio com vinte títulos nacionais, nas disputas por pênaltis – já que tanto no jogo em Assunção (Paraguai), quanto em Chapecó houve o mesmo placar: um a um. Nas quartas de final, a Chapecoense enfrentou o Club Atlético River Plate, uma das mais tradicionais equipes argentinas, e que naquele mesmo ano havia vencido a Copa Libertadores da América, principal torneio sul-americano; no jogo de ida, em Buenos Aires, o River venceu por três a um; na volta a Chapecoense venceu por dois a um e ficou a um gol de

¹³⁵ O principal recurso financeiro da maioria dos clubes brasileiros é a cota de televisão paga pela *Rede Globo* pelos direitos de transmissão dos jogos em canal aberto. O valor, no entanto, varia de acordo com a popularidade dos clubes e a importância que a emissora carioca dá a cada um deles – Corinthians e Flamengo, por exemplo, têm uma cota de R\$ 170 milhões atualmente; a Chapecoense, por sua vez, recebe R\$ 32 milhões.

¹³⁶ Apesar da eliminação, a Chapecoense conquistou uma das seis vagas do Brasil na Copa Sul-Americana destinadas aos melhores times do País eliminados até a terceira fase da Copa do Brasil; como o time de Chapecó havia terminado a Série A do Campeonato Brasileiro de 2014 na 15ª posição, ficou com uma dessas vagas.

levar a decisão para os pênaltis, mas foi eliminada. “Apesar da eliminação da Chape, o País pôde constatar a entrega dos seus atletas.” (NEDEL, 2017, p. 131).

O ano de 2016 foi, de longe, o mais emblemático da história da Associação Chapecoense de Futebol: de um lado, a alegria de conquistar o quinto título do Campeonato Estadual Catarinense, realizar a melhor campanha de sua história na Série A do Campeonato Brasileiro até então e chegar a sua primeira final em um torneio internacional, de outro, a tragédia aérea que culminou com a morte de 71 pessoas, entre jogadores, comissão técnica, dirigentes e convidados da equipe, profissionais da imprensa e tripulantes da *LaMia*¹³⁷.

A temporada não poderia ter começado melhor. A Chapecoense venceu o turno do Campeonato Estadual Catarinense com 23 pontos, sendo sete vitórias, dois empates e nenhuma derrota, seis pontos à frente do segundo colocado, Avaí; com isso, o time do Oeste catarinense garantiu vaga na final do campeonato. No retorno, o clube de Chapecó ficou em quarto, sendo o Joinville o primeiro. Na final entre as duas equipes, melhor para a Chapecoense, que venceu o jogo de ida por um a zero na Arena Joinville e empatou em casa (um a um) para levantar o quinto troféu do Campeonato Estadual da sua história.

Figura 38 – Chapecoense 2016 (equipe campeã catarinense)



Fonte: NEDEL, 2017, p. 161.

Já no segundo semestre de 2016, a equipe, pela primeira vez, passou da segunda fase da Copa do Brasil, mas parou na terceira. Para isso, venceu o Princesa do Solimões Esporte Clube (AM) na primeira fase pelo placar agregado de quatro a um, o Paraná Clube (PR), na segunda

¹³⁷ Os seis sobreviventes: Jackson Follmann (goleiro), Hélio Zampier Neto (zagueiro), Alan Ruschel (lateral-esquerdo), o jornalista Rafael Henzel e os tripulantes Erwin Tumiri e Ximena Suarez.

fase, por três a dois somando as duas partidas e foi eliminado na terceira fase pelo Clube Atlético Paranaense (PR) pelo critério do gol qualificado¹³⁸. Na Série A do Campeonato Brasileiro, terceiro “Brasileirão” consecutivo do time, a Chapecoense terminou no 11º lugar, melhor posição na elite nacional até aquele momento, ficando com 52 pontos, sendo o quinto time que menos perdeu na competição, entre vinte agremiações.

A segunda participação da Chapecoense na Copa Sul-Americana foi histórica; depois de sair nas quartas de final para o Club Atlético River Plate, no ano anterior, em 2016, o time de Chapecó conseguiu chegar à final. A trajetória até a decisão começou em Cuiabá (MT), contra o Cuiabá Esporte Clube, já pela segunda fase da Sul-Americana, onde a equipe do Oeste catarinense perdeu por um a zero; no jogo da volta, a Chapecoense chegou a estar perdendo o jogo por um a zero no primeiro tempo, mas virou a partida e venceu por três a um, classificando-se para as oitavas de final. Nas oitavas, a equipe enfrentou o Club Atlético Independiente, clube com maior número de títulos na Copa Libertadores da América (sete). Houve o mesmo placar nas duas partidas, tanto a realizada na Argentina, quanto a no Brasil, zero a zero, levando a disputa para os pênaltis¹³⁹; após oito cobranças para cada lado, o time catarinense venceu por cinco a quatro, classificando-se à próxima fase da competição. Nas quartas de final, a Chapecoense enfrentou o Club Deportivo Popular Junior Fútbol (ou Junior de Barranquilla), equipe da Colômbia¹⁴⁰. No jogo de ida, no Estádio Metropolitano Roberto Meléndez, em Barranquilla, o time brasileiro foi derrotado por um a zero; na volta, porém, na Arena Condá, derrotou os colombianos por três a zero, indo à semifinal de um torneio internacional pela primeira vez. Na semifinal, o embate foi contra o Club Atlético San Lorenzo de Almagro, outra equipe argentina; depois de um empate, em Buenos Aires, em um

¹³⁸ Como ocorrera no ano anterior, a Chapecoense conquistou uma das seis vagas do Brasil na Copa Sul-Americana destinadas aos melhores times do País eliminados até a terceira fase da Copa do Brasil.

¹³⁹ Sistema de disputa em que cada uma das equipes tem direito a cinco cobranças de pênaltis alternadas. Vence o time que converter mais gols ao final das cinco cobranças; caso persista o empate, há cobranças alternadas, até que uma equipe erre e a outra converta.

¹⁴⁰ Para a viagem até Barranquilla, a Chapecoense fretou um voo da *Lamia Corporação*. A viagem, conforme relatado pelos próprios jogadores e comissão técnica no documentário *A lenda condá* (2017), foi desgastante e durou mais de 22 horas. O time de Chapecó enfrentou o Cruzeiro Esporte Clube (MG), em Belo Horizonte, no dia 16 de outubro (domingo), pela 31ª rodada da Série A do Campeonato Brasileiro. Após a partida, a delegação da Chapecoense voou de Belo Horizonte para Corumbá (MS) (1.734 km), de lá foi de carro até a cidade de Puerto Suárez, na Bolívia (21 km), de Puerto Suárez foi para Cobija, Bolívia, de avião (637 km) e, por fim, de Cobija até Barranquilla, Colômbia (3.299 km). O planejamento inicial da Comissão técnica era chegar à Colômbia na segunda à noite, mas a Chapecoense só desembarcou em Barranquilla na terça, véspera do jogo. “Para chegar ao seu destino, o Verdão enfrentou ônibus, avião e até uma van sem portas na Bolívia antes de pegar o voo para a Colômbia.” (COM 22 HORAS..., 2016, *on-line*).

a um, a Chapecoense, em um jogo emocionante¹⁴¹, empatou em casa em zero a zero para se garantir na final, por conta do gol qualificado. A final seria contra o Club Atlético Nacional, sendo a primeira partida no dia 30 de novembro de 2016, no estádio Atanasio Girardot, em Medellín, na Colômbia, mas na véspera da partida, no dia 29, aconteceu a queda do avião com jogadores, comissão técnica, dirigentes e convidados da Chapecoense, profissionais da imprensa e tripulantes do voo¹⁴².

Em 2017, continuou com seus grandes feitos, conquistando, mais uma vez, o Campeonato Estadual Catarinense pela sexta vez; no Campeonato Brasileiro, terminou em oitavo lugar, com 54 pontos, sua melhor participação na elite do futebol nacional, conquistando, inclusive, vaga para disputar a Copa Libertadores da América 2018; na Libertadores 2017, foi desclassificada na fase de grupos, após vencer dois jogos, empatar um e perder três; na Sul-Americana, foi eliminada nas oitavas de final para o Clube de Regatas do Flamengo (RJ); na Copa do Brasil e na Primeira Liga do Brasil¹⁴³, foi eliminada pelo Cruzeiro Esporte Clube (MG)¹⁴⁴.

Do ponto de vista discursivo, constatamos, nesta história, elementos significativos de superação e ascensão, os quais serão explorados, como veremos no capítulo de análise, na cobertura “ao vivo” empreendida pela *Globo News* sobre a queda do avião envolvendo jogadores, comissão técnica, dirigentes e convidados da Chapecoense, profissionais da imprensa e tripulantes da *LaMia*.

¹⁴¹ “[...] neste jogo, o empate sem gols garantiria a Chape na grande final. O jogo estava zero a zero, e o juiz deu quatro minutos de acréscimo no final da partida. Aos quarenta e oito minutos e cinquenta segundos do segundo tempo, o atacante Blandi, do San Lorenzo, a menos de dois metros de Danilo, cara a cara, desferiu um chute à queima-roupa; Danilo defendeu no puro reflexo, com o pé direito. Foi eleito o melhor jogador em campo e ovacionado pela torcida como o herói da classificação para a final.” (NEDEL, 2017, p. 165).

¹⁴² No dia 5 de dezembro, a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) declarou a Chapecoense campeã da Copa Sul-Americana 2016, após reunião entre seus membros e um pedido do próprio Atlético Nacional. Com isso, a equipe brasileira garantiu vaga na Copa Libertadores da América 2017 e na final da Recopa Sul-Americana 2017 (que coloca frente a frente o campeão da Libertadores e o da Sul-Americana, coincidentemente, nesse caso, Atlético Nacional e Chapecoense novamente, já que, como dito, o time colombiano havia sido campeão da Libertadores de 2016).

¹⁴³ Competição criada em 2015 por uma liga independente de clubes, à revelia da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que normalmente organiza os campeonatos no País.

¹⁴⁴ Optamos por não detalhar o ano de 2017, como os anos anteriores, por não ser foco da nossa pesquisa, uma vez que buscamos, no trajeto narrativo aqui empreendido, dar a conhecer uma história da Chapecoense desde sua fundação até o acidente, instituindo, ou atribuindo a ela, uma espécie de *ethos*, que, cremos, será de fundamental importância para compreendermos e tecermos comentários a respeito da cobertura midiática da *Globo News* a respeito não somente do acidente aéreo, mas de seus desdobramentos e interseções.

4 GLOBO NEWS, ENTRE O DIA A DIA E O “AO VIVO”

A análise da cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News* naquele dia 29 de novembro de 2016 passa, primeiramente, por entendermos, discursivamente, a dinâmica de um canal só de notícias. Nesse sentido, antes de nos aprofundarmos na materialidade discursiva do *corpus*, a fim de identificarmos possíveis interpretativos, faremos uma digressão por um conjunto de elementos que emoldura a cobertura “ao vivo” propriamente, mas que, com ela, compõe toda a situação de comunicação.

4.1 Situações de comunicação em uma emissora *all news*

No capítulo 3, apresentamos, detalhadamente, a grade programática da *Globo News* durante uma semana, entre 20 e 26 de novembro de 2016 (semana anterior à queda do avião da *LaMia*). Aqui, com o intuito de compreendermos a dinâmica discursiva de um canal de telejornalismo 24 horas, vamos descrever a programação da *Globo News* no dia anterior à queda do avião envolvendo jogadores, comissão técnica, dirigentes e convidados da Chapecoense, profissionais da imprensa e tripulantes do avião CP-2933. Em seguida, mostraremos como foi a programação da emissora no dia do acidente, com a grade derrubada¹⁴⁵. Feito isso, passaremos à análise dessas programações (regular e “ao vivo”) na condição de situações de comunicação (ou, como dissemos no capítulo 2, situações potencialmente comunicativas), dando ênfase aos contratos ali estabelecidos e ao nível situacional que vai determinar as trocas tanto na programação regular, como no “ao vivo”.

Quadro 11 – Programação regular

Programação regular <i>Globo News</i> (28 nov. 2016)				
Horário	Programa	Gravado	“Ao vivo”	Reprise
0h01min37	<i>Jornal Globo News – Edição da meia-noite</i>		✓	
0h07min10	<i>Fantástico (Rede Globo)</i>	✓		✓
2h16min43	<i>Boletim de Notícias</i>		✓	
2h20min18	<i>Fernando Gabeira</i>	✓		✓
2h43min19	<i>Jornal das Dez</i>	✓		✓
3h16min10	<i>Globo News Entrevista</i>	✓		✓

¹⁴⁵ “Derrubar a grade: quando toda a programação normal é suspensa e deixa de ser exibida para dar lugar à transmissão de um fato ou evento.” (PATERNOSTRO, 2006, p. 444).

Programação regular <i>Globo News</i> (28 nov. 2016)				
Horário	Programa	Gravado	“Ao vivo”	Reprise
3h44min35	<i>Globo News Documento</i>	✓		✓
4h11min07	<i>Boletim de Notícias</i>		✓	
4h15min15	<i>Cidades e Soluções</i>	✓		✓
4h37min24	<i>Sem Fronteiras</i>	✓		✓
5h03min15	<i>Boletim de Notícias</i>		✓	
5h07min06	<i>Manhattan Connection</i>	✓		✓
6h00min21	<i>Jornal Globo News – Edição das 6h</i>		✓	
6h31min19	<i>Conta Corrente</i>	✓		✓
7h01min01	<i>Jornal Globo News – Edição das 7h</i>		✓	
7h30min46	<i>Globo News Documento</i>	✓		✓
8h00min06	<i>Jornal Globo News – Edição das 8h</i>		✓	
8h32min09	<i>Globo News Entrevista</i>	✓		✓
9h03min46	<i>Bom Dia, Brasil (Rede Globo)</i>	✓		✓
9h59min53	<i>Jornal Globo News – Edição das 10h</i>		✓	
12h04min53	<i>Manhattan Connection</i>	✓		✓
13h04min06	<i>Jornal Globo News – Edição das 13h</i>		✓	
14h09min53	<i>Estúdio I</i>		✓	
16h00min08	<i>Jornal Globo News – Edição das 16h</i>		✓	
18h00min00	<i>Jornal Globo News – Edição das 18h</i>		✓	
20h00min30	<i>Globo News em Pauta</i>		✓	
21h00min06	<i>Conta Corrente</i>		✓	
21h31min46	<i>Cidades e Soluções</i>	✓		
22h00min09	<i>Jornal das Dez</i>		✓	
23h05min49	<i>Mundo S/A</i>	✓		
23h32min41	<i>Diálogos com Mário Sérgio Conti</i>	✓		

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 12 – Programação na cobertura “ao vivo”

Programação na cobertura “ao vivo” <i>Globo News</i> (29 nov. 2016)				
Horário	Programa	Gravado	“Ao vivo”	Reprise
0h01min45	<i>Jornal Globo News – Edição da meia-noite</i>		✓	
0h31min38	<i>Conta Corrente</i>	✓		✓
1h00min03	<i>Jornal Globo News – Edição das 1h</i>		✓	
1h33min22	<i>Globo News em Pauta</i>	✓		✓
2h29min59	<i>Jornal Globo News</i> ¹⁴⁶		✓	
2h34min45	<i>Jornal das Dez</i>	✓		✓
3h25min53	<i>Jornal Globo News – Edição das 4h</i>		✓	
3h32min09	<i>Jornal das Dez</i>	✓		✓
3h37min36	<i>Jornal Globo News – Edição das 4h</i>		✓	
4h59min58	<i>Jornal Globo News – Edição das 5h</i>		✓	
5h59min56	<i>Jornal Globo News – Edição das 6h</i>		✓	
7h02min18	<i>Jornal Globo News – Edição das 7h</i>		✓	
8h22min43	<i>Jornal Globo News – Edição das 8h</i>		✓	
10h02min52	<i>Jornal Globo News – Edição das 10h</i>		✓	
12h00min29	<i>Jornal Globo News – Edição do meio-dia</i>		✓	
13h05min53	<i>Jornal Globo News – Edição das 13h</i>		✓	
14h02min31	<i>Estúdio I</i>		✓	
16h00min26	<i>Jornal Globo News – Edição das 16h</i>		✓	
18h54min13	<i>Jornal Globo News – Edição das 18h</i>		✓	
21h02min46	<i>Globo News em Pauta</i>		✓	
22h00min05	<i>Jornal das Dez</i>		✓	
23h46min30	<i>Entre Aspas</i>		✓	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base nos QUADROS 11 e 12, identificamos algumas questões postas tanto em relação à programação regular, quanto à da cobertura “ao vivo”. Primeiramente, na programação regular, percebemos que a emissora estabelece os períodos da tarde e da noite como os de maior importância¹⁴⁷ da sua grade, já que neles está concentrada a maioria dos programas “ao

¹⁴⁶ Sem edição específica.

¹⁴⁷ Nosso critério de maior ou menor importância tem a ver com o fato de a emissora necessitar despender mais ou menos recursos técnicos e humanos para transmitir determinada emissão. Dessa maneira, um programa “ao vivo” demanda muito mais que um gravado (já editado), ou uma reprise.

vivo” e inéditos (no caso dos gravados), sendo o período da madrugada o de menor importância. No caso da manhã, é necessário relativizarmos a questão da importância, pois mescla a exibição de reprises com programas “ao vivo”, como é o caso do *Jornal da Globo News – Edição das 10h*, com duas horas de duração. Em segundo lugar, sobre a programação na cobertura “ao vivo”, está explícito o protagonismo da transmissão direta televisiva mesmo no período da madrugada, chegando a ponto de criar edições do *Jornal Globo News* em horários nos quais, tradicionalmente (na programação regular), não há, como *Edição das 5h*, *Edição do meio-dia*, *Edição das 13h* etc.

No âmbito da pressuposição, constatamos que, na programação regular, a *Globo News* valoriza e busca oferecer uma programação diversificada, com a presença de gêneros variados dentro do escopo do discurso midiático de informação, como entrevista, documentário, debate etc.; mas, ademais, fica patente o protagonismo do “ao vivo” e do telejornal, gênero sempre presente ao longo do dia, seja em versão de cinco minutos, seja com duração de duas horas. A pressuposição que podemos fazer em se tratando da programação na cobertura “ao vivo” é que a emissora pode, sempre que julgar devido (critérios de noticiabilidade), derrubar a grade regular para dar prioridade à transmissão direta de um grande acontecimento noticioso; nesse sentido, nenhuma grade programática é mais importante que uma cobertura “ao vivo”¹⁴⁸.

Não obstante a programação regular da *Globo News* seja diversa e o telejornal tenha protagonismo, fica subentendido na grade do dia a dia que a emissora quer se mostrar atenta e disponível (no sentido de estar à disposição) para os acontecimentos do dia; ainda que nada de relevante aconteça (e seja digno de ser transmitido “ao vivo”¹⁴⁹), “nós estaremos aqui e, de uma em uma hora (ou quase isso), vamos te dizer sobre o que pensar, ou com o que se importar”. Da programação na cobertura “ao vivo”, fica subentendido, entre outras possibilidades interpretativas, que a *Globo News* está sempre preparada para derrubar sua grade e transmitir em direto um grande acontecimento, pois “temos recursos técnicos, pessoas qualificadas e capacidade para tal”, ainda que seja de madrugada, como no caso da tragédia com a Chapecoense.

¹⁴⁸ Inclusive, no dia da cobertura sobre a queda do avião da *LaMia*, a *Globo News* deixou de transmitir à noite dois programas gravados e inéditos já anunciados anteriormente: *Fernando Gabeira* e *Ofício em Cena*.

¹⁴⁹ Levando-se em conta o que é notícia e o que é importante para a *Globo News*.

Trazemos a seguir o QUADRO 13, que tem por objetivo comparar, quantitativamente, o tempo das enunciações “gravadas e reprisadas”, “gravadas, mas inéditas” e “ao vivo” dos dias 28 (programação regular) e 29 (programação na cobertura “ao vivo”) da *Globo News*. Esse viés quantitativo a que recorreremos inicialmente estará presente em outros momentos deste capítulo 4 e ainda no seguinte, o 5; nesse sentido, concordamos com Charaudeau (2011) quando este diz que:

Essa fase quantitativa permite, por um lado, constituir índices baseados em resultados estatísticos, índices que são suscetíveis de desempenhar o papel de sintoma, e sobre os quais são desenvolvidas análises qualitativas ulteriores; por outro lado, ela permite constituir um corpus-amostra, isto é, um conjunto de fragmentos de texto que pode ser considerado como representativo em relação a categorias que servirão para analisá-lo de maneira qualitativa: a fala dos atores, as características do dispositivo, o tratamento da temática. (p. 20).

Quadro 13 – Comparação entre as programações

Tipo de enunciação	Programação 28 nov. 2016	Programação 29 nov. 2016
Gravada, reprise	9h07min36	2h21min36
Gravada, inédita	1h24min23	
“Ao vivo”	13h28min01	21h38min24
Total	24h00min00	24h00min00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observando o QUADRO 13, podemos ratificar boa parte das asserções que fizemos anteriormente, sobretudo aquelas que estão postas e pressupostas. Isso porque, em relação à programação regular, observamos que há, de fato, uma diversidade nos tipos de enunciação, sendo pouco mais de 56% “ao vivo”, 38% “gravadas e reprisadas” e 6% “gravadas, mas inéditas”. No caso da programação da cobertura “ao vivo”, constatamos uma supremacia de enunciações do tipo “ao vivo”, mais de 90% da grade, sobrando menos de 10% para enunciações do tipo “gravadas e reprisadas”.

Levando em consideração esses cenários acerca dos tipos de programação (regular e “ao vivo”) existentes na *Globo News* e aquilo que expusemos no capítulo 3, sobre as peculiaridades da emissora, de seus programas e de sua grade ao longo de uma semana, explicaremos daqui por diante os dados externos da situação de comunicação emissora de jornalismo 24 horas, bem como as implicações e coerções que, conseqüentemente, são suscitadas desse extralinguístico.

A *Globo News* caracteriza-se por ser um EU comunicante compósito, uma instância de produção cuja identidade é formada por um grupo heterogêneo de profissionais (âncoras¹⁵⁰, repórteres/correspondentes, comentaristas, especialistas, entre outros¹⁵¹) – quando da análise do nível semiolinguístico da cobertura “ao vivo”, vamos detalhar parte desses profissionais que compõe essa macroinstância de produção, seus papéis languageiros e suas maneiras de dizer na encenação do discurso midiático de informação dessa emissora. No nível discursivo, a *Globo News* se projeta, no mínimo, de duas maneiras se levarmos em conta o que observamos nas programações, por exemplo. Por um lado, quando na programação regular da emissora, identificamos um EU enunciador que é dinâmico, plural, onisciente, onipresente e credível; por outro, quando em programações de cobertura “ao vivo”, como o fez na transmissão do acidente envolvendo a Chapecoense, ademais desses atributos, o canal se projeta como um EU enunciador preparado, qualificado e capaz de lidar com a cobertura de um acontecimento de última hora.

A projeção realizada pela instância de produção na condição de EU comunicante não se dá só no sentido de constituir um EU enunciador, mas no propósito de conceber um TU destinatário, isto é, um receptor idealizado (ou destinatário-alvo). O fato de ser um canal segmentado, especializado em discurso de informação midiática, favorece a *Globo News* na constituição desse TU destinatário, uma vez que dificilmente uma criança, ou mesmo um adolescente, por exemplo, será alvo de uma emissão do canal – diferentemente de uma emissora de variedades, que não tem em sua grade apenas jornalismo, mas programa de auditório, telenovela, filme, série, *reality show*, entre outros gêneros que não são característicos do universo do discurso midiático de informação.

Como dissemos no capítulo 2, no caso do discurso midiático de informação, a notícia – e cremos que a própria programação de uma emissora – é construída a partir do processo de transformação-transação. A transação tem a ver com as suposições que a emissora faz em relação ao telespectador que vai assistir aos seus programas (ver suas notícias) e, por isso, diz respeito a essa projeção de um TU destinatário. Nesse sentido é que, aqui, vamos tentar

¹⁵⁰ Utilizamos nesta tese o termo “âncora” em detrimento de “apresentador” porque entendemos que o papel que esse sujeito desempenha na situação de comunicação é, ademais de apresentar, participar, comentar e, em última instância, guiar o telespectador pelo “mundo dos acontecimentos”.

¹⁵¹ Obviamente, são parte desse grupo diverso aqueles que não estão em frente às câmeras, como editores, jornalistas de redação, câmeras, iluminadores, técnicos em áudio, administradores etc.

entender o perfil desse receptor idealizado, o que lhe interessa saber e como lhe é dito, com base nas programações regular e “ao vivo” que anteriormente trouxemos à tona¹⁵².

Trata-se de um TU destinatário que, em dias normais, busca saber as últimas notícias, sobretudo de política (nacional ou internacional) e macroeconomia, mas precisa ter essas informações à disposição em vários horários do dia de maneira rápida, clara e objetiva (edições mais curtas do *Jornal Globo News*), ou, quando pode, em um telejornal mais completo (*Edição das 10h*, *Edição das 16h* e *Edição das 18h*, que têm duração de duas horas). À noite, sobretudo, quer assistir a telejornais que vão lhe mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no dia, com comentários e análises (*Jornal das Dez*), e programas de variedades com temas diversos: ecologia (*Cidades e Soluções*), atualidade (*Fernando Gabeira*, *Globo News Documento*, *Milênio* etc.), finança e negócio (*Conta Corrente*, *Mundo S/A*), de debates (*Entre Aspas*, *Globo News em Pauta*). Nos dias de cobertura “ao vivo” de algum grande acontecimento noticioso, a emissora concebe um TU destinatário presente e ávido por novas informações relacionadas àquele acontecimento; ele quer ouvir envolvidos no ocorrido (testemunhas, parentes, autoridades), especialistas, comentaristas, repórteres *in loco*, ver imagens (em movimento, foto, ou mesmo as de simulação), saber o que outras partes do mundo estão pensando sobre aquilo.

Por fim, o TU interpretante, aquele que, de fato, é a audiência das programações e programas da emissora, é um enigma, pois é tão ou mais heterogêneo que o canal e dispõe de infinitas particularidades às quais a instância de produção não tem real acesso e conhecimento. Para a Análise do Discurso, inclusive, talvez o maior desafio seja a realização de pesquisas envolvendo esse sujeito interpretante, ainda que se utilize pesquisa em recepção, etnografia, grupos focais, entre outras técnicas.

Tomando, por ora, outro dado externo da situação de comunicação que se apresenta na *Globo News* como emissora de jornalismo 24 horas, temos a finalidade ou a intencionalidade. A emissora tem como visada dominante a informativa (ou de “fazer saber”), isto é, a *Globo News* está na posição de sabedora em relação ao TU, que está na posição de dever saber. No entanto, como em outros discursos do tipo, percebemos a presença da visada patêmica (ou de

¹⁵² O processo de transformação, por seu turno, será retomado quando fizermos a análise propriamente do nível semiolinguístico da cobertura “ao vivo”, quando vamos perscrutar o posicionamento enunciativo da emissora, bem como os modos de organização do discurso por ela utilizados para transformar o acontecimento em notícia.

“fazer sentir”), em que o EU quer provocar sensações, agradáveis ou não, no TU, que está em posição de se sensibilizar.

No caso específico da *Globo News*, constatamos duas peculiaridades a partir das observações feitas até aqui: 1) na programação regular, em que pode haver até 22 edições do *Jornal Globo News* num mesmo dia, depreendemos que, por vezes, essa necessidade de, a cada hora, enunciar as principais notícias do dia tem uma finalidade informativa, sim, mas traz consigo um forte viés que caracteriza a visada patêmica, que é a sensação de estar informado sobre todos os acontecimentos mais importantes do dia; 2) na programação “ao vivo”, há o caráter informativo da cobertura em direto, mas, como na programação regular, por conta do excesso de informações, temos, por um lado, o sentimento de estar informado sobre o ocorrido e, por outro, a sensação da ausência de novidades sobre aquele acontecimento, à medida que se está “ao vivo” e que nenhuma nova informação nos vem; ademais, no caso de acontecimentos com vítimas, como o é o da Chapecoense, a visada patêmica se presentifica em muitos momentos: no anúncio das mortes, nas entrevistas com parentes e amigos etc.

O propósito, como mais um elemento que constitui qualquer situação de comunicação, tem a ver com o objeto temático da troca languageira, isto é, do que se trata um canal de jornalismo 24 horas? No caso da *Globo News*, trata-se de uma instância que pertence ao universo do discurso midiático de informação; nesse sentido, o TU interpretante, ao assisti-la, identifica nela elementos que são característicos de um tipo de discurso que se coloca como “verdade” (ou verossímil), como “natural”, embora saibamos que, na verdade, do acontecimento à notícia, há um processo de percepção-captura-sistematização-estruturação. No caso da cobertura “ao vivo” da *Globo News* sobre a queda do avião com a equipe da Chapecoense, constatamos, porém, em determinados momentos, que esse processo nem sempre é feito pela própria emissora, mas por agência de notícia, por exemplo, cabendo ao canal apenas enunciá-lo¹⁵³. Isso se dá, obviamente, por conta da atualidade (tempo entre o acontecimento e a informação), posto que a transformação do “mundo a descrever e a comentar” em “mundo descrito e comentado” é quase simultânea.

¹⁵³ Conforme abordou Esperidião (2011), o quarteto *Associated Press* (Estados Unidos), *Reuters* (Reino Unido), *France Presse* (França) e *EFE* (Espanha) controla até 90% das notícias distribuídas aos veículos de comunicação do mundo.

As circunstâncias materiais de realização, como último elemento externo extralinguístico, têm a ver com os próprios recursos da televisão, que é composta de imagens e palavras (textual e sonora), que entendemos como sendo elementos interdependentes e de mesma importância. No caso da *Globo News*, quando da análise das imagens postas no quadro, iremos dar ênfase aos elementos fabricados por computação que estão presentes durante toda a cobertura “ao vivo”, sobretudo o *crawl*¹⁵⁴, que foi objeto de pesquisa da nossa dissertação¹⁵⁵.

4.2 A publicidade na programação “ao vivo”

Ainda que a programação da *Globo News* seja composta por gêneros que têm, como vimos no capítulo 3 e mesmo aqui no 4, como objetivo apresentar um discurso midiático de informação com a finalidade de reportar e esclarecer, por um viés racionalizante, os fatos do mundo, o viés econômico-empresarial (CHARAUDEAU, 2010b; JOST, 2007), comum às TVs comerciais, se faz presente ao longo da grade e programação do dia 29 de novembro de 2016, mais abertamente, como nas publicidades (anúncios comerciais propriamente), ou quando menos óbvias, como nas propagandas (mensagens de autopromoção). Antes de discorrer sobre tal questão, pensamos ser válido delimitar o quinhão da publicidade e o da propaganda.

Segundo Gomes (2001), embora usadas como sinônimos, sobretudo no Brasil, publicidade e propaganda têm conceitos próprios. Ambas vêm integrar um contexto maior, denominado *marketing*, e têm como elementos comuns a capacidade informativa e a força persuasiva, mas a publicidade tem caráter comercial, enquanto a propaganda, ideológico. Isso tem razão de ser, ainda de acordo com a autora, por conta de aspectos históricos e técnicos.

A publicidade atual surge com a Revolução Industrial e sua vontade de progresso, urbanização, produção em massa. A presença de anúncios publicitários em meios de comunicação massivos, no entanto, só se deu a partir do século XIX, sobretudo nos jornais da época, a fim de escoar a produção em massa. A propaganda, por seu turno, tem origem com a Igreja Católica Apostólica Romana, quando esta vê sua soberania político-ideológica

¹⁵⁴ *Crawl*: caracteres posicionados na parte inferior da tela, passando da direita para a esquerda. Interessante observar que *crawl*, em tradução livre, significa “rastejar”, o que, de fato, o texto em movimento faz na parte inferior da tela. *Crawl* trata-se, ainda, do principal estilo da natação, aquele que, normalmente, é o primeiro a ser aprendido e o mais veloz.

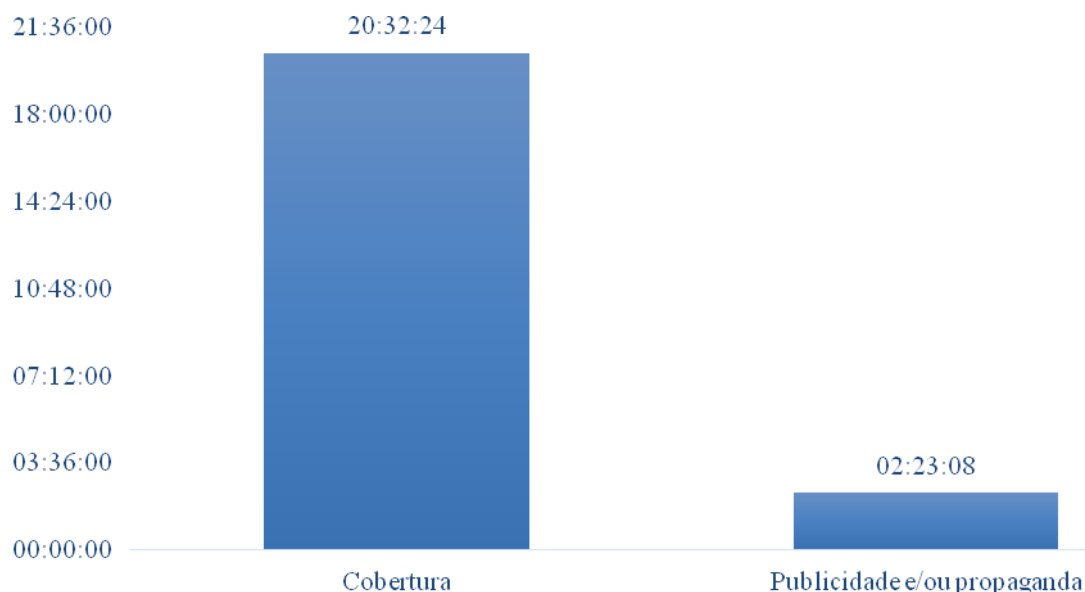
¹⁵⁵ Ver: SILVA, André Luiz. *Ver, ouvir... ler: uma análise discursiva da estrutura, da apresentação e dos textos em movimento de telejornais de emissoras all news do Brasil*. 203 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, CEFET-MG, Belo Horizonte, 2014.

ameaçada pelas ideias luteranas. Nesse sentido, Gomes (2001) disse: “Podemos dizer que propaganda é o controle do fluxo de informação, direção da opinião pública e manipulação – não necessariamente negativa – de condutas e, sobretudo, de modelos de conduta.” (p. 117).

Tecnicamente, a publicidade se baseia em três aspectos: ter um produto, produzir um anúncio (ou mais) desse produto, veicular esse(s) anúncio(s) nos meios de comunicação em um espaço pago, atribuindo-o(s) a um promotor. Do mesmo modo, a propaganda passa pelos mesmos aspectos técnicos; há, no entanto, duas diferenças: 1) não há, necessariamente, um produto, pode ser uma ideia, e 2) em sua veiculação nos meios massivos, pode vir, ou não, a identificação do promotor, e pode se dar em forma de anúncios pagos ou não, sendo até mesmo exibida na forma de reportagens, editoriais, filmes e outros formatos. Discursivamente, tanto a publicidade, quanto a propaganda têm como principais visadas a incitativa (“fazer acreditar”), fazendo com que o TU interpretante creia (a partir do TU destinatário concebido pela instância de produção) que o produto (publicidade) ou a ideia (propaganda) são não apenas coerentes ou aceitáveis, mas necessárias a ele.

Passando à análise da programação no que tange à presença da publicidade e/ou da propaganda no dia 29 de novembro de 2016, identificamos, num espectro quantitativo, que pouco mais de 11,5% do tempo total de cobertura da queda do avião da *LaMia* foi com a transmissão de anúncios (GRÁFICO 1). Dessa forma, o *corpus* por nós selecionado como sendo o tempo total da cobertura “ao vivo” realizada naquele dia é de 20h32min24, sendo 2h23min08 de publicidade e/ou propaganda.

Gráfico 1 – Tempo total – cobertura x publicidade e/ou propaganda



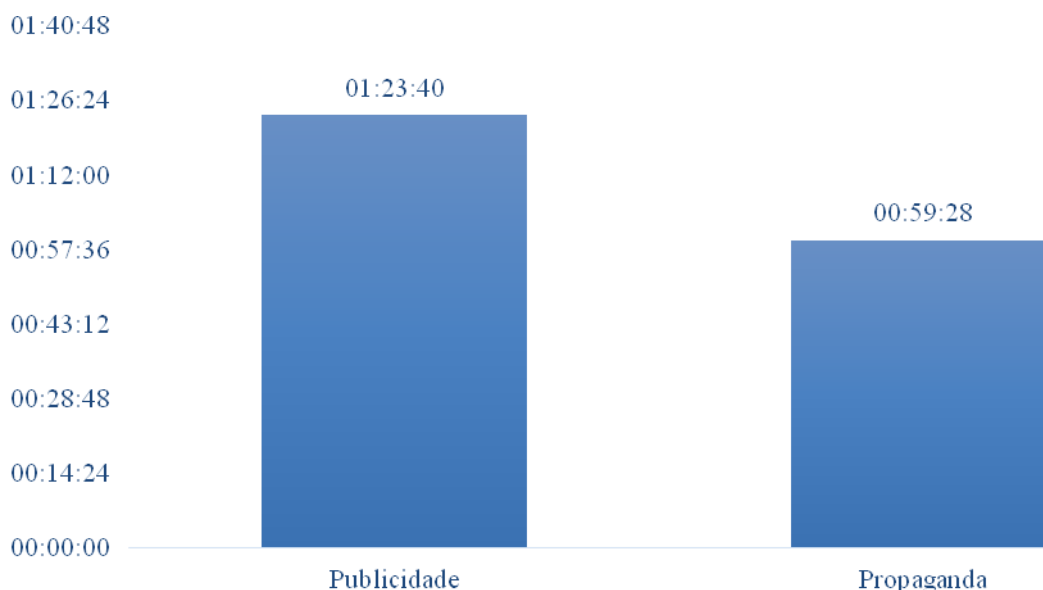
Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação a esses dados, interessante constatar que, de maneira geral, devido à urgência de uma cobertura “ao vivo”, houve menos intervalos para publicidade e/ou propaganda se compararmos com os dias de programação normal, isto é, sem um fato que interrompa o fluxo programático. Um telejornal que tem duração de uma hora (*J10*, por exemplo) conta com quatro ou cinco blocos de notícias, sendo quatro a cinco intervalos para publicidade e/ou propaganda. No dia 29 de novembro de 2016, o *J10* contou com apenas três blocos, ainda que a emissão tenha durado uma hora e meia, e não uma hora como de costume. Nesse sentido, vale destacarmos que, de 3h37, quando se deu início, de fato, à cobertura “ao vivo” da queda do avião que transportava a Chapecoense, até as 6h57, só houve cinco intervalos para publicidade e/ou propaganda; isto é, durante três horas e vinte minutos, houve o mesmo número de intervalos de um telejornal com duração de uma hora em circunstâncias normais. Discursivamente, está implícito, como um dos possíveis interpretativos, que, em se tratando de coberturas “ao vivo” de grandes acontecimentos noticiosos, sobretudo quando em situações de “tragédia”, o viés cidadão da emissora se sobrepõe, pelo menos em parte, ao seu interesse comercial.

Ao longo de toda a cobertura “ao vivo” realizada naquele 29 de novembro de 2016, ou seja, das 3h37 às 23h59, houve 39 interrupções para exibição de publicidade e/ou propaganda, seja nos intervalos de um mesmo programa, seja entre o término de uma emissão e o início de

outra, o que totalizou, como dissemos anteriormente, 2h23min08. Desse tempo total, contudo, constatamos que 1h23min40 (58,5%) é de publicidade e 59min28 (41,5%) é de propaganda (GRÁFICO 2),

Gráfico 2 – Tempo total – publicidade x propaganda



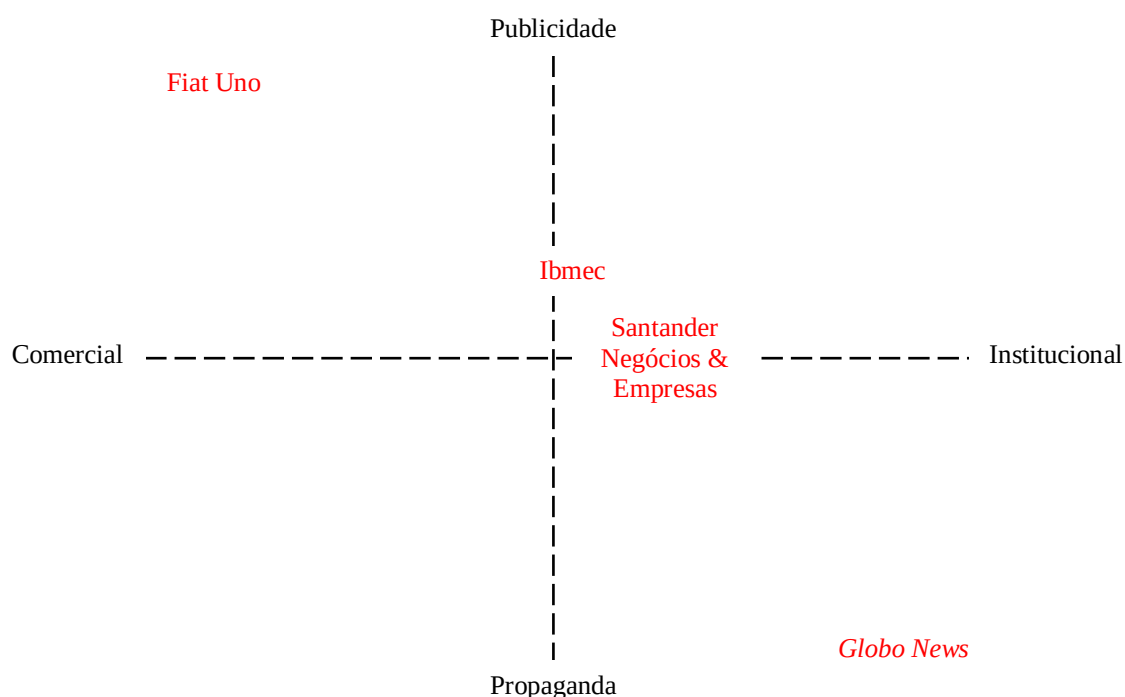
Fonte: Elaborado pelo autor.

No entanto, acreditamos que a constituição da identidade da *Globo News* como emissora que informa e do público que ela projeta como seu TU destinatário se dá não apenas nos aspectos discursivos presentes em seus programas informativos, mas na própria publicidade e propaganda que compõe sua programação. Por isso, cremos ser necessário e salutar esmiuçar os tipos de publicidade e propaganda presentes na grade da *Globo News*.

Inicialmente, propomos a elaboração da FIGURA 39 em que traçamos duas linhas retas, uma na vertical e outra na horizontal, para posicionarmos e localizarmos os tipos de anúncios presentes veiculados na *Globo News* no dia 29 de novembro de 2016, dia em que ocorreu a queda com o avião da *LaMia*. Na parte superior da reta vertical, posicionamos a “publicidade”, isto é, todo e qualquer anúncio pago em que se apresente um produto ou serviço e se identifique seu promotor; na parte inferior dessa mesma reta está a “propaganda”, ou seja, aquilo que não seja venda direta, mas promova uma ideia. No extremo direito da reta horizontal, estabelecemos o termo “institucional”, referente a anúncios que têm como objetivo reforço de marca; já no extremo esquerdo dessa reta, posicionamos a palavra “comercial”,

para dizer de anúncios com o intuito específico de vender a um público final que assiste ao canal. Dito isso, ressaltamos dois aspectos importantes antes de dar a ver a figura por nós proposta: 1) não queremos com isso estabelecer posições estanques para manifestações discursivas tão complexas quanto os anúncios publicitários e propagandísticos exibidos na TV, que têm arestas por aparar ainda hoje, como mostramos com Gomes (2001); 2) certamente que, dentre tantos enunciados publicitários e propagandísticos, há aqueles que são publicidade (por vender algo ou algum serviço) e, ao mesmo tempo, propaganda (por buscar sedimentar uma ideia de mundo), e outros que são “institucional” (por visar o fortalecimento de uma marca) e concomitantemente “comercial” (por visar seduzir o consumidor imediato).

Figura 39 – Tipos de anúncios presentes na programação na *Globo News* em 29 nov. 2016.



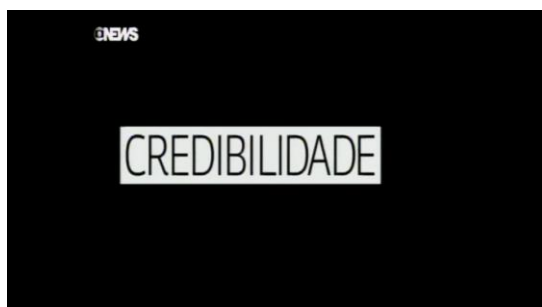
Fonte: Elaborada pelo autor.

A fim de exemplificar nosso esquema, selecionamos quatro anúncios exibidos durante a cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News* sobre o acidente com o avião da *LaMia* no dia 29 de novembro de 2016, a saber: *Globo News* (propaganda/institucional), *Ibmec* (publicidade/institucional), *Fiat Uno* (publicidade/comercial) e *Santander – Negócios & Empresas* (propaganda/comercial). Dessa maneira, vamos analisar as manifestações discursivas que estão postas nesses anúncios, buscando evidenciar elementos sonoros, verbais e visuais que vão corroborar nossos critérios de posicionamento dentro da FIGURA 39.

a) Anúncio 1: *Globo News*

- tipo de anúncio: propaganda institucional
- tempo de duração: 6s a 1min (variados)
- quantidade de vezes exibidas durante a cobertura: 122
- transcrição¹⁵⁶:

Figura 40 – *Globo News*



Credibilidade

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 41 – *Globo News*



é diferente

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 42 – *Globo News*



de tomar partido

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

¹⁵⁶ Para análise dos anúncios, optamos por reproduzir os *frames*-chave, aqueles mais representativos.

Figura 43 – *Globo News*

Globo News. Há 20 anos nunca desliga.

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Das 39 interrupções para exibir anúncios publicitários e propagandísticos ocorridas no dia 29 de novembro de 2016 na *Globo News*, entre 3h37 e 23h59, em apenas uma o canal não exibiu nenhuma propaganda de autopromoção, seja como esta, que busca reforçar sua marca, seja uma chamada para divulgar alguma emissão que será exibida em outro momento na grade. Ao longo da cobertura realizada naquele dia, contabilizamos 122 anúncios que, em maior ou menor grau, são propaganda institucional da emissora.

Esta propaganda que escolhemos¹⁵⁷ para identificar anúncios que são propaganda institucional tem duração de oito segundos e se caracteriza por não haver texto *off*¹⁵⁸. Sua potência discursiva reside nos aspectos visuais e verbais¹⁵⁹. Visualmente, temos a opção feita pelo uso do branco e do preto, combinação que denota sobriedade e seriedade que o anúncio quer passar. Nesses termos, vale ressaltar que mesmo o logotipo¹⁶⁰ da emissora, tradicionalmente branco e vermelho, mudou de cor, adaptando-se ao anúncio; cremos que essa mudança se deve não apenas para manter a harmonia adotada pela emissão, mas para reforçar o argumento posto em questão, isto é, que a *Globo News* é uma emissora apartidária, isenta e digna de ser credível, e isso justifica a ponderação e a austeridade que o preto e o branco têm capacidade de transmitir, mesmo em seu logotipo. Em termos verbais, temos posto nos três primeiros *frames* um texto que se apresenta como irrefutável: “Credibilidade é diferente de tomar partido”; seguido do logotipo da emissora e seu *slogan*: “Há 20 anos nunca desliga.” Inicialmente, fica pressuposto, de maneira óbvia, diga-se, que tomar partido não é o mesmo que ser crível. Discursivamente, temos um reforço de uma das máximas do jornalismo, segundo a qual o bom jornalismo é imparcial, é o “espelho da realidade”, ainda que, em

¹⁵⁷ O anúncio pode ser assistido em <<https://bit.ly/2X1a7rd>>.

¹⁵⁸ Texto *off*: é o texto gravado para ser editado junto com as imagens da matéria.

¹⁵⁹ No âmbito sonoro, embora não haja texto *off*, há uma melodia ritmada por uma bateria e uma guitarra.

¹⁶⁰ Logotipo: marca ou identificação da emissora, ou de uma emissão específica.

princípio, a tomada da palavra já pressuponha escolhas anteriores. Fica subentendido, por sua vez, uma estrutura que remete ao silogismo clássico:

“Credibilidade é diferente de tomar partido.

A *Globo News* não toma partido.

Logo, a *Globo News* é credível.”

Tal relação silogística fica mais evidente, cremos, se observarmos o *slogan*: “Há 20 anos nunca desliga.”, que sugere ainda uma credibilidade calcada na experiência, nas suas duas décadas no ar, informando ao telespectador; nesse sentido, vale destacar ainda o recurso visual em negrito (*bold*) em “**20 anos**”. Ainda em relação à perspectiva verbal, identificamos a presença do verbo de ligação (ser, estar) “é”, que denota um estado permanente, isto é, ser credível é uma coisa, tomar partido é outra, e isso não é passível de mudança.

Dito isso, podemos observar que emissões como esta vão caracterizar a propaganda institucional, pois não há pressuposto ali anúncio pago, tampouco venda a um consumidor final. Seu intuito, cremos, é de reforçar a marca institucional da *Globo News* como uma emissora credível a partir de uma ideia ali posta.

b) Anúncio 2: *Ibmec*

- tipo de anúncio: publicidade institucional
- tempo de duração: 30s
- quantidade de vezes exibidas durante a cobertura: 2
- transcrição:

Figura 44 – *Ibmec*



Estar à frente do marketing da Coca-Cola

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 45 – Ibmecc



Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

é um desafio e, ao mesmo tempo, um prazer enorme.

Figura 46 – Ibmecc



Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Tem um time de pessoas apaixonadas, supertalentosa, que veem nesse desafio,

Figura 47 – Ibmecc



Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

na verdade, uma chance diária de se desenvolver.

Figura 48 – Ibmecc



Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

A minha formação acadêmica, eu acho que foi fundamental

Figura 49 – *Ibmec*

pro que eu sou hoje, pras minhas tarefas diárias, pros meus desafios diários. E acho que fazer numa instituição renomada,

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 50 – *Ibmec*

como é o Ibmec, faz toda diferença num currículo.

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

O anúncio do *Ibmec*¹⁶¹ talvez seja, dos quatro por nós escolhidos, o que mais contém os quatro pontos do esquema tipológico de anúncios, uma vez que propõe um reforço da marca *Ibmec*, como instituição de ensino de excelência (institucional), sugere a ideia da importância de se fazer graduação e pós-graduação para ter boa colocação no mercado de trabalho (propaganda), trata-se de um anúncio pago, com anunciante identificado e um serviço a oferecer (publicidade), e traz um apelo à venda, quando insinua que o telespectador, caso estude no *Ibmec*, pode obter, como a protagonista do anúncio, um importante emprego. Para nós, todavia, o caráter de publicidade institucional é o que mais se destaca, levando em consideração os elementos sonoros, verbais e visuais ali postos.

Tratando, primeiramente, do aspecto sonoro, ouvimos no anúncio a presença constante de uma melodia agradável, em baixo volume, em que podemos distinguir uma base instrumental ritmada e suave que evoca sensação harmônica e agradável; paralelamente, em alguns momentos da emissão, ouvimos a voz da protagonista em texto *off*. Diferentemente dos outros anúncios selecionados, neste há uma protagonista (Adriana Knackfuss), com identidade psicossocial (diretora de Comunicação Integrada de Marketing da Coca-Cola Brasil e ex-aluna do MBA *Ibmec*) (FIGURA 46) a quem é atribuído o depoimento. Discursivamente, tal

¹⁶¹ O anúncio pode ser assistido em <<https://bit.ly/2WZf3N7>>.

anúncio em uma primeira pessoa traz caráter verídico para o que ali se encena. Pressupõe-se que ela só conseguiu chegar ali pelo fato de ter estudado no *Ibmec*; ademais, fica subentendido que, caso o telespectador o faça, ele vai conseguir chegar em posição semelhante. Isso cria uma ligação entre premissas do âmbito do necessário, a saber: “Se quiser ter um cargo importante em uma grande empresa, tem que estudar no *Ibmec*.”

Em segundo lugar, analisando a presença do verbal no anúncio, reconhecemos parte do caráter institucional que se manifesta. Inicialmente, na FIGURA 45, em que surge “*Ibmec Apresenta*”, enunciado característico de outros gêneros que não o publicitário, como filmes. Tal recurso pressupõe que ali será contada uma história; o que, na verdade, ocorre. A história de uma protagonista que estudou no *Ibmec* e venceu na vida, o que Caeiro (2016) nomeou como projeção etótica ascendente, de um sujeito que venceu¹⁶². Posteriormente, o caráter institucional se presentifica, cremos, no logotipo do *Ibmec*, discreto, mas constante em todo o anúncio no canto inferior direito, não deixando dúvida sobre a instância de produção responsável por aquela emissão. No fim do enunciado, nos deparamos com o que, talvez, seja mais evidente em termos de publicidade, o texto “Inscrições abertas”.

Por fim, acerca dos aspectos visuais destacamos três recursos utilizados no anúncio. A princípio, destaca-se o fato de a emissão ser gravada em um ambiente corporativo, o que sugere seriedade e formalidade de uma grande empresa; em paralelo a isso, vale observar o fato de a protagonista transitar pelos ambientes (FIGURAS 44 e 49), dando a entender que tem muito a fazer e que o trabalho por ela desenvolvido é dinâmico, mas que, observando todo o contexto do enunciado, ela está preparada para lidar com isso, pois se preparou no *Ibmec*. Em segundo lugar, identificamos o uso do primeiríssimo plano (PPP) (FIGURA 47), enquadrando apenas a cabeça da protagonista, o que caracteriza gêneros que têm como característica o depoimento em primeira pessoa; nesse caso, dá-se importância, única e exclusivamente, ao que é dito, tornando todo o entorno como acessório. Finalmente, destacamos o *frame* em que o Pão de Açúcar aparece em segundo plano e a protagonista em primeiro (FIGURA 48), o que pressupõe que ela alcançou uma condição privilegiada geograficamente, por trabalhar em uma empresa que está, talvez, na principal cidade brasileira, ainda que São Paulo seja o centro financeiro do país, e Brasília, o político.

¹⁶² Ratificando isso, o *slogan* ao final do anúncio é “Protagonistas para o mundo.”

c) Anúncio 3: *Fiat Uno*

- tipo de anúncio: publicidade comercial
- tempo de duração: 30s
- quantidade de vezes exibidas durante a cobertura: 17
- transcrição:

Figura 51 – *Fiat Uno*



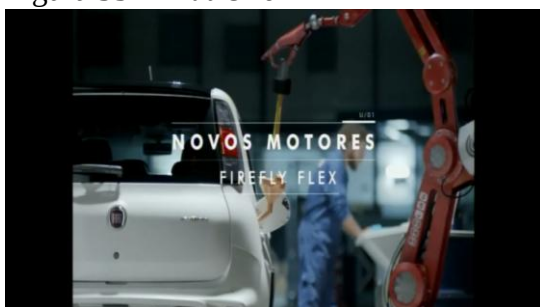
Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 52 – *Fiat Uno*



Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 53 – *Fiat Uno*



Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 54 – *Fiat Uno*



Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 55 – *Fiat Uno*



Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 56 – *Fiat Uno*



Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 57 – *Fiat Uno*



Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 58 – *Fiat Uno*

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 59 – *Fiat Uno*

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Bem como o anúncio da *Globo News*, este do *Fiat Uno*¹⁶³ não utiliza narrador, tampouco um texto *off*. Sua força reside no verbal e, sobretudo, no visual, a partir de uma edição com cortes rápidos e que são ritmados por uma música eletrônica que acompanha essa urgência do visual; por vezes, a edição proposta no anúncio do *Fiat Uno* se assemelha a um videoclipe musical, devido à presença de inúmeros enquadramentos fílmicos, cortes rápidos (em média dois segundos) e contínuos, ora em planos mais abertos, ora em planos mais fechados.

Inicialmente (FIGURAS 51 e 52), somos apresentados ao que é denominado “Unolab”, um espaço em que, em grande plano geral, vemos um galpão industrial onde seria um laboratório de testes do *Fiat Uno*, com equipamentos mecatrônicos modernos e pessoal uniformizado (de macacão) e capacitado para lidar com esses dispositivos técnicos. À medida que se dá a sequência narrativa, somos apresentados às qualidades do carro em primeiríssimo plano e um texto explicando do que se trata: “Novos motores *firefly flex*”, “Câmbio *dualogic plus*”, “Direção elétrica com função *city*”, “*Hill Holder* e controle de estabilidade”. Interessante observarmos não só em relação às identificações apresentadas, mas ao todo ao longo do anúncio, trata-se de uma loa à técnica moderna¹⁶⁴, desde os nomes em inglês até a presença de

¹⁶³ O anúncio pode ser assistido em <<https://bit.ly/2SyeGdO>>.

¹⁶⁴ Técnica esta que, como disse Heidegger (2012), nos provoca e nos escapa desde sempre.

equipamentos sofisticados e de última geração, seja no próprio carro, seja no “Unolab”. Discursivamente, fica pressuposto, nessa perspectiva, que, ao adquirir o *Fiat Uno*, o telespectador teria um carro que dispõe de muitas funções e acessórios modernos e tecnológicos, que seria fácil de ser guiado e necessitaria de pouco combustível para funcionar.

A narrativa posta remete ainda à clássica perseguição do gato ao rato (FIGURA 56) que permeia o imaginário social, como as ficções animadas de *Tom and Jerry*, sendo o *Fiat Uno* o gato e um carro de controle remoto que vai à frente o rato; como na versão animada, aqui o gato não consegue pegar o rato, mas o persegue com destreza e habilidade, ajudado pela “Direção elétrica com função *city*”. A perseguição, em seu ápice, é seguida por cortes rápidos, como mencionamos, e uma música produzida eletronicamente que, à medida que gato e rato vão aumentando a velocidade, se torna mais rápida e alta.

Essa emissão é, cremos, um tipo clássico de publicidade comercial, uma vez que nela temos um anúncio pago, o produtor/anunciante identificado (*Fiat*), um produto oferecido (*Fiat Uno*) a um público final imediato que assiste ao canal. Tanto é que, no fim do anúncio, temos o valor do automóvel apresentado: “Versões a partir de R\$ 37.990,00”. Ainda nesse sentido, interessante observar que, ao longo daquele dia 29 de novembro de 2016, houve muitos anúncios sobre venda de automóveis, mas diferentemente do *Fiat Uno*, há outros que não são tipos clássicos de publicidade comercial, uma vez que seu preço é demasiado alto e, nesse caso, vende-se aquilo que o carro proporciona: *status* e distinção social. É o caso do *Range Rover Evoque* (R\$ 234.000,00) e do *Volkswagen Amarok* (R\$ 187.710,00), para citar dois anúncios daquele dia. Dessa maneira, a perspectiva de propaganda ganha força, já que se vende uma ideia de posicionamento social por meio de um automóvel. No caso em análise, o *Fiat Uno*, tradicionalmente, é um “carro popular”¹⁶⁵, mais acessível; mesmo esta versão 2017, que, como vimos, se apresenta moderna e tecnológica, tem seu apelo popular, manifestado, inclusive, pelo *slogan* ao final do anúncio: “Muito carro num Uno só.”

d) Anúncio 4: *Santander – Negócios & Empresas*

- tipo de anúncio: propaganda comercial
- tempo de duração: 30s
- quantidade de vezes exibidas durante a cobertura: 4

¹⁶⁵ Obviamente que, em se tratando de Brasil e da desigualdade socioeconômica que aqui está posta, é de se relativizar a noção de popular para um automóvel de, aproximadamente, R\$ 40.000,00.

– transcrição:

Figura 60 – Santander – Negócios e Empresas



Ser dono deixou de ser sinônimo de ficar rico e mandar.

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 61 – Santander – Negócios e Empresas



Pô, logo na sua vez?!

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 62 – Santander – Negócios e Empresas



Agora é correr, ralar, batalhar para fechar o mês.

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

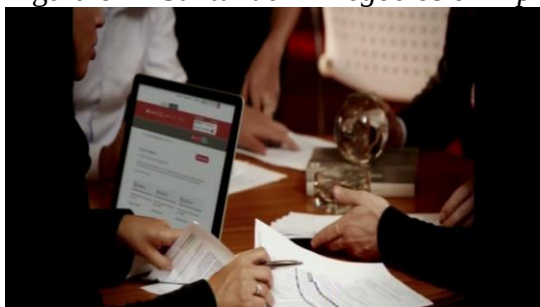
Figura 63 – Santander – Negócios e Empresas



O Santander é que nem você,

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 64 – Santander – Negócios e Empresas



não fica parado com pé em cima da mesa.

Fonte: Globo News, 29 nov. 2016.

Figura 65 – Santander – Negócios e Empresas



Combinamos sua conta empresa com maquininha, a vermelhinha que quanto mais você usa, menos tarifa paga, mais crédito tem.

Fonte: Globo News, 29 nov. 2016.

Figura 66 – Santander – Negócios e Empresas



E tem solução para franquia também.

Fonte: Globo News, 29 nov. 2016.

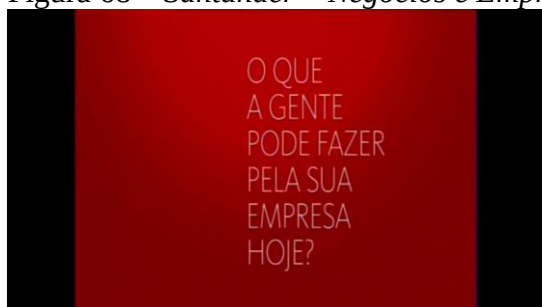
Figura 67 – Santander – Negócios e Empresas



Tudo que você precisa, quando a economia mais precisa de você.

Fonte: Globo News, 29 nov. 2016.

Figura 68 – Santander – Negócios e Empresas



O que a gente pode fazer pela sua empresa hoje?

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 69 – Santander – Negócios e Empresas



Santander.

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

O anúncio do *Santander – Negócios & Empresas*¹⁶⁶, como o do *Ibmec*, contém os quatro pontos do esquema tipológico de anúncios que propomos, embora em menor grau. Isso porque vemos nessa emissão: 1) a propaganda, já que está posto que ser dono não é ficar rico e mandar, mas ter que trabalhar, e muito, mas fica subentendido que isso pode ser facilitado com uma parceria entre o empresário e o *Santander*; 2) a publicidade, uma vez que um produtor/anunciante identificado (*Santander*); 3) um produto oferecido (a “maquininha”, menos tarifa e mais crédito) a um público final imediato que assiste ao canal, porém aqueles que têm um negócio; e 4) o institucional, pois o *Santander* se mostra um banco parceiro do empresário, por meio do programa *Negócios & Empresas*, propondo um reforço de sua marca institucional e se colocando à disposição: “O que a gente pode fazer pela sua empresa hoje?”. Em relação à vertente comercial, não entendemos que ela se faça presente como as outras, sobretudo por não oferecer um serviço ou produto específico e precificado ao público telespectador que vê.

Nesse anúncio, há significativas considerações em relação aos elementos sonoros, verbais e visuais. No âmbito sonoro, temos uma marca que distingue essa emissão das outras aqui analisadas, o destaque para o texto *off*. Todo o anúncio é narrado em texto *off* por uma voz

¹⁶⁶ O anúncio pode ser assistido em <<https://bit.ly/2fZUUER>>.

masculina grave, em tom sério, mas coloquial (“Pô”, “nem”, “a vermelhinha”, “a gente”). Ademais, interessante observar que não é qualquer narrador, trata-se de Lázaro Ramos. Discursivamente, podemos dizer que tal escolha não se deu ao acaso. Trata-se de um sujeito reconhecido na cena cultural nacional e internacional como ator, apresentador, cineasta, escritor, embaixador da Unicef, defensor das causas do povo negro, entre outros papéis sociais. Isso faz dele, subentendemos, uma pessoa que empreendeu e venceu. Ao emprestar sua voz ao anúncio do *Santander – Negócios & Empresas*, cremos, Lázaro traz sua trajetória de vida de sucesso profissional.

No aspecto verbal, o que mais se destaca é a presença constante do logotipo do *Santander* em segundo plano ao longo do anúncio, aparecendo em diferentes *frames* (FIGURA 63), marcando sua presença institucional, bem como deixando subentendido sua condição de apoiador das empresas, estando por trás dos negócios firmados. Ademais, podemos constatar em dado *frame* (FIGURA 62) o texto “Feito no Brasil – *design* para brasileiro ver.”, em que fica pressuposto, por um lado, que os produtos ali desenvolvidos são criados no Brasil e, por outro, subentendido que o *Santander* apoia o mercado de produção nacional e, consequentemente, o empresário brasileiro, em detrimento dos produtos importados. Por fim, na FIGURA 68, aparece o texto “O que a gente pode fazer pela sua empresa hoje?”, que é uma variação do *slogan* do *Santander*: “O que a gente pode fazer por você hoje?”. Primeiramente, essa variação posta evidencia que a versão empresa se destina a um público-alvo específico, aqueles que têm um negócio. Em segundo lugar, subentendemos que o banco se preocupa em ter programas específicos para o empresariado nacional, com serviços personalizados, como a “maquininha [...] que quanto mais você usa, menos tarifa paga, mais crédito tem”. Finalmente, por essa asserção podemos subentender ainda que o banco se coloca em condição de diálogo, para ajudar com o que for necessário, de maneira personalizada.

Visualmente, o anúncio difere de todos os outros três por não utilizar imagens em movimento. Todos os *frames* da emissão são fotos, ora em preto e branco, ora coloridas, mas todas com qualidade técnica e boa composição fílmica. A narrativa fotográfica que se desenvolve ao longo do anúncio vai desde padrões frustrados porque “Ser dono deixou de ser sinônimo de ficar rico e mandar” (FIGURAS 60 e 61), até empreendedores que, ajudados pelo *Santander*, estão sorrindo por causa de seus negócios prósperos (FIGURAS 66 e 67). Da forma como a narrativa está posta, pressupomos que, para o empreendedor ter sucesso, ele depende de um apoiador, no caso, do *Santander*. Em termos visuais, podemos destacar ainda a recorrência

que o anúncio faz aos estabelecimentos menores, geridos por pequenos e microempreendedores, como barbearia, sorveteria, restaurante, camisaria, padaria, lanchonete, sapataria. Subentendemos, com isso, que o *Santander* quer se fazer conhecer como um banco que ajuda o pequeno empresário; consequentemente, aquele que tiver um pequeno negócio pode ser ajudado pelo *Santander*, não é preciso ser dono de uma grande empresa.

Concluídas as análises das manifestações discursivas e linguísticas presentes nas quatro emissões por nós escolhidas a fim de exemplificarmos os quatro pontos do esquema tipológico de anúncios aqui propostos, listamos, a seguir (QUADRO 14), outros anúncios exibidos durante a cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News* sobre o acidente com o avião da *LaMia* no dia 29 de novembro de 2016.

Quadro 14 – Anúncios exibidos na *Globo News*

Anúncios exibidos na *Globo News* no dia 29 de novembro de 2016

Produtor/Anunciante	Quantidade	Duração	Tipo
<i>Allianz</i>	1	30s	Propaganda comercial
<i>Aramis</i>	2	30s	Propaganda comercial
<i>Baci</i>	1	30s	Publicidade comercial
<i>BMW Série 3</i>	1	15s	Publicidade comercial
<i>Bradesco Prime</i>	2	30s	Publicidade comercial
<i>BSP Business School</i>	1	30s	Publicidade comercial
<i>Cartão ELO</i>	2	5s	Publicidade comercial
<i>Cartões Caixa</i>	7	30s	Propaganda comercial
<i>Centrum</i>	2	15s	Propaganda comercial
<i>Cia. do Terno</i>	1	15s	Publicidade comercial
<i>Citroën Aircross</i>	10	30s	Publicidade comercial
<i>Clear</i> (corretora de valores)	3	30s	Publicidade comercial
<i>Cotemig</i>	1	30s	Publicidade comercial
<i>Dr. Oetker</i>	1	30s	Publicidade comercial
<i>EMS</i>	1	30s	Propaganda institucional
<i>Enjoei</i>	1	30s	Propaganda comercial
<i>Sicoob Engecred</i>	1	30s	Publicidade comercial
<i>Expand</i> (Fiemg)	1	10s	Publicidade comercial
<i>Fiat Uno</i>	17	30s	Publicidade comercial
<i>Ford Caminhões</i>	1	30s	Propaganda institucional

Anúncios exibidos na *Globo News* no dia 29 de novembro de 2016

Produtor/Anunciante	Quantidade	Duração	Tipo
<i>Ford Ka</i>	1	15s	Publicidade comercial
<i>Globo News</i>	122	6s a 1min	Propaganda institucional
<i>Governo Federal (Aedes aegypti)</i>	3	30s	Propaganda institucional
<i>Grupo Petrópolis</i>	1	30s	Propaganda institucional
<i>Grupo Souza Lima</i>	3	30s	Propaganda comercial
<i>Havaianas</i>	1	30s	Propaganda comercial
<i>Honda Civic</i>	1	30s	Propaganda comercial
<i>Hstern</i>	3	30s	Publicidade institucional
<i>Ibmec</i>	2	30s	Publicidade institucional
<i>Jeep Compass</i>	3	30s	Propaganda comercial
<i>Kia Sorento</i>	3	30s	Propaganda comercial
<i>Latam</i>	2	30s	Propaganda institucional
<i>Lexus</i>	1	5s	Propaganda comercial
<i>Médicos sem Fronteiras</i>	3	2min	Propaganda institucional
<i>MSC Cruzeiros</i>	1	15s	Publicidade comercial
<i>Natufibras</i>	6	15s	Publicidade comercial
<i>Natura</i>	2	5s	Propaganda comercial
<i>NET</i>	13	30s	Propaganda comercial
<i>Novotel (hotels & resorts)</i>	2	5s	Publicidade comercial
<i>Nutren Senior</i>	2	30s	Propaganda comercial
<i>Óticas Carol</i>	1	30s	Publicidade comercial
<i>Petrobras</i>	5	30s	Propaganda comercial
<i>Premiere</i>	5	30s	Publicidade comercial
<i>Range Rover Evoque</i>	1	30s	Propaganda comercial
<i>Santander – Negócios e Empresas</i>	4	30s	Propaganda comercial
<i>Santander – Van Gogh</i>	1	30s	Propaganda comercial
<i>Senai</i>	2	5s	Propaganda institucional
<i>Serviço Premiado Chevrolet</i>	3	15s	Publicidade comercial
<i>Shell</i>	1	30s	Publicidade comercial
<i>Sindifisco-MG</i>	1	30s	Propaganda institucional
<i>Sistema Faemg</i>	4	30s	Propaganda institucional
<i>Sompo Seguros</i>	2	30s	Propaganda comercial
<i>Sura</i>	3	30s	Publicidade comercial
<i>TIM</i>	12	30s	Publicidade comercial

Anúncios exibidos na *Globo News* no dia 29 de novembro de 2016

Produtor/Anunciante	Quantidade	Duração	Tipo
<i>Trivago</i>	2	30s	Publicidade comercial
<i>Unimed – Saúde Ocupacional</i>	1	30s	Publicidade comercial
<i>Visa</i>	3	30s	Propaganda comercial
<i>Vivo</i>	7	30s	Publicidade comercial
<i>Volkswagen Amarok</i>	5	30s	Propaganda comercial
<i>Volkswagen Jetta TSI</i>	2	5s	Propaganda comercial
<i>Volkswagen motor TSI</i>	24	15s	Propaganda comercial
<i>XP Investimentos</i>	4	30s	Publicidade comercial
<i>Zap Imóveis</i>	3	30s	Publicidade comercial

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Levando em conta as 2h23min08 de publicidade e propaganda exibidas na *Globo News* em 29 de novembro de 2016, dia em que ocorreu a queda do avião da *LaMia* nas proximidades da cidade de Medellín, na Colômbia, bem como as descrições e as análises por nós realizadas até aqui, podemos estabelecer possíveis interpretativos no tocante às identidades dos parceiros da troca para o *corpus* desta tese, em outras palavras, da *Globo News* como instância de produção e do TU destinatário que a emissora concebe como receptor-modelo ou telespectador ideal¹⁶⁷.

Para isso, contudo, cremos ser necessário analisar alguns outros aspectos ainda em relação à publicidade e à propaganda exibidas naquele dia 29. Dentre os 63 anunciantes que, em maior ou menor grau, tratamos de descrever e analisar até aqui, incluindo a própria *Globo News* e sua propaganda institucional, pelo menos doze deles são de empresas que têm a oferecer serviços e produtos cujo público-alvo compreende uma pequena parcela da população brasileira, especificamente aqueles que, pelo Critério de Classificação Econômica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estão nas classes A1, A2 e B1. Isso porque são produtos e serviços de alto custo, como joia (*Hstern*), chocolate fino (*Baci*), curso de *Master of Business Administration* (MBA) para gestores (*BSP Business School São Paulo*), assessoria de investimento financeiro (*XP Investimentos*, *Clear*), programa personalizado de relacionamento bancário (*Bradesco Prime*, *Santander – Van Gogh*), automóveis de alto padrão (*Range Rover Evoque*, *Volkswagen Amarok*, *BMW Série 3*); ademais, há anúncios

¹⁶⁷ Posteriormente, no entanto, após as análises da cobertura “ao vivo” propriamente, poderemos avaliar novamente tais identidades, mais aí levando em consideração o discurso midiático de informação propriamente.

específicos para empresários, como *Santander – Negócios & Empresas*, *Novotel*, (cujo slogan é: “Tecnologia, conforto e estilo para os melhores negócios”), *Unimed – Saúde Ocupacional*.

Por tudo até aqui descrito e analisado em relação à publicidade e à propaganda, podemos dizer que o TU destinatário, ou o telespectador ideal, dos anúncios exibidos na *Globo News*, pelo menos aqueles exibidos no dia 29 de novembro de 2016, parece ser do gênero masculino, acima dos 45 anos, branco, heterossexual, empresário ou dono de algum negócio próprio, casado ou possui companheira, pai zeloso, bem-sucedido, cauteloso e afeito a carros de alto padrão. Identificamos tais características nas pistas discursivas presentes nos enunciados publicitários e propagandísticos analisados, seja os elementos sonoros, verbais e visuais, seja os componentes narrativos propostos pelas emissões.

Nesse sentido, podemos apontar em quais anúncios há índices discursivos que têm essas características intrínsecas. O atributo masculino está presente, por exemplo, nas publicidades de roupas (*Cia. do Terno* e *Aramis*), ou nos personagens que estão dirigindo todos os carros anunciados, com exceção do *Ford Ka*, considerado um “carro de mulher” por um imaginário social calcado em um saber de opinião comum, para citar algumas emissões da grade. A faixa etária acima dos 45 pode ser constatada em anúncios de polivitamínicos (*Nutren Sênior*), estimulante sexual (*Natufibras*) e mesmo no perfil dos protagonistas de programas personalizados de relacionamento bancário (*Bradesco Prime*) ou das assessorias de investimentos financeiro (*XP Investimentos*, *Clear*). A cor branca talvez seja o traço mais marcante das publicidades e propagandas exibidas ao longo do dia 29 de novembro de 2016, na *Globo News*, exceção feita ao anúncio do *Santander – Negócios & Empresas* (que, inclusive, tem como narrador Lázaro Ramos, negro), em que aparece um homem negro na condição de dono de negócio; nas emissões *Médicos sem Fronteiras* e *Grupo Souza Lima*, há uma maioria negra, mas numa condição inferiorizada, seja como alguém que dependente de doação e está em uma zona de guerra ou em estado de miséria, seja como alguém que trabalha como empregada, segurança, portaria, entre outras funções que, diferentemente das funções decisórias exercidas por pessoas brancas, estão em posição de servir. Em nenhuma emissão, constatamos a exposição de uma relação homoafetiva, seja entre homens, ou entre mulheres. O tipo empresário ou dono de negócio se presentifica em *Santander – Negócios & Empresas*, *Novotel*, entre outros, como mostramos anteriormente. As características casado e pai de família estão manifestas em vários anúncios, como *Vivo*, *MSC Cruzeiros*, *Grupo Souza Lima*, *Ford Caminhões*. O mesmo ocorre com a condição de bem-sucedido, presente em

Volkswagen Jetta TSI, Volkswagen Amarok, Visa, XP Investimentos. A cautela, no sentido de ser alguém precavido, é notória nos vários enunciados de seguradoras (*Allianz, Somo Seguros, Sura*). Por fim, a afeição por carros de alto padrão talvez seja uma das características mais marcantes desse TU destinatário ideal, que ambiciona automóveis potentes, tecnológicos, confortáveis e, por que não, caros: *Range Rover Evoque* (R\$ 234.000,00), *Volkswagen Amarok* (R\$ 187.710,00), *Kia Sorento* (R\$ 159.990,00), *BMW Série 3* (R\$ 148.950,00), *Jeep Compass* (R\$ 111.900,00)¹⁶⁸.

Passando à outra ponta do processo de transação do discurso midiático de informação, a da instância de produção, temos significativos índices discursivos manifestos nas 122 propagandas institucionais da *Globo News* exibidas naquele dia 29 de novembro de 2016. Ainda que a *Globo News*, como instância de produção, seja formada por um grupo compósito heterogêneo de sujeitos – administradores, publicitários, programadores visuais, revisores etc. –, a partir de seus anúncios¹⁶⁹, cremos ser possível estabelecer possíveis interpretativos em relação às características da emissora como sujeito comunicante (EUc).

As propagandas institucionais da *Globo News* são de duas ordens, uma que tem por intuito anunciar outras emissões que, posteriormente, serão exibidas no canal (FIGURA 70 a 74) e outra que busca reforçar sua marca, isto é, fazer uma autopromoção de sua condição de emissora de jornalismo 24 horas, conforme analisamos anteriormente (FIGURA 40 a 43).

Figura 70 – *Globo News*



Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

¹⁶⁸ Preços anunciados pelas próprias montadoras.

¹⁶⁹ Como dito anteriormente, em outra parte desta tese, adiante, faremos tal análise levando em consideração o discurso midiático de informação, tentando estabelecer possíveis ligações ou rupturas em relação aos aspectos observados nesses anúncios propagandísticos.

Figura 71 – *Globo News*

Bangu 8, palco das recentes prisões de políticos do Rio de Janeiro.

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 72 – *Globo News*

Entre Aspas, com Mônica Waldvogel.

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 73 – *Globo News*

Criador, roteirista, apresentador, humorista, as muitas faces

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Figura 74 – *Globo News*

de Marcelo Adnet.

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

No caso das propagandas institucionais para anunciar outras emissões da *Globo News*, constatamos um EU comunicante que, sobretudo, se mostra diverso, plural, heterogêneo. Identificamos tais características a partir das pistas discursivas explícitas e implícitas nos

enunciados propagandísticos, em especial, nos elementos sonoros, verbais e visuais, e nos componentes narrativos. Nesse sentido, podemos falar em diversidade, pluralidade e heterogeneidade quando temos emissões de diferentes gêneros compondo a grade de uma mesma emissora¹⁷⁰, conforme descrevemos uma a uma no capítulo 3: *Fernando Gabeira* (entrevistas e reportagens), *Estúdio I* (talk-show), *J10* (telejornal), *Entre Aspas* (debate). Já nos anúncios de autopromoção, outra modalidade de propaganda institucional presente na programação da *Globo News*, observamos um EU comunicante que se apresenta como credível, onipresente, onisciente, imparcial, competente, experiente. Tais características estão manifestas, ademais do sonoro e do visual, no verbal que compõe as diversas asserções-slogan do canal: “Nunca desliga” (onisciente), “Há 20 anos nunca desliga” (competente, experiente), “A vida em tempo real” (onisciente, onipresente), “Credibilidade é diferente de tomar partido” (imparcial, credível).

Entendida a situação de comunicação de um canal só de notícias, bem como o conjunto de publicidade e/ou propaganda que compõe a programação juntamente com as emissões do discurso de informação midiático, no próximo capítulo, o de número 5, vamos, enfim, analisar os elementos presentes na cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News* sobre a queda do avião em que estava a delegação da Chapecoense naquele dia 29 de novembro de 2016.

¹⁷⁰ Ainda que, aqui, as emissões, em sua maioria, estejam no âmbito do discurso midiático de informação.

5 “FICA DIRETO!”

Na transmissão direta de tevê, a tentativa se confunde com o resultado, o ensaio com o produto final. A disposição das câmeras, seus movimentos sobre *dolly* ou sobre o próprio eixo, o campo visível recortado pelo quadro, as aberturas e fechamentos de *zoom*, a duração de cada tomada, o corte, a substituição de uma tomada por outra e todas as outras decisões necessárias para a construção do enunciado televisual [são] tomadas já com o programa no ar. Como consequência, [...] o resultado sempre denuncia uma impossibilidade de se obter nexos ou qualquer coerência estrutural predeterminada. (MACHADO, 1988, p. 68).

Na *Globo News*, “[...] quando acontece algo que não está previsto, quando chega uma notícia urgente, de última hora [...]” (PATERNOSTRO, 2006, p. 313), a ordem é “fica direto!”, momento em que se inicia a cobertura de um grande acontecimento noticioso e que se rompe com a linearidade da grade programática. Foi, provavelmente, a ordem que ouviu no ponto eletrônico o jornalista Erick Bang, às 3h25 do dia 29 de novembro de 2016, quando, pela primeira vez naquele dia, a emissora anunciou um “incidente” com o avião da empresa *Linea Aerea Merida Internacional de Aviacion (LaMia)* que transportava jogadores, comissão técnica, dirigentes e convidados da Associação Chapecoense de Futebol, profissionais da imprensa brasileira e tripulantes nas proximidades da cidade de Medellín, na Colômbia (FIGURA 39). Desse momento em diante teve início a cobertura “ao vivo” da *Globo News*, que se estendeu por todo aquele dia 29.

Figura 75 – *Jornal da Globo News – Edição das 4h*



[...] houve um incidente com o avião que transportava a equipe da Chapecoense, que estava indo para Medellín, na Colômbia, disputar a final da Copa Sul-Americana. (GLOBO NEWS, 29 nov. 2016, 3h25).

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Antes de procedermos a análise do grupo dos elementos que compõe a cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News*, entendemos ser necessário contar esse grande acontecimento noticioso propriamente, com toda perspectivização que isso implica, já que, ao fazer isso, estamos narrando um fato que nos foi relatado pela mídia, é a perspectiva de uma perspectiva. Necessário, primeiramente, pois, ainda que tal acontecimento tenha tido repercussão internacional, pode haver algum leitor desta tese que possa desconhecer-lo; em segundo lugar,

já que, ao rememorá-lo, cremos ser possível nos aproximarmos de um acontecimento que se deu em outro momento, o que pode ser salutar, inclusive, para nos fazermos compreender em relação aos índices de análise aqui escolhidos.

No dia 27 de novembro de 2016, um domingo, a Associação Chapecoense de Futebol jogou contra a Sociedade Esportiva Palmeiras, no *Allianz Parque*, em São Paulo, pela 37ª rodada da Série A do Campeonato Brasileiro. Como a equipe catarinense não era ameaçada pelo rebaixamento à Série B, tinha chances remotas de conseguir uma vaga direta para a Copa Libertadores da América, e, ademais, na quarta-feira seguinte, dia 30, iria enfrentar o Club Atlético Nacional, em Medellín (Colômbia), pela primeira partida da final da Copa Sul-Americana, o técnico Luiz Carlos Sarolli, o Caio Júnior, optou por utilizar uma equipe mista, com apenas dois jogadores titulares (o goleiro Danilo e o meia-atacante Cléber Santana), poupando os outros para o jogo mais importante, o da quarta-feira.

Imediatamente após a partida no *Allianz Parque*, a delegação da Chapecoense rumou para o Aeroporto Internacional de São Paulo, em Guarulhos, onde pegaria voo comercial¹⁷¹ até Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, de lá iria para Cobija, ainda na Bolívia, e, por fim, de Cobija a Medellín. O voo de Guarulhos até Santa Cruz de la Sierra, no entanto, atrasou duas horas (A LENDA..., 2017). Quando a delegação chegou a Santa Cruz de la Sierra, já de madrugada, houve uma mudança no plano de voo¹⁷²; não haveria mais a parada em Cobija, pois o Aeroporto Capitão Anibal Arab não tinha iluminação. Dessa maneira, foi decidido pelo piloto Miguel Quiroga que o avião fosse direto de Santa Cruz de la Sierra (Bolívia) até Medellín (Colômbia), um voo de 2.985 km, ou 4h22.

O voo saiu de Santa Cruz de la Sierra às 21h, horário de Brasília. À 1h da manhã, o piloto informou sobre a pane elétrica à torre do Aeroporto Internacional José María Córdova, em Medellín. Quinze minutos depois, o avião sumiu dos radares, próximo à cidade de Abejorral,

¹⁷¹ Houve necessidade de pegar voo comercial, pois a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), respaldada pelo Código Brasileiro de Aeronáutica e pela Convenção de Chicago, negou autorização de voo à *Lamia Corporação* em território brasileiro. A negativa se deu uma vez que, segundo a regulamentação vigente, trajetos envolvendo dois diferentes países só são feitos por empresas dos países em questão, nesse caso Brasil ou Colômbia, locais de partida e de chegada; como a *Lamia Corporação* era baseada na Bolívia, a Anac negou o pedido da empresa.

¹⁷² Segundo Ivan Sant'anna (A LENDA... 2017), um plano de voo, para ser aprovado, precisa contemplar os seguintes requisitos: "O avião deve decolar com combustível suficiente para ir até o aeroporto de destino, mais até um aeroporto alternativo e mais 45 minutos." O plano de voo da *Lamia Corporação* previa uma viagem de 4h22 e uma autonomia de 4h22, a mesma, conforme descrito no documento entregue às autoridades no Aeroporto de Santa Cruz de la Sierra (REVELAÇÕES..., 2018, *on-line*).

a 58 km de Medellín. A aeronave caiu em “Cerro Gordo”, local íngreme e de difícil acesso. A queda vitimou 71 pessoas, entre jogadores, comissão técnica, dirigentes e convidados da Chapecoense, jornalistas e tripulantes; houve apenas seis sobreviventes: Jackson Follmann (goleiro), Hélio Zampier Neto (zagueiro), Alan Ruschel (lateral-esquerdo), o jornalista Rafael Henzel e os tripulantes Erwin Tumiri (técnico da aeronave) e Ximena Suarez (comissária de bordo). A seguir, uma lista com o nome das vítimas do voo:

Jogadores

Ailton Cesar Junior Alves da Silva
 Ananias Elói Castro Monteiro
 Arthur Brasileiro Maia
 Bruno Rangel
 Cléber Santana
 Danilo Padilha
 Dener Assunção Braz
 Everton Kempes dos Santos Gonçalves
 Filipe José Machado
 Guilherme Gimenez de Souza
 José Gildeixon Clemente de Paiva
 Josimar Rosado da Silva Tavares
 Lucas Gomes da Silva
 Marcelo Augusto Mathias da Silva
 Mateus Lucena dos Santos
 Matheus Bitencourt da Silva
 Sergio Manoel Barbosa Santos
 Tiago da Rocha
 Willian Thiego de Jesus

Comissão técnica

Adriano Bitencourt
 Anderson Donizette Lucas
 Anderson Martins
 Anderson Paixão
 Cleberson Fernando da Silva
 Eduardo de Castro Filho
 Eduardo Preuss
 Gilberto Thomaz
 Luiz Carlos Saroli
 Luiz Cunha
 Luiz Felipe Grohs
 Marcio Koury
 Rafael Gobbato
 Sérgio de Jesus

Dirigentes e convidados

Daví Barela
 Decio Filho
 Delfim de Pádua Peixoto Filho
 Edir De Marco
 Emersson Domenico
 Jandir Bordignon
 Mauro Bello
 Mauro Stumpf
 Nilson Folle Jr.
 Ricardo Porto

Sandro Pallaoro

Profissionais da imprensa

André Podiacki
 Ari de Araújo Jr.
 Bruno Mauri da Silva
 Devair Paschoalon
 Djalma Araújo Neto
 Douglas Dorneles
 Edson Ebeliny
 Fernando Doesse Schardong
 Gelson Galiotto
 Giovane Klein Victória
 Guilherme Marques
 Guilherme van der Laars
 Jacir Biavatti
 Laion Espíndola
 Lilacio Pereira Jr.
 Mário Sérgio Pontes de Paiva
 Paulo Júlio Clement
 Renan Agnolin
 Rodrigo Santana Gonçalves
 Victorino Chermont

Tripulantes

Alex Quispe
 Angel Lugo
 Gustavo Encina
 Miguel Quiroga
 Ovar Goytia
 Romel Vacaflores
 Sisy Arias

5.1 Temáticas

Acreditamos ser importante para esta análise propor um enquadramento¹⁷³ desse acontecimento em uma (ou mais) temática(s), como feito pelos *media* para organizar e dar sentido ao mundo fenomênico a partir de um critério de socialidade/pregnância, mas, para nós, tal movimento pode ser útil para a descrição do *corpus*.

Embasado pelos trabalhos de David-Silva (2005) e Andrade (2012), o grupo de pesquisadores do Centro de Apoio a Pesquisas sobre Televisão (CAPTE), durante as reuniões realizadas ao longo dos anos de 2013 e 2014, consolidou um conjunto de dez temáticas¹⁷⁴ referente às

¹⁷³ “[...] ‘esquematização’ [...] uma organização de conteúdos que tem por objetivo influenciar as representações dos destinatários sobre um objeto de discurso ou uma situação. [...] O enquadramento mostra a forma como a instância de produção do discurso representa a situação e o objeto de discurso.” (EMEDIATO, 2013, p. 97).

¹⁷⁴ Temática, segundo Charaudeau (2010b, p. 207), “[...] constitui um macrodomínio abordado pela notícia”. Ou seja, política, economia, ou policial etc. O autor faz ainda uma distinção entre “seção” e “rubrica” – aquela estaria no aspecto macro (política, economia, cultura etc.); esta comporia a “seção” (e.g. a rubrica cinema está dentro da seção cultura).

notícias enunciadas pelos *media* televisivos. Tal proposta se fez necessária uma vez que um dos intuitos do nosso grupo naquele momento era consolidar um módulo de indexação de vídeos televisuais que iria não apenas arquivar essas emissões, mas desenvolver ferramentas de análise automática desses vídeos e disponibilizá-los a pesquisadores¹⁷⁵. Nesse sentido, precisávamos criar índices precisos, a fim de garantir um processo de busca e recuperação eficaz.

A fim de realizar testes na plataforma, indexamos aproximadamente sessenta telejornais, sendo trinta edições do *Jornal Nacional (Rede Globo)* e trinta do *Repórter Brasil (TV Brasil)*; isso totalizou um sem-número de gêneros, já que os telejornais, a cada edição, são constituídos por reportagens, notas secas¹⁷⁶ e cobertas¹⁷⁷, entrevistas, debates, entre outros tipos de discursos midiáticos de informação. Uma das dificuldades do grupo, então, foi atribuir a esses gêneros uma temática apenas que caracterizasse a complexidade daquele todo enunciativo.

É o caso de pensarmos, por exemplo, a votação da Proposta de Emenda Constitucional 241 (Câmara dos Deputados), ou 55 (Senado Federal), que foi aprovada, tornando-se a Emenda Constitucional nº 95 (BRASIL, 2016). Nela, temos componentes políticos (envolve forças conservadoras e progressistas, situação e oposição), econômicos (altera o orçamento da União por vinte anos) e impactos na saúde e na educação, para dizer apenas de outras duas temáticas envolvidas. Dessa maneira, nesse pequeno exemplo, teríamos uma notícia que perpassa por quatro temáticas (política, economia, saúde e educação), muito embora saibamos que o componente político seja predominante nesse caso. Por isso, após os primeiros testes com as dez temáticas formuladas, concluímos ser inevitável que, durante a classificação dos vídeos para o módulo de indexação, utilizássemos até três temáticas para caracterizar cada enunciação televisual, sendo uma das três a de maior predominância, ainda que isso consistisse um critério subjetivo por parte do descritor.

Dito isso, apresentamos, a seguir, as dez temáticas para enquadramento dos gêneros do discurso midiático de informação:

¹⁷⁵ Sobre o módulo de indexação, ler Pereira (2011), Souza (2012), Conceição (2013), Jacob (2013).

¹⁷⁶ Nota seca: notícia lida pelo âncora do telejornal sem quaisquer imagens de ilustração.

¹⁷⁷ Nota coberta: notícia lida coberta com cenas do acontecimento em questão.

a) *Ciência e Tecnologia* – notícias relacionadas à ciência e tecnologia nas mais diversas áreas do conhecimento, envolvendo Humanidades, Ciências Sociais, Biológicas e Exatas. Contudo, o jornalismo científico atual dá maior atenção à Cosmologia, à Medicina, à Biologia, à Informática e à Robótica.

b) *Comportamento* – abriga notícias cuja característica predominante é focada em ações, pensamentos ou atividades de uma pessoa ou grupo em nível íntimo, individual ou particular, mas oferece reflexões relevantes, ou potencialmente interessantes para a sociedade em que esteja inserido o público-alvo do telejornal. Do mesmo modo, são características relevantes da temática “Comportamento” notícias de caráter mais subjetivo, como teor de condutas, atos ou ações, bem como orientação, costume, tendência, tradição, ética, atitude ou propósitos, com potencial para atingir parte significativa da sociedade, servindo de referências para uma reflexão em âmbito social.

c) *Cotidiano* – conjunto de acontecimentos ininterruptos, os quais vão satisfazer nossa constante necessidade de manter contato com os fatos em torno de nossa existência diária. Essa temática discorre sobre informações da consciência atual e de interesse coletivo, tudo quanto constitui notícia no mundo inteiro e na totalidade dos ramos do saber. Consideramos características intrínsecas dessa temática a atualidade, a notoriedade, o interesse geral e a universalidade, temas acerca de, geralmente, acontecimentos locais, como o trânsito, entre outros.

d) *Cultura e Educação* – a temática de “Cultura” compreende fatos relacionados com cinema, teatro, literatura, música, pintura, dança, ópera, folclore, enfim, as áreas das Artes. Trata-se de matérias sobre a vida de pessoas públicas, eventos culturais e produtos artísticos variados. Nessa categoria enquadrados ainda temas relativos à Educação na perspectiva de ensino.

e) *Economia* – lugar das notícias sobre o mercado financeiro e o mundo dos negócios de modo geral, repercutindo o cenário macro e microeconômico atual, desde as intervenções estatais, o uso do dinheiro público, até as iniciativas privadas, das grandes corporações aos pequenos negócios. Essa temática está intimamente

relacionada com a de “Política”, pois em muitos momentos ações no âmbito da política vão alterar o universo econômico.

f) Esporte – aqui estão as notícias de tudo o que se relaciona com a prática esportiva, esportes coletivos e individuais, olímpicos ou não olímpicos, grandes eventos esportivos, esportes, como o automobilismo, as lutas, o futebol, entre outros, dia a dia e vida pessoal dos atletas e personalidades ligadas ao esporte, como dirigentes, treinadores etc.

g) Meio Ambiente – trata de notícias sobre os efeitos da natureza sobre o planeta, desde as mudanças climáticas, tragédias naturais, efeitos humanos sobre a vida natural, espécies animais e vegetais ameaçadas de extinção e as políticas de desenvolvimento sustentável.

h) Policial – relaciona-se às transgressões sociais, ao mundo do crime e à violência de maneira geral. Tem a ver com fatos acerca da quebra da ordem social, das funções de serviço público, das denúncias e vigilância social. O jornalismo policial narra o contexto social dos protagonistas da guerra social, ou seja, as vítimas, os infratores e os policiais. Na maioria das vezes, a fonte oficial das narrativas policiais são os relatórios das Polícias Federal, Militar e Civil, do Corpo de Bombeiros etc.

i) Política – a política envolve grande parte das pautas telejornalísticas no âmbito nacional, pois é função do jornalismo dar ao cidadão as informações pertinentes sobre os três poderes. Desse modo, notícias sobre o governo, o Estado, as decisões governamentais e a parcela de influência de outros órgãos sobre a administração dos governantes, como sindicatos ou ONGs são dessa categoria.

j) Saúde – essa temática envolve questões sobre a qualidade de vida e o bem-estar dos cidadãos, bem como notícias a respeito de epidemias, sintomas de doenças, funcionamento e qualidade de hospitais e pronto-atendimentos etc.

Se, no Capte, propusemos a formulação das temáticas com o objetivo de estabelecer critérios para o funcionamento do módulo de indexação, a mídia o faz, cremos, no intuito de semantizar o “real”, que é complexo, fluído e ininterrupto. Para Emediato (2013), essa

tematização, ou enquadramento, “[...] possui uma dimensão argumentativa na medida em que ele permite circunscrever a discussão pela tematização, apresentar os objetos do discurso de uma maneira no lugar de outra, através de operações de referência (nominação, designação) [...]” (p. 79-80).

A partir da observação do nosso objeto empírico, isto é, a cobertura “ao vivo” da *Globo News* sobre a queda do avião da *LaMia*, poderíamos enquadrá-la, cremos, em, pelo menos, seis dessas dez temáticas aqui mencionadas: “Ciência e Tecnologia”, “Comportamento”, “Cotidiano”, “Esporte”, “Policial” e “Política”.

“Ciência e Tecnologia”, pois ao longo da cobertura se dá especial atenção às especificações técnicas da aeronave, com propósito de tentar achar explicações para o que aconteceu, ou mesmo quando se discute o processo de investigação do acidente a partir das caixas-pretas do avião, especificamente, tentando entender o funcionamento desses equipamentos. Nesse sentido, destacamos uma amostra¹⁷⁸ do *corpus*, em que um especialista (Moacyr Duarte) explica o funcionamento das caixas-pretas. Discursivamente, vale evidenciar duas questões, entre outras tantas significativas: a presença de um especialista e as imagens das caixas-pretas. Ao dar presença e voz a um sujeito “especialista em gerenciamento de risco” no estúdio para esclarecer, entre outras questões, o funcionamento das caixas-pretas de uma aeronave, usando, para isso, nomes técnicos e jargões (pedal, manche, *data recorder* etc.), está pressuposto pela *Globo News* que se trata de um assunto técnico, específico, que requer a presença de uma pessoa qualificada. Ademais, fica subentendido que a emissora quer se mostrar um veículo importante e credível, já que, por um lado, um especialista se dispõe a ir lá e, por outro, a explicação que ali se dá não vem de qualquer um, mas de um especialista, tratando-se de um argumento de autoridade, inquestionável discursivamente. As imagens das caixas-pretas (FIGURA 78) dão veracidade aos argumentos do especialista-fonte e, por que não, aos da emissora, e vão evidenciar que ali estão postos objetos singulares e que, para decifrá-los, é necessário o conhecimento técnico de um perito, algo do âmbito científico.

¹⁷⁸ “Nossa amostra não é a parte de um todo (como seria uma amostra de palavras representativas de um todo textual); ela é constituída por categorias em que cada uma é um ponto focal sobre o qual incide a análise qualitativa (os locutores, os gêneros, os temas).” (CHARAUDEAU, 2011, p. 20).

Figuras 76 a 79 – *Jornal da Globo News – Edição das 18h*



Leilane Neubarth (âncora) – *Então vamos aqui lembrar pra quem tá em casa assistindo: são duas caixas pretas, com dois tipos de informações diferentes.*



Moacyr Duarte (especialista) – *Por isso, eu falei que você tem que alinhar as duas. Uma grava tudo que um piloto fez em termos de instrumento: a altitude, tudo que estava registrado no painel, todos os movimentos de pedal, de manche, aceleração, desaceleração, tudo fica no data recorder, que eles chamam, que é o gravador de dados de voo; o outro é um gravador de voz, tudo o que foi dito do piloto para cabine, entre os tripulantes, ele, ele com a torre, ele com o copiloto... Tá tudo gravado. Quando você alinha essas duas caixas, você consegue ver, na linha do tempo, o que aconteceu a cada minuto, ou seja, a cada comando do... Aí estão as caixas.*



LN – *Aí, a gente tem imagem das caixas...*

MD – *Que realmente estão íntegras, não tão...*

LN – *Não tão destruídas.*



MD – *Exatamente. Vai ser fácil ver... Mas, quando você alinha as duas caixas, você pode ver, a cada ação do piloto, a reação da aeronave. Isso permite aos investigadores irem recolocando e recolocando, pra saber ponto a ponto o que foi...*

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016, 19h50.

Nosso objeto também se enquadra na temática “Comportamento”, uma vez que, em dados momentos da cobertura, identificamos um conjunto de indícios discursivos cujo propósito é dar relevância a certas reflexões consideradas importantes para a emissora e, conseqüentemente, para o TU destinatário da emissão. Tais reflexões vão perpassar por questões que estão intrínsecas ao âmbito social, muito embora parte delas seja de caráter mais

subjetivo, como costumes, tendências, tradições, ética, entre outras. É o caso do excerto que trazemos, a seguir (FIGURAS 80 a 82), em que a *Globo News*, por meio da âncora Maria Beltrão (apresentadora do *Estúdio I*) e do jornalista Marcelo Lins (comentarista de Assuntos Internacionais), tematiza sobre a solidariedade em meio a uma “tragédia” ocorrida. No exemplo, a emissora não apenas atribui valor positivo à solidariedade em situações de perda, mostrando-se uma instituição altruísta e benevolente, mas, ao mesmo tempo, manifesta ao seu telespectador ideal quais atitudes se deve ter em situações semelhantes; isso diz de um caráter pedagógico, um papel educativo da emissora.

Figuras 80 a 82 – *Estúdio I*



Maria Beltrão (âncora) – [...] a gente tava comentando aqui, né, Marcelo, que diante de uma tragédia como essa, né... Se é que, né... Dá para ter um consolo um primeiro momento essa onda de solidariedade que a gente vem assistindo mundo afora... Digo assim, Chapecoense, Santa Catarina, Brasil, mundo... É realmente impressionante, muito emocionante, né?!



Marcelo Lins (comentarista) – É o que a gente tava falando, né, Maria, é um momento de muita tristeza, de muita escuridão. Essa solidariedade nesse ano complexo, complicado, de posições radicalizada, de pessoas brigando, de crise mundial, crise de refugiados, crise... Tanta notícia ruim, tanta coisa ruim, e surge mais uma tragédia dessa na reta final do ano... Uma tragédia que era para ser um momento de festa do futebol brasileiro. A gente tem essa tragédia. Que dessa tragédia... [...]



Marcelo Lins (comentarista) – [continuação] E a gente vê rapidamente a onda de solidariedade. O interessante é isso, ver como, aparentemente, muita gente estava querendo poder demonstrar alguma solidariedade. [...] E essa onda ela vai tomando muita gente.

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016, 15h.

Nosso objeto também se enquadra na temática “Cotidiano”, posto que o acontecimento contempla todos os elementos característicos desse enquadramento (atualidade, notoriedade, interesse geral, universalidade). Em uma perspectiva mais regionalizada, temos (FIGURAS 83 a 85) o impacto da notícia na própria cidade de Chapecó, alterando a rotina daqueles que,

de alguma maneira, estão envolvidos com a Chapecoense, seja na condição de torcedor, empregado do clube, ou mesmo familiares das vítimas. Em âmbito nacional e até mesmo mundial, o acontecimento, da mesma maneira, gera manifestações e altera o dia a dia; daí vemos a interrupção dos campeonatos de futebol no Brasil, ou as homenagens à memória das vítimas nos jogos dos campeonatos de futebol na França e na Inglaterra (lugares onde, antes das partidas, houve um minuto de silêncio), ou a hipótese de não haver votações no Congresso Nacional brasileiro, entre outras reverberações.

Figuras 83 a 85 – *Jornal da Globo News – Edição das 8h*



Heloísa Gomide (âncora) – [...] Arena Condá virou um lugar onde as pessoas estão reunidas para receber informações. E é lá que está nosso repórter Rafael Junks... Rafael, não dá nem pra dar bom dia para você, porque eu imagino que o clima de comoção aí, de tristeza seja enorme, né?!



Rafael Junks (repórter) – Com certeza! Bom-Dia, Gabriela, Heloísa! O clima aqui é de muita emoção, de luto, de muita tristeza desde o início, né... As notícias, as informações chegaram em Chapecó no início da madrugada... Dessa queda do avião. E, desde o início, já partir de umas seis da manhã, os torcedores da Chapecoense começaram a chegar aqui na frente da Arena. A gente tá bem na Arena Condá, que é a sede da Chapecoense aqui em Chapecó. [...]



Rafael Junks (repórter) – [continuação] Então, agora, como a gente pode ver, tem muito torcedor, muita gente aqui na frente da Arena... Onde dentro... Dentro aqui da Arena tem familiares, tem também trabalhadores da Chapecoense e torcer... Jogadores do profissional que não foram, né... [...]

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016, 9h.

Nosso objeto também se enquadra na temática “Esporte”, em razão de o acontecimento envolver, diretamente, uma equipe esportiva brasileira que estava indo a outro país disputar uma final de uma competição continental. Salientamos ainda o fato de esse acontecimento abranger a modalidade esportiva mais popular do Brasil e de expressiva parte do mundo, o futebol. Ademais, como vemos no excerto a seguir (FIGURAS 86 a 88), em dados momentos

da cobertura, há uma personalização de alguns sujeitos por seus feitos esportivos; aqui, especialmente, o jornalista Sidney Garambone (editor e comentarista de Esportes da *Rede Globo*) destaca as façanhas esportivas de Bruno Rangel, que fez mais de 80 gols pela Chapecoense, e de Cléber Santana, que jogou no Atlético de Madrid e na Seleção Brasileira de Futebol.

Figuras 86 a 88 – *Jornal da Globo News* – Edição das 10h



Heloísa Gomide (âncora) – [...] eu vou conversar agora com Sidney Garambone, que tá aqui com a gente. A gente tem essa informação desencontrada... O jogador que foi responsável e foi considerado o herói da conquista... Dessa disputa na final da Copa Sul-Americana, o goleiro Danilo... Ele primeiro foi considerado o sobrevivente, tava com o nome na lista de sobreviventes. Depois, houve uma informação de que ele não teria resistido e, agora, a Cruz Vermelha local fala que ele está, sim, entre os sobreviventes. A gente está aguardando uma informação oficial, mas queria, Garambone, que você contasse um pouco pra gente quem é esse jogador e importância dele para essa grande disputa, que era tão aguardada, esse momento de glória...



Sidney Garambone (comentarista) – [...] o grande ídolo dela, digamos assim, foi o Bruno Rangel, porque é o jogador que mais fez gols, mais 80 gols pela Chapecoense, foi campeão brasileiro... Vice-Campeão Brasileiro da série B, subiu pra Série A. Foi pro futebol árabe, depois voltou... E o Danilo também tá nessa toada de ídolo, assim como o Cléber Santana, que é um jogador que jogou no Atlético de Madrid, um jogador que já foi de Seleção Brasileira, um jogador que foi também do Avaí e... Se achou também, um pouco mais experiente... Se achou na Chapecoense.



Sidney Garambone (comentarista) – [continuação] Então, assim, é engraçado como é que você vê um time como esse... Ele não é, assim, um time de ídolos, né... Apesar do Bruno Rangel ter sido um grande destaque. É um time de jogadores que se apegaram a uma cidade [...]

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016, 11h28.

Nosso objeto também se enquadra na temática “Policial”, devido à quebra da ordem social que o acontecimento gerou, sobretudo, em Medellín, na Colômbia, onde ocorreu a queda do avião. Vale ressaltar ainda que o acontecimento pode ser enquadrado dessa maneira uma vez que há vítimas e são envolvidas inúmeras autoridades colombianas, entre as quais, bombeiros, polícias, equipes de salvamento etc. Exemplo nesse sentido está no fragmento, a seguir, em

que a jornalista Heloísa Gomide (âncora) traduz indiretamente uma entrevista do diretor de Gestão de Risco da Colômbia, Carlos Iván Marquéz, à TV colombiana *Telemedellín* sobre os procedimentos de resgate e identificação dos corpos das vítimas.

Figuras 89 a 90 – *Jornal da Globo News – Edição das 10h*



Heloísa Gomide (âncora) – Pois é... E as autoridades colombianas vão dar início à segunda etapa das operações de resgate das vítimas do acidente com avião da companhia LaMia, com a identificação dos corpos. Só depois disso é que vai ser divulgado um relatório com todos os mortos neste acidente. O diretor nacional de Gestão de Risco, Carlos Iván Marquéz, disse ainda que estão ativando a chancelaria pra coordenação como os países... Tanto como o Brasil, com a Bolívia para o transporte dos corpos... O diretor disse que a operação vai continuar com as buscas e resgates seguindo os protocolos definidos. Mais de 150 pessoas trabalham nessa operação.



Heloísa Gomide (âncora) – [continuação] A gente já acompanhou imagens da operação de resgate neste momento no local do acidente... A gente vê que são muitas pessoas ali no local tentando fazer a retirada dos corpos da fuselagem... Pelas informações da Cruz Vermelha, sessenta corpos já foram retirados, quinze ainda estão presos na fuselagem neste momento.

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016, 11h28.

Por fim, nosso objeto também se enquadra na temática “Política”, por causa da repercussão que o acontecimento trouxe não apenas aos Poderes nacionais, mas na relação entre os países, sobretudo Brasil e Colômbia. Nesse sentido, tivemos manifestações de pesar de Michel Temer (presidente do Brasil), da ministra Cármen Lúcia (presidente do Supremo Tribunal Federal) e do deputado Rodrigo Maia (presidente da Câmara dos Deputados). No Congresso Nacional, inclusive, cogitou-se adiar votações previstas na Câmara e no Senado para aquele dia (o que não ocorreu). O enquadramento político, no entanto, ficou mais evidente pelas circunstâncias em que se deu a queda, na relação diplomática entre Brasil e Colômbia, como percebemos no exemplo a seguir, em que o jornalista Murilo Salviano (repórter) traz informações sobre o diálogo entre Michel Temer e Juan Manuel Santos (presidente da Colômbia) e, ainda, acerca das providências tomadas pelo Itamaraty (Ministério das Relações Internacionais do Brasil) e pela Embaixada do Brasil na Colômbia para traslado dos corpos e auxílio às famílias.

Figuras 91 a 93 – *Jornal da Globo News* – Edição do meio-dia



Christiane Pelajo (âncora) – O presidente Michel Temer decretou luto oficial por conta dessa tragédia envolvendo o voo da Chapecoense. A gente vai conversar com Murilo Salviano lá em Brasília.



Christiane Pelajo (âncora) – [continuação] Murilo, quais são as providências que o governo está tomando em relação a essa tragédia?



Murilo Salviano (repórter) – Oi, Cris, boa-tarde pra você! [...] O presidente colombiano transmitiu uma mensagem de pesar ao povo brasileiro, e Michel Temer agradeceu a manifestação do presidente colombiano e também ao apoio do governo colombiano nesse atendimento às vítimas e aos familiares brasileiros. Agora há pouco, o Itamaraty soltou uma nota também manifestando pesar e afirmando que a embaixada brasileira em Bogotá está enviando integrantes e funcionários lá para Medellín pra auxiliar os familiares e as vítimas desse acidente aéreo [...]

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016, 12h28.

Realizados tais enquadramentos do *corpus*, acreditamos ser possível fazer algumas asserções iniciais sobre a constituição desse grande acontecimento noticioso e que, possivelmente, vão ao encontro de outros grandes acontecimentos noticiosos. O fato de enquadrá-lo em até seis temáticas, ainda que seja patente a relevância de algumas sobre outras, reafirma não apenas o caráter complexo dos acontecimentos, mas, cremos, que caracteriza o grande acontecimento noticioso. Em outras palavras, a ampla mobilização temática, associada a outros elementos que veremos adiante, faz com que o acontecimento se torne suscetível de coberturas “ao vivo” por parte das emissoras.

Discursivamente, consideramos que essa diversidade temática desvela a complexidade do grande acontecimento noticioso, pressuposta a mobilização tecnológica e de pessoal que um veículo de comunicação, no nosso caso a *Globo News*, precisa realizar para perceber-capturar-

sistematizar-estruturar-enunciar um acontecimento como este, e deixa subentendido que o canal (*Globo News* novamente) tem competência e capacidade para fazê-lo, gerando, dessa maneira, credibilidade e legitimidade a si mesmo. Ainda no plano do implícito discursivo, percebemos com essa gama de temáticas que a emissora se coloca na posição de uma entidade onipresente, já que sua cobertura transita por Chapecó, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Medellín, para dizer só dos exemplos até aqui mostrados¹⁷⁹, e onisciente, pois sabe lidar com assuntos diversos e atores sociais com trânsito em diferentes esferas sociais: especialistas, autoridades colombianas e brasileiras, entre outros.

5.2 Dia 29 de novembro de 2016: a cobertura “ao vivo”

Após descrevermos e analisarmos as programações regular e “ao vivo” da *Globo News*, suas publicidades e propagandas e o nível situacional de uma emissora de jornalismo 24 horas no capítulo 4 e as temáticas inerentes à cobertura “ao vivo” do acidente com o avião da *LaMia* no dia 29 de novembro de 2016 no início deste capítulo, chegou o momento de analisarmos os níveis discursivo e semiolinguístico dessa transmissão direta¹⁸⁰.

Para isso, iremos abordar, primeiramente, aqueles sujeitos que têm papel enunciativo fundamental para a realização de uma transmissão em direto como a que aqui se apresenta, a saber: âncora, repórter/correspondente, comentarista, especialista, entrevistado; deles vamos observar não apenas as maneiras de dizer durante a encenação discursiva, mas o modo como vão utilizar e combinar os modos de organização e demais signos discursivos.

Em segundo lugar, vamos analisar as imagens presentes nesse “ao vivo”, levando em consideração para tanto os espaços midiático (estúdio, redação etc.) e social (rua, cenas externas), ademais das figuras de edição imagéticas, como planos filmicos, movimentos de câmera, cortes etc., e dos elementos fabricados por computação (logotipo, manchetes, *crawl* etc.). Por fim, faremos um apanhado de estratégias discursivas características do “ao vivo” que abordamos nos capítulos anteriores.

¹⁷⁹ Esse deslocamento geográfico será mais bem debatido adiante, sobretudo quando falarmos dos repórteres e dos correspondentes.

¹⁸⁰ As análises das maneiras de dizer e das escolhas verbo-visuais serão feitas simultaneamente, à medida que formos avançando pelos elementos intrínsecos ao *corpus*.

5.2.1 Sujeitos do “ao vivo”

A encenação discursiva de uma transmissão televisa em direto, como qualquer outra situação de comunicação, compreende a participação de sujeitos que vão instaurar diferentes maneiras de dizer e papéis linguageiros, observando, para isso, as restrições do quadro situacional. Nesse sentido, vamos analisar o modo como um grupo de sujeitos presentes na cobertura “ao vivo” (âncora, repórter/correspondente, comentarista, especialista e entrevistado) atua durante essa troca discursiva entre a instância de produção e a de recepção.

Importante ressaltarmos que, entre esse grupo de sujeitos presentes na cobertura “ao vivo”, há aqueles que são parte integrante da instância de produção (âncora, repórter/correspondente, comentarista) e os que são externos a essa instância, mas que, por sua condição, especialistas, membros de órgãos oficiais e testemunhas do ocorrido, têm participação direta na construção da transmissão direta televisiva. Ao todo, ao longo das 20h32min24 que selecionamos como *corpus* desta tese, identificamos dez âncoras, vinte e três repórteres e/ou correspondentes, seis comentaristas, dez especialistas e dezenove entrevistados.

5.2.1.1 Âncora, pivô da encenação “ao vivo”

De acordo com Charaudeau (2010b), o âncora é o mais importante agente da encenação do discurso midiático de informação, verdadeiro pivô do jogo proposto pela instância de produção. No nosso *corpus*, tal posição fica patente pela forma como o(a) âncora utiliza os modos discursivos, medeia (ou mesmo conduz) a relação entre o telespectador e seu acesso ao grande acontecimento durante a emissão em direto, concede turnos de fala aos que, com ele, estão na cobertura “ao vivo”. Para isso, o âncora se torna um EU enunciador personalizado:

[Ele] se expressa como se estivesse falando diretamente a cada indivíduo da coletividade dos telespectadores: ora participando de sua própria emoção com relação aos acontecimentos dramáticos do mundo (enunciação “elocutiva”), ora solicitando sua atenção ou seu interesse, e mesmo interpelando-o (enunciação “alocutiva”), tudo isso com o auxílio de movimentos do rosto (mesmo os mais discretos), de certos tons de voz, da escolha de determinadas palavras. (CHARAUDEAU, 2010b, p. 229).

Segundo Verón (1983), até a década de 1960, houve o chamado “apresentador-ventríloquo”: “[...] o corpo do apresentador está lá, mas a dimensão do contato é reduzida ao olhar. A

gestualidade é anulada, postura rígida do corpo, feição em ‘grau zero’” (p. 96). Ignacio Ramonet (1995)¹⁸¹, por sua vez, afirmou que a segunda fase do telejornalismo, iniciada após o surgimento dos satélites e do videoteipe, tornou os noticiários mais dinâmicos e ágeis, como mostramos no capítulo 1. Esse modelo, para o autor, criou o “âncora-vedete”: “[...] ele [...] confere unidade ao programa, pela sua presença constante e familiar, e credibiliza a informação, pois parece sentado ao mesmo nível do telespectador e olha-o nos olhos” (p. 171). Contudo, Ramonet disse ainda que a informação onipresente e circular característica dos dias de hoje fez o “âncora-vedete” perder espaço como figura principal dos telejornais¹⁸².

Duas outras características têm marcado a posição de âncora, pelo menos no Brasil, contemporaneamente: 1) o aumento da presença feminina nas bancadas (AURELIANO; SILVA, 2015; FARFAN, 2015) e 2) e a liberdade dada ao âncora para se locomover pelo cenário, abandonando seu lugar à bancada sempre que necessário (SCARCELLO; SILVA, 2017).

Tratando especificamente da transmissão “ao vivo” realizada pela *Globo News* sobre a queda do avião da empresa *LaMia*, houve a participação de dez âncoras ao longo das 20h32min24 de cobertura realizada no dia 29 de novembro de 2016, a saber: Aline Midlej, Christiane Pelajo, Erick Bang, Gabriela Ferreira, Heloísa Gomide, Leilane Neubarth, Maria Beltrão, Mônica Waldvogel, Renata Lo Prete e Sérgio Aguiar.

Constatamos, disso, primeiramente, o fato de a maioria dos âncoras ser mulher (oito), sendo uma delas de etnia negra, Aline Midlej, a única entre todos os âncoras. Em segundo lugar, todos os âncoras têm traços característicos da juventude, pele lisa e sem evidência de rugas, corpo tipo magro, ausência de cabelos brancos. Tais traços étnico-estéticos vão de encontro à pesquisa de Martins (2006), que, há mais de uma década, analisou 49 âncoras da TV brasileira e constatou que a maioria era de homens (55%) e que não havia nenhum negro.

Em relação ao tempo de aparição dos âncoras no quadro fílmico (capital visual), bem como o tempo em que ouvimos as vozes deles (capital sonoro), no dia 29 de novembro de 2016, na *Globo News*, elaboramos o QUADRO 15.

¹⁸¹ Seminário lecionado em 1995, em Santiago de Compostela, Espanha, aos alunos de doutorado em Ciências da Informação e relatado por Sousa (2006).

¹⁸² O que, em parte, verificamos no artigo *Telejornalismo all news: a morte do âncora-vedete?* (SILVA, 2013).

Quadro 15 – Âncoras (capital visual e capital sonoro)

Âncora¹⁸³	Capital visual	Capital sonoro
Erick Bang	1h58min13	2h55min52
Gabriela Ferreira	21min52	26min14
Heloísa Gomide	48min02	58min36
Aline Midlej	14min25	12min53
Christiane Pelajo ¹⁸⁴	1h21min21	1h22min34
Maria Beltrão	38min52	34min02
Leilane Neubarth	16min14	44min36
Sérgio Aguiar	10min25	11min06
Renata Lo Prete ¹⁸⁵	13min34	9min11
Mônica Waldvogel	5min34	5min00
Total	6h08min32	7h40min04

Fonte: Elaborado pelo autor.

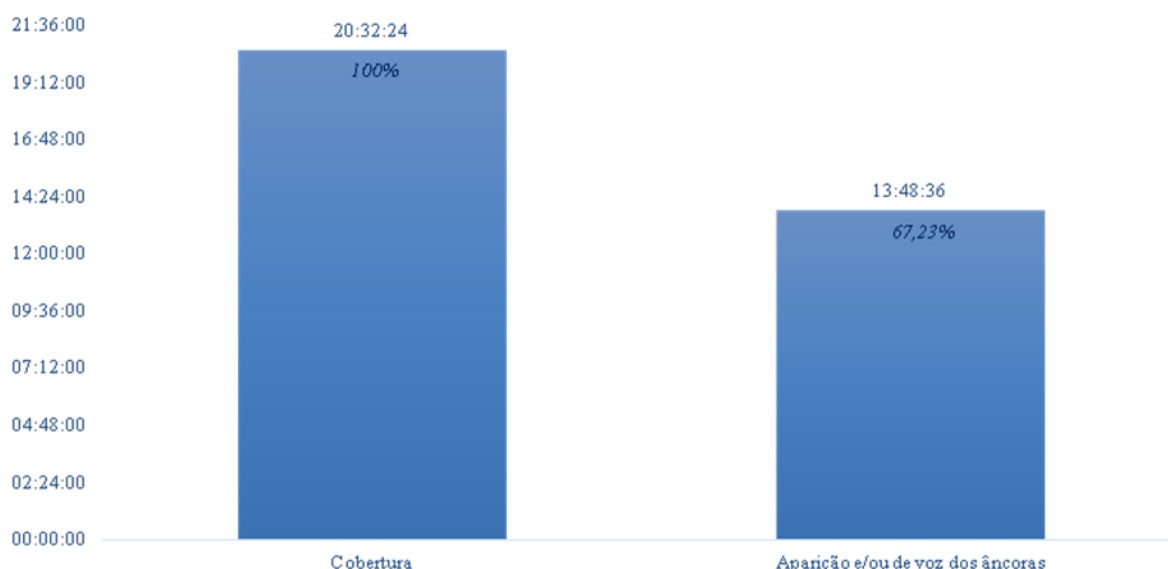
Inicialmente, com base no QUADRO 15, podemos observar a importância do âncora para o discurso midiático de informação em coberturas “ao vivo”, caso contrário sua aparição (capital visual) e sua voz (capital sonoro) não haveria de ser tão recorrentes nesse tipo de emissão. Acreditamos, só para dizer de dois aspectos relevantes do âncora, que sua presença no vídeo e sua voz são formas de conferir identificação com a audiência (por se tratar de uma pessoa presente cotidianamente) e legitimidade à enunciação (pois é publicamente reconhecida pelo seu ofício). Em segundo lugar, identificamos, na transmissão em direto realizada pela *Globo News* naquele dia 29 de novembro de 2016, que a importância do âncora se fez ver mesmo nos aspectos quantitativos ligados ao capital visual e o capital sonoro. Nesse sentido, elaboramos o GRÁFICO 3, em que constatamos o papel-chave do âncora para a emissão direta, já que apareceu e/ou foi ouvido em mais de 67% da cobertura naquele dia.

¹⁸³ A ordenação aqui proposta segue a aparição dos âncoras no dia 29 de novembro de 2016.

¹⁸⁴ Christiane Pelajo apareceu em diferentes momentos do dia, nas edições do meio-dia, das 13h e das 16h do *Jornal Globo News* e no *Jornal das Dez*.

¹⁸⁵ Renata Lo Prete só apareceu no *Jornal das Dez* e tratou apenas de acontecimentos relacionados ao contexto político-econômico do país, não abordando, em nenhum momento, a queda do avião da *LaMia*.

Gráfico 3 – Tempo total – cobertura x tempo de aparição e/ou voz dos âncoras¹⁸⁶



Fonte: Elaborado pelo autor.

A fim de dar a ver esse protagonismo do âncora em situações de cobertura “ao vivo”, trazemos, a seguir, algumas amostras extraídas da transmissão direta realizada pela *Globo News* sobre a queda com o avião que transportava a delegação da Chapecoense, profissionais da imprensa e tripulantes nas proximidades da cidade de Medellín, na Colômbia.

Inicialmente, constatamos que o âncora é o sujeito que mais goza de poder na situação de comunicação cobertura “ao vivo”, uma vez que ele (e somente ele) distribui os turnos de fala¹⁸⁷ durante a emissão. Nesse sentido, nem repórter, nem correspondente, nem especialista, nem entrevistado têm direito à fala sem a concessão do âncora, que, do contrário, formula perguntas, comenta, informa, especula quando bem entende (ainda que em dados momentos esteja sendo orientado por um editor por meio do ponto eletrônico colocado em seu ouvido). Um exemplo disso identificamos no excerto a seguir:

¹⁸⁶ Para fins de análise, estamos calculando o tempo de capital visual e o de capital sonoro, mas não necessariamente são dados separados, posto que, em muitos momentos da transmissão direta, o âncora está sendo visto e ouvido.

¹⁸⁷ “[...] contribuição de um locutor dada em certo momento da conversação [...]” (TRAVERSO, 2008, p. 488).

Figuras 94 a 99 – *Jornal da Globo News – Edição das 10h*



Maria Beltrão (âncora) – Eu volto a falar da tragédia dessa madrugada, a queda de um avião que levava a delegação da Chapecoense, jornalistas e tripulantes. Foi de madrugada que houve esse acidente...



Maria Beltrão (âncora) – E, agora, Ariel Palácios, de Buenos Aires, tem outras informações, atualizações, portanto, dessa tragédia. Ariel, boa-tarde!



Ariel Palácios (correspondente) – Boa-Tarde, Maria! A última novidade é que o Ministro dos Transportes da Colômbia anunciou que encontraram pelo menos uma das caixas-pretas [...]



Maria Beltrão (âncora) – Ariel, tenho outras perguntas para fazer para você... Fica aqui comigo. Mas eu vou aqui passar a palavra para o nosso especialista em gerenciamento de crises aí... E de acidentes, o Gustavo.



Maria Beltrão (âncora) – Oh, Gustavo, no caso... Que bom! Encontraram uma das caixas-pretas aparentemente. Que tipo de informações a gente tem numa caixa-preta?



Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016, 15h20.

Gustavo Cunha Mello (especialista) – Bom, cê tem duas caixas... É um par de caixas-pretas. Ela, ela... Uma grava a voz na cabine. Todo som da cabine... Antigamente era na última meia hora. Hoje em dia, já tem caixa-preta aí que grava todo o voo ou duas horas de voo e tal. E a outra caixa-preta, de dados, que ela diz todos os parâmetros de voo: inclinação dos flaps, angulação do avião velocidade, altitude... Tudo que o piloto fiz no manche etc. ele vai apontar na caixa-preta [...]

De início, identificamos, duplamente, um “eu personalizado”: primeiramente, Maria Beltrão dizendo “eu volto a falar da tragédia [...]” e, em segundo lugar, pelo próprio enquadramento fílmico, em que a âncora aparece sozinha em plano médio¹⁸⁸. Poder-se-ia supor que Maria Beltrão está sozinha transmitindo informações sobre a queda do avião CP-2933, o que não se confirma, como vemos nos quadros seguintes. Nesses excertos, constatamos a condição de protagonista de Maria Beltrão, a âncora da emissão em, no mínimo, cinco momentos: 1) convida Ariel Palácios para participar da emissão (“E, agora, Ariel Palácios, de Buenos Aires, tem outras informações [...]), 2) concede a palavra a ele (“Ariel, boa-tarde!”), 3) pede a Ariel que aguarde por ela (“Ariel, tenho outras perguntas para fazer para você... Fica aqui comigo.”), 4) direciona a atenção a Gustavo Cunha Mello (“Mas eu vou aqui passar a palavra para o nosso especialista em gerenciamento de crises aí... E de acidentes, o Gustavo”) e 5) concede a palavra ao especialista, por meio de um questionamento (“Oh, Gustavo, no caso... Que bom! Encontraram uma das caixas-pretas aparentemente. Que tipo de informações a gente tem numa caixa-preta?”).

Ademais dessa posição privilegiada do âncora na cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News* no dia 29 de novembro de 2016, identificamos que esse ser de fala assume um papel enunciativo de improvisador¹⁸⁹. Isso porque o âncora tenta dar coerência a uma natureza acidental que se apresenta a partir de fontes diversas e em fluxo demasiado, ao mesmo tempo em que ele deve repassá-la à instância de recepção, sobretudo quando do início da transmissão em direto. Nesse sentido, temos um discurso, por vezes, claudicante, truncado e repetitivo, ora pela falta, ora pelo excesso de informação.

¹⁸⁸ Da cintura para cima; adiante, quando abordarmos o aspecto visual, vamos explicar sobre os planos fílmicos.

¹⁸⁹ Não com o sentido de tentar falsear ou deturpar o ocorrido, mas com a intenção de dar coerência a um acontecimento cujos elementos para formular uma diegese narrativa são desconhecidos ou parcialmente conhecidos.

Da mesma forma, essa característica foi observada por Oliveira e Rublescki (2013), quando da análise da cobertura “ao vivo” realizada sobre o incêndio da Boate Kiss, ocorrido em 27 de janeiro de 2013:

O artigo evidenciou o imprevisto como um dos requisitos necessários para uma cobertura ao vivo de tragédias, lembrando que sua ocorrência não significa falta de conteúdo. Trata-se de uma alteração na rotina produtivas de elaboração do texto; a única alternativa na falta de tempo e de intervalo entre uma entrada ao vivo e outra. Se, por um lado, não raro resulta na repetição das informações, por outro, o imprevisto possibilita um relato mais natural e espontâneo que gera um efeito de proximidade com o telespectador. (OLIVEIRA; RUBLESCKI, 2013, p. 14).

Como exemplo, temos as asserções a seguir, em que Erick Bang, às 3h38, tenta dar conta do ocorrido.

Figura 100 – *Jornal da Globo News – Edição das 4h*



Erick Bang (âncora) – [...] Então, as informações continuam chegando. Nós estamos aqui acompanhando o desenrolar dos fatos... Não há ainda informações mais concretas sobre o que realmente teria acontecido. A gente ainda está trabalhando com... Muito no campo das hipóteses ainda... Mas a informação concreta que nós podemos dizer a você é de que o avião que transporta, transportava a equipe da Chapecoense a Medellín, na Colômbia, sofreu um acidente; quando se aproximava do aeroporto de Medellín, ele perdeu o contato com a torre de controle do aeroporto de Medellín às 9h33 da noite, horário local, horário da Colômbia, 0h33 pelo horário de Brasília. Ao todo, 72 pessoas estariam a bordo desse avião, e até o momento não há informação de mortes, mas sim de muitos feridos. As equipes de resgate estão se aproximando do local da queda do avião, e, segundo as primeiras informações, aí citando a agência de notícias RIA Novosti, dez pessoas já teriam sido retiradas do local do acidente. Ao todo, segundo as informações que chegam, é que 72 pessoas estariam a bordo desse avião da Chapecoense. Avião que fez uma escala na Colômbia, depois de ter saído do Brasil e, depois dessa escala na Colômbia... Bolívia... Perdão! O avião saiu do Brasil, fez uma escala na Bolívia e, aí sim, após essa escala, foi... voo em direção à Colômbia, à cidade de Medellín... Quando se aproximava do aeroporto de Medellín, esse avião acabou caindo. Repito: avião matrícula CP-2933, que transportava a equipe da Chapecoense para Medellín. A equipe da Chapecoense que disputaria a final da Copa Sul-Americana nesta quarta-feira, contra o Atlético Nacional de Medellín. Não há até o momento, volto a dizer, informação sobre mortes, temos sim relatos de muitos feridos na queda desse avião. As informações são de que 72 pessoas estavam a bordo do avião que transportava a equipe da Chapecoense, e esse avião sofreu um acidente quando se aproximava da do aeroporto de Medellín, o

Aeroporto José Maria Cordova... Esse avião que desapareceu dos radares quando sobrevoava já região metropolitana de Medellín, mais precisamente às 9h33 da noite, horário local, 0h33 pelo horário de Brasília [...]

De pronto, vale ressaltar que o âncora está sozinho no estúdio (espaço midiático) e, mesmo na redação que se vê em segundo plano, não há movimentação de pessoas, o que reforça o caráter fortuito do acontecimento; ademais, não há fotos ou imagens em movimento do ocorrido, somente as informações ditas e lidas pelo âncora a partir da agência de notícia *RIA Novosti*, da Rússia, ou do comunicado do Aeroporto José Maria Cordova, a partir das quais Erick Bang tenta construir uma narrativa coerente e fechada, e um texto, tipo manchete, na parte inferior do vídeo: “Avião da Chapecoense se acidenta na Colômbia, diz autoridade”.

Discursivamente, interessante observar as maneiras de dizer da *Globo News*, por meio de Erick Bang, que, em função da coerção situacional que o “ao vivo” impõe, cria estratégias discursivas que vão, por exemplo, da sinceridade do âncora (“*Não há ainda informações mais concretas sobre o que realmente teria acontecido. A gente ainda está trabalhando com... Muito no campo das hipóteses ainda...*”), do uso dos verbos no futuro do pretérito (simples ou composto), indicando seu caráter condicional e, dessa forma, eximindo-se de possíveis equívocos (“teria acontecido”, “disputaria”), até o uso de procedimentos para uma construção objetiva do mundo a partir de traços observáveis por qualquer sujeito, sobretudo traços característicos do modo de organização descritivo para localizar-situar (Medellín, 0h33 pelo horário de Brasília, “*O avião saiu do Brasil, fez uma escala na Bolívia*” etc.), criando um efeito de verossimilhança realista para a narrativa.

Desse papel enunciativo de improvisador do âncora na cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News* constatamos duas questões que são próprias desse tipo de transmissão em direto e que vão distinguir essa manifestação de outras do Sistema Técnico Indicial, mesmo as gravadas e outras “ao vivo” do discurso midiático de informação, a saber: 1) atribuição das informações recebidas e repassadas a agências de notícias e outros veículos de comunicação, dificultando a responsabilização da notícia, ao mesmo tempo que se busca um apagamento enunciativo da voz da emissora¹⁹⁰; e 2) as maneiras de lidar com informações truncadas.

¹⁹⁰ Esse apagamento enunciativo se faz presente aqui, mas reside sua força principalmente na presença dos especialistas, o que mostraremos adiante, quando da análise desses sujeitos.

Sobre as fontes em demasia, constatamos, no caso da cobertura “ao vivo” da *Globo News* naquele dia 29 de novembro de 2016, quase trinta agências de notícia ou veículos de comunicação mencionados durante a transmissão em direto¹⁹¹, da Colômbia (local do acidente) e de outros países e até de outros continentes¹⁹², conforme QUADRO 16:

Quadro 16 – Agências de notícias e outras mídias citadas durante a cobertura “ao vivo”

	Fonte	País
1	<i>Agência EFE</i>	Espanha
2	<i>BBC</i>	Inglaterra
3	<i>Agência Sputnik</i>	Rússia
4	<i>Rádio RCN</i>	Colômbia
5	<i>El Espectador</i>	Espanha
6	<i>Bild</i>	Alemanha
7	<i>CBS</i>	Estados Unidos
8	<i>Clarín</i>	Argentina
9	<i>CNN</i>	Estados Unidos
10	<i>Diário As</i>	Espanha
11	<i>El Colombiano</i>	Colômbia
12	<i>El País</i>	Espanha
13	<i>El País</i>	Uruguai
14	<i>Emol</i>	Chile
15	<i>Agência France Press</i>	França
16	<i>G1 (Grupo Globo)</i>	Brasil
17	<i>Jornal El Tiempo</i>	Colômbia
18	<i>La Gazzetta dello Sport</i>	Itália
19	<i>Le Monde</i>	França
20	<i>Marca</i>	Espanha
21	<i>Olé</i>	Argentina
22	<i>Radio Caracol</i>	Colômbia
23	<i>Agência Reuters</i>	Inglaterra
24	<i>Agência RIA Novosti</i>	Rússia
25	<i>Sky News</i>	Inglaterra

¹⁹¹ Ainda que a menção a agências de notícia e veículos de comunicação esteja presente em outros gêneros do discurso midiático de informação, nada se compara ao que foi feito durante a cobertura “ao vivo” feita pela *Globo News* no dia 29 de novembro de 2016, quando, em muitos momentos da transmissão, assistimos ao âncora dar uma informação no mesmo momento em que a recebia de uma agência de notícias ou a lia no site de um veículo de comunicação.

¹⁹² Do Brasil, a única fonte citada foi o portal *G1*, veículo do mesmo *Grupo Globo* que a *Globo News*.

	Fonte	País
26	<i>Sport</i>	Espanha
27	<i>Telemedellín</i>	Colômbia
28	<i>The Gardian</i>	Inglaterra
29	<i>The New York Times</i>	Estados Unidos
30	<i>The Washington Post</i>	Estados Unidos

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como amostra, nesse sentido, podemos tomar o excerto anterior, em que Erick Bang traz as primeiras informações sobre o avião da *LaMia* que transportava a delegação da Chapecoense, convidados, jornalistas e tripulação. A primeira agência de notícias citada em toda a cobertura é a russa *RIA Novosti*, com sede em Moscou e especializada na cobertura dos países da antiga União Soviética: “[...] segundo as primeiras informações, aí citando a **agência de notícias RIA Novosti**, dez pessoas já teriam sido retiradas do local do acidente.” (GLOBO NEWS, 29 nov. 2016, 3h38, grifo nosso). Ainda que valha questionar como uma agência com sede em Moscou teria informações sobre um acidente aéreo ocorrido em Medellín, a mais de 10.800 km de distância e fuso de oito horas entre as cidades, dando, inclusive, o número de pessoas retiradas do local da queda, a estratégia discursiva da *Globo News* se explica na medida em que há uma necessidade em dar informações sobre o ocorrido em primeira mão (“furo jornalístico”) e pelo fato de se tratar da cobertura “ao vivo” de um grande acontecimento noticioso, o que entendemos como coerções situacionais desse tipo de transmissão.

Sobre as informações truncadas (ou “desencontradas”, como, vez por outra, era mencionado pelos âncoras na transmissão da *Globo News*), selecionamos o excerto a seguir para análise:

Figuras 101 a 104 – *Jornal da Globo News – Edição das 13h*



Heloísa Gomide (âncora) – [...] Agora, tem uma informação que a Polícia Metropolitana del Valle de Aburrá informou, pela conta oficial em uma rede social, que 48 corpos foram retirados já do local da tragédia. Mas ainda não foi informado pra qual cidade é que os corpos foram enviados. A gente lembra que os números são muito desconstruídos. [...]



Heloísa Gomide (âncora) – [...] A gente deu agora a pouco a informação da Cruz Vermelha de que sessenta corpos foram resgatados e quinze ainda estavam presos a ferragens... Portanto, a gente traz aqui as informações que são divulgadas pela imprensa local, pelos órgãos oficiais... E, agora, portanto, essa informação local trazendo aí já o resgate de 45 corpos... A todo momento a gente vai atualizando aqui, né, Cris?!



Christiane Pelajo (âncora) – É! Exatamente, né, Helô?! Essa cobertura direta como a gente tá fazendo, com informações que chegam ao vivo pra gente, a toda hora, sempre a gente vai ter números desconstruídos dos mais diversos órgãos. [...]



Christiane Pelajo (âncora) – [...] E é nosso papel passar pro nosso telespectador o que a gente tá recebendo, né?! Por isso, que vocês estão às vezes recebendo números desconstruídos. Mas, é isso... Uma entidade fala uma coisa, outra fala outra, e a gente passa para vocês.

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016, 13h18.

A amostra anterior é apenas uma entre muitas passagens ocorridas na cobertura “ao vivo” empreendida pela *Globo News* naquele dia 29 de novembro de 2016 em que o âncora (aqui, no caso, as âncoras) justifica a estratégia discursiva de dar todas e quaisquer informações oriundas de fontes oficiais, veículos de comunicação e agências de notícias, utilizando, para isso, um mea-culpa como maneira de dizer, ou mesmo justificando o fato de “ser o papel da *Globo News*” fazer isso, como se não fosse possível um outro tipo de cobertura, só aquela em que a necessidade do “furo” vem primeiro. Ademais do mea-culpa, optou-se por atribuir a responsabilização das informações a outrem, aqui, no caso, à Cruz Vermelha (sessenta corpos resgatados) e à Polícia Metropolitana del Valle de Aburrá (quarenta e oito corpos resgatados).

5.2.1.2 Repórter e/ou correspondente, estratégia de captação do “ao vivo”

Há diferenças entre as funções de repórter e correspondente, como o âmbito geográfico e de atuação desses profissionais, já que o repórter exerce seu ofício, quase sempre, dentro do país onde está situado seu veículo de comunicação, e o correspondente, por sua vez, opera em outro país, representando o veículo naquela nação ou cidade de onde fala; ademais, vale ressaltar que o repórter, quase sempre, está na rua, “onde se dão os acontecimentos”, e o correspondente pode estar na rua, ou não, às vezes está em um estúdio, em um cômodo com vista para algum lugar ou monumento característico daquele país ou cidade, ou ainda em um cenário íntimo (biblioteca, quarto).

Se ser correspondente é, conforme a observação Gadret e Berger (2015) sobre o jornalista Renato Machado (correspondente do *Bom Dia, Brasil* em Londres, desde 2012), ter como função testemunhar os eventos, contextualizá-los e interpretá-los, acreditamos, levando em consideração nossas observações sobre a cobertura “ao vivo” da *Globo News* sobre a queda do voo da *LaMia*, que o repórter, da mesma forma, exerça tais atividades. Isso sem contar que ambos têm que lidar em seus ofícios com os mesmos subgêneros do discurso midiático de informação: reportagens, notas cobertas¹⁹³, *stand-ups*¹⁹⁴, boletins¹⁹⁵.

A partir dessas observações, então, podemos dizer que, no âmbito discursivo, tanto o repórter, quanto o correspondente têm como objetivo “relatar o acontecimento”, independentemente se está no seu país ou fora dele. Conforme apontamos no capítulo 2, o “acontecimento relatado” se divide em “fato relatado” (quando se trata de relatar fatos e ações) e “dito relatado” (quando se relata declarações de indivíduos de dimensão pública). No caso da transmissão direta da *Globo News* que é *corpus* desta tese, há tanto o acontecimento, quanto o dito relatado, ambos presentes no fazer do repórter e do correspondente. Por isso, vamos, aqui, dar a ver os procedimentos de encenação postos em prática por esses sujeitos.

¹⁹³ Nota coberta: notícia lida coberta com cenas do acontecimento em questão.

¹⁹⁴ *Stand-Up*: quando o repórter ou o correspondente faz uma participação “ao vivo” do local do acontecimento para transmitir informações de um fato. Normalmente, ele está de pé, em plano médio ou próximo.

¹⁹⁵ Boletim: resumo de um fato gravado pelo próprio repórter ou correspondente no local do acontecimento, depois de ele ter checado as primeiras informações. Deu origem ao *stand-up*.

Durante a cobertura “ao vivo” da *Globo News* sobre queda do avião da empresa *LaMia*, identificamos vinte e três sujeitos que têm participação na transmissão direta na condição de repórter e/ou correspondente, conforme consta no QUADRO 17:

Quadro 17 – Repórteres e/ou correspondentes

	Repórteres e/ou correspondentes	Aparições	Cidade
1	Adriana Perrone	1	Rio de Janeiro (RJ)
2	Ariel Palácios	18	Buenos Aires (Argentina)
3	Bernardo Menezes	4	Rio de Janeiro (RJ)
4	Bianca Rothier	5	Zurique (Suíça)
5	Bruno Grubertt	1	Carpina (PE)
6	Cléber Rodrigues	2	Campos dos Goytacazes (RJ)
7	Eduardo Cristófoli	1	Chapecó (SC)
8	Gabriel Prado	1	Chapecó (SC)
9	Isabela Leite	6	São Paulo (SP)
10	Janaina Castilho	1	Curitiba (PR)
11	Júlio Oliveira	1	Medellín (Colômbia)
12	Júnia Vasconcelos	1	Rio Branco (AC)
13	Lays Rocha	1	Aracaju (SE)
14	Lívia Laranjeira	1	Brasília (DF)
15	Lúcia Müzell	1	Paris (França)
16	Mauro Naves	3	São Paulo (SP)
17	Murilo Salviano	16	Brasília (DF)
18	Rafael Coimbra	3	La Ceja (Colômbia)
19	Rafael Junks	7	Chapecó (SC)
20	Raquel Krähenbühl	1	Washington (EUA)
21	Renata Betti	6	Cidade do Panamá (Panamá)
22	Thiago Moraes	1	Rio de Janeiro (RJ)
23	Vinícius Leal	3	Brasília (DF)

Fonte: Elaborada pelo autor.

Antes de analisar propriamente as maneiras de dizer de repórteres e correspondentes naquele dia 29 de novembro de 2016, é importante constataremos que a *Globo News*, ao trazer à tona vinte e três sujeitos (alguns mais de uma vez, totalizando oitenta e cinco aparições no dia) dos

mais diferentes pontos geográficos do Brasil (Rio Branco, Aracaju, Campos dos Goytacazes, Chapecó) e do mundo (Zurique, Cidade do Panamá, Paris, Medellín), tem uma estratégia discursiva calcada, ao mesmo tempo, numa visada de credibilidade (isto é, temos recursos financeiros, tecnológicos e humanos para estar nesses lugares e trazer informações de lá) e, principalmente, cremos, de captação, posto que boa parte das informações trazidas pelos repórteres e correspondentes poderia ser dita das redações do Rio de Janeiro e de São Paulo pelos próprios âncoras. É o caso, por exemplo, da amostra a seguir, em que temos a correspondente Bianca Rothier, que, de Zurique, na Suíça, traz informações sobre como a imprensa na Europa e nos Estados Unidos está cobrindo a queda do avião da *LaMia*.

Figuras 105 a 113 – *Jornal da Globo News – Edição das 8h*



Erick Bang (âncora) – A gente segue com essa cobertura... Jornais, sites de notícias do mundo inteiro tão falando sobre esse acidente na Colômbia... E a gente vai ao vivo até a Suíça conversar com a correspondente Bianca Rothier, que tá lá em Zurique. Bianca, bom-dia para você! Como é que a imprensa internacional tá abordando esse assunto? A gente tá vendo as reações dos times aqui se manifestando, e a imprensa aí na Europa e em outros continentes também... Como é que ela tá se manifestando com relação a essa tragédia? Bom-Dia!



Bianca Rothier (correspondente) – Bom-Dia! Bom-Dia a todos. Bem, vocês falaram também sobre a reação de alguns times aqui na Europa, já começando sobre a reação da CBF no Brasil... A FIFA ainda não se pronunciou sobre esse acidente. A gente aguarda uma atualização, uma informação, um comentário também da Federação Internacional de Futebol, Érick. [...]



Bianca Rothier (correspondente) – [...] O acidente... Falando especificamente sobre os jornais, é o principal destaque no mundo todo agora de manhã. As TVs também tão dando o maior destaque. No Reino Unido, as redes de TV BBC e Sky News dão a notícia na capa das edições on-line e no título destacam que o avião levava um time de futebol brasileiro... Eu, inclusive, Erick, acordei com alerta de breaking news da BCC no telefone celular, avisando sobre o acidente. [...]



Bianca Rothier (correspondente) – [...] O jornal inglês *The Guardian* está com um plantão... Plantão urgente também na capa da edição on-line... Então, os jornalistas atualizam as informações a todo instante... Contam com ajuda de agência de notícias também com posts enviados pelas redes sociais. [...]



Bianca Rothier (correspondente) – [...] O espanhol *El País* também destaca o acidente. Eles falam no número de vítimas pelo menos 76, das 81 pessoas que estavam a bordo. [...]



Bianca Rothier (correspondente) – [...] Na França, o *Le Monde* disse que os jogadores da Chapecoense deveriam jogar esta noite contra o Atlético Nacional também.... Eles também estavam no avião e... O *Le Monde* explica que a Copa Sul-Americana equivale à Liga Europa, que tem por aqui. [...]



Bianca Rothier (correspondente) – [...] O alemão *Bild* traz ali em destaque o acidente... Diz que... Eles mostram, inclusive, imagens de um dos jogadores pouco antes da partida... Também tem um grande destaque. E, nos Estados Unidos, os jornais e TVs também já começam a noticiar e bem cedo também por lá. [...]



Bianca Rothier (correspondente) – [...] O *Washington Post* colocou um breaking news na primeira página e segue atualizando. Eles também já dão esse número de pelo menos 76 mortos. [...]



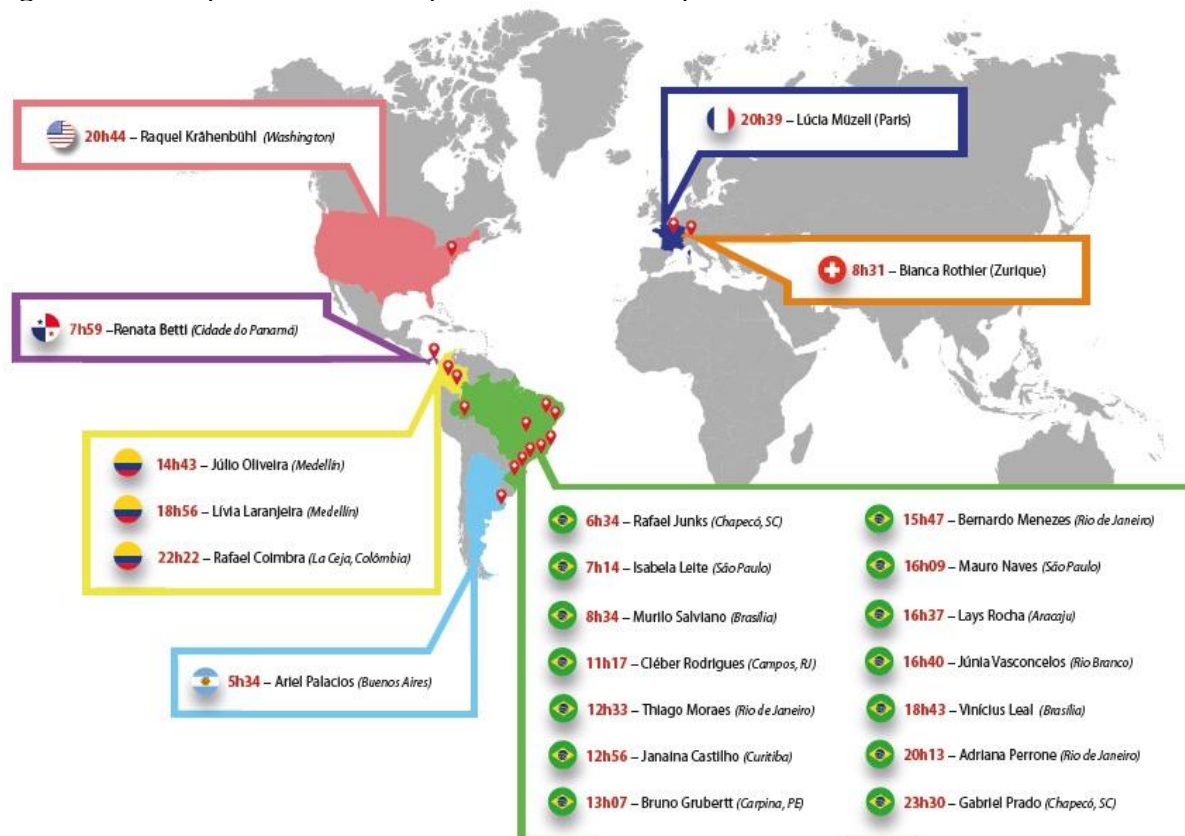
Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016, 8h30.

Bianca Rothier (correspondente) – [...] Erik, claro que a comoção é sempre grande diante de um acidente, mas o fato de o acidente envolver jogadores de futebol brasileiros... Isso acaba chamando muito mais atenção por aqui.

Constatamos que a aparição de Bianca Rothier em primeiro plano, de cachecol e o que parece ser um sobretudo, pressupondo que faz frio (em contraste com o verão brasileiro), com um dos muitos famosos lagos suíços em segundo plano dizendo da repercussão do acidente com o avião da *LaMia* na imprensa do Reino Unido, da Espanha, da França, da Alemanha e dos Estados Unidos, é, claramente, uma visada de captação que a *Globo News* utiliza como instância de produção. Talvez, e só então, poderíamos pensar em uma visada de credibilidade propriamente, se Bianca nos falasse do prédio da FIFA em Zurique, com alguma informação da entidade máxima do futebol, quicá com uma entrevista de um dirigente da Federação.

Com base nessa estratégia de captação que quer fazer supor uma onipresença da emissora no Brasil e no mundo diante de um grande acontecimento noticioso, elaboramos a FIGURA 114, em que identificamos visualmente quão dinâmica é a encenação midiática no que tange às idas e vindas pelo mundo.

Figura 114 – Mapa-Múndi com repórteres e/ou correspondentes



Fonte: Elaborada pelo autor.

Ainda sobre as visadas que a *Globo News* utilizou naquele dia 29 de novembro de 2016 em se tratando de repórteres e correspondentes, identificamos opção majoritária da emissora pelo uso do *stand-up*, que tem o apelo do “ao vivo” (visada de captação) – “isto está acontecendo agora!” e tem como objetivo “relatar o acontecimento”, por meio, sobretudo, dos modos de organização descritivo e narrativo. Nesse sentido, trazemos duas amostras do *corpus* em que identificamos, em uma, fato relatado e, em outra, dito relatado.

Durante toda a cobertura “ao vivo” da *Globo News* naquele dia 29 de novembro de 2016, especulou-se que a queda, na verdade, seria um pouso de emergência realizado pelo piloto após constatar falha elétrica da aeronave, o que justificaria os seis sobreviventes do acidente, algo pouco comum em acidentes aéreos. No entanto, supôs-se que o pouso de emergência teria sido dificultado em razão do mau tempo e da topografia montanhosa da região onde a aeronave foi encontrada. Na amostra, a seguir, identificamos um fato relatado sobre essas condições adversas do local e do clima onde a aeronave foi encontrada.

Figuras 115 e 116 – *Jornal da Globo News – Edição das 18h*



Leilane Neubarth (âncora) – Os enviados especiais¹⁹⁶ da GloboNews, Rafael Coimbra e William Correia, chegaram agora no fim da tarde a Medellín. E eles sobrevoaram, agora pouquinho, o local próximo do acidente. Vamos ver.



Rafael Coimbra (repórter) – É... São 4h15 horário local, aqui da Colômbia. Estamos nos aproximando do aeroporto de... José Maria Cordova, que é, provavelmente, o aeroporto pra onde o avião que sofreu acidente é... Se dirigia para fazer um pouso de emergência. A ideia original era aterrissar em Medellín, que fica a cerca de uns 30km desse aeroporto, mas o piloto relatou uma pane... Uma falha técnica no avião e teve que mudar o destino. A gente pode observar que é uma região montanhosa... [...] no momento do acidente, além de ser noite, chovia muito, a visibilidade era... Era complicada [...]

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016, 19h52.

Embora a amostra fuja das características que mais observamos em se tratando da aparição de repórteres e/ou correspondentes, posto que é um boletim (gravado) e não um *stand-up*, e que não haja o repórter e/ou correspondente no quadro fílmico, só ouvimos a voz dele, temos elementos do fato relatado. Inicialmente, identificamos que o locutor se apoia em uma diegese evenemencial (quando o acontecimento é relatado numa temporalidade presente), isto é, narra seu sobrevoo naquele momento pela região em que o avião da *LaMia* foi encontrado, para realizar uma diegese narrativa, construindo, com isso, uma história (aonde o avião iria, quais as condições do clima na noite anterior e o que houve de fato), com uma intenção deliberada (mostrar as condições adversas da região), um actante (o piloto) e a consequência da sua ação (mudar o destino em razão da falha técnica). Em segundo lugar, ainda no plano do acontecimento relatado, identificamos que, com esse gesto de comparar as diegeses evenemencial e narrativa, Rafael Coimbra busca dar autenticidade ou verossimilhança ao acontecimento por meio da analogia, tentando reconstituir o ocorrido de maneira mais realista possível, com detalhes e comparações, filmando, inclusive, a “região montanhosa”.

¹⁹⁶ Ademais das considerações que fizemos sobre as semelhanças e as diferenças entre repórteres e correspondentes, há ainda a figura do enviado especial, que, na verdade, é um repórter deslocado para o local de um acontecimento por um período específico de tempo para reportá-lo.

Sobre o dito relatado, temos o excerto a seguir, em que o repórter Murilo Salviano, que está em Brasília, relata uma resposta por escrito da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) em relação ao pedido feito pela Chapecoense para que o voo até Medellín fosse feito por uma empresa boliviana, a *LaMia*, mas saindo de São Paulo.

Figuras 117 a 120 – Jornal da Globo News – Edição das 9h



Heloísa Gomide (âncora) – A gente vai agora, então, para Brasília, né?! Falar com o Murilo Salviano...



Gabriela Ferreira (âncora) – Agência Nacional de Aviação Civil se pronunciou, né?! O Murilo tem essas informações, num é isso, Murilo?!



Murilo Salviano (repórter) – Exato! A gente entrou em contato com a Anac pra saber exatamente quais foram os trâmites desse voo da equipe de Chapecó, enfim... A Anac esclareceu o seguinte: que a equipe, a delegação solicitou um voo saindo diretamente do Brasil para Colômbia, por meio dessa companhia boliviana LaMia. A Anac não permitiu, não autorizou esse voo, porque o acordo brasileiro não permite esse tipo de transação...



Murilo Salviano (repórter) – Afirmou o seguinte: pedido foi negado com base no Código Brasileiro de Aeronáutica e na Convenção de Chicago, enfim, que trata desses acordos de serviços aéreos e... A Anac afirma ainda que o solicitante foi avisado, né?! A partir do momento em que a Anac negou esse pedido de transporte diretamente do Brasil para Colômbia, por meio desta empresa boliviana, disse que a operação só poderia ser feita por uma empresa brasileira ou por uma empresa Colombiana, não a boliviana, no caso essa LaMia [...]

Fonte: Globo News, 29 nov. 2016, 9h06.

Trata-se, neste caso, de uma enunciação de um dito anterior (resposta da Anac à *Globo News*), agora integrado ao *stand-up* do repórter Murilo Salviano. A partir desse dito relatado, o repórter, e a *Globo News* como um todo, busca autenticidade, sobretudo quando vemos Murilo lendo a resposta na FIGURA 120, ou quando notamos a presença de verbos dicendi relativos à Anac: “esclareceu”, “afirmou”, “negou”; almeja ainda responsabilizar a Agência por essa informação, ou seja, “eu só estou repassando a informação, a responsabilidade por isso é da Anac”. Há nesse movimento ainda um posicionamento de poder por parte do locutor-relator, no caso Murilo Salviano e a *Globo News*, pois, ao ler a resposta da Anac, ele faz o telespectador saber algo que anteriormente não sabia, e só soube por ele. A partir do *stand-up*, porém, não conseguimos saber se o dito foi relatado de maneira direta, indireta, ou indireta livre, ainda que percebamos o repórter lendo algo enquanto fala. Ademais, constatamos que o dito relatado aqui mostrado tem efeito de decisão, isto é, a Anac, na condição de agência reguladora da aviação civil nacional, tem prerrogativa para decidir sobre a questão.

5.2.1.3 Comentaristas

Retomando o que dissemos no capítulo 2, com base em Charaudeau (2010b), o jornalista na condição de “descriptor-comentador” tem por objetivo fazer com que a instância de recepção compreenda determinando fenômeno, mas por meio de explicações pontuais e fragmentadas. Dessa maneira, o problema do comentarista está na ausência de rigor e coerência, pois o discurso midiático de informação, diz Charaudeau (2010b, p. 76, grifo no original), “[...] não pode pretender nem à *cientificidade*, nem à *historicidade*, nem à *didaticidade*”¹⁹⁷. Nesse sentido, esse comentário-análise não passa de uma estratégia de captação da instância de produção.

Não obstante o comentarista atue como mais um elemento de captação da emissora, entendemos que sua participação na encenação midiática constitui uma unidade significativa de análise para esta pesquisa, posto que sua presença foi requerida com certa recorrência ao longo da transmissão sobre a queda do avião da *LaMia*. Ao todo, tivemos seis comentaristas presentes durante aquele dia 29 de novembro de 2016, apresentados no QUADRO 18.

¹⁹⁷ Isso porque 1) o discurso científico supõe um saber especializado direcionado a uns poucos, não sendo viável a vulgarização; 2) o discurso histórico requer um trabalho metódico e uma metodologia rígida, sem condições de se realizar na emergência dos fatos; e 3) o discurso didático necessita de um retorno, uma avaliação, um retorno por parte do interlocutor.

Quadro 18 – Comentaristas

Comentarista	Função social-midiático	Função enunciativa
Eliane Cantanhêde	Comentarista de Política	Comentarista
Elisabete Pacheco	Comentarista de Cultura	Comentarista
Guga Chacra	Correspondente em Nova York	Comentarista
Marcelo Lins	Comentarista de Assuntos Internacionais	Comentarista
Paulo Marcelo Sampaio	Editor-Chefe da <i>Globo News</i>	Comentarista
Sidney Garambone	Editor de Esportes da <i>Rede Globo</i>	Comentarista

Fonte: Elaborada pelo autor.

Antes de analisarmos amostras do *corpus* em relação a esses comentaristas, interessante observar que a função enunciativa de comentarista pouco depende da função social-midiático, isto é, independentemente do papel do jornalista no compósito midiático da *Globo News* (comentarista, editor, correspondente), ele está apto a comentar temas relacionados à queda do avião em que viajava a delegação da Chapecoense caso a emissora necessite e o convoque. Nesse sentido, destacamos uma participação, especialmente, que é expressiva de analisarmos, a de Paulo Marcelo Sampaio.

Figuras 121 a 127 – *Jornal da Globo News – Edição das 13h*

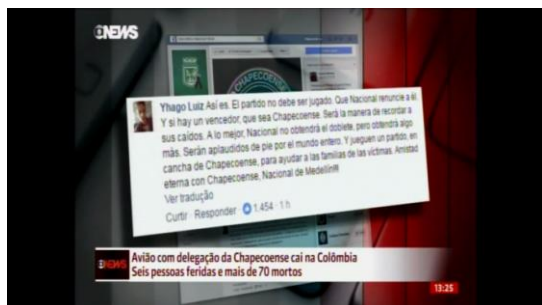
Heloisa Gomide (âncora) - E, agora, aqui no nosso estúdio, com a gente está também o Paulo Marcelo Sampaio, que é editor-chefe aqui na Globo News, nosso colega... A gente vai conversar com você daqui a pouquinho [...]



Christiane Pelajo (âncora) - Bom, a gente vai conversar agora com o jornalista Paulo Marcelo Sampaio, ele é editor-chefe aqui da Globo News e entende muito de futebol, né, Paulo?! [...] Queria que você contasse para a gente a trajetória desse time, né?! Ele ele veio da série D, passou para série A e conte... Conseguiu se manter durante três anos seguidos na Série A, né?! O que não é uma coisa muito comum para um time de tamanho médio...



Paulo Marcelo Sampaio (comentarista) - Cris... Boa-Tarde, Cris! Boa-Tarde, Helô! Esse momento tristíssimo do futebol, né?! A Chapecoense... Pode parecer estranho o que eu vou dizer, mas Santa Catarina sempre teve uma forte tradição... Já vem uma tradição de quinze anos que eles têm, pelo menos, quatro times na primeira divisão, às vezes, três... Um é rebaixado, outro sobe. Então, ele, ele... Desde 2009... 2009 a Chapecoense estava na Série D, como você falou... Eu pedi pra fazer, pra fazerem uma tabelinha aí... [...]



Paulo Marcelo Sampaio (comentarista) - [...] Não, isso aí... Isso aí me chamou muita atenção: um torcedor do Atlético Nacional dizendo que o Atlético teria que renunciar ao título e dá o título pra Chapecoense, né?! Legal, eles falando que podiam jogar uma partida na, no campo da Chapecoense pra ajudar as pessoas, pra ajudar as vítimas dessa tragédia. É legal, Cris e Helô, essa, essa solidariedade, né?! [...]



Paulo Marcelo Sampaio (comentarista) - [...] Todos... A maioria dos clubes, em quase toda totalidade, eles botaram nas páginas deles na rede social o escudo da Chapecoense... E, e prestando essa solidariedade, né?!



Christiane Pelajo (âncora) - Inclusive times de fora do Brasil, né, Paulo?! A gente viu Barcelona, Real Madrid fazendo um minuto de silêncio antes dos treinos hoje...



Paulo Marcelo Sampaio (comentarista) - É legal... Eu tava vendo a trajetória da Chapecoense... Ela ficou... Ele, ele foi da série D para Série A em seis anos... Isso é quase que um recorde. Ficou três anos na Série C e depois foi pra Série B e foi, foi vice-campeão... Em que se manteve na Série A há 3 anos já [...]

Inicialmente, vale observar como Paulo Marcelo Sampaio é qualificado pelas âncoras, como “editor-chefe da *Globo News*”, “nosso colega” e “entende muito de futebol”. Temos, então, um comentarista que tem função social-midiático de editor-chefe da emissora, que pertence à mesma comunidade ou corporação das âncoras, por isso um “colega”, e que está apto a ser um descritor-comentador, pois “entende muito de futebol”. Nesse sentido, temos uma diferença claramente marcada entre comentarista e especialista (que vamos analisar na seção seguinte), uma vez que este é, necessariamente, um sujeito externo à instância de produção e que tem formação acadêmica ou vasta experiência em determinado assunto, podendo, por isso, falar com propriedade.

Em segundo lugar, a ausência de rigor e coerência com que Paulo Marcelo Sampaio conduz sua fala, caracteriza-o, de fato, como um comentarista midiático nos moldes charaudianos. Isso porque temos, a princípio, uma inconsistência em relação à tradição e à presença dos clubes de Santa Catarina na Série A do Campeonato Brasileiro nos últimos quinze anos. Conforme vemos no QUADRO 19, nos últimos quinze anos, houve, em apenas um ano (2015), três equipes catarinenses disputando a elite do futebol brasileiro; há anos (2001 e 2013), inclusive, em que não havia nenhuma equipe daquele Estado. Talvez, ele tenha baseado o argumento somente no ano de 2015.

Quadro 19 – Times catarinenses disputando a Série A do Campeonato Brasileiro (2001-2015)

Ano	Equipes de Santa Catarina disputando a Série A
2001	Nenhuma
2002	Figueirense
2003	Criciúma e Figueirense
2004	Criciúma e Figueirense
2005	Figueirense
2006	Figueirense
2007	Figueirense
2008	Figueirense
2009	Avaí
2010	Avaí
2011	Avaí e Figueirense
2012	Figueirense
2013	Nenhuma

Ano	Equipes de Santa Catarina disputando a Série A
2014	Criciúma e Figueirense
2015	Avaí, Figueirense e Joinville
2016	Chapecoense e Figueirense

Fonte: Elaborada pelo autor.

Ademais disso, e talvez o aspecto que mais marque o quanto o comentário midiático seja tão-somente uma estratégia de captação, é o fato de Paulo Marcelo Sampaio, depois de muito rodear (mencionando o pedido de um torcedor do Club Atlético Nacional para que a equipe colombiana dê o título ao time de Chapecó e acerca do fato de boa parte dos times brasileiros ter colocado o escudo da Chapecoense nos perfis de redes sociais), responder à pergunta da âncora sobre a trajetória da Chapecoense desde a Série D do Campeonato Brasileiro até a Série A somente repetindo informações da pergunta, sem detalhes dessa trajetória.

No nível semiolinguístico, propriamente, temos que o comentário jornalístico é da ordem do explicativo, em detrimento do relato, que está no âmbito da constatação. Nesse sentido, o comentário deve revelar o que está implícito na natureza evenemencial, trazendo à tona suas causas. Para isso, parte-se de uma problematização, que é formada pela emissão de um tema, sua inserção em um questionamento, seguida da elaboração de argumentos sobre. Feita essa problematização, tenta-se elucidar a questão, isto é, dar significados daquele acontecimento. Na amostra a seguir, temos o comentário de Sidney Garambone, editor de Esportes da *Rede Globo*, que se utiliza de raciocínio baseado na reconstituição de uma sequência dos fatos para argumentar que o acidente com o avião da *LaMia* é a maior “tragédia do futebol mundial”.

Figuras 128 e 129 – *Jornal da Globo News – Edição das 10h*



Sidney Garambone (comentarista) - [...] Mais cedo, eu entrei na Globo News, falei: 'pô, certamente é a maior tragédia do futebol brasileiro.' Eu agora já tenho quase a certeza que é a maior tragédia do futebol mundial, porque a gente tem uma sequência de tragédias... Depois a gente pode conversar aqui de quedas de avião... O Ariel começou a falar... Falou do Torino, de Turim, do próprio Manchester United, que também colocou os seus sentimentos de luto... [...]



Sidney Garambone (comentarista) - [...] Agora, nesse tamanho... Primeiro que tava indo pra uma final de Campeonato Sul-Americano, segundo porque morre praticamente todo time, morre o presidente, morre a comissão técnica inteira, o treinador, os jornalistas que tavam acompanhando. Então, assim, a gente tem números, assim... Aterrorizadores mesmo. Então, assim, é triste que a Chapecoense que tava para entrar para história do futebol mundial, como mais uma grande história de patinho feio, no sentido de que time médio, time sem muito dinheiro, entra para história como a maior tragédia do futebol mundial.

Fonte: Globo News, 29 nov. 2016, 10h16.

No excerto, temos, então, a problematização (tema: “o maior acidente aéreo do futebol mundial”; questionamento: a maior tragédia não foi a do Torino e nem a do Manchester United¹⁹⁸; argumentos: porque a Chapecoense iria disputar uma final de Sul-Americana, porque morreu quase todo o time, comissão técnica, treinador, presidente, jornalistas e o número de pessoas envolvidas era maior) e a sequência de fatos a fim de elucidar a explicação, sobretudo, se observarmos o uso dos numerais (“**Primeiro** que tava indo pra uma final [...] **segundo** porque morre praticamente todo time [...]”), e do procedimento dedutivo (primeiro por isso... segundo por isso... “**Então**, assim, temos a gente tem números, assim... Aterrorizadores”).

5.2.1.4 Especialistas

Se nas análises até agora só propusemos reflexões sobre sujeitos que são inerentes à instância de produção, parte do compósito midiático, como âncora, repórter, correspondente e comentarista, nesta e na próxima seção vamos abordar aqueles que são externos aos *media*, mas que são convocados a participar do jogo midiático, o especialista e o entrevistado. De acordo com Amaral (2013), esses sujeitos externos aos *media* têm papéis específicos em situações de relatos de tragédias. “Às fontes especialistas, é atribuído um saber de conhecimento, uma representação racionalizada que busca tornar o acontecimento inteligível. Enquanto isso, a fonte testemunhal descreve os fatos e traz a marca do sensível, da experiência, do vivido.” (p. 73).

¹⁹⁸ Em 1949, o Torino Football Clube, da Itália, voltava de um amistoso em Portugal, quando o avião se chocou com a Basílica de Superga, morrendo todas as 31 pessoas a bordo. Nove anos depois, em 1958, o avião que transportava jogadores e dirigentes do Manchester United Football Club, da Inglaterra, tentou decolar de Munique, na Alemanha, em direção a Manchester, mas caiu, matando 23 pessoas; o time inglês voltava de um jogo pela Liga dos Campeões da Europa realizado em Belgrado, na Sérvia, tendo feito uma escala na Alemanha.

Tratando especificamente do especialista, podemos dizer que sua participação difere da do comentarista, primeiramente, por sua condição de distanciamento da instância de produção (como dissemos na seção anterior), ele é externo¹⁹⁹; segundo, por se tratar de um informador notório, isto é, um sujeito que está ligado a certa profissão ou área do conhecimento e, por isso, tem um “crédito natural”; e terceiro aspecto, de maior relevância nessa distinção, por sua participação estar ligada ao modo de organização do discurso midiático que se refere ao acontecimento provocado, e não ao acontecimento comentado, como no caso do comentarista.

Nesse sentido, constatamos dois tipos de acontecimento comentado nos quais houve participação de especialistas na cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News* naquele dia 29 de novembro de 2016: entrevista e debate. Podemos caracterizar o acontecimento provocado a partir de cinco características, as quais estão presentes no *corpus* desta tese: 1) a fala é externa à mídia (sim); 2) o tema refere-se a alguma questão atual (no nosso caso, atualíssima, a queda do avião da *LaMia*); 3) o convocado tem que identidade (especialista em Gerenciamento de Risco, especialista em Segurança de Voo, especialista em Transporte Aéreo, piloto de linha aérea); 4) há um representante da mídia (sim, um âncora animador); e 5) que espaço de visibilidade se identifica (entrevista e debate).

Dessa maneira, para fins de análise, vamos explorar duas amostras do *corpus*, sendo uma entrevista e um debate, em que constatamos participação do especialista na encenação midiática proposta pela *Globo News* na transmissão direta sobre o acidente com o avião que transportava a delegação da Chapecoense. Antes disso, porém, vamos listar a seguir os nomes dos especialistas convocados naquele dia e suas respectivas identidades.

Quadro 20 – Especialistas convocados pela *Globo News*

Especialista	Identidade social
Carlos Camacho	Especialista em Acidentes Aéreos
Coronel Douglas Machado	Especialista em Segurança de Voo
Gerardo Portela	Especialista em Gerenciamento de Risco
Gustavo Cunha Mello	Especialista em Gerenciamento de Risco
Ivan Sant'Anna	Escritor

¹⁹⁹ Embora seja externo, o especialista, ainda que tente agir de maneira independente, não o faz totalmente, isso porque, ao ser convocado pelos *media*, sabe como deve se pronunciar para cumprir o papel de “bom especialista” e, para isso, usa de maneiras de dizer condizentes com a encenação proposta.

Especialista	Identidade social
Jorge Barros	Especialista em Segurança de Voo
Jorge Eduardo Leal Medeiros	Especialista em Transporte Aéreo
Luís Fernando Correia	Médico
Moacyr Duarte	Especialista em Gerenciamento de Risco
Rodrigo Spader	Piloto aéreo e presidente do Sindicato dos Aeronautas

Fonte: Elaborada pelo autor.

Podemos observar pelo QUADRO 20 que a *Globo News*, ao optar por especialistas *ad hoc* em aviação, acidentes aéreos, segurança em voo, busca cativar a instância de recepção a partir de uma estratégia de captação calcada na expertise desses profissionais, já que “temos aqui em nossos estúdios pessoas capacitadas para falar sobre a queda do avião da *LaMia* ‘ao vivo’”, e num viés cidadão, posto que “damos voz a pessoas que são externas à nossa emissora para que você saiba e compreenda o que ocorreu, de fato, com o voo da *Chapecoense*”. O médico falou sobre os sobreviventes hospitalizados, e o escritor, na verdade, é um especialista em grandes acidentes aéreos, tendo escrito livros sobre isso, o que justifica a sua presença.

Figuras 130 a 133 – *Jornal da Globo News – Edição das 13h*



Heloísa Gomide (âncora) - [...] Eu vou repassar agora essa pergunta que... A gente acabou de receber informação do diretor da Aeronáutica Civil da Colômbia, Alfredo Bocanera, que disse a uma rádio local, que, aparentemente, falhas técnicas, e não mau tempo, teria provocado o acidente. Na sua observação, na sua experiência em acidentes aéreos, já é possível nesse momento ter essa impressão, já ter análise feita por um órgão oficial?



Gustavo Cunha Mello (especialista) - Não. Vamos lá... Ele é o que seria o nosso presidente da Anac, ele não é o Cenipa, que investiga acidentes aéreos. Ele está dizendo que o mau tempo não é... Eu acho prematuro. Acho que não existe acidente aéreo por uma única causa. Existe uma sucessão de causas... É possível que tenha havido pane seca, é possível que tenha havido pane elétrica, é possível uma série de coisas... E o mau tempo contribui, sim, pra que o piloto não tenha tomado uma linha reta e chegado na pista. Faltavam trinta quilômetros. [...]



Gustavo Cunha Mello (especialista) – [...] Eventualmente, teve que fazer desvios de cúmulos-nimbos, o que pode ter contribuído, sim, pra piorar a visibilidade, pra piorar aeronavegabilidade do avião numa linha reta pra pista... Linha reta porque está em pouso de emergência, senão ele teria que fazer aproximação normal conforme a Carta Náutica. Mas eu acho prematuro. É... O que eu acho que ele talvez tenha querido dizer seria que não é o principal... Que a meteorologia não é o fator principal... Nisso eu posso concordar. [...]



Gustavo Cunha Mello (especialista) – [...] Agora, que a meteorologia será um dos fatores contribuintes, como terão vários deles, inclusive, até fadiga de piloto tem que se analisar... [...] Era um voo noturno, temos que lembrar... Voo noturno... Então, falhas do piloto podem ter sido causadas por fadiga, por exemplo. Então, tudo isso vai sair na investigação. Fato é que a investigação, dentro de um mês, deve dar um laudo preliminar pra, depois de um ano, dar o laudo definitivo. E eu acho que serão uma série de fatores contribuintes, como todos os casos.

Fonte: Globo News, 29 nov. 2016, 13h15.

De imediato, interessante analisarmos a participação de Heloísa Gomide como animadora, no intuito de provocar a participação do especialista: “[...] *já é possível nesse momento ter essa impressão, já ter análise feita por um órgão oficial?*”. Nesse sentido, ela se dá o papel de inquiridora, posto que coloca o saber e a experiência do especialista em confronto com o dito relatado do diretor da Aeronáutica Civil da Colômbia, Alfredo Bocanera. Esse papel dos representantes das mídias é uma das características do acontecimento provocado.

Em seguida, constatamos que o especialista, ainda que use maneiras de dizer que vão ao encontro daquilo que a emissora espera dele (explicação vulgarizada, fala coloquial e pausada etc.), lança mão de jargões e termos técnicos (Anac, Cenipa, desvios de cúmulos-nimbos, Carta Náutica, laudo preliminar, laudo definitivo) que identificamos como sendo uma forma de marcar posição como sujeito de notório conhecimento. Em relação à materialidade linguística, entendemos que Gustavo Cunha Mello lance mão tanto da reconstituição, quanto da analogia para elucidar suas explicações. Dessa maneira, usa, então, de relações de causa e consequência, a partir de um procedimento dedutivo, a saber: “[...] *É possível que tenha havido pane seca, é possível que tem havido pane elétrica, é possível uma série de coisas... E o mau tempo contribui, sim, pra que o piloto não tenha tomado uma linha reta e chegado na pista. Faltavam trinta quilômetros. [...] Eventualmente, teve que fazer desvios de cúmulos-nimbos, o que pode ter contribuído, sim, pra piorar a visibilidade, pra piorar aeronavegabilidade do avião numa linha reta pra pista...*” O raciocínio por comparação fica

patente, por exemplo, quando diz, já ao final do excerto *“E eu acho que serão uma série de fatores contribuintes, como todos os casos.”* Em outras palavras, esse acidente aéreo com o avião da *LaMia* é como todos os outros, houve uma sucessão de causas.

A segunda amostra que vamos aqui analisar para tratar do especialista na encenação midiática se desenrola em um debate, isto é, outro espaço de visibilidade comum ao acontecimento comentado. Este se realiza no programa *Entre Aspas*, que naquele dia 29 de novembro de 2016 abordou a queda do avião em que estava a delegação da Chapecoense e, para isso, contou com as presenças de Rodrigo Spader (piloto aéreo e presidente do Sindicato dos Aeronautas), de Jorge Eduardo Leal Medeiros (especialista em Transporte Aéreo), ambos no estúdio em São Paulo, com a âncora Mônica Waldvogel, e Ivan Sant'Anna (escritor de livros sobre desastres aéreos), que estava por videoconferência no Rio de Janeiro.

Figuras 134 a 138 – *Entre Aspas*



Mônica Waldvogel (âncora) - Bom, um avião seguro, uma autonomia, digamos, muito justa em relação à distância que tinha que ser percorrida. Então, Ivan, cê acredita numa falha humana pela sua experiência de análise de acidentes, uma decisão é... Equivocada, mais do que uma falha do equipamento, técnica?



Ivan Sant'Anna (escritor) – Olha [...] Um avião que tem uma autonomia de três mil quilômetros e faz um plano de voo de três mil quilômetros, eu suponho que ele deve ter feito um plano de voo falso na decolagem Santa Cruz de la Sierra, porque, como disse agora mesmo o... O presidente do Sindicato, o avião tem que ter... Combustível suficiente para chegar ao destino, mais o aeroporto alternativo e mais trinta minutos. E evidente que isso ele não tinha... Quer dizer, pode ser que haja outras causas para o acidente, mas eu acho que esse avião já saiu em alto risco [...]



Mônica Waldvogel (âncora) - Agora, fazer um plano de voo falso é uma informação, pra leigo, curiosa... É... Como é que você sai de Santa Cruz de la Sierra levando setenta e poucos passageiros e vai prum outro país, sai da Bolívia vai para Colômbia, com plano de voo equivocado, pra parecer que deu... Isso é comum em aviação?



Jorge Eduardo Leal Medeiros (especialista) - Não! Absolutamente, não. Isso não existe. A autoridade não deixa o avião sair nessas condições. Não sei qual é o tipo de controle que tem mas, enfim, acho muito difícil que tenha acontecido. O que pode ter sido é a pessoa colocar como destino, vamos dizer, Bogotá e, depois, chegar perto de Bogotá e achar que dá.[...]



Jorge Eduardo Leal Medeiros (especialista) - Existe uma técnica chamada “reclearance” em aviação, que você vai até um certo, se você chegar perto e você acha que dá, você... Se não der, cê pausa, onde cê tava previsto... Se não, cê vai em frente... Você faz um recálculo, chama-se “reclearance”... Agora, não sei se é seu caso, tá?! Mas, aparentemente, as coisas estão indicando um limite de tempo, de fato, tá?! [...]

Fonte: Globo News, 29 nov. 2016, 23h48.

Embora o formato do programa não seja o de um debate, digamos, clássico, isto é, no mínimo duas pessoas com ideias distintas – de preferência opostas – digladiando-se, posto que os três especialistas, na maioria das vezes, têm opiniões semelhantes, essa amostra constitui uma exceção. Nela, houve uma divergência de opiniões entre o escritor Ivan Sant’Anna e o especialista em Transporte Aéreo Jorge Eduardo Leal Medeiros em relação ao plano de voo elaborado pela tripulação da *LaMia* para o voo que acabou caindo; para Ivan, houve a elaboração de um plano de voo falso, já que a autonomia de voo do avião era de três mil quilômetro e a distância de Santa Cruz de la Sierra e Medellín é de três mil quilômetros, mas Jorge Eduardo Leal Medeiros replicou dizendo que plano de voo falso é algo que não existe.

Desse debate em relação à concepção do plano de voo, podemos perceber que Jorge Eduardo Leal Medeiros, como o fez Gustavo Cunha Mello no excerto anterior que analisamos, marca posição de informador notório ao utilizar um termo técnico em específico (“*reclearance*”) para derrubar a tese proposta por Ivan Sant’Anna de plano de voo falso. Ademais, vemos nesse gesto uma tentativa de Jorge demarcar sua identidade social de especialista em Transporte Aéreo, em detrimento da identidade de Ivan, escritor sobre desastres aéreos.

Discursivamente, ademais dos posicionamentos desses especialistas, destacamos a postura de autoridade de Mônica Waldvogel, que se encontra sozinha de um lado da bancada e somente após intervenção dela é que os especialistas têm direito à palavra, marcando uma posição de

gerenciadora dos turnos de fala. Nesse caso, nota-se como a âncora atua como provocadora do debate: “*Agora, fazer um plano de voo falso é uma informação, pra leigo, curiosa... É... Como é que você [...] sai da Bolívia vai para Colômbia, com plano de voo equivocado [...] Isso é comum em aviação?*”

Nesse sentido, fica patente aquilo que Rabatel (2013) denomina como sendo “gestão do ponto de vista”. No caso do jornalismo (seja TV, impresso, rádio, *web*), então, o locutor-jornalista atua como um orquestrador, lançando mão da voz do outro para compor seu discurso.

[...] o locutor está em toda parte, através da encenação dos enunciadores, e em parte alguma, por sua própria conta, tanto a relação do locutor com o enunciador é frouxa sob o ângulo dos mecanismos de *prise en charge*. [...] o locutor escolhe falar através de simulacros “[...] brincar de esconde-esconde com suas opiniões, de ocultá-las, de desaparecer, de assumir uma posição menor ou em contraponto, em seguida de se reapropriar de modo mais ou menos violento de um lugar enunciativo dominante” [...]. (RABATEL, 2013, p. 40).

Segundo Emediato (2013), esse modo de atuar do jornalismo tem gerado uma planificação sobre a heterogeneidade de vozes e uma “estratégia de apagamento enunciativo da voz do jornal”. “Portanto, o que caracteriza a imprensa de referência atual não é, de fato, a ausência ou presença de opinião, mas a forma como é realizada a gestão das vozes e dos pontos de vista na perspectivização dos fatos [...]” (p. 70). Talvez esse recurso argumentativo esteja mais evidente ainda se levarmos em consideração que essa emissão se denomina *Entre Aspas*; isso sugere que o que é dito ali não representa a opinião da emissora, mas a voz de um especialista convidado. Então, entre a elaboração de um plano de voo falso e a utilização da técnica de “*reclearance*”, o que fica subentendido é a não opinião da *Globo News*, ou seu apagamento enunciativo.

5.2.1.5 Entrevistados

Depois de abordar sobre âncora, repórter/correspondente, comentarista e especialista, vamos, por fim, analisar a participação dos entrevistados durante a cobertura “ao vivo” da *Globo News* sobre a queda do avião que transportava jogadores, comissão técnica, dirigentes e convidados da Associação Chapecoense de Futebol, profissionais da imprensa brasileira e tripulantes nas proximidades da cidade de Medellín, na Colômbia. Tratamos por entrevistado aqui testemunhas, parentes e autoridades aos quais foi dada a palavra durante a transmissão direta.

Como o especialista, o entrevistado é um sujeito externo aos *media*, mas diferentemente daquele que, como vimos, usa de um engajamento distanciado, externando sua opinião a partir de um notório saber (sob a forma, por exemplo, de termos técnicos), mas de maneira prudente, por meio de um argumento calcado na hipótese e na suspeita, sem afirmações precisas, este, o entrevistado que observamos na cobertura da *Globo News*, nem sempre explicita seu engajamento a partir de uma enunciação delocutiva, por vezes, como veremos sobretudo em relação aos parentes, ele se coloca na informação que produz, ou seja, em uma enunciação elocutiva.

Identificamos no *corpus* pelo menos três tipos de entrevistado, a saber: testemunhas, parentes das vítimas e autoridades oficiais da Colômbia e do Brasil. Ao todo, são dezenove entrevistados durante a cobertura do dia 29 de novembro de 2016, conforme QUADRO 21.

Quadro 21 – Entrevistados ouvidos pela *Globo News*

Entrevistado	Identidade social	Tipo
1 Alice Ruschel	Irmã do jogador Alan Ruschel	Parente
2 Amanda Machado	Mulher do jogador Dener	Parente
3 Amanda Ruschel	Irmã do jogador Alan Ruschel	Parente
4 Carlos Iván Marquéz	Diretor de Gestão de Risco da Colômbia	Autoridade
5 Carlos Zampier	Irmão do jogador Neto	Parente
6 Cleidson Santana	Irmão do jogador Cléber Santana	Parente
7 Flávio Ruschel	Pai do jogador Alan Ruschel	Parente
8 Guilherme Biteco	Irmão do jogador Matheus Biteco	Parente
9 Guillermo Mesa	Médico	Testemunha
10 Ivan Tozzo	Vice-Presidente da Chapecoense	Autoridade
11 José Aníbal Cuervo	Cônsul honorário do Brasil em Medellín	Autoridade
12 José Bestene Koury	Tio do médico Marcio Bestene Koury	Parente
13 Juan Carlos de la Cuesta	Presidente do Club Atlético Nacional	Autoridade
14 Julio Bitelli	Embaixador do Brasil em Bogotá	Autoridade
15 Luciano Buligon	Prefeito de Chapecó	Autoridade
16 Matheus Saroli	Filho do técnico Caio Júnior	Parente
17 Michel Temer	Presidente do Brasil	Autoridade
18 Plínio David Nes Filho	Conselheiro deliberativo da Chapecoense	Autoridade

Entrevistado	Identidade social	Tipo
19 Walter Feldman	Secretário-Geral da CBF	Autoridade

Fonte: Elaborada pelo autor.

Analisando o QUADRO 21, constatamos que a *Globo News*, ao dar voz a esses entrevistados, atua entre a visada de credibilidade e a de captação. Em termos quantitativos, há mais entrevistados que, por sua identidade social e seu papel enunciativo, são do tipo informador notório e, nessa condição, vão trazer informações e consequências do acidente, credibilizando a transmissão direta. No entanto, identificamos que a ênfase da emissora está na estratégia de captação, por meio da constante aparição de parentes dos envolvidos na queda do avião da *LaMia*, explorando o caráter catastrófico da natureza acontecimental.

A participação do entrevistado se dá a partir de uma entrevista, isto é, discursivamente, um acontecimento provocado, como no caso do especialista. Dessa maneira, passa por aquelas características do acontecimento provocado as quais abordamos na seção anterior: 1) a fala é externa à mídia (sim); 2) o tema refere-se a alguma questão atual (no nosso caso, atualíssima, a queda do avião da *LaMia*); 3) o convocado tem que identidade (parente dos envolvidos, autoridade oficial e testemunha); 4) há um representante da mídia (sim, um repórter/correspondente, ou uma âncora animador); e 5) que espaço de visibilidade se identifica (entrevista). A fim de identificarmos as maneiras de dizer desses entrevistados, bem como o modo que a emissora joga com isso para constituir sua cobertura, vamos analisar a seguir três amostras do *corpus* transmitidas diretamente, isto é, no mesmo momento da produção e recepção.

Figuras 139 a 144 – *Jornal da Globo News – Edição das 10h*



Aline Midlej (âncora) – A gente lembra que a Chapecoense viajou para Bolívia ontem à tarde do aeroporto de Guarulhos, que fica aqui na Grande São Paulo. De lá, seguiu para Colômbia, e o prefeito de Chapecó quase embarcou nesse voo... Ele está ao lado agora, neste momento, da nossa repórter Isabela Leite e conversa com a gente ao vivo. Prefeito, primeiro, muitíssimo obrigada pela sua participação... [...]



Aline Midlej (âncora) – [...] A Isabela já tá aqui comigo... Então, Isa, a gente queria entender então melhor... Primeiro agradecer o prefeito tem estado aqui com a gente na TV Globo desde o início da manhã... Exatamente entendendo a necessidade de informações nesse momento... Enfim, todo mundo ainda muito angustiado, principalmente familiares e os amigos dessa tripulação... [...]



Aline Midlej (âncora) – [...] Eu queria te perguntar sobre a ida, né?! Como é que foi... Parece que o voo ia direto para Medellín, e acabou não indo. Teve que fazer uma parada na Bolívia, pra seguir, então, para Colômbia... Prefeito estaria nesse voo, tava na lista oficial desse voo num primeiro momento... Queria que ele adiantasse pra gente essas informações sobre essa ida pra Colômbia que acabou de maneira tão trágica.



Isabela Leite (repórter) – Oi, Aline! Bom-Dia para você, bom-dia a todos. É isso mesmo. O prefeito de Chapecó, que está aqui ao meu lado, Luciano Buligon, e um conselheiro também deliberativo da Chapecoense iriam pra esse jogo nesse voo, mas acabaram precisando adiar um pouco essa ida, não é, prefeito?! Porque deixam de participar de uma reunião aqui em São Paulo, então eles só iriam hoje à tarde [...]



Isabela Leite (repórter) – [...] Agora, prefeito, desde o início da manhã, o senhor tem concedido diversas entrevistas e, nesse meio tempo, ainda tentando administrar, né?! Toda essa situação... O que que o senhor já conseguiu de apoio do Governo Federal e como que o apoio às famílias em Chapecó está sendo dado nesse momento tão difícil?



Luciano Buligon (entrevistado) – A Presidência da República colocou a Aeronáutica à disposição para que nós possamos ir agora, daqui de Guarulhos até Medellín, para acompanhar lá o desenlace dos corpos e tentar diminuir essa dor e trazer essas pessoas para suas famílias, né?! E aí eu também estou me valendo dos médicos da Chapecoense e alguns outros da Associação Chapecoense Futebol para que estejam conosco lá na identificação dos corpos e nos trâmites legais lá... Daí a devida necessidade de estar lá uma autoridade aqui do Brasil. Então, estou indo para lá com avião da Aeronáutica e também está disponível um

avião de grande porte que, segundo informação do comandante da Aeronáutica, está à disposição lá em Manaus, para que no nosso comando lá de Medellín, então, ele possa fazer o traslado dos corpos para Chapecó. É isso que nós vamos fazer [...]

Inicialmente, identificamos, mais uma vez, a figura do âncora, nesse caso Aline Midlej, atuando como pivô da encenação, primeiro ao contextualizar e introduzir o que vem a seguir para o telespectador, segundo ao autorizar a fala da repórter Isabela Leite e dar a ela o direito à fala, mas sem deixar de sugerir uma condução para a entrevista: *“Queria que ele adiantasse pra gente essas informações sobre essa ida pra Colômbia que acabou de maneira tão trágica.”* Em seguida, constatamos que a repórter atua como um elo entre o estúdio e o entrevistado, por meio de um papel enunciativo de inquiridora.

Por sua vez, Luciano Buligon, na condição de prefeito de Chapecó, assume seu papel de informador notório e digno de fé, dando informações que vão credibilizar sua fala e, consequentemente, a transmissão da *Globo News*, com detalhes sobre o apoio do Governo Federal e os trâmites para reconhecimento e traslado dos corpos das vítimas. Destacamos o fato de Luciano, embora na posição de informador notório, não utilizar jargões característicos dos políticos ou desse universo, talvez por se tratar de um tema diferente daqueles com os quais normalmente lida no ofício de prefeito. Ademais, identificamos uma enunciação necessariamente elocutiva por parte de Luciano, com verbos na primeira pessoa do singular e do plural (possamos, estou me valendo, estou indo, vamos fazer) e possessivos (nosso comando), de modo que ele se utiliza disso para dar informações. Com isso, constatamos nesse excerto uma estratégia de credibilidade por parte da *Globo News*.

Figuras 145 a 151 – *Estúdio I*



Júlio Oliveira (repórter) – [...] nos encaminhamos aqui direto para região de na região onde está a clínica San Juan de Dios, de La Ceja, que é uma comunidade... Digamos, assim, seria um distrito de Medellín, e que está a cerca de sessenta quilômetros do aeroporto... Onde estão dois pacientes, né?! No caso um jogador, o Neto, e também o jornalista Rafael Henzel, que se encontram aqui neste momento. [...]



Júlio Oliveira (repórter) – [...] Queria aproveitar mais uma vez... A gente conversou agora há pouco, dentro na programação do SporTV, e aproveitando mais uma vez o doutor Guilherme Molina Mesa, que é um dos médicos que está dando todo panorama e, desde cedo, vem acompanhando a chegada daqueles que foram encaminhados para cá. [...] Então, gostaria que fizesse novamente o posicionamento do quadro que foram recebidos e quais foram encaminhados aqui logo no início da manhã, horário local. Mais uma vez, boa-tarde!



Guillermo Mesa (entrevistado) – Los pacientes llegaron a la clínica a las dos y media de la mañana y tres y media de la mañana Rafael Henzel y Alan, y a las seis y cuarenta y cinco de la mañana llegó Hélio Neto. Son los tres pacientes vivos que nos llegaron a nuestra clínica.



Júlio Oliveira (repórter) – O Alan, que é o Alan Ruschel, que não se encontra mais aqui, depois acabou sendo encaminhado para uma outra clínica, é isso?



Guillermo Mesa (entrevistado) – Sí. Alan fue intervenido quirúrgicamente acá en la clínica y le faltaba otro procedimiento quirúrgico y por falta de una ayuda diagnóstica, resonancia magnética, lo trasladamos a la clínica Somer, más o menos, tipo nueve y media de la mañana.



Júlio Oliveira (repórter) – É o Alan que foi encaminhado a uma outra clínica, a Clínica São Vicente, que é mais próxima aqui. O senhor teria informações neste momento do quadro atual do Alan?



Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016, 23h48.

Guillermo Mesa (entrevistado) – En este momento, Alan tiene una luxofractura de la vértebra dorsal T10 y requiere una fijación de su problema... De su problema vertebral, para evitar que no vaya a quedar con una secuela neurológica con pérdida de sensibilidad motora de miembros inferiores.

Na amostra anterior, identificamos um entrevistado que, caso estivesse em outra situação de comunicação que não esta, seria um especialista nos moldes como analisamos, haja vista suas escolhas linguísticas calcadas em termos técnicos (procedimento cirúrgico, ressonância magnética, luxofratura da vértebra T10, sensibilidade motora). No entanto, entendemos que Guillermo Molina Mesa é um entrevistado do tipo testemunha (o único, aliás, que identificamos no *corpus*) por seu contato e intervenção direta com parte dos sobreviventes do voo da *LaMia*. Dessa maneira, esse entrevistado, que já goza de um crédito natural por sua condição de médico, tem ainda um papel de “portador da verdade”, nos moldes charaudianos, pois sua fala tem o objetivo de dar a conhecer aquilo que viu e ouviu.

Apesar desse lugar de testemunha, Guillermo não se utiliza de uma enunciação elocutiva, mais comum no relato de uma pessoa que presenciou um acontecimento, mas de uma enunciação delocutiva, como, de fato, um especialista, um informador de notório conhecimento. Sua participação na cobertura dá mostras, ao mesmo tempo, de uma visada de credibilidade, já que ele traz informações precisas e importantes acerca dos sobreviventes, e de captação, uma vez que o telespectador é colocado diante de uma pessoa que, de fato, teve contato com passageiros do avião CP-2933.

Figuras 152 a 157 – *Jornal da Globo News – Edição das 18h*



Leilane Neubarth (âncora) - Nós vamos agora, ao vivo, a São Paulo falar com Adriana Perroni. Adriana está com parentes dos jogadores. Adriana, boa-noite pra você! Você tá aonde exatamente?



Adriana Perrone (repórter) - Oi, Leilane! Boa-Noite pra você. Boa-Noite a todos. Nós estamos aqui no Aeroporto Internacional de Guarulhos e nós estamos aguardando, então, informações sobre voos com destino a Colômbia. E, como você disse, eu estou ao lado de parentes de vítimas desse acidente... [...]



Adriana Perrone (repórter) – [...] Aqui do meu lado esquerdo está Amanda Machado, ela é esposa do Dener, lateral-esquerdo da Chapecoense, que, infelizmente, faleceu nesse acidente. Ela gentilmente aceitou conversar com a gente aqui, ao vivo, na edição das seis e vai contar para a gente... Você conversou com ele pela última vez quando, Amanda? Boa-Noite!



Amanda Machado (entrevistada) - Boa-Noite! Conversei com ele antes dele embarcar... Conversei não, né?! Ele mandou uma mensagem, um áudio... [...] falando que tinha visto um pai com filho no banheiro... Porque ele ficou com saudade do filho, mais saudade ainda... Me mandou dois áudios falando que tava com muita saudade, que nos amava, pra gente fica com Deus. Eu não vi na hora mensagem, fui ver depois. Quando respondi, já não tava mais recebendo mensagem, porque tava no voo... Então, nem consegui dizer que eu amava ele... Nem nada... [choro]



Adriana Perrone (repórter) - Você tava em Porto Alegre quando você soube da notícia, né?! Que que cê foi fazer em Porto Alegre, Amanda?!



Amanda Machado (entrevistada) - Eu fui olhar nosso vestido... Meu vestido... Pra gente casar quinta-feira...

De longe o discurso mais patêmico da transmissão direta da *Globo News* naquele dia, esse excerto traz parte da enunciação de Amanda Machado, noiva do jogador Dener Assunção Braz, lateral-esquerdo da Chapecoense, que foi uma das vítimas do acidente. Constatamos que a participação dela constitui uma estratégia de captação somente, uma vez que a relação pessoal dela com o noivo não acrescenta em nada em termos de informação (credibilidade) ao ocorrido. Isso, contudo, foi uma estratégia bastante utilizada pela emissora no dia 29 de novembro de 2016, posto que ouviu nove parentes de passageiros do voo da *LaMia*. Por sua condição de noiva e, conseqüentemente, seu envolvimento com uma das vítimas fatais do acidente, sua enunciação é carregada de elocutividade, com uso de pronomes pessoais, verbos na primeira pessoa e, sobretudo, pela voz embargada e o quase choro durante a entrevista.

Tal análise vai ao encontro daquilo que Amaral (2013) afirmou sobre a personalização nas coberturas de catástrofe, em que apenas o relato emocionante em si não é o suficiente, é necessário dar detalhes (“quando você conversou pela última vez com ele?”) e relatos envolventes (“Eles iam se casar na quinta-feira”).

O discurso midiático busca boas vítimas [para] seu leitor [...] compadecer-se com o que aconteceu (vítimas virtuais). Quando o testemunho fala de dores, cheiros e sentimentos como medo e angústia, dá o tom da veracidade, parece reproduzir a experiência imediata. (AMARAL, 2013, p. 76).

5.2.2 *Imagens do “ao vivo”*

Ao longo da cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News* sobre o acidente com o avião da empresa *LaMia*, muitas são as imagens presentes: em movimento, fotos, fabricadas por computação etc. Charaudeau (2010b), em relação às imagens televisivas, disse que há três possíveis efeitos: de “realidade” (ao reportar diretamente o mundo – caráter de indiciabilidade), de “ficção” (ao reconstituir um acontecimento), e de “verdade” (ao mostrar o invisível por meio de *close-up*, mapas etc.). Dessa maneira, nesta seção, vamos analisar os dispositivos cênicos da transmissão direta realizada naquele dia 29 de novembro de 2016, observando tanto o espaço midiático (estúdios, cenários, planos filmicos etc.), quanto o espaço social (repórteres/correspondentes fora do estúdio, enquadramentos utilizados etc.)²⁰⁰.

²⁰⁰ “[...] na produção dos telejornais, a televisão opera com dois tipos de espaços: os internos [midiático], espaços de estúdios, e os externos [social], próprios das ações do mundo, dos acontecimentos, conectados pelos dispositivos tecnológicos.” (DUARTE, 2004, p. 111).

Por dispositivos cênicos, nomeamos os diversos elementos presentes no espaço cênico da transmissão direta, ou aqueles captados por uma máquina de registro (no caso a câmera) – especificamente, âncora, repórteres/correspondentes, comentaristas, especialistas, entrevistados e cenário físico –, ou os sintetizados ou calculados por computação²⁰¹ – sobretudo, *crawl* (textos em movimento), logotipos e hora.

Segundo Santaella e Nöth (2008), podemos falar em um processo evolutivo da produção de imagens a partir de três paradigmas: pré-fotográfico, fotográfico e pós-fotográfico. 1) O pré-fotográfico caracteriza as imagens produzidas artesanalmente, feitas à mão a partir da habilidade do indivíduo – desenho, escultura, pintura etc.; 2) o fotográfico tem a ver com a produção de imagens a partir da captação de um objeto preexistente por meio de uma máquina, um processo físico-químico ou maquinico – fotografia, vídeo etc.; 3) o pós-fotográfico subverte essa ideia de preexistência do objeto, sua essência é uma matriz algorítmica, sendo as imagens pós-fotográficas dependentes de linguagens informáticas, computadores e telas de vídeo (SANTAELLA; NÖTH, 2008).

Em nossa análise, vamos dar ênfase aos paradigmas fotográfico e pós-fotográfico, por isso salientamos aqui suas distinções em detrimento do pré-fotográfico. Do ponto de vista das imagens e dos meios de produção, o paradigma fotográfico surgiu com o advento da “câmara obscura”. As imagens são “[...] o resultado do registro sobre um suporte químico ou eletromagnético (cristais de prata da foto ou a modulação eletrônica do vídeo) do impacto dos raios luminosos emitidos pelo objeto ao passar pela objetiva” (SANTAELLA; NÖTH, 2008, p. 165). Aqui, o sujeito quer dominar o objeto, o “real” a partir da sua visão focalizada. Nesse sentido, o objeto resultado desse processo é um índice do “real”.

Já o paradigma pós-fotográfico representa uma ruptura em relação ao fotográfico, pois sua produção não se dá por meio estritamente ótico, mas pelo casamento entre computador, vídeo e algoritmos previamente elaborados. As imagens infográficas são:

[...] uma realidade numérica [...] só pode aparecer sob forma visual na tela de vídeo porque esta é composta de [...] pontos elementares chamados pixels, cada um deles correspondendo a valores numéricos [...] [com] uma posição precisa no espaço bidimensional da tela [...] (SANTAELLA; NÖTH, 2008, p. 166).

²⁰¹ Vale ressaltar que o uso da computação gráfica e de texto no vídeo no Brasil se deu primeiramente na MTV, conforme lembramos no capítulo um. Hoje, emissões televisivas, inclusive de outros gêneros, estão usando tais recursos, como é o caso de *Fantástico* e *Esporte Espetacular*, ambos da Rede Globo. (BECKER, 2010).

As características fundamentais das imagens produzidas por computação, segundo os autores, são virtualidade e simulação.

Independentemente dessas peculiaridades, vale salientarmos a hibridização entre tais paradigmas na atual constituição dos objetos. Para Santaella e Noth (2008), a fotografia contemporânea é um exemplo da mistura entre o fotográfico e pós-fotográfico, seja para fins documentais, de manipulação, ou mesmo de caráter médico (como o raio X). No caso da cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News* naquele dia 29 de novembro de 2016, identificamos dispositivos fotográficos e pós-fotográficos em relação de complementação ou concorrência no vídeo.

5.2.2.1 Espaço midiático e espaço social, lugares da encenação do “ao vivo”

Inicialmente, vamos nos deter nos cenários que, ao longo da cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News*, são dados a ver aos telespectadores, tentando observar o jogo cênico ali proposto, bem como possíveis interpretativos em relação às estratégias discursivas por trás desse recurso estético-visual, com base no que apresentamos até aqui e o que observamos do *corpus*. Em seguida, focaremos planos fílmicos, ou enquadramentos²⁰², movimentos e cortes e, por fim, os elementos sintáticos.

Todavia, antes de entrar propriamente na análise dos cenários, vamos tecer alguns comentários sobre esses lugares de visibilidade midiática. Conforme David-Silva (2005), denominamos tais extensões de espaços enunciativos, havendo, então, um interno e outro externo. “A alternância entre o mundo externo (das imagens) e o mundo interno (estúdio) e entre os apresentadores reforça um efeito de dinamicidade, em prol da captação” (p. 76).

Tomando como base David-Silva (2005) e David-Silva e Coura-Sobrinho (2012), podemos contar uma “história” do cenário, desde a Grécia Antiga até seu uso pela televisão, especificamente, pelos telejornais. Segundo os autores, na Grécia Antiga, o cenário consistia em um círculo desenhado no chão, em torno dele estava a plateia, semelhante ao teatro de arena. A Igreja Católica cria, na Idade Média, uma concepção de palco-altar, uma elevação

²⁰² “[...] a moldura visual pela qual se vê o corpo dos sujeitos é importante estratégia de construção de posições e, consequentemente, de sentidos para os atos de fala.” (GUTMANN, 2012, p. 68).

em relação ao público; o formato ganhou as ruas e foi adotado por outras manifestações cênicas.

O teatro renascentista traz um palco com uma perspectiva de terceira dimensão, proporcionando uma ilusão do real; ainda nesse momento, definiu-se a posição do público, bem como se criou uma iluminação só para o palco, independente da plateia. Com o surgimento da luz elétrica, o cenário toma maior importância ainda, transmitindo sentimentos, por meio de sua concepção e disposição de elementos.

O cinema, inicialmente, copiou o modelo do espaço teatral em seus filmes. Em seguida, o filme toma as ruas, elevando, ainda mais, o caráter de real. Hoje, há a cenografia virtual, com espaços computadorizados. Na televisão, por sua vez, o cenário ganhou importância só com o avanço tecnológico e, conseqüentemente, definição das imagens.

Dentro dessa perspectiva, o cenário nos telejornais é, segundo David-Silva e Coura-Sobrinho (2012), um ponto de ligação entre o telespectador e o mundo dos acontecimentos. O cenário “[...] reforça o caráter de seriedade e avanço tecnológico do jornal. Se, de um lado, está em função da busca de credibilidade através de um processo de referenciação (nós estamos aqui, e, ao vivo, vamos te informar), de outro o cenário é um forte elemento de captação e sedução.” (p. 44).

Em consonância com isso, Soulages (1999) conceitua o cenário dos telejornais um “espaço nodal”, ao alternar imagens externas (do mundo “real”) e internas (do estúdio). Segundo o autor, dessa forma, podemos conceber três tipos de espaço cênico para os telejornais, os quais vamos considerar em nossas análises:

a) autorreferencial: diz respeito à cenografia do próprio estúdio, o apresentador em primeiro plano, a redação em segundo plano, com seus profissionais em ritmo de trabalho e computadores ligados (semelhante, metaforicamente, à cozinha de um restaurante), mostrando o quão “[...] a edição de um jornal é complexa, ativa e tecnologicamente avançada, dando maior credibilidade e autenticidade para a função” (p. 45);

b) decorativo: aqui não há a relação entre primeiro e segundo planos, pois o segundo plano é meramente figurativo; a atenção deve estar no âncora e na informação lida/dita por ele, não permitindo a distração do público;

c) modular: nesse espaço, dá-se ênfase ao espaço do estúdio por meio de tomadas em planos abertos, emoldurando cenário e apresentador no mesmo quadro fílmico.

Observando o espaço midiático da *Globo News* no dia da cobertura “ao vivo” sobre o acidente com o avião da *LaMia*, podemos identificar os três tipos de espaço cênico propostos por Soulages (1999), conforme FIGURA 158.

Figura 158 – *Globo News*



Legenda: a) Cenário autorreferencial
b) Cenário modular
c) Cenário decorativo

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Acreditamos que a diversidade de dispositivos de enunciação pelos quais a *Globo News* se fez ver, especificamente os internos, diz de uma estratégia discursiva que é calcada tanto na credibilidade, quanto na captação; credibilidade em razão não apenas da composição cenografia circumspecta dos estúdios, mas dos próprios figurinos, cabelos e maquiagem, e captação por conta da grandiosidade posta em cena, em que fica subentendido que se trata de uma emissora com recursos tecnológicos e financeiros, com pessoal preparado e trabalhando.

Em relação aos dispositivos de enunciação externos, aqueles por meio dos quais vemos repórteres e correspondentes, há outras variações possíveis em comparação às do espaço midiático. Nesse sentido, como o fez Soulages (1999) para o espaço interno dos *media*, propomos algumas categorias para o “cenário externo”²⁰³ pensadas a partir daquilo que constatamos da cobertura “ao vivo” da *Globo News* naquele dia 29 de novembro de 2016:

- a) hiper-real: refere-se a uma cenografia em que repórter/correspondente se apoia ou transita para elaborar sua diegese acontecimental; nesse caso, as imagens têm mais valor que o próprio relato, que lhe serve de apoio tão-somente²⁰⁴.
- b) autenticado: diz respeito às ambiências utilizadas para apoiar e, ademais, comprovar o que diz o repórter/correspondente, ou mesmo situá-lo-localizá-lo espacialmente, sendo, talvez, o principal tipo de cenografia externa utilizada pelos *media*;
- c) simulado: tem a ver com uma cenografia que é externa ao espaço midiático, mas não diz nada sobre o espaço social, não havendo, necessariamente, uma relação indicial com o que é dito pelo repórter/correspondente; em alguns casos, não é nem mesmo no espaço social.

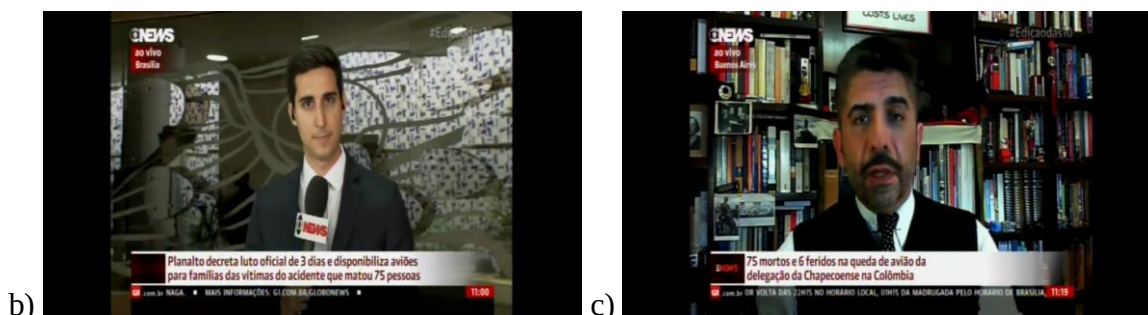
A fim de exemplificar nossos tipos de cenografias externas, selecionamos, a seguir, três amostras do *corpus*, nas quais encontramos pelo menos um, se não mais, dos tipos propostos por nós.

Figura 159 – *Globo News*



²⁰³ Embora saibamos que não haja um trabalho cenográfico exaustivo no espaço social como o que ocorre no espaço midiático, a escolha por apontar uma câmera para determinado local não é totalmente deliberada.

²⁰⁴ São exemplos disso as coberturas das Manifestações de 2013 por muitos coletivos midiativistas.



Legenda: a) Cenário hiper-real
b) Cenário autenticado
c) Cenário simulado

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

No excerto “a”, temos o repórter Rafael Junk's em primeiro plano e a Arena Condá, estádio da Chapecoense, ao fundo tomada por torcedores vestidos de verde. Percebemos que o próprio Rafael se filma e as imagens são de baixa qualidade, algo pouco usual para o “padrão Globo de qualidade”; no entanto, ademais da qualidade, o que está em jogo nesse *stand-up* é o caráter hiper-real, isto é, o mostrar a presença da *Globo News*, capitaneada por seu repórter, em um dos locais mais representativos daquele time, seu estádio. Temos, com isso, uma enunciação do tipo “estamos aqui e essa comoção é real, veja só!”.

Na amostra “b”, do tipo cenário autenticado, vemos o repórter Murilo Salviano, que está no Salão Verde da Câmara dos Deputados. Dessa ambiência, ele traz informações sobre as providências tomadas pelo presidente da República em relação ao acidente com o voo da Chapecoense, bem como as declarações dos presidentes da Câmara e do Senado. Há, nesse sentido, uma tentativa de situar-localizar o repórter em Brasília e, com isso, confirmar o dito relatado dos atores políticos (presidente, senador e deputado) que ele traz, como se afiançasse “ele realmente lhes ouviu”.

Por fim, na terceira amostra (“c”), de tipo cenário simulado, aparece Ariel Palácios sentado e, ao fundo, vemos uma estante com muitos livros. Essa ambiência em nada tem a ver com qualquer índice que remeta a Buenos Aires, de onde fala Ariel, tampouco tem relação com o acidente com o avião da *LaMia*. Podemos pressupor, por um lado, dessa cenografia, que Ariel é um sujeito leitor, culto, enciclopédico, um amante dos livros, e podemos subentender, por outro, que o ofício de jornalista, ou mais especificamente correspondente requer muito conhecimento e leitura.

Passamos, daqui em diante, para os planos fílmicos, ou enquadramentos, utilizados pela *Globo News* durante a cobertura “ao vivo” sobre a queda do avião da *LaMia*. Antes, contudo, é salutar tratarmos de alguns conceitos relativos aos planos e o modo como vamos utilizá-los. Inicialmente, o que vem a ser um plano? Segundo Santos (1993), plano “[...] é um segmento de imagem contínua compreendido entre dois cortes, ou seja, é a imagem registrada durante o intervalo de tempo no qual a câmera está ligada, gravando uma cena [...]”. (p. 21).

A seguir delimitamos os tipos de enquadramento, isto é, o tamanho da figura dentro do quadro fílmico. Optamos por utilizar os conceitos de enquadramento de Santos (1993), pois ele diferencia os planos do cinema e os da TV, levando em conta as diferentes dimensões dos suportes. Dessa forma, temos:

- a) Grande Plano Geral (GPG): permite o maior ângulo de visão do estúdio.
- b) Plano Geral (PG): enquadra o indivíduo de corpo inteiro.
- c) Plano Conjunto (PC): enquadra o indivíduo dos joelhos para cima.
- d) Plano Médio (PM): enquadra o indivíduo da cintura para cima.
- e) Primeiro Plano (PP): enquadra o indivíduo do busto para cima.
- f) Primeiríssimo Plano (PPP): enquadra apenas a cabeça do indivíduo.

Ademais dos planos, é interessante definirmos os movimentos de câmara, conforme as proposições de Santos (1993). De acordo com o autor, há, basicamente, dois movimentos da câmera e dois da objetiva. Os da câmera são panorâmica (movimento de rotação sobre o próprio eixo) – pode ser vertical ou horizontal – e *travelling* (deslocamento da câmera vertical ou horizontalmente, seja na mão ou em um suporte, como é o caso da grua²⁰⁵). Os movimentos da objetiva são o *zoom in* (aproximação do ângulo de visão da objetiva) ou *zoom out* (afastamento do ângulo).

Dentro disso, optamos por utilizar ainda a ideia de proxemia desenvolvida pelo antropólogo norte-americano Edward Hall (2005). Segundo o autor, esse conceito diz respeito ao modo como o espaço é ocupado e utilizado por cada homem: “[...] cada indivíduo é o centro de uma série de bolhas concêntricas caracterizadas pelas *distâncias* [entre] os interlocutores [...] escolhidas preferencialmente segundo o tipo de interação desejada.” (COSNIER, 2008, p.

²⁰⁵ Mecanismo para “[...] deslocamento da câmera, filmando ou gravando o cenário com movimentos verticais ou horizontais variados”. (SANTOS, 1993, p. 33).

412, grifo no original). Dessa maneira, Hall (2005) estabeleceu quatro distâncias a partir de seus estudos:

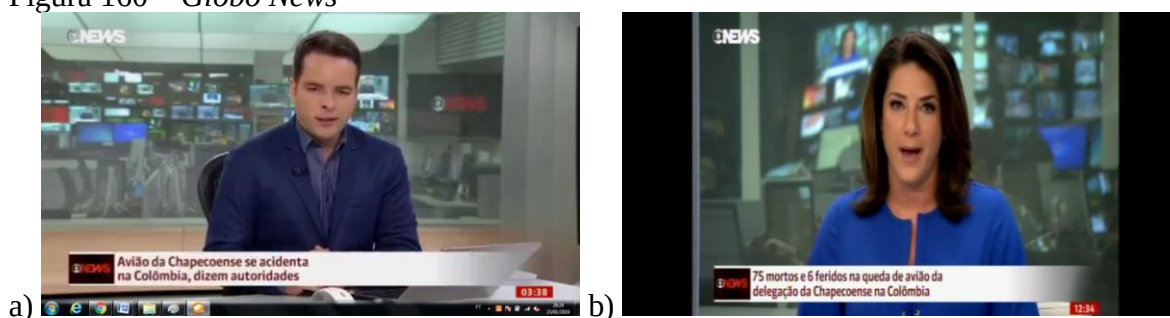
- a) íntima, até 40 cm – pode-se sentir o calor, cheiro, respiração etc. do outro;
- b) pessoal, de 40 cm a 1,20 m – essa é a distância de um diálogo comum;
- c) social, de 1,20 m a 3,60 m – certa privacidade em relação ao outro.
- d) pública, de 3,60 m em diante – pressupõe impessoalidade.

Essa perspectiva estabelecida por Hall (2005) pode ser transposta para os planos fílmicos da televisão, como descrevemos anteriormente a partir das definições de Santos (1993):

- a) a distância íntima seria o Primeiríssimo Plano (PPP);
- b) a distância pessoal estaria entre o Primeiro Plano (PP) e o Plano Médio (PM);
- c) a distância social, entre o Plano Médio (PM) e o Plano Conjunto (PC);
- d) a distância pública seria o Plano Geral (PG).

Constatamos que há uma variação dos planos fílmicos ao longo da transmissão direta da *Globo News*, mas que, em linhas gerais, existe uma predominância pelo primeiro plano e plano médio na maioria dos enquadramentos, o que resultaria em um diálogo pessoal da instância de produção com os telespectadores, conforme FIGURA 160:

Figura 160 – *Globo News*



Legenda: a) Plano médio
b) Primeiro plano

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

O plano fílmico, no entanto, ademais de uma escolha que pode subentender uma distância mais íntima ou mais pública em relação à instância de recepção, remete a determinados efeitos de sentido na cobertura “ao vivo”. Dessa maneira, temos, por exemplo, o uso do plano médio por mais de duas horas seguidas no início da transmissão direta, quando o âncora Erick

Bang sentado à bancada sendo enquadrado da cintura para cima, conforme se vê no excerto “a” que expusemos anteriormente. Nesse caso, acreditamos que essa opção vai ao encontro do engajamento distanciado que a emissora, por meio de seu âncora, opta por lançar mão nessas primeiras horas de cobertura, em que não há certezas, só hipóteses e suspeitas. Dessa maneira, nada melhor que um plano que varia entre uma distância pessoal e uma social complementando com um discurso verbal delocutivo e nada comprometedor, quase sempre responsabilizando outras fontes pelas informações ali transmitidas.

Outro efeito de sentido que percebemos por meio da escolha dos planos é a maneira como ocorre a transição entre o espaço midiático e o espaço social, na maior parte das vezes antecipado de um grande plano geral, como se a emissora quisesse mostrar ao telespectador o “momento fantástico” de transição entre o estúdio e o mundo dos acontecimentos, dando a ele a oportunidade de “ir” a Zurique, Cidade do Panamá, Chapecó etc., conforme percebemos na FIGURA 161. Tal recurso é reforçado, neste caso, pelo enunciado “Vamos a Zurique falar com Bianca Rothier”, um quase convite para irmos, de fato, à Suíça.

Figura 161 – Globo News



a) Grande plano geral

b) Plano Médio

Fonte: Globo News, 29 nov. 2016.

Em relação aos movimentos do quadro, destacamos um *travelling* pelo espaço midiático e um *zoom in* de uma entrevistada. O programa *Estúdio I*, conforme descrevemos no capítulo 3, assemelha-se a um *talk-show*, mesclando informação e entretenimento; nessa emissão, é comum termos muitos movimentos de câmera e de objetiva (*travelling*, panorâmica, *zoom*). No dia 29 de novembro de 2016, apesar de se tratar de uma queda de avião, a emissão manteve seu “tom”, refletido, inclusive, nos movimentos de câmara, conforme FIGURA 162.

Figura 162 – *Estúdio I*

Legenda: a) Grande plano geral

b) Movimento de *travelling*

c) Aproximação por meio de *zoom in*

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Temos, nesse excerto, um movimento que se prolonga por mais de trinta segundos e que requereu o uso de grua para fazer movimentos laterais e verticais, e de objetiva para que ocorresse o *zoom in* até âncora Maria Beltrão. Inicialmente, a câmera está posicionada no alto e enquadra o estúdio e os participantes do programa em grande plano geral e *plongée*²⁰⁶, em seguida faz um movimento para baixo até ficar no nível dos olhos da âncora, momento em que para e, daí por diante, percebemos um *zoom in* até enquadrar Maria Beltrão em plano médio. Tais recursos técnico-visuais não são muito comuns em emissões do tipo jornalístico, mas, como transita entre a informação e o entretenimento, o *Estúdio I* pode jogar com isso. Nos demais programas da *Globo News* naquele dia 29 de novembro de 2016 não percebermos esses movimentos com uma regularidade frequente.

Em outra amostra da cobertura “ao vivo” sobre o acidente com o avião da *LaMia*, percebemos o uso de um recurso técnico-visual com viés altamente discursivo; trata-se da entrevista com Amanda Machado, noiva do jogador Dener Assunção Braz, vítima na queda do avião que transportava a Chapecoense. Sempre que a entrevistada fica com a voz embargada, ou os olhos marejados, na iminência de chorar, o recurso de *zoom in* é utilizado, dando a ver uma estratégia de efeito patêmico, a fim de captar a instância de recepção, fazer com que o

²⁰⁶ *Plongée*: a câmera está acima do nível dos olhos, voltada para baixo.

telespectador se compadeça de Amanda e viva sua dor. O movimento se deu de tal maneira que temos a impressão de primeiríssimo plano, tendo apenas a cabeça da entrevistada no quadro, colocando a audiência em posição de intimidade com Amanda, como se pudesse consolá-la, ou mesmo abraçá-la, se possível.

Figura 163 – *Jornal da Globo News – Edição das 18h*



Legenda: a) Primeiro plano, iniciando zoom in
b) Zoom in
c) Primeiríssimo plano

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Em relação aos cortes utilizados (transição entre uma cena e outra) na cobertura “ao vivo”, o mais comum e significativo que constatamos foi o corte seco, uma rápida transição entre uma cena e outra, um plano e outro, a saber: plano 1 – corte – plano 2. Tal mudança é comandada por um operador de VT, ou, na maior parte dos casos, por um editor que acompanha a transmissão e tem à sua disposição um número significativo de planos, bastando apenas que escolha o que deve ser exibido²⁰⁷. Discursivamente, o corte seco, especificamente na transmissão direta da *Globo News* naquele dia 29 de novembro de 2016, serve para estruturar a cobertura. Na FIGURA 164, por exemplo, temos uma transição entre um primeiro plano em Erick Bang e, em seguida, um corte seco e vemos em primeiro plano Gabriela Ferreira; trata-

²⁰⁷ “[...] na transmissão direta de TV, as decisões do ‘olho agenciador da cena’, ou seja, dos responsáveis pela captura das imagens, não contam mais com o tempo da manipulação. Naturalmente, a intencionalidade e a subjetividade daqueles que transmitem o que se passa na TV permanece de uma maneira ou de outra, mas essas características intrínsecas dos emissores lutam contra o tempo, de modo que os profissionais devem dar consistência ao material no mesmo momento em que esse material está sendo tomado.” (MACHADO, 1988, p. 68).

se de estabelecer o fim de uma informação e o início de outra, como se o corte seco funcionasse como um parágrafo textual, dividindo e organizando os assuntos da emissão.

Figura 164 – *Jornal da Globo News – Edição das 7h*



Legenda: a) Primeiro plano Erick Bang
b) Primeiro plano Gabriela Ferreira

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Passando, agora, aos elementos pós-fotográficos, a ideia é estabelecermos possíveis interpretativos para os diversos elementos “calculados por computação” constitutivos da cobertura “ao vivo” empreendida pela *Globo News* no dia 29 de novembro de 2016, mais especificamente, *crawl* (textos em movimento), logotipos e hora.

Sobre os textos em movimento, para David-Silva e Coura-Sobrinho (2010), a presença de textos no vídeo cria um caráter sinestésico aos telejornais. “[...] permite ao telespectador fazer diversas leituras simultâneas, não se fixando apenas na voz do apresentador, mas desviando o olhar para outras enunciações em um tipo de *concorrência complementar*.” (p. 46, grifo nosso).

Ghaziri (2012), em sua tese, intitulada *Entre o ler e o assistir: experiências de leitura de textos em movimento do telejornalismo news na escola*, caracteriza os textos em movimentos da *Record News* a partir de quatro divisões:

a) *são estruturas objetivas, coesas e sintáticas* – o fato de haver um direcionamento a um público, em princípio, heterogêneo faz necessária a objetividade; é coeso não pela relação ou ligação entre as informações ali contidas, mas em razão de haver a necessidade de evitar a dúvida, a ambiguidade; é sintático por causa da sua lógica binária;

b) *são estruturas textuais modulares* – “[...] são compostos por módulos independentes de informação” (p. 185); não há uma linearidade textual;

c) *são estruturas textuais em circuito e a-sequenciais* – são circulares, pois estão em movimento, em trânsito pela tela, e não estáticos como no impresso; ademais, caso haja necessidade de incluir novas informações ou atualizar um dado assunto. Não há uma lógica temática, temporal ou quantitativa nos textos em movimento, tudo depende do fluxo de notícias;

d) *são estruturas textuais multitemáticas* – os textos em movimentos têm um grande número de temáticas, algumas informações já ditas, outras por dizer e outras ainda nunca serão ditas, “[...] o que pode gerar confusão para o espectador-leitor desavisado” (p. 186); informações sobre política, esporte, economia, cultura são dispostas lado a lado, sucessivamente ritmadas.

Em nossa dissertação (SILVA, 2014), analisamos dois telejornais de emissoras *all news* (*Jornal da Record News*, da *Record News*, e *Jornal das Dez*, da *Globo News*) em que pudemos identificar as características e o funcionamento semiótico-discursivo do *crawl*. No caso específico da *Globo News*, os textos em movimento exibidos no *Jornal das Dez* têm uma relação muito mais no âmbito da concorrência com os outros elementos da apresentação e mesmo da estrutura de organização do telejornal, pois não há, na maioria das vezes, uma consonância entre a anarquia dos blocos de informação (não coesos, circulares, a-sequenciais, multitemáticos) e a harmonia e constância almejada com a estruturação de organização e durante a apresentação, materializadas no espelho²⁰⁸ do *J10*. Nesse sentido, os textos em movimento são mais estratégias de captação e menos de informação, pois têm um caráter de concorrência e cumulação, ou saturação de informações.

No caso da cobertura “ao vivo” da *Globo News* sobre acidente com o avião da *LaMia*, constatamos que, durante as 20h32min24 de transmissão direta, houve oito notícias exibidas no *crawl*, a saber:

²⁰⁸ Espelho: relação e a ordem de entrada das matérias no telejornal, sua divisão por blocos, previsão dos comerciais, chamadas e encerramento.

- a) Brasil: Acidente com avião que levava a equipe da Chapecoense deixou 75 mortos. Sete pessoas foram resgatas com vida, mas goleiro Danilo não resistiu.
- b) O avião saiu ontem à tarde do Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, com 81 pessoas a bordo: 72 passageiros e nove tripulantes, fez uma parada em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, perdeu contato com a torre de controle por volta das 22h15 no horário local, 1h15 da madrugada pelo horário de Brasília, entre La Cerra (SIC) e ABERRORAL.
- c) A queda foi numa região montanhosa ao se aproximar do Aeroporto Rose Maria Córdoba (SIC), em Rionegro, perto de Medellín.
- d) Entra hoje no segundo dia o julgamento de Elize Matsunaga. Ela é assassina confessa do marido, o empresário Marcos Matsunaga.
- e) O grupo extremista Estado Islâmico assumiu, usando a agência de notícia do grupo, a autoria do ataque ao campus universitário da Ohio State University, nos Estados Unidos. O agressor, estudante da instituição e nascido na Somália, jogou o carro contra um grupo de pedestres ontem quando saiu esfaqueando pessoas, deixando 11 feridos, até ser morto pela polícia.
- f) A ONU alertou que cerca de 16 mil civis tiveram que abandonar suas casas por causa dos avanços das tropas do governo sírio em áreas de Aleppo oriental, sob o controle de grupos rebeldes. Soldados de Bashar al-Assad e milícias aliadas já retomaram mais de 1/3 da área – e seguem com a ofensiva para expulsar rebeldes da cidade. A ONU avisa que operação pode obrigar ainda mais pessoas a abandonarem suas casas.
- g) Os Estados Unidos admitiram ter errado o alvo de um ataque no leste da Síria, em setembro. A intenção era atacar posições do grupo extremista Estado Islâmico, mas dezenas de soldados sírios combatendo o grupo extremista foram mortos na ocasião. Caças do Reino Unido, Estados Unidos, Dinamarca e Austrália participaram da operação. O ataque matou 62 soldados sírios, segundo a Rússia, que avisou os Estados Unidos do erro.
- h) A Câmara Baixa do Parlamento da Holanda aprovou um projeto de lei para proibir o uso de véus muçulmanos que cobrem o rosto de mulheres, tal como a burca e o niqab. A proibição é para alguns locais públicos do país, como instituições de ensino, hospitais e no transporte público. A proposta foi aprovada por 132 votos a favor na Câmara com 150 integrantes. Para entrar em vigor, ela deve ser analisada pela Câmara Alta do Parlamento.

O grupo de textos em movimento de “a” a “d” foi exibido das 10h22²⁰⁹ às 19h horas daquele dia 29 de novembro de 2016, sofrendo três interrupções: das 12h às 14h30, das 15h05 às 15h10 e das 16h às 17h30, momentos em que não houve textos em movimento. Às 19h, durante o *Jornal da Globo News – Edição das 18h*, deixou de exibir informações e só voltou às 22h, quando do início do *Jornal das Dez*, aí já com o grupo de textos em movimento de “e” a “h”, encerrando-se com o término do *J10*, às 23h35, e não voltando a aparecer naquele dia.

²⁰⁹ Das 3h38 às 10h22, não registramos nenhuma informação exibida como texto em movimento. O recurso ou foi descartado pela emissora, ou, em função da emergência da cobertura “ao vivo”, foi esquecido no primeiro momento.

O texto em movimento da *Globo News* está localizado na parte inferior da tela entre a logomarca do portal *G1* e a hora; com letras brancas, todas em maiúsculo sob um fundo escuro, mas transparente, o texto se move da direita para a esquerda, isto é, da hora para o portal do *G1*, e sempre, ao término do circuito e antes do reinício das informações, exibe o texto “Mais informações: g1.com.br/globonews”.

Figura 165 – *Jornal da Globo News – Edição das 10h*



Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

O texto em movimento da *Globo News* na cobertura “ao vivo” funcionou como o *lead*²¹⁰, buscando, por si só, sanar as possíveis dúvidas do telespectador acerca do acontecimento enunciado textualmente. Para isso, lançou mão de recursos linguísticos característicos do texto impresso, como a anáfora, por exemplo. Isso, contudo, pode ser um problema, haja vista a impossibilidade de o telespectador “retornar” ao início do texto para retomar a leitura. E, ainda que o texto seja uma estrutura textual em circuito (com idas e vindas ao longo do jornal), a concorrência com os diversos elementos em cena (âncora, outros elementos sintéticos, imagens, som etc.), pode mudar a atenção do telespectador do texto em movimento para outro enunciado textual, visual, oral.

Propomos uma análise específica em relação ao texto em movimento “b”, que teve uma primeira redação às 10h23, depois, às 15h10, foi modificado e, posteriormente, às 17h30, voltou a ter a mesma redação anterior, ficando da seguinte maneira: b1 – b2 – b1.

²¹⁰ *Lead*: recurso característico do jornal impresso, é a abertura da matéria. Tenta responder a todas as possíveis perguntas logo no primeiro parágrafo: o quê, quem, quando, onde, por que, como.

[Antes] “b1” O avião saiu ontem à tarde do Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, com 81 pessoas a bordo: 72 passageiros e nove tripulantes, fez uma parada em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, perdeu contato com a torre de controle por volta das 22h15 no horário local, 1h15 da madrugada pelo horário de Brasília, entre La Cerra (SIC) e Aberroral.

[Depois] “b2” A delegação da Chapecoense saiu do Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, num voo comercial em direção a Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia. De lá, a equipe pegou um avião fretado da companhia boliviana LaMia com destino a Medellín. Na aeronave tinha pelo menos 77 pessoas a bordo: 68 passageiros e nove tripulantes. O avião perdeu contato com a torre de controle por volta das 22h15 no horário local, 1h15 da madrugada pelo horário de Brasília, entre La Cerra (SIC) e Aberroral.

Ademais do erro de grafia de La Ceja nos dois enunciados, temos, no caso do primeiro texto (b1) dois erros de informações, propriamente: 1) o avião da *LaMia* não saiu de Guarulhos, parou em Santa Cruz de la Sierra e depois voou para Medellín; na verdade, como já apontamos aqui nesta tese, a Anac não autorizou que a companhia aérea boliviana buscasse a delegação da Chapecoense no Brasil e a transportasse para Colômbia, por isso infringir o Código Brasileiro de Aeronáutica e a Convenção de Chicago; e 2) apesar de na lista de passageiros e tripulantes inicialmente constar 81 pessoas a bordo, soube-se que o número era menor, pois houve desistências de algumas pessoas, como o prefeito de Chapecó, Luciano Buligon. Ainda que o texto em movimento tenha tido a redação alterada (“b2”), posteriormente, a emissora voltou a exibir a redação primeira, isto é, “b1”.

A partir das análises em relação ao *crawl*, identificamos que tal recurso, em muito, reiterou os achados de pesquisa de Ghaziri (2012) e os nossos (SILVA, 2014), como ser modular (blocos de textos), binário (sintática), funcionar em circuito (repete-se), mas refutou outros, por exemplo, às vezes, teve lógica temática, em outras, não foi objetivo e nem coeso. Em relação às diferenças constatadas sobre os textos em movimento no dia 29 de novembro de 2016, podemos observar que os enunciados “a”, “b” e “c” têm uma mesma lógica temática, relativa ao acidente com o avião da Chapecoense; por outro lado, “d”, “e”, “f”, “g” e “h”, realmente não têm relação temática, a não ser o viés internacional nas quatro últimas. Ademais, não podemos chamar de objetivo e, sobretudo, coeso um texto feito para ser lido de maneira ininterrupta como o “g”, por exemplo.

Discursivamente, o texto em movimento, no caso da transmissão em direta da *Globo News* para o acidente com o avião da *LaMia*, poderia, de fato, ser um recurso de credibilidade, em que à medida que houvesse atualização das informações, ocorreria a atualização do *crawl*; no

entanto, constatamos que, da forma como foi usado, tornou-se mais um recurso para captação da instância de recepção, do tipo: “Nós te informamos por meio de imagens, da enunciação dos nossos âncoras, repórteres etc. e do recursos textuais em movimento na sua tela”.

Outro recurso pós-fotográfico com que nos deparamos na cobertura “ao vivo” da *Globo News* naquele dia 29 de novembro de 2016 é o logotipo, na verdade, os logotipos, pois há o da *Globo News* no canto superior esquerdo do vídeo e o do *G1*, no canto inferior esquerdo, para onde vão os textos em movimento. De acordo com Brandão (2010) e Ribeiro e Sacramento (2010), o logotipo, bem como a programação e os *slogans* das emissoras, foi criado pelo *Grupo Simosen*, da extinta *TV Excelsior*, e significou, no Brasil, a profissionalização e o desenvolvimento da televisão brasileira.

Constatamos que, do ponto de vista discursivo, os logotipos da *Globo News* presentes na transmissão direta que aqui analisamos são, ademais de um recurso que demarca que aquela emissão pertence à emissora (ou ao *Grupo Globo*, no caso do *G1*), uma propaganda de autopromoção que busca reforçar sua marca. Em relação ao *G1*, especificamente, fica pressuposto que aqueles textos do *crawl* que vão ao seu encontro estão disponíveis lá no *site*.

Por fim, o recurso pós-fotográfico de hora, isto é, o relógio que vemos durante todo o tempo da cobertura “ao vivo” da *Globo News* naquele dia 29 de novembro de 2016 no canto inferior direito funciona, discursivamente, como um elemento que pressupõe urgência, imediatismo, que aquilo que está sendo transmitido se dá no mesmo momento da sua recepção, tornando-se, por isso, uma estratégia enunciativa fundamental para produzir um efeito de presentidade, se não geográfica, pelo menos temporal entre as instâncias de produção e recepção.

5.2.3 Peculiaridades do discurso de informação “ao vivo”

Nesta última seção de análise desta tese, iremos abordar algumas estratégias discursivas peculiares à constituição da cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News* sobre o acidente com o avião da *LaMia* que transportava jogadores, comissão técnica, dirigentes e convidados da Associação Chapecoense de Futebol, profissionais da imprensa brasileira e tripulantes nas proximidades da cidade de Medellín, na Colômbia.

A primeira delas diz respeito a três materialidades discursivas que não estão presentes comumente nas transmissões televisivas, seja nas gravadas, seja nas “ao vivo” pré-planejadas, mas que são recorrentes na cobertura “ao vivo” da *Globo News* no dia 29 de novembro de 2016: uso do telefone, de fotos (imagens estáticas) e imagens em movimento de baixa qualidade. Isso se torna ainda mais relevante nesse caso se lembrarmos que a emissora tem como premissa o “padrão *Globo* de qualidade”, conforme abordamos no capítulo 1.

O telefone foi usado como recurso técnico-enunciativo para dar a voz ao repórter Rafael Junko (6h53), ao comentarista Sidney Garambone (7h21), aos entrevistados Ivan Tozzo (6h49), José Aníbal Cuervo (11h03), Carlos Zampier (11h08), Júlio Bitelli (11h22), e aos especialistas Gustavo Cunha Mello (6h53), Gerardo Portela (8h04), coronel Douglas Machado (9h09), mostrando-se um meio eficaz para trazer o outro à encenação midiática, principalmente, nas primeiras horas da cobertura “ao vivo” – momento em que, como já dissemos em outras partes desta tese, a presença de pessoas, seja no espaço midiático do estúdio, seja no espaço social do acontecimento, se faz difícil.

Identificamos, nesse sentido, que no momento mesmo em que esse outro fala são exibidas imagens relacionadas à queda do avião da *LaMia* e ao time da Chapecoense, mas, ao mesmo tempo, aleatórias. Isso porque as circunstâncias materiais da TV são o verbal e o visual, e, dessa maneira, só a voz de um repórter, comentarista, especialista ou testemunha por telefone não é o suficiente para preencher toda a potência do dispositivo televisual, vide FIGURA 166.

Figura 166 – *Jornal da Globo News – Edição das 7h*



Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Durante a cobertura “ao vivo”, sobretudo nas primeiras horas, foi comum identificarmos situações de “problemas com a ligação” nos diálogos por telefone, como o que ocorreu, por exemplo, quando falava Gerardo Portela (especialista em gerenciamento de risco) às 8h06, durante o *Jornal da Globo News – Edição das 7h*, FIGURAS 167 e 168.

Figuras 167 e 168– *Jornal da Globo News – Edição das 7h*



Gerardo Portela (especialista) – [...] a cabeceira da pista que estava ali tão próxima. Então, realmente, é uma tragédia... Não só pelo acidente em si, uma fatalidade... É uma aeronave... [podemos entender o que ele fala, mas há muito ruído e interferência]

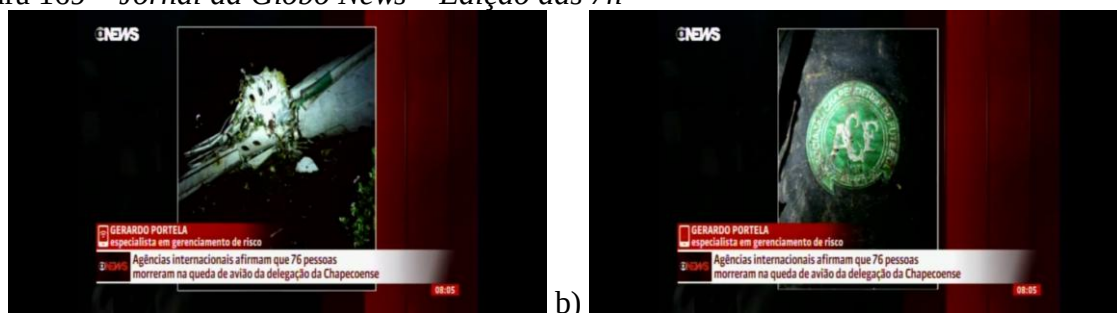


Erick Bang (âncora) – Gerardo, vou só te interromper um pouquinho porque a ligação está muito ruim. A gente não consegue ouvir você direito [não se ouve mais o especialista] Daqui a pouco a gente volta a conversar com o Gerardo, já que a gente teve um problema com o... A ligação, enfim.

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

O uso das fotos (imagens estáticas) foi um recurso técnico-enunciativo de grande valia para a transmissão direta da *Globo News* daquele dia 29 de novembro de 2016, sobretudo nas primeiras horas da cobertura, em que não havia imagens em movimento do local do acidente. Ainda que a opção seja pelas imagens estáticas nessas primeiras horas de cobertura, constatamos que essa escolha é por fotos com alto poder de captação, como a que mostra uma parte de um avião destruída, ou a de uma bolsa com o escudo da Chapecoense suja de lama (FIGURA 169), que tem um efeito patêmico e, ao mesmo tempo, de autenticação, isto é, isso realmente aconteceu com a equipe da Chapecoense.

Figura 169 – *Jornal da Globo News – Edição das 7h*



Legenda: a) Parte destruída de um avião
b) Bolsa com o escudo da Chapecoense
Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

A exibição de imagens em movimento de baixa qualidade foi uma constante ao longo da cobertura “ao vivo” da *Globo News*, sobretudo, como já dissemos, porque os *media* não têm como prever um grande acontecimento noticioso, levando ao local do ocorrido pessoas e equipamentos. Nesse caso, como constatamos no *corpus*, há uma exibição incomum de imagens cedidas por outras emissoras, nesse caso aqui, principalmente, da *Telemedellín* (emissora da cidade de Medellín, na Colômbia), e por agências de notícias, as quais são exibidas sem áudio, mas com o âncora dando um efeito de sentido às imagens, conforme amostra a seguir exibida às 12h20 pela *Globo News*, que foi extraída de um vídeo gravado por celular e transmitido no *site* de notícias colombiano *MiOriente*.

Figuras 170 e 171– *Jornal da Globo News – Edição do meio-dia*



Heloísa Gomide (âncora) – [...] Agora sim a gente tá vendo essas imagens de celular que foram feitas e divulgadas na internet, olha só... O momento ali... Já com as equipes de buscas fazendo o resgate no local, assim que aconteceu o acidente...[...]



Heloísa Gomide (âncora) – [...] É muito escuro... A gente sabe que chovia na hora do acidente e tudo isso pode ter contribuído, portanto, pra essa queda do avião [...]

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016.

Essas fugas do “padrão *Globo* de qualidade”, seja ligação ruim, recorrência no uso de fotos, ou baixa qualidade das imagens em movimento, são, na verdade, uma estratégia discursiva que visa captar a instância de recepção, ao dar a entender que aquela é uma transmissão “pura”, isto é, sem edições, montagens, sem intervenções da instância de produção no material bruto, enfim, é a “realidade” tal qual. Nesse sentido, são estratégias de captação.

A segunda estratégia discursiva característica da cobertura “ao vivo” da *Globo News* tem a ver com o aspecto temporal na diegese narrativa proposta pela emissora. Inicialmente, temos um movimento ao passado, primeiro na tentativa de resgatar naturezas acontecimentais semelhantes à da Chapecoense, como quando se compara o acidente da equipe catarinense ao do Torino Football Club (1949), do Manchester United Football Club (1958), Club Alianza Lima (1987), Seleção da Zâmbia (1993), buscando estabelecer possíveis relações de causalidades, e segundo no sentido de se fazer conhecer a história da Chapecoense e sua ascensão até a final da Copa Sul-Americana, com o intuito de construir uma narrativa com efeito de patemização, “a trajetória de uma equipe exemplar e adorada por todos que foi do sonho à tragédia”. Em segundo lugar, numa perspectiva temporal do presente, a emissora, sobretudo pela presença dos especialistas, busca respostas para o ocorrido, reconstituindo o passo a passo da delegação desde Guarulhos até a queda nas proximidades de Medellín. Nesse sentido, vale todo tipo de especulação e hipóteses: pane elétrica, falta de combustível, interferência climática, negligência do piloto, aeronave antiga, mais de um fator etc.; paralelamente, ainda no âmbito do presente, repercute as reações sobre o acidente no Brasil e mundo afora: medidas tomadas pelo governo brasileiro, manifestações e homenagens de clubes de futebol, jogadores etc. Por fim, o terceiro movimento temporal é em direção ao futuro, prevendo, sobretudo, as consequências desportivas (a Chapecoense será declarada campeã da Sul-Americana, a equipe vai conseguir se reerguer desse acidente etc.), criminais (a empresa será responsabilizada, como fica a indenização às famílias das vítimas etc.), políticas (vai haver mudanças na lei que regulamente o fretamento de voos entre países etc.). Desse modo, temos, então, o passado como testemunho, o presente como reverberação e o futuro como hipótese.

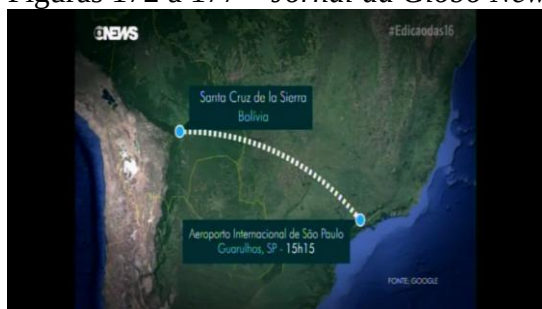
A terceira estratégia discursiva que identificamos no *corpus* a partir da transmissão direta do dia 29 de novembro de 2016 é, em certo sentido, de movimentos antagônicos. Isso porque a *Globo News*, ao longo da cobertura, busca ora alimentar a ansiedade gerada pelo fato e manter

o tom da gravidade da natureza acontecimental com novas informações²¹¹, ora preencher o vazio que há em determinados momentos em que nada acontece de novo. Na primeira situação, deparamo-nos, por exemplo, com um sem-número de interrupções, sobretudo por parte do âncora, ao longo da cobertura “ao vivo” com novas informações, o que reforça o caráter de imprevisibilidade do acontecimento e propõe um estado de permanente expectativa para a instância de recepção. No segundo caso, por sua vez, o que identificamos são estratégias para manutenção da audiência, como extensos diálogos no espaço midiático entre âncoras, comentaristas e especialistas sobre o ocorrido; exaustiva repetição de informações por parte do âncora, abusando do modo descritivo para nomear (vítimas, sobreviventes, outros envolvidos etc.), situar/localizar (onde foi a queda, de onde o avião saiu e como foi o trajeto etc.) e qualificar (chovia no momento do acidente, a visibilidade era ruim etc.); uso de imagens de arquivo para complementar a emissão “ao vivo”, como do time da Chapecoense jogando, de jogadores em específico atuando (como foi feito com Alan Ruschel e Danilo); e a repetição de imagens já exibidas durante aquela cobertura “ao vivo”. Apesar de movimentos aparentemente antagônicos, “o vazio” serve às novas informações, na medida em que a emissora, simultaneamente a um extenso diálogo entre o âncora e um especialista, por exemplo, está em busca de novas informações, seja por meio de sua produção, de seus repórteres e correspondentes, em agências de notícias, na imprensa local onde ocorreu o fato.

Outra estratégia discursiva que pudemos depreender da cobertura “ao vivo” da *Globo News* está na tentativa de a emissora transformar a diegese acontecimental em diegese narrativa, isto é, à medida que narra o acontecimento em seu fluxo, com as informações chegando a todo momento, tenta consolidar uma história com início, meio e fim, dando um efeito de ficção ao ocorrido. Exemplo maior desse gesto é a criação de mapas e infográficos com vistas a reconstituir como se deu a natureza acontecimental, vide FIGURAS 172 a 177.

²¹¹ “Instigadas por essas informações, à maioria das pessoas cabe assistir minuto a minuto, conhecer amplamente o perfil de cada vítima, acompanhar cada suspiro dos testemunhos [...] e, sobretudo, se transformar em vítimas virtuais.” (AMARAL, 2013, p. 84).

Figuras 172 a 177 – *Jornal da Globo News – Edição das 16h*



Christiane Pelajo (âncora) - A delegação tinha saído às 3h15 da tarde do Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, num voo comercial em direção a Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia. [...]



Christiane Pelajo (âncora) – [...] Lá, pegou um avião fretado da companhia boliviana LaMia com destino a Medellín. [...]



Christiane Pelajo (âncora) – [...] Por volta das dez da noite no horário local, uma da manhã em horário de Brasília, entre os municípios de La Ceja e La Unión, o piloto declarou emergência e avisou a torre de controle que o avião estava com uma pane elétrica. [...]



Christiane Pelajo (âncora) – [...] O piloto teria despejado o combustível. [...]



Christiane Pelajo (âncora) – [...] Segundo a imprensa local, ele tentou fazer um pouso de emergência no município de La Unión [...]



[...] uma região muito montanhosa, mas não conseguiu evitar a batida [...]

Fonte: *Globo News*, 29 nov. 2016, 16h02.

Ao elaborar tal diegese narrativa, a *Globo News*, mais que um efeito de ficção, com um início, meio e fim, propõe um sentido, estabilização e causalidade para o ocorrido, por meio de um procedimento de visualização, como se organizasse o mundo fenomênico, dando ordem à desordem, por meio da materialização de uma narrativa audiovisual inteligível, coerente e aceitável.

5.3 Todos os caminhos levam à rotunda

Concluindo mais este capítulo analítico e às portas das considerações finais desta tese, tomamos como base parte das discussões e dos achados que esta tese nos trouxe para propor uma alegoria²¹² que exprima como se deu a construção do processo diegético na transmissão direta televisiva que realizou a *Globo News*, trazendo à tona parte das estratégias discursivas por ela utilizadas, que apresentamos, sobretudo, nos capítulos 4 e neste 5. Para isso, lançamos mão da figura de uma rotunda²¹³, mas não qualquer rotunda. Trazemos aqui a perspectiva de rotunda que Gonçalo Tavares (2013) descreve em seu romance *Matteo perdeu o emprego*. Logo no início da obra, ainda no primeiro capítulo, o escritor angolano nos conta a história de Aaronson, que todas as manhãs contornava correndo a principal rotunda da cidade. “Entre as sete e as sete e meia, os automobilistas que por hábito passavam pela rotunda já sabiam que, também por hábito, um homem, vestido a rigor com calções e camisa de atleta, circulava por ali.” (p. 8). A certa altura, Tavares (2013) elabora a noção de rotunda/rotatória que mais interessa a nós:

²¹² Nosso conceito de alegoria está localizado na acepção literária e retórica do termo, significando uma sucessão de metáforas cuja totalidade representa uma ideia diferente da que se apresenta, está no âmbito da conotação. Nesse sentido, seria, conforme Moisés (2013), um “[...] discurso acerca de uma coisa para fazer compreender outra, pelo lat. *allegoria*. [...] Empregando imagens, figuras, pessoas, animais, o primeiro discurso concretiza as idéias, qualidades ou entidades abstratas que compõem o outro.” (p. 14).

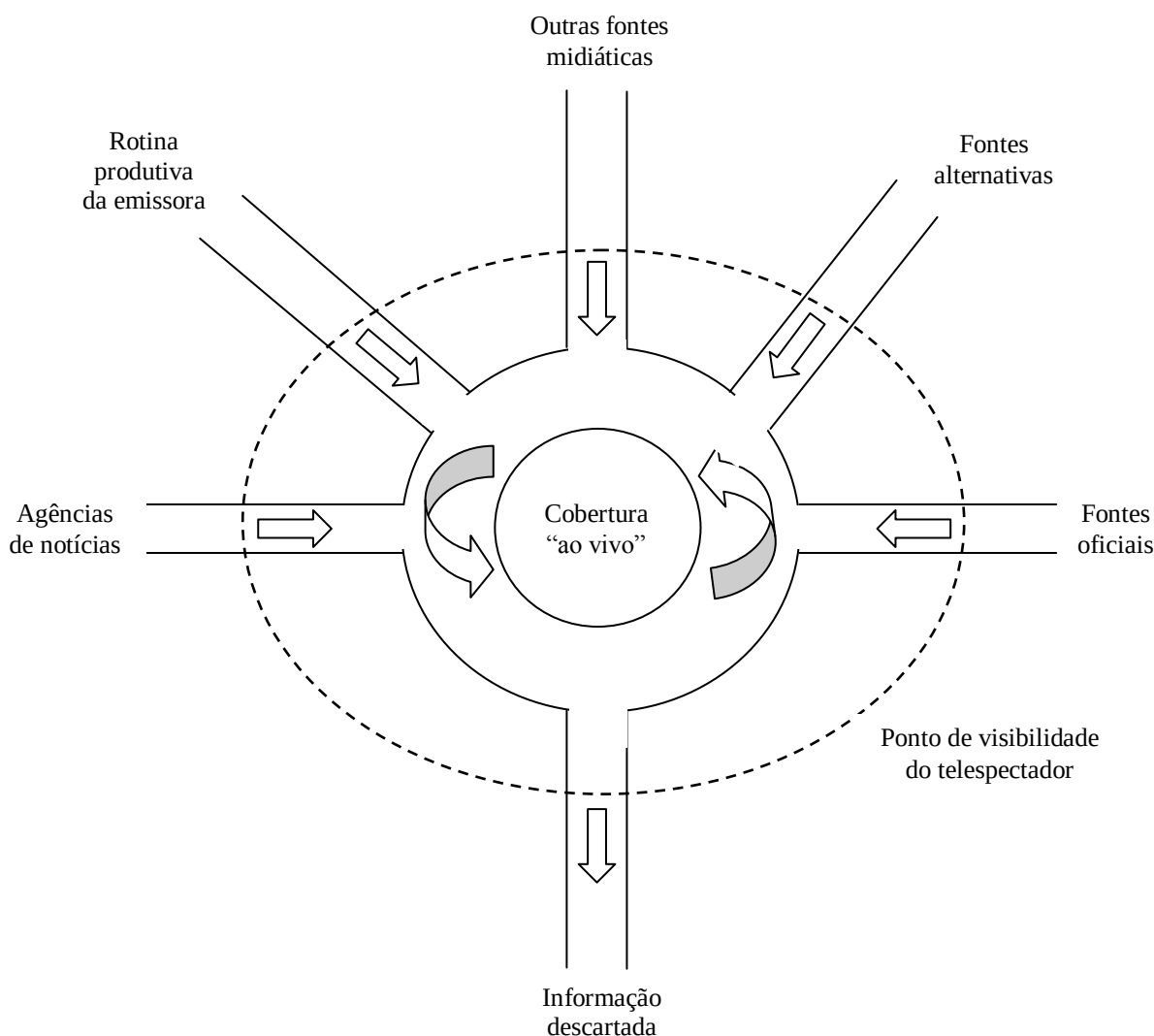
²¹³ Optamos por manter “rotunda”, como está na obra de Gonçalo Tavares (2013), e não rotatória.

Centenas e centenas de vezes em redor da mesma rotunda, como um carro que não soubesse o caminho, que hesitasse entre seguir por uma direção ou outra; que se deixasse estar por ali, à roda, não arriscando, não tomando uma opção. Enquanto estiver na rotunda não estou perdido, pelo menos não volto atrás. E eis um dos atrativos daquela circulação, circulação quase infinita não fora ela terminar com exatidão às trezentas voltas: *em redor de uma rotunda ninguém volta atrás, ninguém se engana, ninguém tem de assumir o erro e fazer a inversão de marcha. A vida, apesar de tudo, é fácil. Numa rotunda.* (TAVARES, 2013, p. 8, grifo nosso).

Partindo dessa perspectiva, propomos a concepção de uma “rotunda midiática”, que, a nosso ver, é a materialização de como funcionou a cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News* sobre a queda do avião que transportava jogadores, comissão técnica, dirigentes e convidados da Associação Chapecoense de Futebol, profissionais da imprensa brasileira e tripulantes, ocorrido no dia 29 de novembro de 2016, nas proximidades da cidade de Medellín, na Colômbia.

Nesse sentido, pensemos que o fluxo da diegese acontecimental da transmissão direta se dê na mesma medida do fluxo da rotunda, isto é, as vias de acesso à rotunda são, na verdade, todas e quaisquer informações que são levadas ao seu centro, que é a cobertura “ao vivo” em última instância; vale ressaltar que essas informações vêm das mais diversas fontes, como pudemos constatar ao longo desta tese: agências de notícias, fontes oficiais, da própria rotina produtiva da emissora etc. À medida que a informação chega ao centro da rotunda, fica por ali circulando em fluxo quase infinito, sendo retomada e, às vezes, repetida à exaustão ao longo da cobertura “ao vivo”, e permanece desse modo até que se consolide como informação que será parte da diegese narrativa, ou seja descartada para dar lugar a outra informação mais “atualizada”. Elaboramos a FIGURA 178 a fim de mostrar visualmente nossa proposta.

Figura 178 – Rotunda midiática



Fonte: Elaborada pelo autor

Esta rotunda midiática da cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News*, diferentemente do que acontece nos gêneros gravados e outros tipos de “ao vivo” (planejados), permite que a instância de recepção tenha acesso a parte da construção evenemencial, posto que o processo de percepção-captura-sistematização-estruturação se dá quase aos olhos do telespectador. Constatamos ainda que a informação chega ao centro da rotunda, espaço da transmissão direta, e, por vezes, é descartada ou ignorada. Foi o caso, como vimos no capítulo 4, da informação dada por Erick Bang, às 3h28, com base na agência de notícia russa *RIA Novosti*, do resgate com vida de dez pessoas; informação que não foi corrigida (“descartada”), tampouco retomada em nenhum outro momento da transmissão, tornou-se, por isso, invisível (ignorada) na rotunda midiática. Talvez, o caso mais emblemático de “informação descartada” naquele dia 29 de novembro de 2016 tenha sido sobre a situação do goleiro Danilo. Durante quase seis horas da cobertura “ao vivo”, o goleiro era dado como resgatado com vida, mas às

9h18, com base na *Rádio Caracol* (outras fontes midiáticas), da Colômbia, Gabriela Ferreira anunciou a morte do atleta, o que foi confirmado às 9h56 por Heloísa Gomide, a partir de outra fonte midiática, o canal *SporTV*, da *Globosat*. Adicionalmente, elaboramos o QUADRO 22, em que vemos as informações levadas ao centro da rotunda nas primeiras cinco horas de coberturas, bem como sua fonte e seu destino (se permaneceu, se foi descartada ou ignorada durante a transmissão direta).

Interessante observarmos ainda que o grupo de sujeitos que compôs a transmissão direta que tomamos como *corpus* está no centro dessa rotunda, sendo o âncora a figura de maior poder na organização desse fluxo complexo e circular, já que a maioria dessas informações chega e permanece na rotunda por meio de sua encenação discursiva. Vale destacar nesse sentido a importância do comentarista e do especialista que, localizados no centro da rotunda, são chamados a atuar para mantê-la em funcionamento, sobretudo nos momentos em que não há novas informações vindas das vias de acesso para a transmissão direta. Ao repórter e/ou correspondente, cabe trazer novas informações, por esforço de sua apuração (rotina produtiva da emissora), ou oriundas de outras fontes, e manter o fluxo da rotunda a partir de repercussões do ocorrido em determinados setores sociais e lugares do Brasil e do mundo.

Das vias de acesso, que estão representadas em cinco na FIGURA 178, mas são tantas quanto possíveis, temos, talvez, a principal diferença da cobertura “ao vivo” de um grande acontecimento noticioso para outros gêneros do discurso de informação midiático. Isso porque o fluxo de informação que chega à rotunda é quase que ininterrupto, sobretudo no início da transmissão direta, fazendo com que a emissora receba e coloque no fluxo da rotunda quase tudo aquilo que recebe, seja de agências de notícias, ou de fontes alternativas (redes sociais digitais, organismos não oficiais etc.). Nesse sentido, a lógica passa por colocar toda e qualquer informação que chega no centro da rotunda (e, consequentemente, no ponto de visibilidade do telespectador) para, depois, a partir de informações oficiais e trabalho de apuração, descartar ou ignorar aquilo que não procede em relação ao ocorrido.

Quadro 22 – Informações levadas à rotunda midiática

Fonte	Tipo	Informação	Hora	Rotunda midiática
Aeroporto de Rionegro	Fontes oficiais	O avião que transportava a Chapecoense sofreu acidente	3h38	Permaneceu
Aeroporto de Rionegro	Fontes oficiais	Houve o acidente, mas há sobreviventes	3h38	Permaneceu
<i>RIA Novosti</i>	Agências de notícias	Dez pessoas retiradas do local do acidente	3h39	Ignorada
<i>RIA Novosti</i>	Agências de notícias	Havia 72 pessoas no avião	3h40	Descartada
<i>RIA Novosti</i>	Agências de notícias	Falta de combustível teria causado a queda do avião	3h41	Permaneceu em parte
<i>MiOriente</i>	Outras fontes midiáticas	Dois helicópteros da Força Aérea estão nas buscas	3h44	Ignorada
<i>Agência EFE</i>	Agência de notícias	O avião perdeu contato com a torre às 21h33	3h45	Descartada
<i>MiOriente</i>	Outras fontes midiáticas	O avião perdeu contato com a torre às 22h15	3h45	Permaneceu
<i>Corpo de Bombeiros</i>	Fontes oficiais	Dez pessoas retiradas do local do acidente	3h47	Descartada
Aeroporto de Rionegro	Fontes oficiais	O avião matrícula CP-2933 é mesmo o da Chapecoense	3h50	Permaneceu
<i>Agência EFE</i>	Agências de notícias	Avião caiu entre La Ceja e La Union	3h51	Permaneceu
Diretor de desastres	Fontes oficiais	O avião caiu em uma localidade de nome “Cerro Gordo”	3h51	Permaneceu
Diretor de desastres	Fontes oficiais	Ao todo havia 81 pessoas a bordo	3h51	Descartada
<i>MiOriente</i>	Outras fontes midiáticas	Trinta veículos de resgate estão indo ao local do acidente	3h55	Ignorada
<i>Agência Sputnik</i>	Agências de notícias	Há dificuldades climáticas no local	4h01	Permaneceu
Aeroporto de Rionegro	Fontes oficiais	Existe a possibilidade de que não haja mortos	4h03	Ignorada
Club Atlético Nacional	Fontes oficiais	Atlético se solidariza com a Chapecoense (<i>Twitter</i>)	4h22	Permaneceu
Aeroporto de Rionegro	Fontes oficiais	Buscas e resgate canceladas parcialmente pelo clima	4h33	Permaneceu
Aeroporto de Rionegro	Fontes oficiais	Seis pessoas retiradas do local do acidente	4h33	Permaneceu
<i>Globo News</i>	Rotina produtiva	Anac não permitiu o voo direto do Brasil para Colômbia	4h48	Permaneceu
<i>Rádio Caracol</i>	Outras fontes midiáticas	Não há quantidade exata de feridos no acidente	4h52	Permaneceu
Conmebol	Fontes oficiais	Primeiro jogo da final da Sul-Americana cancelado	5h01	Permaneceu

Fonte	Tipo	Informação	Hora	Rotunda midiática
<i>Rádio RCN</i>	Outras fontes midiáticas	O piloto despejou o combustível para evitar explosão	5h01	Permaneceu em parte
<i>SporTV</i>	Outras fontes midiáticas	O lateral-esquerdo Alan Ruschel foi resgatado com vida	5h12	Permaneceu
<i>Globo News</i>	Rotina produtiva	48 membros da Chapecoense e 21 jornalistas	5h12	Permaneceu
<i>SporTV</i>	Outras fontes midiáticas	Duas pessoas a bordo estão mortas	5h14	Descartada
<i>Telemedellín</i>	Outras fontes midiáticas	Há muitos sobreviventes	5h16	Descartada
<i>SporTV</i>	Outras fontes midiáticas	Nenhuma morte confirmada	5h22	Descartada
<i>Globo News</i>	Rotina produtiva	Há quatro feridos grave; 25 ambulâncias no resgate	5h34	Permaneceu
“Fontes extraoficiais”	Fontes alternativas	Danilo é um dos sobreviventes	5h35	Descartada
<i>Globo News</i>	Rotina produtiva	Quinze sobreviventes estão sendo levadas para o hospital	5h38	Descartada
<i>Globo News</i>	Rotina produtiva	O goleiro Danilo está bem e ligou para a esposa	5h38	Ignorada
Chapecoense	Fontes oficiais	Primeiro comunicado da Chapecoense (<i>Facebook</i>)	5h45	Permaneceu
<i>Rádio Caracol</i>	Outras fontes midiáticas	Jackson Follmann está entre os sobreviventes	5h47	Permaneceu
<i>Telemedellín</i>	Outras fontes midiáticas	Alan Ruschel chegou consciente, mas em choque	5h55	Permaneceu
<i>Rádio Caracol</i>	Outras fontes midiáticas	Há 25 mortos	6h04	Permaneceu em parte
<i>Globo News</i>	Rotina produtiva	Há uma aeromoça sobrevivente	6h11	Permaneceu
<i>Globo News</i>	Rotina produtiva	Rafael Gobbato, fisiologista da Chapecoense, sobreviveu	6h20	Ignorada
<i>Globo News</i>	Rotina produtiva	O prefeito de Chapecó não estava no voo	6h22	Permaneceu
Aeroporto de Rionegro	Fontes oficiais	A causa da queda foi por falhas elétricas	6h30	Permaneceu em parte
<i>Agência France Press</i>	Agências de notícias	Vinte e cinco pessoas estão mortas	6h38	Permaneceu em parte
<i>Rádio Caracol</i>	Outras fontes midiáticas	O avião se partiu em três	7h17	Permaneceu
<i>Agência Reuters</i>	Agências de notícias	Anúncio das 76 mortes pela primeira vez	7h27	Descartada em parte
<i>Globo News</i>	Rotina produtiva	O jornalista Rafael Henzel é um dos sobreviventes	7h39	Permaneceu

Fonte	Tipo	Informação	Hora	Rotunda midiática
<i>Globo News</i>	Rotina produtiva	O quadro de Alan Ruschel é estável	7h45	Permaneceu
<i>Globo News</i>	Rotina produtiva	Ao todo 76 mortos e 5 sobreviventes	7h58	Descartada em parte
Aeronáutica Civil	Fontes oficiais	Três resgatados com vida Ximena, Ruschel e Follmann	8h08	Permaneceu
<i>Globo News</i>	Rotina produtiva	A Seleção Argentina de Futebol usou o mesmo avião	8h10	Permaneceu
Presidência da República	Fontes oficiais	Nota oficial do presidente Michel Temer	8h17	Permaneceu

Fonte: Elaborado pelo autor.

Se, então, a diegese acontecimental diz respeito à rotunda midiática, isto é, fluxo intenso e complexo de informações oriundas das mais diversas fontes que vão sendo aceitas, mantidas em circulação e/ou descartadas/ignoradas, a diegese narrativa da transmissão direta realizada pela *Globo News* pode ser entendida como sendo a consolidação dessa rotunda, de maneira que as vias de acesso já estão fechadas e as informações necessárias para se contar uma história com início, meio e fim já estão postas em circulação na rotunda midiática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos à última seção desta tese cientes dos limites, mas, sobretudo, do valor de nossos achados nesta pesquisa. Como esses limites estão atrelados, principalmente, a fatores temporais (duração do doutorado), fisiológicos (fadiga), psicológicos (exaustão com o *corpus*) e mesmo intelectivos (capacidade de compreender a complexidade daquilo que vemos), iremos direcionar nossos esforços para realçar os achados da pesquisa que vão servir, esperamos, de embasamento ou ponto de partida para futuras investigações sobre a cobertura “ao vivo” de grandes acontecimentos noticiosos a partir de um viés discursivo.

À medida que formos avançando com a discussão que aqui faremos, iremos responder aos questionamentos estabelecidos ainda na *Introdução* desta tese, a lembrar: como se dá a construção do processo diegético em uma transmissão direta televisiva? Quais são as estratégias discursivas emergentes dessa diegese acontecimental, cujo referente é fugidio, fluido e movente?

Para isso, achamos mais organizado e razoável seguir um trajeto que passe pelos capítulos desta tese. No capítulo 1, realizamos, inicialmente, uma caracterização do gênero “ao vivo” a partir de uma pesquisa bibliográfica que perpassou autores da Sociologia, da Comunicação Social e dos Estudos de Linguagens. Fundamentados por eles é que pudemos caracterizar a transmissão direta televisiva, diferenciando-a de outros sistemas técnicos indiciários. Nesse sentido, vimos que a cobertura “ao vivo” mobiliza tanto a instância de produção, quanto a de recepção de modo simultâneo; quebra com o fluxo programático de uma emissora e, com isso, provoca uma ruptura na rotina do telespectador; estabelece um regime de copresença entre o canal e a audiência; oscila na construção do enunciado televisual, já que o “erro” não pode ser corrigido, ou editado; assemelha-se à experiência com o “real”, posto que é um acontecendo, um contínuo; nos dá uma sensação de eterna presentidade; e estabelece uma verdade factual.

Posteriormente, ainda no capítulo 1, propusemos uma história, entre muitas possíveis, do “ao vivo” na televisão brasileira, tentando observar seus usos, sobretudo no discurso midiático de informação. A partir desse percurso, pudemos depreender que o “ao vivo” passou por três estágios ao longo dos seus quase 70 anos: 1) nos primeiros anos da TV, até mesmo em razão de seu caráter incipiente como meio, o “ao vivo” era fruto da conjuntura posta; 2) em seguida, sobretudo com o advento do videoteipe – o que possibilitou gravar e editar de modo ágil –, o

“ao vivo” passou a ser utilizado somente em algumas situações (apresentação dos telejornais, coberturas de última hora), mas priorizando-se o “gravado”, por permitir “corrigir” equívocos e imperfeições; 3) por fim, a partir dos anos 1990, temos emissoras generalistas e, sobretudo as só de notícias, usando o “ao vivo” de maneira estratégica na cobertura de grandes acontecimentos noticiosos ou em transmissões diretas planejadas (cerimônias, esportes etc.).

O segundo capítulo foi momento de estabelecer parâmetros teóricos para enxergar e analisar a cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News* sobre o acidente com o avião que transportava a Chapecoense naquele dia 29 de novembro de 2016. Primeiramente, buscamos diferentes concepções para o termo “discurso” em dicionários de definição, para, em seguida, conceituá-lo segundo a perspectiva que propôs Patrick Charaudeau, com o que nos filiamos para esta pesquisa; entre um movimento e outro, buscamos dar a ver outras correntes discursivas, umas mais próximas e outras mais distantes do pensamento charaudiano. Vimos que o ponto de vista sobre o sujeito, que está restrito às coerções da situação da comunicação, mas que elabora um projeto de fala intencional, e, sobretudo, o ponto de vista comunicacional assumido pelo autor francês, que preconiza as dimensões interna e externa em quaisquer processos discursivos, são elementos fundamentais da semiolinguística.

Ademais, no capítulo 2, nos empenhamos em detalhar a semiolinguística, tanto nas suas proposições sobre o nível situacional (identidade, finalidade, propósito e condições materiais), quanto acerca dos âmbitos discursivo (maneiras de dizer e papéis languageiros que deve ter) e semiolinguístico (escolhas linguísticas e usos dos modos de organização do discurso – enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo); em dados momentos desse percurso, realizamos análise de fragmentos do *corpus*, a fim de dar uma dinâmica ao trajeto pela semiolinguística. Por fim, encerrando essa seção teórica, caracterizamos o discurso midiático de informação, dando ênfase ao processo de transformação e transação e nos modos discursivos (acontecimento relatado, acontecimento comentado e acontecimento provocado).

No capítulo 3, fizemos uma primeira discussão abordando aspectos técnicos, políticos e financeiros de se fazer pesquisa sobre televisão no Brasil. Em seguida, tratamos dos quatro problemas que há na constituição de um *corpus* em Estudos de Linguagens: 1) coleta de dados; 2) representatividade do *corpus*; 3) escolhas das categorias de análise; e 4) ferramentas de tratamento do *corpus*. Concluída essa etapa, discutimos a problemática que se impôs a este trabalho e, logo após, demos a conhecer as chaves de leitura dos capítulos 4 e 5. Concluindo

essa terceira seção da tese, buscamos nos aprofundar em nosso objeto empírico, primeiramente, tentando entender o funcionamento da *Globo News* a partir de sua história, programação e programas exibidos, e, em segundo lugar, explorando a história da Associação Chapecoense de Futebol, sua relação com a cidade de Chapecó (SC) e o momento por que a equipe passava quando do acidente.

O quarto capítulo desta tese foi aquele em que propusemos uma compreensão acerca do nível situacional de uma emissora só de notícias, tomando por base as programações regulares e da cobertura “ao vivo”, tentando identificar as coerções comunicativas e discursivas ali instituídas. Foi possível constatar que a *Globo News* caracteriza-se como um EU comunicante formado por um grupo heterogêneo de profissionais, mas que se projeta, no mínimo, de duas maneiras: por um lado, na programação regular, é dinâmica, plural, onisciente, onipresente e credível; por outro, em programações de cobertura “ao vivo”, como a do acidente envolvendo a Chapecoense, como preparada, qualificada e capaz de lidar com um acontecimento de última hora.

Em relação ao TU destinatário idealizado pela emissora quando do processo transação, identificamos um telespectador ideal que, em dias normais, busca saber as últimas notícias, sobretudo de política (nacional ou internacional) e macroeconomia, mas à noite, sobretudo, quer assistir a telejornais que vão lhe mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no dia, com comentários e análises, e programas de variedades com temas diversos: ecologia, atualidade, finança e negócio; todavia, nos dias de cobertura “ao vivo”, esse TU destinatário é presente e ávido por novas informações relacionadas ao acontecimento, quer ouvir envolvidos no ocorrido, especialistas, comentaristas, repórteres *in loco*, ver imagens, saber o que outras partes do mundo estão pensando sobre aquilo.

A visada dominante que observamos na emissora foi a informativa (ou de “fazer saber”), isto é, a *Globo News* está na posição de sabedora em relação ao TU, que está na posição de dever saber. No entanto, como em outros discursos do tipo, percebemos a presença da visada patêmica (ou de “fazer sentir”), em que o EU quer provocar sensações, agradáveis ou não, no TU, que está em posição de se sensibilizar. Em se tratando do propósito, constatamos na *Globo News* elementos que são característicos do discurso de informação midiático, os quais dão à emissão um caráter de “verdade” (ou verossímil), de “natural”, embora saibamos que, na verdade, do acontecimento à notícia, há um processo de percepção-captura-sistematização-

estruturação. Das circunstâncias materiais de realização, identificamos que as imagens e as palavras (textuais e sonoras) como elementos interdependentes e de mesma importância.

Em seguida, analisamos publicidades e propagandas exibidas durante a cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News*, tentando identificar como se deu a presença delas durante programação do dia 29 e como, por meio delas, pudemos traçar um receptor-modelo da emissão. Nesse sentido, constatamos que, ao longo de toda a transmissão direta, houve 39 interrupções para exibição de publicidade e propaganda, seja nos intervalos de um mesmo programa, seja entre o término de uma emissão e o início de outra, o que totalizou 2h23min08, ou pouco mais de 11,5% de toda a cobertura. Em relação ao telespectador idealizado, depreendemos dos anúncios que se trata de um sujeito do gênero masculino, acima dos 45 anos, branco, heterossexual, empresário ou dono de algum negócio próprio, casado ou possui companheira, pai zeloso, bem-sucedido, cauteloso e afeito a carros de alto padrão. Identificamos tais características nas pistas discursivas presentes nos enunciados publicitários e propagandísticos analisados, seja os elementos sonoros, verbais e visuais, seja os componentes narrativos propostos pelas emissões.

Concluída a análise dos anúncios, por fim, passamos ao capítulo 5, em que realizamos o enquadramento da cobertura “ao vivo” realizada pelo *Globo News* em temáticas. A partir da observação do nosso objeto empírico, constatamos que poderíamos enquadrá-la em, pelo menos, seis temáticas de dez possíveis: “Ciência e Tecnologia”, “Comportamento”, “Cotidiano”, “Esporte”, “Policial” e “Política”. Com isso, pudemos afirmar que isso não apenas demonstra o caráter complexo do grande acontecimento noticioso, mas o caracteriza e o torna suscetível de coberturas “ao vivo” por parte das emissoras.

Entrando propriamente na transmissão direta realizada pela *Globo News* sobre o acidente com o avião da *LaMia*, fizemos dois movimentos de análise: no primeiro, investigamos os sujeitos que têm papel enunciativo fundamental para a realização da cobertura “ao vivo”, como âncora, repórter/correspondente, comentarista, especialista, entrevistado; posteriormente, perscrutamos as imagens presentes nesse direto, levando em consideração, para tanto, os espaços midiático (estúdio, redação etc.) e social (rua, cenas externas), ademais das figuras de edição imagéticas, como planos fílmicos, movimentos de câmera, cortes etc., e dos elementos fabricados por computação (logotipo, manchetes, *crawl* etc.).

Por fim, tratamos das peculiaridades do discurso de informação “ao vivo” em grandes acontecimentos noticiosos, obviamente, tomando como escopo de análise nosso objeto empírico, isto é, a transmissão direta da *Globo News* sobre o acidente com o voo da Chapecoense. Com isso, pudemos identificar que a emissora lança mão de materialidades discursivas nada comuns em outros gêneros do discurso de informação, seja os gravados, seja os transmitidos em direto, mas planejados, a saber: uso do telefone, de fotos (imagens estáticas) e imagens em movimento de baixa qualidade. Ademais, constatamos que a *Globo News* sustentou sua permanência no ar por mais de vinte horas a partir de três movimentos temporais: 1) em direção ao passado, na tentativa de resgatar naturezas acontecimentais semelhantes à da Chapecoense, como quando se compara o acidente da equipe catarinense ao de outras equipes esportivas e mesmo quando busca dar a conhecer a história da Chapecoense; 2) numa perspectiva presente, para buscar respostas para o ocorrido, valendo-se de todo tipo de especulação e hipóteses, ou para repercutir as reações sobre o acidente no Brasil e mundo afora; e 3) em direção ao futuro, tentando prever, sobretudo, as consequências desportivas, criminais e políticas.

Outra estratégia discursiva que pudemos identificar foi que a *Globo News*, ao longo da cobertura, buscou ora alimentar a ansiedade gerada pelo fato e manter o tom da gravidade da natureza acontecimental com novas informações, ora preencher o vazio que há em determinados momentos em que nada acontece de novo. E ainda há outra que tem a ver com a tentativa de a emissora transformar a diegese acontecimental em diegese narrativa; à medida que narra o acontecimento em seu fluxo, com as informações chegando a todo momento, tenta consolidar uma história com início, meio e fim, dando um efeito de ficção ao ocorrido.

Concluindo nosso trajeto pelos capítulos desta tese, que aqui se encerra, conseguimos cumprir, acreditamos, os objetivos específicos propostos ainda na Introdução, os quais retomamos aqui a fim de cancelarmos nosso argumento. O primeiro objetivo específico passou por identificar e analisar os elementos característicos da transmissão direta televisiva, diferenciado-a de outros sistemas técnicos de representação. Tal processo foi realizado em duas etapas: inicialmente, no capítulo 1, quando caracterizamos o gênero e propusemos uma história, entre muitas possíveis, do “ao vivo” na televisão brasileira e, posteriormente, no capítulo 5, momento em que trouxemos à tona e analisamos as peculiaridades do discurso de informação “ao vivo” realizado pela *Globo News* naquele dia 29 de novembro de 2016, como as materialidades discursivas pouco comuns, os deslocamentos temporais realizados e os

movimentos para alimentar e manter o tom da gravidade da natureza acontecimental e para preencher o vazio quando nada de novo acontecia.

O segundo objetivo específico consistiu em analisar o processo diegético na transmissão direta da *Globo News* no dia 29 de novembro de 2016, considerando as estratégias discursivas implementadas pela emissora. Nesse sentido, é que concebemos, sobretudo, os capítulos 4 e 5, em que analisamos, nesta ordem, a situação de comunicação que se impôs à cobertura “ao vivo” realizada pela *Globo News*, as programações “ao vivo” e regular da emissora, os anúncios exibidos naquele dia, os enquadramentos temáticos, os sujeitos mobilizados e os dispositivos cênicos dos espaços social e midiático, esgotando ao máximo os possíveis interpretativos acerca de cada um desses aspectos inerentes ao processo diegético da transmissão direta.

O objetivo específico terceiro, em que nos propusemos a analisar a cadência sintático-discursiva da transmissão direta realizada pela *Globo News* a fim de identificar a estabilização da diegese acontecimental, transformada em diegese narrativa, teve seu lugar no capítulo 5, especialmente quando demonstramos visualmente com a alegoria da “rotunda midiática” o modo como a *Globo News* procedia com a informação que chegava e, a partir daí, propunha uma coerência para uma natureza acontecimental que se revelou aos poucos.

Por fim, concluindo aqui nossa tese, propomos três outras pesquisas que relacionadas a esta vão dar luz à análise do discurso das coberturas “ao vivo” de grandes acontecimentos noticiosos, bem como à nossa alegoria da “rotunda midiática”: 1) analisar uma mesma natureza acontecimental “ao vivo” a partir da encenação narrativa de emissoras de duas diferentes culturas, como, por exemplo, *CNN* e *Al Jazeera*; 2) analisar como se dá a encenação discursiva em diegeses acontecimentais produzidas por coletivos midialivristas, sobretudo observando o funcionamento da “rotunda midiática” nesse caso; e 3) comparar a cobertura realizada pela *Globo News* sobre a queda do avião que transportava a delegação da Chapecoense e a transmissão “ao vivo” feita por essa mesma emissora sobre o incêndio no Museu Nacional do Brasil, ocorrido em 2018, no Rio de Janeiro, tentando observar os valores postos em relação aos dois acontecimentos.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. *Estação das chuvas*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2012. (Série geral).

A LENDA Condá. Direção: Rafael Barros. Rio de Janeiro: SporTV, 2017. (86 min.), son., color. Disponível em: <goo.gl/9dkVvY>. Acesso em 31 jan. 2018.

ALBANI, João Gabriel. Ao vivo em São Paulo: a produção de sentidos nas transmissões dos ataques do PCC. 2007. 164 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas. In: ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1999. p. 147-178.

ALVES-MAZZOTTI, Alda J. Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de pesquisa*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.

AMARAL, Márcia Franz. O enquadramento nas catástrofes: da interpelação da experiência ao relato da emoção. *Contracampo*, Niterói (RJ), n. 22, p. 65-82, fev. 2011.

AMARAL, Márcia Franz. Os testemunhos de catástrofes nas revistas brasileiras: do medo individual à patemização midiática. *Contracampo*, Niterói (RJ), n. 26, p. 71-86, 2013.

AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2014.

ANDRADE, Antônio Augusto Braighi. *Que telejornal o mineiro vê? Uma análise discursiva da estrutura e apresentação de noticiários em Minas Gerais*. 240 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, CEFET-MG, Belo Horizonte, 2012.

ANTENORE, Armando. Globosat lança no Brasil canal jornalístico. *Folha de S.Paulo*, 17 abr. 1993. Disponível em: <<https://bit.ly/2O5U4TB>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

ANTUNES, Elton. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 18, p. 85-99, dez. 2009.

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. *Seja o primeiro a saber: a CNN e a globalização da informação*. São Paulo: Editora Summus, 2005.

ASSOCIAÇÃO CHAPECOENSE DE FUTEBOL. In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <goo.gl/hFCSpS>. Acesso em: 31 jan. 2018.

AURELIANO, Fernanda Leite; SILVA, Fernando Firmino da. A padronização estética das apresentadoras dos principais telejornais brasileiros. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015. Rio de Janeiro, RJ. *Anais...* Rio de Janeiro, RJ: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBOSA, Marialva. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro. *Galáxia*, São Paulo, n. 12, p. 13-26, 2006.

BARBOSA, Marialva Carlos. Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 15-35.

BECKER, Beatriz. O sucesso da telenovela “Pantanal” e as novas formas de ficção televisiva. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 239-257.

BECKER, Valdecir. Contradições entre as medições de audiência em tempo real e consolidada: um problema para a programação ao vivo da TV brasileira. *Palavra Clave*, Bogotá, v. 17, n. 3, p. 717-748, set. 2014.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

BERGAMO, Alexandre. A reconfiguração do público. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 59-83.

BRANDÃO, Cristina. As primeiras produções teleficcionais. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 37-55.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 5. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1996. (Série Pesquisas).

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 05 out. 1988. Disponível em: <<https://bit.ly/1bIJ9XW>>. Acesso em: 19 out. 2018.

BRASIL. Lei n. 8.389, de 30 de dezembro de 1991. Institui o Conselho de Comunicação Social, na forma do art. 224 da Constituição Federal e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 31 dez. 1991. Disponível em: <<http://migre.me/jJhM8>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

BRASIL. Lei n. 8.977, de 6 de janeiro de 1995. Dispõe sobre o Serviço de TV a Cabo e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 9 jan. 1995. Disponível em: <<http://migre.me/jJhR0>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

BRASIL. Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 fev. 1998. Disponível em: <<https://bit.ly/2HVxAGT>>. Acesso em: 24 set. 2018.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior. Banco de Dissertações e Teses. 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/vWpRzZ>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

BRASIL. Projeto de Lei que altera e acresce dispositivos à Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, e dá outras providências. 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2DK9ae5>>. Acesso em: 20 set. 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/Y0LbM8>>. Acesso em: 31 maio 2016.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2015.

BRASIL. Congresso Nacional. Emenda Constitucional nº 95, de 16 de dezembro de 2016. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 dez. 2016. Seção 1. Disponível em: <<https://bit.ly/2SwCOcn>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

BRASIL. Agência Nacional de Telecomunicações. Brasil registra redução de 1 milhão de assinantes de TV por assinatura em 12 meses. Dados, 8 maio 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2OHxSQP>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil. Disponível em: <<https://bit.ly/1GoMXeY>>. Acesso em: 25 maio 2018.

BRITO, Yvana Carla Fechine de. Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta em gêneros informativos. 2001. n. f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

BRITTOS, Valério; SIMÕES, Denis. A reconfiguração do mercado de televisão pré-digitalização. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 219-238.

BRUCK, Mozahir Salomão. Palavra: Dispositivo. *Dispositiva*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 39-44, 2012.

BUCCI, Eugênio. Em torno da instância da imagem ao vivo. *Matrizes*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 65-79, 2009.

BUONANNO, Milly. Uma eulogia (prematura) do *broadcast*: o sentido do fim da televisão. *Matrizes*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 67-86, jan./jun. 2015.

CAEIRO, Leila Marli de Lima. *Parceiros do MGTV: Voz da comunidade no telejornalismo mineiro ? De quem é o discurso?* 175f. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, CEFET-MG, Belo Horizonte, 2016.

CARLÓN, Mario. *Do cinematográfico ao televisivo: metatelevisão, linguagem e temporalidade*. Tradução Cecília Prada. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2012.

CARVALHO, Marcelo. Século veloz, imagem passageira: acaso, corpo e cérebro na edição audiovisual ao vivo. *Contemporanea: comunicação e cultura*, Salvador, v. 9, n. 1, 2011, p. 84-98.

CHAPECÓ. Prefeitura Municipal de Chapecó. Lei Municipal nº 5.560, de 28 de maio de 2009. Dispõe sobre a denominação da Arena Condá e dá outras providências. Disponível em: <<https://bit.ly/2L878Ko>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

CHAPECÓ. In: Cidades@. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <goo.gl/ZJ35f3>. Acesso em: 31 jan. 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. *O discurso entre a ação e a comunicação*. 2002. Disponível em: <<http://goo.gl/aIt4gp>>. Acesso em: 18 maio 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (Org.). *Gêneros reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/UFMG, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In : BOYER, H. *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Langue(s), discours. Vol. 4. Paris : Harmattan, 2007. p. 49-63.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coord. da tradução Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Tradução Angela Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. Pour une interdisciplinarité «focalisée» dans les sciences humaines et sociales. *Questions de Communication*, v. 17, p. 195-222, 2010a. Disponível em: <<http://goo.gl/g8wMX>>. Acesso em: 20 maio 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. 2. ed. Tradução de Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2010b.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus que te direi qual é a tua problemática. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 1-23, dez. 2011.

COLOMBIA. Aeronáutica Civil. Grupo de Investigación de Accidentes Aéreos. Informe final accidente. 27 abr. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2BEMbRr>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

COM 22 HORAS de atraso, Chape chega a Barranquilla para enfrentar o Junior. *GloboEsporte.com*, 19 out. 2016. Disponível em: <<https://glo.bo/2NDAbCW>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

CONCEIÇÃO, Felipe Leandro Andrade da. *Metodologia baseada em mineração de dados para apoio à análise do discurso de telejornais*. 67 f. 2013. Dissertação (Mestrado em

Modelagem Matemática e Computacional) – Programa de Pós-Graduação em Modelagem Matemática e Computacional, CEFET-MG, Belo Horizonte, 2013.

COSNIER, Jacques. Proxêmica. Tradução de Nilton Milanez. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (Orgs.). *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2. ed. 3 reimp. São Paulo: Contexto, 2008. p. 412-413.

DAVID-SILVA, Giani. *A informação televisiva: uma encenação da realidade (Comparação entre telejornais brasileiros e franceses)*. 2005. 219 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

DAVID-SILVA, Giani; COURA-SOBRINHO, Jerônimo. A hipertextualidade constitutiva do discurso de informação televisiva. In: RIBEIRO, Ana Elisa et al. *Linguagem, tecnologia e educação*. São Paulo: Peirópolis, 2012. p. 40-52.

DAYAN, Daniel. KATZ, Elihu. *A história em directo: os acontecimentos mediáticos na televisão*. Tradução Ângela Bernardes e José Carlos Bernardes. Coimbra, Portugal: Minerva, 1999. (Coleção Comunicação).

DESLANDES, Suely F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: MYNAYO, Maria C. de S. (orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 31-60.

DUARTE, Elizabeth Bastos. *Televisão: ensaios metodológicos*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de Castro (Orgs.). *Televisão: entre o mercado e a academia*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

DUCROT, Oswald. Pressupostos e subentendidos: a hipótese de uma semântica linguística. In: DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. 2. ed. Revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. Campinas (SP): Pontes Editores, 1987. p. 13-30.

EMEDIATO, Wander. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa. EMEDIATO, Wander (Org.). *A construção da opinião na mídia*. Belo Horizonte: FALE/UFGMG, Núcleo de Análise do Discurso, 2013. p. 69-104.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. 5. ed. rev. e aum. São Paulo: Ática, 1991.

ESPERIDIÃO, Maria Cleidejane. Gigantes invisíveis no telejornalismo mundial: agências internacionais de notícias e o ecossistema noticioso global. *Brazilian Journalism Research*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 106-129, 2011.

FARFAN, Tainá Mesquita. Mulher e telejornalismo: uma análise da presença feminina na apresentação ou ancoragem de telejornais no Brasil. 2015. 76f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

FECHINE, Yvana; FIGUEIRÔA, Alexandre. Cinema e televisão no contexto da transmediação. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 281-312.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Vivo. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 2.082.

FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. Tradução de Claudia Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 9. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

GADRET, Débora Lapa; BERGER, Jéssica. Âncora internacional – a posição enunciativa de Renato Machado no *Bom Dia Brasil*. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 329-341, jul./dez. 2015.

GHAZIRI, Samir. *Entre o ler e o assistir: experiências de leitura de textos em movimento do telejornalismo news na escola*. 237f. 2012. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 244-270.

GLOBOSAT. In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://bit.ly/2OBtkvn>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

GOMES, Neusa Demartini. Publicidade ou propaganda? É isso aí! *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 16, p. 111-121, dez. 2001.

GUTMANN, Juliana. O que dizem os enquadramentos de câmera no telejornal? Um olhar sobre formas audiovisuais contemporâneas do jornalismo. *Brazilian Journalism Research*, Brasília, v. 8, n. 2, p. 64-79, 2012.

HALL, Edward Twitchell. A dimensão oculta. 3. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 2005.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012. p. 11-38. (Coleção Pensamento Humano).

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. Vivo. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa (Elab.). Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 2.876.

JACOB, Hugo Drumond. *Desenvolvimento de um modelo de atenção visual para sumarização automática de vídeos de programas televisivos*. 82 f. 2013. Dissertação (Mestrado em Modelagem Matemática e Computacional) – Programa de Pós-Graduação em Modelagem Matemática e Computacional, CEFET-MG, Belo Horizonte, 2013.

JOST, François. *Introduction à l'analyse de la télévision*. Paris: Elypses Editions Marketing, 1999.

JOST, François. *Compreender a televisão*. Tradução Elizabeth Bastos Duarte, Maria Lília Dias de Castro e Vanessa Curvello. Porto Alegre: Sulina, 2007. (Coleção Estudos sobre o audiovisual).

JOST, François. Em nome do real. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de. *Televisão: entre o mercado e a academia*. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 285-300.

KUHN JÚNIOR, Norberto; MARTINS, Vera. Voo AF 447: nos radares da mídia. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, ano 8, v. 8, n. 21, p. 115-134, mar. 2011.

LANGUE, André. *Histoire de la télévision*. Universidade Livre de Bruxelas. 02 mar. 2003. Disponível em: <<http://histv2.free.fr>>. Acesso em: 16 set. 2017.

MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MACHADO, Ida Lúcia; MENDES, Emilia. A análise semiolinguística: seu percurso e sua efetiva tropicalização. *Revista Latino-Americana de Estudos do Discurso*, V. 13, n. 2, p. 7-20, 2013.

MAGGIONI, Fabiano. Estrutura básica da representação visual nas construções discursivas da apresentação do telejornal. 2015. 194 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso. Tradução de Sírio Possenti. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (Orgs.). *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2. ed. 3 reimp. São Paulo: Contexto, 2008. p. 168-172.

MAINGUENEAU, Dominique. *Frases sem texto*. Tradução Sírio Possenti et. al. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

MANSUR GUÉRIOS, Rosário Farani. *Dicionário de etimologias da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. UFRJ, 1997.

MARTINS, Nísia. *Informação na tevê: a estética do espetáculo*. DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de Castro (Orgs.). *Televisão: entre o mercado e a academia*. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 125-138.

MATSUMOTO, Aline Ramires Moraes; SANTOS, Kátia Alexsandra dos; VAZ DA COSTA, Adriana Aparecida. O discurso indireto na transmissão telejornalística ao vivo do atentado terrorista ao World Trade Center. *Acta Scientiarum: Human and Social Sciences*, Maringá, PR, v. 28, n. 2, p. 173 -179, 2006.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

MIRA, Maria Celeste. O moderno e o popular na TV de Silvio Santos. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 159-175.

MOISÉS, Massaud. Diegese. In: MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004a. p. 124.

MOISÉS, Massaud. Alegoria. In: MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004b. p. 14-16.

MOTA, Regina. O programa “Abertura” e a épica de Glauber Rocha. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 137-156.

MUNIZ, Elisabete Lins; CASTRO, Hermínia Maria Totti de (Coord.). *Dicionário Balsa da língua portuguesa*. Balsa Planeta Internacional: São Paulo, 2005.

NASCIMENTO SILVA, Rodrigo Édipo. As transmissões de jogos de futebol em um ambiente de convergência midiática: uma análise a partir do Esporte Interativo. 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

NEDEL, Marco Aurélio. *Chapecoense 2006-2016: o triunfo da ética*. Chapecó (SC): [s.n.], 2017.

NOSSA história. 31 jan. 2017. Disponível em: <goo.gl/5uh3aY>. Acesso em: 31 jan. 2017.

OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

OLIVEIRA, Juliana; RUBLESCKI, Anelise. Cobertura ao vivo em televisão: o imprevisto e o testemunho em situações de tragédia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 5., 2013, Santa Maria, RS. *Anais...* Santa Maria (RS): UFSM, 2013.

ORRICO, Evelyn Goyannes Dill; FERREIRA, Maria da Conceição da Rocha. Memórias da comunicação informacional do risco científico: repercussões sociais a partir da cobertura jornalística de grandes acidentes tecnológicos. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 26, n. 1, p. 37-50, jan./abr. 2016.

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PATERNOSTRO, Vera Íris (Coord.). *Globo News: 10 anos: 24 horas no ar*. São Paulo: Globo, 2006.

PEREIRA, Moises Henrique Ramos. *Desenvolvimento de um sistema de informação multimídia para apoio à análise discursiva de vídeos televisivos*. 129 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Modelagem Matemática e Computacional) – Programa de Pós-Graduação em Modelagem Matemática e Computacional, CEFET-MG, Belo Horizonte, 2011.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIGNATARI, Décio. *Signagem da televisão*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos*, Lisboa, n. 6, p. 59-76, 2005.

RABATEL, Alain. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. In: EMEDIATO, Wander (Org.). *A construção da opinião na mídia*. Belo Horizonte: FALE, Núcleo de Análise do Discurso (NAD), 2013. p. 19-68.

REGRA DO GOL FORA DE CASA. In: Wikipédia, a enciclopédia livre, 26 maio 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2KTTV8K>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

REIS, Clóvis; ZUCCO, Fabrícia Durieux; DAROLT, Everton. Gabinete de Crise versus mídia: implicações para o diálogo com a comunidade. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 155-173, jul./dez. 2013.

REVELAÇÕES do plano de voo. *O Globo*, n. d. Disponível em: <<https://bit.ly/2mBvu1a>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. A renovação estética da TV. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 109-136.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O que são afinal os *media*. In: BRUCK, Mozahir Salomão. OLIVEIRA, Max Emiliano.(Orgs.). *Atividade comunicacional em ambientes midiáticos: reflexões sobre a obra de Adriano Duarte Rodrigues*. São Paulo: Intermeios, 2016. p. 175-185.

RODRIGUES, Eduardo. Em sete anos, Chapecoense saiu do anonimato e virou xodó nacional. *Folha de S.Paulo*, Esporte, 29 nov. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2rB49yj>>. Acesso em: 10 maio 2018.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 343-364.

ROXO, Marco. A volta do “jornalismo cão” na TV. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 177-196.

SAMUEL. In: Bíblia Online. Disponível em: <<https://bit.ly/2IWmvjI>>. Acesso em: 5 jul. 2018. (versão católica).

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SANTOS, Antonio R. dos. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. 6. ed. Belo Horizonte: DP&A Editora, 2006.

SANTOS, Rudi. *Manual do vídeo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCARCELLO, Daniel Alves; SILVA, Wagner da Costa. Bonner saiu da bancada: as mudanças na apresentação do Jornal Nacional. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 16., 2017. Manaus, AM. *Anais...* Manaus, AM: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

SEARLE, John R. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos da fala*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SILVA, André Luiz. Telejornalismo *all news*: a morte do âncora-vedete?. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013. Ouro Preto, MG. [*Anais eletrônicos...*] Ouro Preto, MG: ALCAR, 2013d. Disponível em: <<http://goo.gl/0tcrUw>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

SILVA, André Luiz. Jornalismo online e a realidade reempacotada. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 6, p. 37-45, jun. 2014a.

SILVA, André Luiz. *Ver, ouvir... Ler: uma análise da estrutura, da apresentação e dos textos em movimento de telejornais de emissoras all news do Brasil*. 2014. 202f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014b.

SILVA, André Luiz. Teoria da argumentação linguística e estratégia discursiva em blogs. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato (CE), v. 3, n. 1, p. 15-27, 2014c.

SILVA, Dionísio da. *A vida íntima das palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa*. São Paulo: Arx, 2002.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968.

SOULAGES, Jean-Claude. *Les mises en scène visuelles de l'Information*. Paris: Nathan-INA, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media*. 2. ed. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

SOUZA, Celso Luiz de. *Recuperação de vídeos baseada em conteúdo em um sistema de informação para apoio à análise do discurso televisivo*. 122 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Modelagem Matemática e Computacional) – Programa de Pós-Graduação em Modelagem Matemática e Computacional, CEFET-MG, Belo Horizonte, 2012.

SOUZA, Fábio Canatta de. *TV e segunda tela: uma análise do horário nobre no Twitter*. 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em

Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SQUIRRA, Sebastião. *Boris Casoy. O âncora do telejornalismo brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993a.

SQUIRRA, Sebastião. Boris Casoy: o ancora brasileiro e o modelo norte-americano. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 87, n. 4, p. 3-12, jul. 1993b.

TAVARES, Gonçalo Manuel. *Matteo perdeu o emprego*. Rio de Janeiro: Foz, 2013.

TRAVERSO, Véronique. Turno de fala. Tradução de Flávia Zanutto. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (Orgs.). *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2. ed. 3 reimp. São Paulo: Contexto, 2008. p. 488-940.

USHINOHAMA, Tatiana Zuardi. Comparação da narrativa audiovisual da transmissão direta e ao vivo da Copa do Mundo da FIFA na televisão analógica e digital. 2014. 123 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP, 2014.

VEJA acidentes aéreos que abalaram times de futebol e o mundo do esporte. G1, 29 nov. 2016. Disponível em: <goo.gl/77XJ1k>. Acesso em: 16 jun. 2017.

VERÓN, Elíseo. Il est là, je le vois, il me parle. *Communications*, Paris: Seuil, n. 38, 1983.

VIANNA, Ruth Penha. História comparada do telejornalismo Brasil/Espanha. *Revista PJ:Br*, v. 1-2, 2003.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Tradução Daniel Grassi. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. p. 19-21; 29-38; 115-121.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 5. ed. Lisboa: Presença, 1999.